3 1761 0. 523757 5

# O MOSTEIRO
# DE ODIVELLAS

# O MOSTEIRO

DE

# ODIVELLAS

## CASOS DE REIS
## E MEMORIAS DE FREIRAS

POR

A. C. Borges de Figueiredo

LISBOA
LIVRARIA FERREIRA
132—134, Rua Aurea, 136—138
1889

LIBRARY
MAR 5 1973
UNIVERSITY OF TORONTO
BX
2630
03B6

O real mosteiro d'Odivellas he com razaõ estimado pelo de maior magnificencia que tem o reino.

Fr. Fran. Brandão, *Mon. Lus.*, V. XVII, 2.

As Freiras são mais sogeitas ás inconstancias que todas as mais molheres; porque o corpo prezo faz o coração inquieto.

Fr. PEDRO DE SÁ, *numa carta.*

# PREFACIO

*Esta monographia do mais célebre mosteiro de freiras, que houve em Portugal, não poderia ter sido composta devidamente, se o illustre Ministro da Fazenda, o sr. Conselheiro Marianno Cyrillo de Carvalho, não houvesse auctorisado a minha residencia alli durante algum tempo, pelo que exaro neste logar um publico e sincero testemunho da minha gratidão.*

*Durante essa estada em Odivellas, poude eu estudar detidamente o edificio, o que foi uma das principaes bases para a elaboração do presente livro, em que busquei, a par da descripção exacta do mosteiro, dar a conhecer o que foi em geral um convento feminil, e particularmente este, com sua historia e tradicções, seus usos e costumes, e suas feições peculiares.*

*Haja ou não conseguido o meu fim, tenho a consciencia de ter sempre dicto a verdade.*

*Lisboa, 14 de outubro de 1888.*

# CAPITULO I

Motivo da fundação do mosteiro — D. Dinis e o urso de Belmonte — S. Luis bispo de Tolosa e S. Dinis bispo de Paris — Carta do rei ao abbade de Cister — Fundação do mosteiro — O Paço de Odivellas. Dotação, doações e legados — Constituições e reformas.

QUASI todos os nossos antigos escriptores, que de coisas portuguezas trataram, nos falam do Mosteiro de Odivellas; mas, entre todos, apenas um chronista nos deixou desenvolvida noticia da fundação d'essa casa claustral, que, se por varios motivos foi notavel em seus inicios, muito mais notavel por outras razões se tornou em tempos mais proximos de nós. Esse chronista foi fr. Francisco Brandão. Este bernardo deixou todavia tanto a discutir e a apurar nos quatro capitulos que dedicou ao mosteiro, que só quem escreve com o fim exclusivo de alardear dotes litterarios, poderá basear, sem outra averiguação, suas noticias sobre a narrativa da *Monarchia Lusitana*. Não quero dizer com isto que se ponha de parte tudo quanto o monge de Alcobaça diz da fundação do mosteiro; porém que é indispensavel preencher

muitas lacunas que deixou, corrigir varias informações que ministra, e averiguar melhor alguns factos que menciona. Terá d'isto provas o leitor, que quizer acompanhar-me nas investigações do motivo que determinou el-rei D. Dinis a fundar o mosteiro de Odivellas.

É raro que á fundação d'um antigo mosteiro, como á fundação d'uma monarchia medieval, não andem ligadas muitas peripecias mais ou menos dignas de nota, e algum maravilhoso successo, que enche de consolação os beatos e causa admiração aos parvos. Á fundação da monarchia portugueza presidiu nosso senhor Jesus Christo, o mosteiro de Nossa Senhora de Monserrate teve origem num milagre, e a cathedral da Colonia foi construida com o auxilio de Satanaz. Na edade media, Deus e o Diabo intromettiam-se sempre a meias nas coisas d'este mundo.

Foi tambem o mosteiro de S. Dinis de Odivellas, segundo a opinião de varios escriptores, fundado em consequencia d'um milagre. O chronista bernardo refere-o; mas, facto curioso por estranho, não parece dar-lhe grande credito; antes se inclina a ser outro o motivo que moveu o rei lavrador a acrescentar mais uma ás já muito numerosas casas da regra de S. Bernardo. Eu, porèm, que encontro prazer em conservar antigas memorias, embora no ponto sujeito seja do parecer de fr. Francisco Brandão, para o que tenho poderosas razões, vou referir o milagre.

Como se sabe, nossos reis, como todos os reis, ti-

veram sempre muita predilecção pela caça: a caça do veado, da lebre, do coelho, com regimentos de molossos, de galgos, de furões; a caça d'altanaria, com uma caterva de gaviões, de falcões, de nebrís e gerifaltes; a caça dos animaes ferozes, do javardo, do lobo, do urso, com um arsenal de béstas, lanças, chuços, de venabulos de toda a sorte; finalmente a caça d'outro animal, muito mais feroz que todos os restantes, o homem, com todos os petrechos das armas, do dinheiro, da malicia e da traição.

Ora, uma vez o sabio rei D. Dinis andava á caça, não se sabe bem de que especie de bichos, quando no sitio de Belmonte, da freguezia de S. Pedro de Pomares, seguindo a cavallo, subitamente se lhe deparou, ao pé d'uns penedos na ribeira de Odiana, um enorme urso, cuja corpulencia e ferocidade era de grande nomeada por aquelles contornos. As proezas do urso de Belmonte haviam-se já tornado lendarias; as comadres contavam-nas, ao serão, quando alguma vez se cansavam de falar na vida alheia. Seguia o rei ao urso por largo espaço já, quando repentinamente deixou de ver a fera, que, escondendo-se numa quebrada, traiçoeiramente se arremessou sobre o seu perseguidor, quando este passava. Foi tal a violencia com que o urso lhe lançou as garras, que fez cair o cavalleiro por terra, onde, mettendo-o debaixo de si, o segurou com seus musculos de aço. Em conjunctura tão terrivel esqueceu-se o rei de que tinha inteiramenete livre o braço

direito, e de que tinha um punhal á cinta; esqueceu-se de tudo, vendo escancarada e bafejando-lhe o rosto uma hedionda guella d'onde saía um rugido de selvatica alegria. D. Dinis só se lembrou de invocar a S. Luis bispo de Tolosa, afim de que intercedesse para conseguir de Deus que o livrasse das unhas e dos dentes do urso. Muito depressa, segundo parece, chegam ao céo as invocações dos devotos, muito depressa vão os santos ter com o Padre Eterno, e muito depressa advogam elles a causa do seu cliente! Se os nossos advogados imitassem os santos! Eu admiro profundamente a rapidez com que lá no céo se fazem estas coisas, e sobretudo que o Padre Eterno tenha paciencia para aturar tantas maçadas. «Apenas acabàra a rogatiua (diz Brandão), quando o Santo Bispo lhe appareceu, & animou, dizendo-lhe que tirasse o punhal, & matasse o Vsso». Parece que seria mais simples que o proprio bispo sancto, já que tinha corrido em soccorro do seu devoto, fizesse a obra por completo e matasse a fera com uma cajadada do seu baculo. D'este modo teria elle todo o merito da salvação do rei; mas, nota-se, por este grave acontecimento, que S. Luis de Tolosa achou prudente não se approximar muito do terrivel urso de Belmonte. Talvez, porèm, que o sancto ficasse com alguns alanceamentos de remorso por não haver tomado uma parte mais activa na morte do bicho que derrubara o seu devoto; e parece isto crivel, porque d'outra vez emendou a mão, quando em

Beja resuscitou um falcão que D. Dinis estimava como os olhos da cara, «por ser o principal instrumento de seu alivio». O que é certo é que o rei, apenas ouviu o conselho do seu advogado, desembainhou o punhal, e cravou-o no corpo da fera, que perdeu a vida num arranco doloroso.

O pesado chronista cisterciense por mais esforços que empregou não poude conformar a lenda com o facto de ser o mosteiro da invocação de S. Dinis, o celebre bispo de Paris. É elle de parecer, em summa, «que como o aperto foi grande, nelle se lembrou, & valeo elRey de ambos os Santos, Saõ Dinis & Saõ Luis, hum como patraõ, & protector seu, & outro por deuaçaõ mais fresca». Esta fresca conciliação fica por conta do monge de Cister, que para isso allega muitas e graves coisas; egualmente lhe deixo a honra da ideia de haver D. Dinis fundado o mosteiro para nelle recolher as duas filhas bastardas que teve, ponto ácerca do qual mais ao diante tenho de conversar de espaço com fr. Francisco Brandão.

É muito provavel, senão a verdade em toda a simpleza, que D. Dinis fundou Odivellas por mero acto de devoção para com o seu patrono. Como quer, porèm, que fosse, o facto é que na carta de confirmação do instituto e constituições do mosteiro [1] se declara unicamente

[1] *Confirmaçam do bispo dom Joham de todas has cousas hordenadas por elRey dom denis acerqua do dicto moesteiro dodivellas.* de 27 de fevereiro de 1295. — L. II dos Dourados, f. 114-116, Arch. Nac.

ser elle fundado «em honra de Deus, da Santissima Virgem sua mãe, e de todos os santos, e especialmente dos Santos Dionisio e Bernardo, pelas almas do rei e da rainha, dos seus paes e successores, e em remissão de seus peccados». Se é possivel ainda apurar mais alguma coisa, a respeito da fundação, de varias passagens das constituições exaradas na carta alludida, approximando certos factos e monumentos, não o digo agora; — esse apuramento fica para outro logar, com o que nada perde o leitor, ganhando muito a disposição da materia.

O que se sabe é que D. Dinis mandou um dia declarar a Roberto, abbade de Cister, em França, a intenção que tinha de fundar um convento da regra de S. Bernardo, e pedir-lhe a sua cooperação. É isto o que simplesmente se colhe da carta de agradecimento dirigida ao rei por fr. Roberto, a qual tem a data annual de 1594, mas que se collige ter sido feita no mez de setembro, visto determinarem as constituições da ordem que em tal mez se realisasse o capitulo geral, e ter-se feito em capitulo a carta. Nesta dizia o abbade de Cister: «ha poucos dias que no nosso capitulo geral, [illegible]o veneravel co-abbade de Alcobaça, enviado da parte da Vossa Magnificencia por causa d'alguns negocios, que expoz com tanta elegancia como fidelidade, nos deu mais particularmente conhecimento de que a discreta serenidade de Vossa Real Magnificencia determinou fundar nesse vosso reino, no logar chamado

Odivellas, um mosteiro de religiosas, onde, conforme o estatuto da nossa ordem, possam viver em clausura perpetua; e que o necessario para a obra já se acha pela maior parte preparado no dicto logar, com toda a prudencia e fidelidade da vossa parte, segundo affirmou o abbade, o qual nos pediu segredo neste negocio, por causa da má vontade dos invejosos e da perversidade dos malignos».

Da carta de fr. Roberto, como do que se viu da de confirmação, não se póde inferir outra coisa senão que o rei queria praticar um acto de devoção. Fr. Francisco Brandão diz claramente que o rei declarara ao abbade de Alcobaça, Domingos Martins, o seu intento muito em segredo para que não se erguessem contradictorias ao seu desejo. Isto não é exacto: o que a carta diz é que Domingos Martins pediu segredo; e, em verdade, era esse que tinha interesse em que se não fallasse muito no negocio. Como se sabe, entre as ordens religiosas sempre reinou discordia, procurando cada uma elevar-se e engrandecer-se, e deprimir as outras. Bem certo é o rifão, que diz — o meu maior inimigo é o official do meu officio.

*

Estando assim tudo preparado para a fundação, restava apenas effectuar-se esta. Ninguem ignora que do dizer ao fazer vae grande distancia; pois nem sempre, por maior que seja o ardor do desejo e a sua constancia, se podem vencer as difficuldades da execução.

Mas, no caso subjeito, tudo correu optimamente; não só porque, sem duvida, havia muita gente de importancia interessada no negocio, senão tambem porque o rei lavrador dispunha de muitos meios para realisar seus intentos, como dizia a celebre inscripção da torre grande do castello de Sabugal:

Esta fez elrei Dom Dinis,
Que acabou tudo o que quis;
Que quem dinheiro tiver
Fará quanto quizer.

Approximadamente cinco mezes depois que o abbade de Cister redigiu a carta a que alludi, no dia 27 de fevereiro do anno de 1295, foi feita a citada carta de confirmação. Nella apparecem como confirmantes o rei, a rainha, o infante D. Affonso, a infanta D. Constança, D. João de Soalhães bispo de Lisboa, o capitulo d'esta cidade representado pelo seu cantor D. Pedro Remigio, o abbade de Alcobaça, e a abbadessa do proprio mosteiro que assim se expressa: «E nós a Abbadessa do dicto mosteiro de Odivellas esta constituição approvamos, concedemos, roboramos e confirmamos, e a fizemos sellar de nosso sello, e assignar em nosso nome por fr. Paschasio, monge de Alcobaça». Esta ultima declaração demonstra que a abbadessa, que então era D. Elvira Fernandes não sabia escrever. Em seguida logo á confirmação da abbades-

sa, lê-se: «Dada no dicto mosteiro de Odivellas», o que parece indicar que o mosteiro estava já construido, senão inteiramente, pelo menos em parte; outra deve comtudo ser a intelligencia d'aquellas palavras, como veremos. A razão que ha para o não podermos considerar edificado, é o declarar-se naquella carta que o rei está para lançar a primeira pedra do edificio. Quer pois dizer aquella indicação que a carta foi feita no logar em que devia edificar-se o mosteiro, ou, melhor, na casa onde já habitavam as freiras. Que havia convento, expressamente o affirma a carta dizendo: «o que pois o senhor rei livre e inviolavelmente concedeu em dote e doou ao sobredicto mosteiro, ou á abbadessa, e convento das religiosas tantas vezes já mencionadas, é o seguinte: primeiramente, deu-lhe, conferiu-lhe e assignou-lhe a capella, as casas de moradia e mais edificios seus, nos quaes está instituido o predicto mosteiro»[1].

Quando se leem os quatro capitulos que fr. Francisco Brandão dedicou ao mosteiro, não se fica satisfeito, porque se reconhece que existe alli em toda aquella narrativa uma grande confusão, embora, para muitos, tudo esteja perfeitamente disposto, encadeado e deduzido. Mas muito cresce o desgosto quando se cotejam com a narrativa os documentos do appendice. A primeira coisa que se nota, comparando a carta ori-

[1] Mon. Lusit. V, f. 297

ginal de fr. Roberto com a versão apresentada no texto, é que o monge de Alcobaça, era muito pouco escrupuloso nas traducções que fazia; e o que se nota tambem, coisa mais grave indubitavelmente, é que nem sempre interpretou bem os documentos, quer por ingenuidade quer com intenção. Se elle houvesse lido attentamente a carta de confirmação na passagem acabada de transcrever, não precisava de vir com o ingenuo argumento, que, se já alguem «como Abbadessa assinava, certo he que auia Conuento».

Se acreditarmos Pedro de Maris, começou o convento com oitenta religiosas. Brandão acha excessivo este numero, por não haver ainda casa propria; e entende que aquelle numero deve referir-se á epoca em que já estava construida uma parte do mosteiro, o que, segundo elle, succedeu em 1296, em vista do seguinte assento, que se lançou no livro das kalendas do mosteiro, e que diz: «Anno ab Incarnatione Domini CC. nonagessimo vj. prima die Marcij incepit ad seruicium Dei monasterium monialium S. Dionysij de Odiuellas, sub Dño Rege Dionysio fundatore ipsius monasterij & vxore eius Regina D. Elisabeth, & Abbatissa ipsius monasterij D. Eluira Fernãdi, & Episcopus Vlixbon. tunc temporis Ioannes de Soalhães» [1]. Que as oi-

[1] «No dia 1.º de marco do Anno da Encarnação de 1296, começou a empregar-se no serviço de Deus o mosteiro das monjas de S. Dinis de Odivellas, governando el-rei D. Dinis, fundador do mesmo mosteiro, casado com a rainha D. Isabel, sendo abbadessa do sobredicto mos-

tenta religiosas entrassem logo no tempo da fundação, ou só em principios de 1296, pouco nos interessa discutir; e, quanto á declaração acabada de citar, e que parece estar em opposição com o que se sabe já da fundação, deve d'ella colligir-se que foi só no primeiro de março d'aquelle anno que regularmente começaram os officios divinos no edificio para esse fim expressamente construido.

*

As casas, em que na occasião de se instituir o mosteiro as religiosas habitavam, era uma das muitas vivendas que os reis de Portugal por aquelle tempo possuiam nos arredores de Lisboa. Chamavam-lhe Paço ou Quinta de Odivellas, e junto d'elle deslisava esse pequeno ribeiro que banha o formoso Valle de Flores.

Apezar das successivas alterações que o mosteiro soffreu, ainda hoje subsistem restos do antigo paço e suas pertenças. Lá se encontram, no que se chama *a casa do rei*, duas janellas gothicas, uma olhando ao sul, outra voltada ao norte; e no cunhal d'essa casa umas armas reaes onde as quinas estão cercadas de vinte e dois castellos. E ainda alli subsistem tambem, dos primeiros tempos, vastos casarões, primitivamente cavallariças pertencentes ao paço, e destinadas depois a celleiros e casas de arrecadação. Nem mais resta da

---

teiro D. Elvira Fernandes, e por esse tempo bispo de Lisboa João de Soalhães. Mon. Lusit. V, f. 223-224.

antiga casa real, nem mais noticias d'ella temos hoje. O que, porèm, se infere de sua construcção pelas reliquias existentes, suggere-nos a ideia de que era edificio vasto e excellente. Por isso não creio que deva haver duvida em acceitar á lettra a informação dada por Maris.

D. Dinis, fundando o mosteiro dotou-o condignamente. Segundo se vê da carta de confirmação, deu-lhe nessa occasião, além das casas já mencionadas, o seguinte:

todas as habitações, vinhas, pomares, hortas, moinhos, azenhas, todas as herdades que alli tinha e que haviam pertencido a Maria Martins, viuva de Arnatas Raimundes, e aos seus herdeiros;

as herdades e hortas, terras e moinhos que haviam sido de Gonsalo Joannes de Charneca e dos seus herdeiros;

tudo mais que lhe pertencia no mesmo logar de Odivellas e no de Pombaes;

as hortas, pomares, casas, fontes e pedreiras que tinha em Enxobregas, com todos os seus direitos e pertenças;

uma vinha sua situada em Pé de Mú, termo de Lisboa, a qual pertencera a Pedro Fernandes, que fora copeiro de Affonso III e almoxarife em Lisboa;

as herdades, possessões, casas, fornos, hortas, pomares, olivedos, azenhas, moinhos, vinhas, lagares e adegas que tinha em Alemquer e seu termo, com suas

cubas, toneis e tinas, e com todos os direitos e pertenças, das quaes havia sido tambem possuidor Pedro Fernandes e á mulher d'este;

na Castanheira e em Mascot, termo de Alemquer, todas as herdades, possessões, casas, vinhas, fazendas e fornos que haviam sido de Martim Joannes, o qual fora irmão de Estevam Joannes chanceller de Affonso III;

a herdade, tambem no termo de Alemquer, que fora de Martim Silvestre, com todos os seus direitos e pertenças, assim como as demais fazendas, possessões, casas, fornos, hortas, pomares, olivaes, azenhas, moinhos, vinhas, lagares e adegas que haviam pertencido ao mesmo individuo, com todos os direitos e aprestos;

a herdade, fazendas, fornos, hortas, casas, pomares, moinhos, vinhas e adegas, com todos os seus direitos e pertenças, no mesmo termo de Alemquer, que haviam sido de Martim Fernandes, chamado *Cabeça de Pulgas*;

a matta e tapada, que o rei possuia em Loures, com todos os direitos e pertenças;

o direito de padroado da egreja de Santo Estevam de Alemquer, com o consentimento da rainha D. Brites, que tinha o direito de apresentação nessa egreja;

o padroado da egreja de S. Julião de Santarem.

Afóra isso tudo que é declarado na carta de confirmação, como na de doação, favoreceu mais D. Dinis ao mosteiro, do seguinte modo:

em 4 de maio de 1318, doou-lhe o casal de Lechim, no termo de Cintra, com applicação á enfermaria;

em 1 de outubro do mesmo anno, instituiu cinco capellães com obrigação de missa quotidiana; esses capellães deviam ser monges de Alcobaça;

logo em 5 do mesmo mez e anno, doou-lhe os padroados das egrejas de S. Julião de Friellas e de S. João do Lumiar; quanto á segunda doação, ou não se effectuou ou deve intender-se que ficou o seu uso fructo ao filho bastardo do rei, Affonso Sanches, pois em 1334 a sua viuva, D. Thereza, senhora de Albuquerque e de Medelhim, deu ao mosteiro essa egreja com a herdade do Paço de Lumiar;

em 4 de novembro de 1324, doou-lhe ainda o casal do Pinheiro, no termo de Lisboa, afim de serem suas rendas applicadas á sacristia[1].

Não contente com todas estas doações, concedeu-lhe mais a faculdade de herdar bens, quebrando assim com este privilegio a lei que promulgara prohibindo aos religiosos o herdarem bens immoveis[2]. E, quando fez seus testamentos, não se esqueceu do seu querido instituto.

No primeiro testamento, que tem a data de 8 de

[1] Mon. Lusit. V, f. 224. 225; VI, f. 272, 273, 468.

[2] *Privilegio delRey dom denis que o moesteiro Dodivellas herde hos beens das monjas do dicto moesteiro sem embargo da sua ordenaçam*, de 7 de abril de 1295—L. II dos Dourados, f. 112. Arch. Nac.

abril de 1299, deixava-lhe apenas quatro mil *libras*,[1] que deviam ser empregadas em «herdamentos, onde ajão rendas para a vestiaria & para a enfermaria»; noutro testamento, porèm, que foi feito em Lisboa no dia 20 de junho de 1322 accrescentou a essa quantia outras muitas coisas, como se vae ver da respectiva clausula:

«Item mando ao meu moesteiro de San Denis dOdiuelas quatro mil libras, as quaes mando que metam meus testamenteyros logo en compra derdamentos, & possissoens que fiquem pera sempre ao dicto moesteiro, & mando que nom embargue esta compra a postura que ha nos meus Reynos per que os Moesteiros, nem Ordiis nom possam comprar, & rogo, & mando ao Iffante dom Affonso meu filho, ou aaquel que depos mim reynar en Portugal, pola beençom de Deos, & minha, que nom embargue a dicta compra. Outrosi mando a esse Moesteiro dOdiuelas todalas capas, & mantos, & uestimentas, & dalmaticas que naquel tempo forem achadas na minha Capela, & a minha cruz grande de prata dourada com seu pee que ten com botoens dourados pera seer no altar mayor desse Moesteyro, & pera a tragerem na procissom quando cumprir, a qual cruz anda na minha capela, & nenhuum Aba-

[1] A libra era moeda de conta, cujo valor teve muitas alterações. Veja-se ácerca da libra e suas variedades o que diz Viterbo, no *Elucidario*, s. v. vol. I p. 91 seg.

de dAlcobaça, nem Abadessa dOdiuellas, nem os Conuentos desses logares, nem outros nom sejam poderosos de dar, nem dalhear nenhuma cousa desto que eu mando ao dicto moesteyro, nem a outrem de lhas filhar, mays siruhamse hy sempre delas por minha alma».

Num testamento citado e transcripto por Brandão, e que tem a data de 31 de dezembro de 1324, D. Dinis dizia mais com respeito ao mosteiro:

«Item tenho por bem, & mando que os meus testamenteiros façam fazer no meu Moesteiro de Odiuellas hũa Capella à honra de S. Luis em que sè o seu orago, & ponhão hi dous Capellaens que cantem em essa Capella pera sempre à honra do dito Santo pella minha alma. E pera se fazer a dita Capella, & se comprarem herdades per que se mantenhão os ditos Capellaens, & outrossi pera vestimentas, & ornamentos pera a dita Capella mando seis mil libras & quero que a dita compra nom seja embargada pela postura dos meus Reynos per que os Moesteiros, nem Ordens nam possam comprar segundo dito he, & se algũa cousa sobejar das rendas dessas herdades que pera esto comprarem, metase em mantimento dos outros meus Capellaens que eu leixo no dito Moesteiro»[1].

*

É geralmente sabido que a regra de S. Bernardo

[1] Mon. Lusit. VI, f. 584, 585-586.

era das menos apertadas, o que se pode ver das constituições da ordem, que correm impressas. Parece todavia que, comquanto D. Dinis escolhesse esta regra para o seu instituto, entendeu, de concerto com D. João de Soalhães, estabelecer nas constituições algumas clausulas como medidas preventivas contra fortuitos desmandos ou desagradaveis acontecimentos. Uma das clausulas era que jámais a abbadessa nem outra religiosa de maneira nenhuma saissem fóra do mosteiro, mas alli se conservassem sempre reclusas, isto pela razão de que costumavam provir muitos perigos e infamias ás religiosas do facto de divagarem fóra de suas casas; e tambem se consignou ser defezo ás religiosas o passarem d'um convento para outro. Outra disposição das constituições era a prohibição expressa de entrarem no claustro e suas dependencias outras pessoas que não fosem as que vão ennumerar-se: os monges de Cister para a administração de sacramentos, e os visitadores da ordem; o rei, que podia entrar alli com tres pessoas idoneas e honestas; o infante, o bispo, e o abbade de Alcobaça, que podiam entrar sendo preciso, e cada um levar em sua companhia duas pessoas honestas; o medico e o sangrador, em caso de necessidade; os carpinteiros e operarios (pedreiros) para a reparação do edificio, os quaes seriam sempre-sempre acompanhados de dois monges ou irmãos conversos. Nas constituições se particularisa tambem que entre o coro e o altar (capella mór) houvesse um portal

com dois pares de portas de madeira boa e forte, uma almofadada e outra de grades; ficando a primeira do lado do coro e a segunda da banda da capella mór, ambas bem fechadas; a chave da de grades estaria na mão do monge sacristão, a da outra tel-a-hia a monja sacristã. A porta inteira devia ter prégos grossos e agudos voltados para o altar; só devia abrir-se á elevação da hostia, ou quando alguma monja quizesse fallar com alguem, com licença da abbadessa, o que ainda assim só deveria fazer-se atravez d'uma cortina. Vinha d'este modo a grade do coro a servir de locutorio. Era, porèm, permittido ás religiosas sairem até á egreja para commungar, e irem ao cemiterio a enterrar as sorores.

A 14 de julho de 1306 foram modificadas estas constituições, por serem consideradas asperas, concordando nisso o rei, o bispo de Lisboa, e D. Fr. Pedro Nunes, abbade de Alcobaça. Era então abbadessa do mosteiro D. Constança Fernandes, que succedera á primeira, D. Elvira, já mencionada. «Eu naõ sei em que a moderaçaõ consistia (diz Brandão); porque nas segundas fica o ponto da clausura no mesmo aperto, & ordenado ainda por elRey expressamente, que naquelle mosteiro não houvesse mais, que só huma porta, & essa a da Igreja». Estas segundas constituições foram feitas em Lisboa, em presença de Fernão Paes, porteiro do rei, D. João Simão, seu mordomo, fr. Estevam d'Evora, Martim Louredo, seu clerigo, fr. Giraldo, fr.

João de Cintra e fr. Pedro religiosos cistercienses. O monge bernardo tem razão: o rigor claustral foi augmentado e não moderado. Mas parece que as clausulas ordenadas ficaram lettra morta, pois a terceira abbadessa D. Orraca Paes, no anno de 1319, resolveu reformar as constituições do convento, voltando a seguir as primeiras, que já estavam dispensadas, no que concordaram todas as religiosas. Fez-se um instrumento, que foi legalisado pelo tabellião de Lisboa, João Gonsalves, em presença de testemunhas idoneas, no qual as religiosas se obrigaram a guardar perpetua e voluntaria clausura, sem alheio constrangimento, ficando todavia á abbadessa a faculdade de conceder entrada no mosteiro a algumas damas de qualidade. Nessa obrigação declaravam as monjas: «prometemos que nunca sayamos deste moesteiro, nem tiremos o pee pela porta da Igreja, nem por outra porta, nem por outro lugar fóra do moesteiro». Accrescentavam porém: «E pedimos por mercee ao mui nobre senhor dom denis pella graça de deus Rey de portugal, & do algarue, que fondou & fez, & doutou este moesteiro por amor de deus, & por sa alma, & aho abbade de alcobaça, que he nosso visitador, que elles, nem os que depos delles veerem, que pois de nosas vontades prometemos, & outorgamos todas estas cousas, pella maneira que dicto he, & manteello assi pera sempre, per obra que elles nunca nos ponham grade, nem roda, nem outro mayor enserramento de parede, nem de madeira, nem doutra cousa por que

leixemos de ir aa egreja, hu hade estar o moimento do dicto senhor Rei, pera fazermos sobr el nossas oraçoões, e rogar a deus por elle»[1].

Com o decorrer dos tempos outras modificações naturalmente houve nas constituições do mosteiro, principalmente com as reformas do concilio tridentino. Em 1724 realisou-se, porèm, a ultima reformação, para o que visitou o mosteiro o dr. fr. Bernardo de Castel Branco, que se adornava com os pomposos titulos de «Mestre jubilado na Sagrada Theologia, Calificador do Santo Officio, Dom Abbade do Real Mosteyro da Villa de Alcobaça, Senhor Donatario, e Capitam mór da mesma Villa, e das mais dos seus coutos, do Conselho de Sua Magestade, seu Chronista, e Esmoler-mór, Geral e Reformador da Ordem Cisterciense de S. Bernardo nestes Reynos e senhorios de Portugal e Algarves». Essas *Leis de visita de reforma*[2], que teem a data de 11 de agosto do indicado anno, nem mesmo em extracto se poderiam aqui apresentar, por sua extensão; mas nem por isso o leitor deixará de ter conhecimento d'algumas das suas disposições mais curiosas, como o terá das exaradas nas demais visitações feitas ao mosteiro, se quizer proseguir na leitura d'este livro.

[1] Vej. original no L. 11 da Estremadura, fol. 282, Arch. Nac
[2] Mss. pertencente a um particular.

## CAPITULO II

O mosteiro — O que foi primitivamente? — Começa-se a ver como elle era no dia primeiro de agosto do anno de graça de 1887 — O alpendre—O pelouro de Ormuz—As grades—«Adios por siempre!» quadro de V. Manzano.

PROSEGUIU muito rapidamente de certo a construcção do mosteiro, pois que, segundo refere Ruy de Pina, com o qual são concordes os demais escriptores antigos, elle ficou terminado em dez annos, o que equivale a dizer que o foi em 1305. É de crer que D. Dinis, o rei que

> Nobres villas de novo edificou,
> Fortalezas, castellos mui seguros,
> E quasi o Reino todo reformou
> Com edificios grandes, e altos muros,

é de crer, digo, que D. Dinis vigiasse não só pelo andamento da obra, senão tambem por que ella ficasse um monumento digno de quem o fundava. Se o mosteiro em si correspondia, como é natural, á egreja, era certamente um edificio grandioso. Da egreja só hoje resta a capella-mór e pouco mais; todavia, d'esses mes-

mos restos imperfeitissimos já, e das breves menções, que alguns velhos chronistas fazem d'ella, se alcança que era sumptuosa.

Mas como era a primitiva casa claustral? É impossivel sabel-o, em consequencia das successivas reconstrucções e grandes alterações que soffreu. As reformas seguiram porventura em grande parte a primitiva traça; descobrir, porèm, esta sob aquellas é sempre difficilimo, e frequentes vezes impossivel. Por isso, baldados seriam quaesquer esforços de pensamento para restabelecer o plano primordial do mosteiro, resultando do que se fizesse nesse sentido meras hypotheses, que talvez ficassem muito affastadas da verdade, e que em todo o caso deixariam o leitor na perplexidade ou de seguil-as, acceitando falsas informações, ou de repellil-as, desprezando a verdade. Assim, melhor é mostrar-lhe o mosteiro tal qual era ainda nos primeiros dias do mez de agosto do anno do nascimento de 1887. Se marco tal epocha, é porque desde então, pouco mais ou menos, começaram alli trabalhos preparatorios para o estabelecimento, naquelle edificio, segundo se diz, d'um recolhimento de mulheres arrependidas ou regeneradas, parecendo ser fado d'aquella casa o perpetuar certas tradições. Descrevendo o mosteiro com respeito áquella epocha, direi comtudo opportunamente o que alli podia lembrar a sua antiguidade, ou, para me exprimir mais exactamente, o que de primitivo alli se presentia, segundo as presumpções mais plausiveis e as

mais rigorosas inducções. A mão do vandalo já pôz a sua marca indelevel no antigo mosteiro, apagando muitas reliquias que as convulsões da natureza não haviam destruido. Agora o que encontrareis, se lá fordes? Quasi nada.

Retrocedamos pois até o começo de agosto de 1887. Se infelizmente o tempo não pode retrogradar, pode fazel-o a memoria, essa faculdade egualmente adorada e detestada, que ora nos eleva ao cumulo da ventura, ora nos lança no barathro da dor.

*

Vinde commigo agora: vamos percorrer esse mosteiro passo a passo. Não tenhaes receio de aborrecimento, que muitas curiosidades e memorias se vos hão de deparar.

Antes de entrarmos, demos, porém, um reclance d'olhos ao local em que nos achamos. Este terreno, limitado ao norte e ao occidente por aquelle alpendre, além do qual se elevam construcções que teem a carecteristica de casa claustral, este terreno é o *couto*. Não vos faço a offensa de suppor que ignorais o sentido que esta palavra antigamente exprimia. Se, porèm, não tendes d'isso bem clara noção, facillimo vos será adquiril-a. As habitações, que de levante e sul fecham o couto, foram antigas pertenças do mosteiro: hospedarias, morada do abbade, dos capellães, do feitor.

Olhemos o alpendre. Alli, ao meio da columnata

que lhe sustenta o lanço occidental, eis um escudo coroado, assentando no entablamento. Basta attentar nelle para vermos que aquella casa é o real mosteiro d'Odivellas da regra de S. Bernardo: o escudo bipartido vos apresenta á direita as quinas, á esquerda o brasão da ordem de Cister; em redor, sete escudetes das quinas, na orla, e ainda nesta, em baixo, a data de 1639.

Desçamos sob o alpendre e vejamos essa ala do poente. No topo do lado do sul, a porta da egreja; fronteira a ella, na extremidade opposta, a portaria do convento.

A porta do templo como a da clausura estão fechadas; emquanto nol-as não franqueiam, examinemos o alpendre. Aqui no pedestal d'esta columna, a quarta a a contar da portaria e não desprezada aquella primeira meia embebida na parede, está conservada memoria de quem restaurou este alpendre. Lede; vereis que diz:

ESTA · OBRA ·
MĀDOV · FAZER
A SĒRA · DŌNA
GIOMAR DE ·
NORONHA · ABBA
DESTE MOSTRO
NA ERA DE
· 1573 · ANOS

Comparada a data d'esta inscripção com a que já lemos no escudo, salta-nos aos olhos que a obra do alpendre, começada em 1573, só se ultimou sessenta e seis annos depois, em 1639. Mas a obra, a que uma e outra data se referem é a da construcção do alpendre, a obra de pedra, a columnata; os azulejos que revestem a parede não são do mesmo tempo; só cerca d'um terço de seculo depois alli se collocaram, conforme o declara o seguinte lettreiro que, pintado no proprio azulejo, se ostenta á esquerda da portaria:

ESTA · OBRA Ð AZVLEIOS; E PINTVRA
MANDOV FAZR · A · SVA · CSTA · D · LO
RENC · Ð · MELLO · SENÐ · PRTEIRA · NANOÐ
*1671*

Das inscripções transcriptas, vê-se que o alpendre é relativamente moderno; mas ha razão para crermos que esta obra intentada e começada pela abbadessa D. Guiomar de Noronha, foi apenas restauração ou substituição d'outro alpendre, que desde epocha muito remota, talvez desde a primitiva, alli existiu, e que os annos arruinaram. Pelo menos em 1414 havia alli um alpendre. D'isso ha prova num instrumento de renuncia e encampação, que começa da maneira seguinte: «Sabham quantos este estromento de renunciaçom e emcampaçom birem que na era de mill e quatroçentos e

çinquenta e dous annos: doze dijas do mes doutubro no moesteiro de sam dinis das donas dodiuellas que he termho da çidade de lixboa a porta do dicto moesteiro a soo alpender que está a porta do dicto moesteiro em presença de mym Joham affonso tabelliam delRey em a dicta çidade que hÿ emtom presente estaua e testemunhas adiiante sam escriptas estando hÿ de presente dona aldonça pimentell abadessa do dicto moesteiro e costança louçenço prioressa e beatrÿz lourenço soprioressa do dicto moesteiro e Johana gill e outras moytas dona do dicto moesteiro e conuento per campaa tanjuda como he de costume todas juntas pareceu hÿ Justa annes molher viuua. . . »[1].

Se para a historia economica do mosteiro o resto do documento é muito interessante, para o meu proposito basta o que transcrevi; esse trecho nos conserva o nome d'algumas religiosas que alli habitavam nos principios do seculo xv.

A extremidade meridional da ala, que temos percorrido, do alpendre termina com a decima columna no portão da egreja, do qual a separa um arco da fabrica primitiva. Entre esse arco e a porta ogival do templo, cujos altos e fortes batentes foram construidos em 1567, ha um espaço quadrado, o vestibulo, fechado de levante pela frontaria d'uma pequena capella, de que ao deante largamente falarei. Do lado do poente fecha o ves-

[1] Documento pertencente a um particular.

tibulo a continuação da parede do alpendre, na qual ninguem faria reparo, se lhe não chamasse a attenção um monumento curiosissimo encravado nella, monumento que foi testemunha de glorios feitos. Alli, a quasi meia altura, vê-se embebida na parede uma grande bola com sua lapide por baixo, onde se lê em optimos caracteres romanos a seguinte commemoração:

ESTE : PELOURO : MA
DO : AO : OFERECER
A . SAN : BERNARDO
DM : ALVARO : D · NO
RONHA : POR · SVA D
VACAM QE HE DS
QOM QE LHE O TV
RCS : COMBATERAM
A FORTALEZA DV
RVMVZ SEMD E
LE CAPITAM : DLA
NA ERA ˢ I S SZ

O cerco de Ormuz realisou-se effectivamente em 1552, como a inscripção diz; e da leitura d'ella só se pode intender que a data se refere ao cerco. Mas não o comprehenderam assim até hoje os que teem falado do pelouro e do lettreiro. Quem primeiro transcreveu este para uma noticia que saiu na antiga revista *O*

*Panorama* [1], vendo uma pequena falha da pedra, que partiu pela haste horizontal inferior do Z, não sabendo que muito frequentes vezes apparece esta lettra substituindo o algarismo 2 em monumentos epigraphicos do seculo XVI, e nem ainda cuidando em examinar a pedra, onde encontraria vestigios do escopro ou buril, julgou que o ultimo algarismo era um 7, e imaginou que a data alli expressa era a da collocação do pelouro naquelle logar. Um erro historico propaga-se sempre com extraordinaria persistencia, quando os que escrevem acceitam sem exame o que outros disseram. Se a averiguação é impossivel de fazer, nem pelo erro se dá muitas vezes. Mas pensar-se que alguns individuos, depois de irem a Odivellas, depois de se embasbacarem deante do pelouro e do lettreiro, depois de lerem este ultimo com ares cathedraticos, ainda veem repetir o erro que um dia alguem commetteu, faz convencer de que taes individuos olham sempre as coisas superficialmente; e conclue-se que, se são tão pouco exactos em pontos de tão facil averiguação, nenhum credito merecem suas noticias, quando desacompanhadas das respectivas notas comprovativas. Por vir a proposito direi que todas as vezes que vejo obras ou estudos archeologicos e historicos, inteiramente desprovidos de annotações, ou da lista das fontes consultadas para a sua composição, formulo as seguintes proposições: ou o auctor deve á

[1] Vol. I, pag. 57.

*revelação* o que refere, ou quer occultar as inexactidões que commette. E este dillema faz com que eu lhe negue fé, embora o auctor seja cathedratico ou academico.

*

Voltemos ao alpendre, e deixemos esta ala onde, além do que fica dito, apenas ha uma janella gradeada, simples locutorio permanente, e onde se vê a porta da *grade* abbadessal. Junto da portaria, começa a ala norte, com sete columnas e formando angulo recto com a primeira. Alli está outro portal, ao pé da roda, essa roda por onde se fizeram tantos negocios de gulodices, que tantas vezes gyrou para patentear ao vulgo ignaro a famosa marmellada. A esse portal coberto de pregaria, que tem a data de 1691, seguem-se duas portas pequenas dando entrada para as *grades* chamadas das creadas; e mais adeante, no extremo do alpendre, uma estreita escada dá accésso á varanda superior, onde abrem as portas das *grades* nobres.

Na rectaguarda d'esta parte do edificio expressamente destinada a locutorios, ha um pequeno largo, cuja entrada vemos ao lado do alpendre. Nada alli nos interessa a não ser uma singela porta tambem com seu alpendre, a qual foi construida em 1638, e passou a ser chamada a *porta velha* desde que se fez a portaria de que já falei. Foi porventura esta entrada uma das mais antigas do mosteiro, muito anterior á edificação da casa das grades. Parecem abonar esta opi-

nião alguns restos de construcção, talvez da primitiva, que muito perto d'ella ainda subsistem no interior.

Deixemos, porèm, a *porta velha* e as questões irresoluveis que se lhe podem ligar, e subamos á varanda das grades. Na parede que separa as duas portas dos locutorios, lê-se a seguinte inscripção numa pedra embebida a meia altura:

ESTA OBRA MAND
OU FAZER A M.TO RI
LIGIOZA · M.E E S.RA D.
ROZA · D S.TA M.A SEND
O · PORTEIRA MOR · E ·
ABB.A A M.TO RILIGI
OZA M.E E SR.A D M.A
BARBORA · DE ALẼ
CASTRO · ANNO
1760

E pois relativamente moderna a obra d'aquelles locutorios, mais amplos do que de ordinario o costumavam ser, e talvez testemunhas de muitos, variados e curiosos casos, apezar das determinações a esse respeito exaradas nas leis da ordem. Na visita de reforma de 1724, já citada, não esqueceu ao abbade de Alcobaça o legislar sobre as grades; ahi diz fr. Bernardo de Castel Branco: «nem Religioza vá a grade alguma, nem esteja

nella com pessoa algũa de fora sem a devida composiçam de habito, toalha, ou capello; o que tudo as M.es Porteyras sob pena de obediencia teràm obrig.am de vigiar, e procurar que se observe; e achando que algũa Relig.a, ou secular falta a esta observancia, daràm logo parte a M.e D. Abbadeça, e ao P.e D. Abb.e para se proceder contra ella com a privaçam de grades, e com o mais castigo, que for devido à sua culpa; e tambem lhe daràm parte se acharem alguma grade, porta, ou Roda bolida, abalada, ou mal segura, ou que se vse, ou possa vsar de alguma chave falsa, ou de outra com que se possam abrir as fechaduras da clausura, para logo se acudir ao seu reparo, e segurança... »

Apezar d'estas determinações, todos os visitadores se viram obrigados a fazer admoestações a respeito do uso das grades.

Nas *Leys que se puseram na junta no anno de 1728 a 5 de abril*, depara-se-nos a seguinte disposição: «Item e debaixo da mesma pena não consentirão as M.es D.D. Abb.as por nenhũ pretexto q̃ se cante o tanja nas grades ou locutorios, ainda q̃ nellas asistão pessoas Nobres, e nem ainda sendo da prim.ra calid.e, e nesta ley não poderá dispenssar o N. R.mo nem ainda com difinitorio»; e nas leis da junta de 1758, lê-se ainda: «nem consinta grades festivas com muzicas ou instrum.tos ou Danças». Do que tudo se deprehende claramente que naquellas grades muitas vezes resoaram argentinas vo-

zes de freiras cantando arias e modinhas, acompanhadas de instrumentos, e que alli se dançaram minuetes e outros passos, o que devia contribuir extraordinariamente *ad majorem Dei gloriam*.

*

Das scenas que particularmente alli se passaram, nada sei. Figurae-vos todavia algumas, succedidas naquellas grades ou nas d'outras clausuras. Que de colloquios entre a prima freira e a elegante da côrte, colloquios em que uma ardia em ancias de saber novidades, outra se abrazava em desejos de as contar! Que de futilidades alli formaram o objecto de longos entretenimentos! O irmão que partiu para a Indìa ou para o Brazil, e que manda dizer que por lá ha muita bicharia; a Firmina que vae casar com Fulano; a Francisca que se casou com o filho do primo do commendador Sicrano; a Genoveva que está constipada; a Dorothea que tinha dado á luz um pequerrucho; o Bernardo que tinha sido agraciado com o habito de Christo; qual a ultima moda dos toucados, dos colletes, e das fivellas... Que de palestras íntimas, em que uma confiava a outra algum segredo, que sem duvida ia deixar de o ser! Que de conversas em que a maledicencia entrava, bem apuradas as contas, na razão de nove decimos! Que finas anecdotas e historietas! Que de conluios se não formavam! Quantas reputações se não arrojavam á lama, quantas virtudes não eram menosca-

badas! Quantos vicios se não desculpavam, e se justificavam alli! Gyrava a pequena roda trazendo ás visitas o chá, as torradas, os doces; e a conversação proseguia, continuamente, sempre acalorada, como se nunca devesse terminar.

Mas nem só estas scenas. Alli, uma mãe chora amargamente a separação da filha, que por uma aberração da natureza foi dedicar a absurdas contemplações o tempo que devia empregar na coadjuvação dos trabalhos domesticos, ou que por uma supposta vocação foi dispensar a uma idealidade os affectos, os carinhos, que devia ao amor maternal. Alli, uma creança chora dolorosamente a solidão, a que a votaram os preconceitos paternos, sem que suas lagrymas possam mover da resolução inabalavel a quem conscientemente abusa da sua auctoridade contra todas as leis da natureza. . .

Alli, —V. Manzano vol-o mostra — alli, uma mulher, uma donzella, lá dentro, numa penumbra temerosa, desolada, acabrunhada, vergando sob o peso d'um infortunio enorme, inclina dolorosamente a cabeça. Os seus formosos cabellos, que tanta vez engrinaldou de flores nos dias felizes da vida, cairam aos golpes tremendos d'uma implacavel tesoura, e vejetam agora sob um véo, que lhe cinge a fronte como um circulo de fogo; as côres vivas d'aquelle rosto tão mimoso e suave, aquellas rosas pudibundas que se ostentavam tão lindas, tão melindrosas, ás auras beneficas da liberdade, desbotaram, perderam as tintas, fanaram-se com o perfume do incen-

so queimado na sua profissão; estão immoveis os labios, esses labios que d'antes se entreabriam num sorriso de ventura, estão immoveis como se o gelo da morte os houvesse invadido; aquelles olhos onde brilhava uma luz purissima, onde transparecia outrora a paz, a alegria, a felicidade, que trasbordava do seu coração, estão agora embaciados pelas lagrymas, nem ousam erguer-se, como se houvessem perdido inteiramente a faculdade de ver. As forças vão abandonando a victima; uma das mãos apoia-se-lhe num d'esses varões de ferro que a separam do mundo, a outra meia aberta mostra com gesto triste o desairoso habito, a mortalha que a involve, e exprime o que a voz se recusa a dizer:

— «Sou freira!»

E cá fóra, em plena luz, áquem d'essas grades horriveis, vêde esse homem, esse mancebo, cujos gestos desordenados bem mostram o desespero que o domina. Que multidão de pensamentos lhe acodem cahoticamente á ideia! Elle amava e era amado; mas o dever de servir a patria arrojou-o para longe d'*ella*. Na travessia maritima, confiou ás auras que enfunavam as velas os seus intimos segredos, e ás tormentas que agitavam a embarcação as maguas da sua saudade; na solidão da terra alheia sentiu as dores do apartamento, e no mais ferido dos combates conservou sempre a esperança de possuir aquella cuja imagem estava retratada em seu coração. Illusões dos humanos! Emquanto taes sonhos o enebriavam, emquanto era embalado por

tão doces pensamentos, consummava-se o sacrificio. Aquella que seria a sua companheira, que partilharia as suas alegrias e os seus pezares, aquella que desanuvearia a sua fronte com um sorriso, que tornaria um paraiso a sua existencia, foi arremessada brutalmente, por uma prepotencia desmedida, para o fundo d'um claustro sombrio; foi obrigada a mentir ao mundo e á divindade, foi coagida a calcar aos pés o seu affecto e a sua felicidade, laceraram-lhe o coração, mataram-lhe todo o sentimento do bem.

Elle chegou. Onde está o seu idolo? Na clausura. Recusa credito á noticia, mas corre lá febrilmente. Confiança e desespero, amor e odio, luctam profiadamente por dominar seu pensamento; é, porèm, o presentimento da desgraça que prevalece. Ainda um vislumbre de esperança bruxolêa nas trevas que lhe inundam a alma. Louco esperar! Duas palavras que mal foram proferidas pela outra victima, duas palavras, cujo significado a sua razão se recusa a comprehender, duas palavras o fazem descrer da paz, do bem, de Deus:

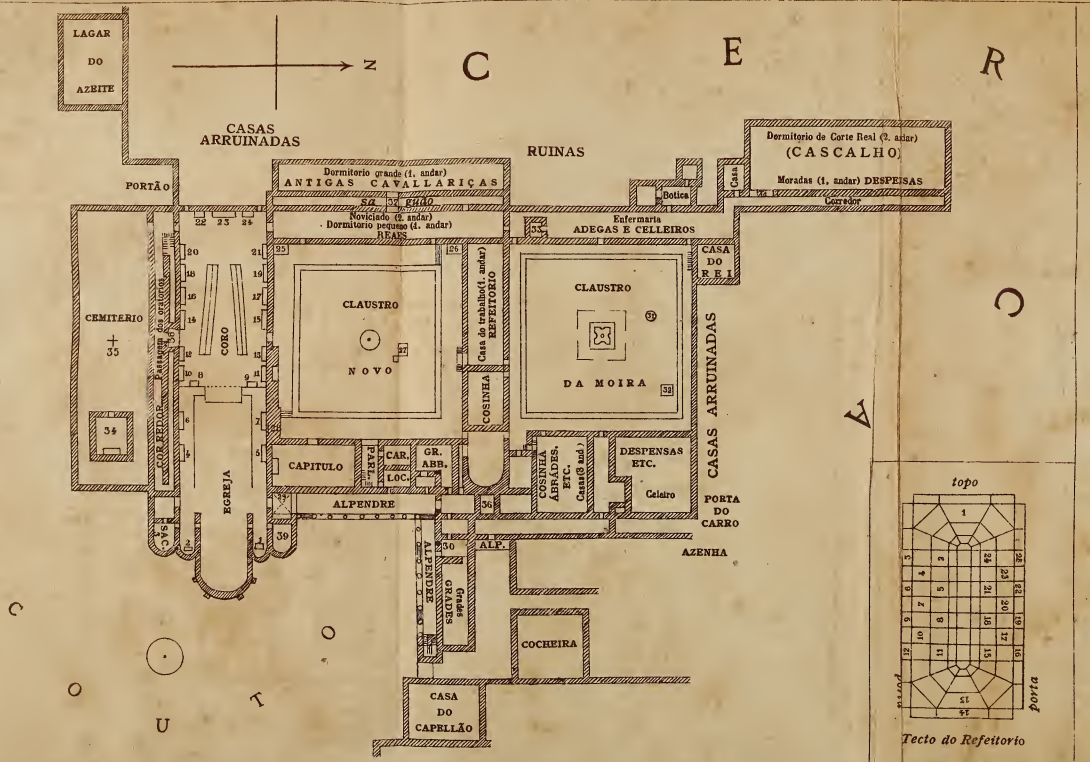
— «Sou freira!»

Que pincel poderia apresentar as commoções diversas, o conjuncto de dor, de afflicção, de desespero que se reflectem no seu rosto? Arfa-lhe o peito, como prestes a romper-se pelo violento palpitar do coração; o cerebro está em fogo pela affluencia do sangue abrazeado; paralisou-se-lhe a garganta, só um rouco e tremendo som d'ella sae; as mãos crispadas tentam agar-

rar essas grades maldictas, abalal-as, torcel-as, arrancal-as. Esforços impotentes! As forças physicas morrem-lhe d'encontro ao ferro, como a força moral lhe morre perante o sacrificio consummado. E, venha ou não o balsamo das lagrymas minorar a primeira agudeza da dor, só tem direito a proferir tres palavras, que encerram um cumulo de pensamentos, em que se manifesta todo o seu amor, todo o seu desespero, todo o odio que lhe vae no coração lacerado, toda desgraça da sua existencia:

— «Adeus para sempre !»—

Se o quadro de V. Manzano não representa um facto historico definido, foi certamente inspirado pela consideração d'um infortunio de que muitissimos exemplos se conhecem.

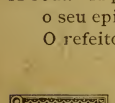



1—Tumulo de D. Dinis.
2—Tumulo de D. Maria Affonso.
3—Sepultura de D. Filippa.
4—Altar de S. Bernardo
5— » de N. S. do Ó.
6— » de S. Umbellina.
7— » de SS. Sancha, Thereza e Mafalda.
8— » de N. S. do Ó.
9— » de N. S. da Assumpção.
10—Capella de N. S. da Conceição.
11— » de S. João Baptista.
12— » de S. João Evangelista.
13— » de N. S. dos Remedios.
14—Altar de N. S. do Rosario.
15— » de N. S. da Apresentação.
16—Capella de N. S. dos Passos.
17—Altar de N. S. do Populo.
18— » do Calvario.
19— » de N. S. da Encarnação.
20— » de Santo Antonio.
21— » de N. S. do Pilar.
22— » de N. S. da Purificação.
23— » de S. Bernardo.
24— » de N. S. da Paz.
25—Capella da SS. Trindade.
26— » de S. Izabel.
27—Cisterna.
28—Torre.
29—Pelouro.
30—Roda.
31—Cisterna.
32—Fonte pequena.
33—Capella da Enfermaria.
34— » do Cemiterio.
35—Cruzeiro do Cemiterio.
36—Saguão.
37—Passadiço dos dormitorios.
38- Capella das Menezes.
39—Capella de D. Filippa.

Bosquejo ichnographico do Mosteiro de Odivellas, em agosto de 1887.

## CAPITULO III

A roda—A portaria—O claustro da *Moira*—D. Luiza Maria de Moira e o seu epitaphio—Officinas varias—A cosinha—Doçarias e pitanças—O refeitorio—O tecto do refeitorio—A refeição em communidade.



AMOS entrar agora no mosteiro. Fal-o-hemos por essa porta, construida em 1691, que tem ao lado direito a roda, pertença indispensavel de portaria de convento. Esta roda de Odivellas, destinada para a troca de recadinhos, para a entrega de cartas, e venda de doçarias, serviu tambem durante muito tempo de estanco. Quem o affirma é o abbade de Alcobaça, fr. Francisco Xavier, na visitação que fez em 23 de janeiro de 1747. «Com grande escandalo nosso (diz elle) pelo que toca ao credito deste Mosteiro, ouvimos que nas portarias delle se vendia tabaco, e sabão, a papelinhos como nos estanquos de balancinha». As freiras não fizeram caso da lei posta nessa visitação e noutras muitas, de modo que ainda em 18 de fevereiro de 1780, o abbade geral, dr. fr. Antonio Caldeira, diz na sua visitação: «Por nos constar a pouca

observancia da Ley da Visita proxima passada respectiva á venda ao Tabaco, q̃.com tanto escandalo se pratica neste Mosteiro, e por ser tambem contra as determinaçoens Regias, mandamos com pena de obediencia, q̃. nenhuma Religioza per si emediatam^te^. nem por interposta Pessoa, possa daqui em diante vender tabaco p^a^. fora».

Transponhamos os hombraes da portaria. Se nós hoje o fazemos com toda a tranquillidade de espirito, não deixemos de reflectir nas diversas commoções que agitaram muitas d'aquellas mulheres que passaram á clausura. A nós, a quem só domina a curiosidade, só nos impressiona alli a solidão. Não vemos a madre Porteira, nem a madre Rodeira; não vemos nenhuma irmã conversa, nenhuma d'entre as numerosas serviçáes, que iam, vinham, passavam, divagavam por aquellas quadras e corredores. Lá mais no interior, a mesma solidão. Essas casas, esses dormitorios, essas officinas, esses claustros, estão vasios, estão ermos. Nenhuma voz humana alli soa; nenhum rumor se sente, a não ser o zunido do vento, que se escoa pelas fendas das portas e janellas partidas, ou que varre as varandas dos claustros. Estamos numa povoação cujos habitantes morreram todos, estamos numa necropole, onde se sumiram milhares de vidas, levando comsigo muitos segredos, muitas memorias.

Não vos detenhaes na contemplação d'esse painel, que ahi cobre a parede junto da porta, e onde se vê

representado S. Bernardo; já sabemos que estamos num mosteiro da ordem de Cister. Olhemos, antes, para este formoso azulejo, que reveste as paredes inteiramente, azulejo todo cheio de arabescos caprichosos, de que se destacam no arco, que sustenta o pavimento superior das grades, que já mencionei, á direita um cordeiro paschal com a competente bandeira, á esquerda as armas dos condes de Valle de Reis, que são, segundo a linguagem heraldica,—escudo franchado de verde e oiro; nos de oiro AVE MARIA. Estas armas indicam-nos que fez aquella obra de azulejo uma abbadessa que pertencia á casa de Valle de Reis ou dos Mendonças. Quem fosse não está apurado. Entre as memorias que nos restam do mosteiro, e que consultei, encontro: em meiados do seculo XVII, duas senhoras pertencentes áquella casa D. Maria e D. Brites, filhas de Lopo Furtado de Mendonça e D. Isabel de Moura, em fins do mesmo seculo D. Joanna, filha de Pedro Furtado de Mendonça. D'estas, a unica abbadessa foi D. Brites, que dirigiu o convento no triennio de 12 março de 1697 a 11 de janeiro de 1700. Encontrei tambem como abbadessa, pelos annos de 1727 a 1730 e de 1746 a 1749, D. Eufrasia Antonia de Mendonça, filha de João de Mesquita e Mattos Teixeira e de D. Joanna de Mendonça, que teve por companheira no claustro a sua irmã D. Filippa Catharina; as quaes por linha feminina pertenceram talvez á alludida familia. Creio, porèm, que aquelle escudo d'armas foi mandado pôr por D. Brites

de Mendonça, a qual durante o seu triennio já indicado (1697-1700) ultimaria os trabalhos de revestimento de azulejo, encetados em 1683 pela hospedeira D. Guiomar Garcia de Bivar, conforme reza o seguinte lettreiro que pintado no azulejo se vê sobre a porta, e pela parte interna, do corredor que conduz da portaria para o interior do mosteiro:

ESTA OBRA DE AZULEÏIO
DE PINTVRA MANDOV
FAZER DONA GVÏMAR GRA
SÏA DE VIVAR CENDO OSPO
DEÏRA A SVA CVSTA
NO AN NO DE 1683

O desenho e a qualidade do azulejo, combinados com a data d'esta inscripção, parecem precisar-nos que foi D. Brites de Mendonça quem levou a cabo o embellezamento iniciado pela hospedeira mencionada no lettreiro. Para vermos este, atravessamos rapidamente dois recintos contiguos: um que estabelecia ligação entre a *porta nova* e a *porta velha*; outro onde abria a porta, a que alludi como existente no topo norte do primeiro lanço do alpendre.

Percorrendo até o fim o estreito corredor do lettreiro, eis-nos num recinto semicircular, revestido de azulejo, como tudo que temos visto, campeando no azulejo ao meio da parede curva um calvario, unica coisa que

póde deter por momentos a nossa attenção. Além da arcada por que entrámos, ha aqui duas portas; uma dá ingresso ao *claustro novo*, outra ao *claustro velho*; o segundo ao norte do primeiro. Deixemos este; e, subindo esses poucos degraus gastos pela contínua passagem, entremos no claustro velho.

Mas, antes de seguir, um pequeno parenthesis: (Embora eu confie muito no leitor, que tem a benevolencia de acompanhar-me nesta viagem, senão tão philosophica, sem duvida um pouco mais complicada do que a de Xavier de Maistre; ainda assim, chamo a sua attenção para o plano do mosteiro. Não é uma planta, pois que se não traçou segundo as regras da topographia; é apenas um bosquejo, onde apresento a disposição relativa dos logares principaes, que já percorremos, e dos que temos ainda a visitar).

*

Eis-nos no claustro velho.

Se peſos absides, que restam da fabrica primitiva, se póde em parte reconstituir o que ſoi o templo, como veremos adeante, não succede o mesmo quanto ao mosteiro que vemos ser um conjuncto de successivas construcções ou reedificações, que fizeram desapparecer o seu primitivo caracter. O que da primeira edificação subsiste ainda são as columnatas, tanto superior como inferior, d'este claustro.

As columnas do pavimento superior são elegantes,

e teem em si exarada a epocha a que pertencem. Os seus delgados fustes, pela maior parte lisos, mas muitos d'elles torcidos ou imitando troncos, são rematados de capiteis cujo feitio varía de columna para columna. A estas correspondem em baixo outras maiores, mas elegantes como as de cima, e apresentando a mesma variedade em seus capiteis. Da primitiva, nada mais, a não ser um friso torcido que corre entre as columnas inferiores e as de cima. Passáe a vista das columnatas para o centro do claustro e alli vereis uma fonte não destituida de elegancia, contrastando, porèm, pelo seu estylo com o que da primitiva encontrastes. Junto do angulo nordeste do mesmo claustro outra fonte mais pequena, insignificante. Attentae na fonte do centro: ao meio d'uma bacia quadrada, mas em cada um de cujos lados ha um semicirculo reintrante, eleva-se um reservatorio circular com quatro carrancas para a saida da agua. Sobre o reservatorio levanta-se uma figura representando uma mulher trajando á moirisca, com seu turbante, e no pescoço um fio de perolas. O braço esquerdo da figura sustenta um escudo bipartido, tendo á direita as quinas e á esquerda as armas da ordem de Cister. A orla do cartucho, que lateralmente excede o escudo, tem a lettra

VLA/////D//II | RANAMORA

cujo sentido não pude apurar, por estarem as lettras, meio apagadas umas, outras de todo desapparecidas.

CLAUSTRO DA MOIRA

No socco onde a estatua assenta, lê-se a seguinte inscripção que é um primor de orthographia:

NO ANO D 1707 CE COLLOCOV

Aquella figura é allusiva ao nome de quem fez reformar o claustro e que foi uma das mais célebres abbadessas do mosteiro, pelas muitas obras que executou. Lembra alli o seu nome a seguinte inscripção que se lê em azulejo por cima da principal porta do mesmo claustro, do lado interior:

*Esta obra*
*se fez no terce=*
*iro trien.º da*
*Ex.ma S.D Luiza Maria*
*de Moira sendo*
*Mordoma a M. D.*
*M.a da Luz Cout=*
*inha 1754*

D. Luiza Maria de Moura foi filha de Gil Vaz Lobo e de D. Isabel de Sequeira; tomou o habito de noviça a 17 de maio de 1686 e professou a 19 de egual mez (dia da Ascenção) do anno de 1689. No respectivo assento de obito, diz a cantora mór: «A 24 de abril na mesma era (*1765*) Faleceo a Il.ma e ex.ma Snr.a D. Luiza M.a de Moura com q.m. a prouidencia diuina foy tão li-

beral nos seus dons, q̃ naõ ouve algũa na ordem da graça, e natureza q̃ naõ participace, empenhandose na pratica das uirtudes mais excelentes, vnindose a fortuna ao merecimento. Nacendo Ilustre, e viuendo 93 na opulencia de Riquezas q̃ soube dispender no exercicio da carid^e. p^a. lograr os bens eternos; tres uezes foy Abb^a. emprego q̃ desempenhou com a mayor exacção p^a. os asertos a q̃. A^s guiaua o seu gr^de. emtendim^to. de q̃ foy dotada o qual naõ pode destruir o largo tempo dos An^s. conseruando a mesma perfeiçaõ e todas as mais de q̃ se ornaua. Está emterrada no cap^o.»

Effectivamente na casa capitular se pode ver ainda o seu epitaphio, que diz assim:

M
Q. TUDO LOGROV NA UIDA
AQUI SE UE SEPULTADA
A MOURA MAIS ELEUADA
JAS A CINZAS REDUZIDA
A 24 DE ABRIL DE 1765

Por este, como por muitos outros epitaphios em verso, que opportunamente serão mencionados, se vê que em Odivellas se cultivavam as bellas-lettras.

*

Na ala norte do claustro dá *Moira* (conservemos-lhe a denominação que o reconhecimento lhe applicou), na que fica á mão direita de quem nella entra, abrem-se

varias portas dando accésso a diversas officinas. Alli se acham as portas de varias casas de arrecadação, a passagem para um dos celleiros, e a entrada da cosinha abbadessal. Nesta cosinha, ampla e bem disposta, variadas doçarias se manipularam: a famosa marmellada, os apreciados fartens, os saborosos *esquecidos*, a deliciosa compota de variadas fructas, os elevados *penhascos*, o celebrado *tabefe*; ao que se juntavam os mimos de assucar rosado, e de cidra, as turinas, os cuvilhetes de abobora.

Esses armarios, que ladeiam o corredor que conduz á cosinha, estavam de ordinario replectos de todas essas gulodices e de muitas outras, que iam passar na roda da portaria com grande satisfação de quem as comprava e de quem as vendia.

Pois que estamos tratando da cosinha, vem a proposito mencionar aqui alguns curiosos artigos dos Regimentos da *Mordomia* e da *Tulha*. Não fallarei do que devia ser dado a cada religiosa para as refeições, o que tudo se acha minuciosamente prescripto, «nos dias de carne... ó ovo de cêa, como he costume», «nos dias de peixe... dois ovos ao jentar e á cêa se darão outros dois ovos», etc.; tudo isso ainda conforme as epochas do anno. Mas creio que não desagradará o saber-se o que em certos dias festivos se manipulava, e o que competia a cada uma das religiosas:

No regimento da *Tulha* (anterior a 1727) lê-se:

«37. Para os Bollos do Natal quarenta alqueires de

trigo, e a mesma quantia se dará para os bollos da Pascoa da ressurreiçaõ, e outros tantos alqueires para os bollos do N. P^e^. S. Bernardo e de cada alqueire se faraõ vinte bollos, ou padas.

«38. Para as empadas do dia de N. P^e^. S. Bento se despenderaõ doze alqueires de trigo... quatro se repartiraõ á M^e^. D. Abb^a^., duas á M^e^. Prioreza, e ás que foraõ Abb^as^. e primeira anceaã, e huma a cada huma das religiosas professas, Noviças, e converças, seculllares, recolhidas, e educandas...

«39. Para os Follares da Pascoa se dispenderaõ oito alqueires de trigo...

«40. Para o bodo do Dia do Sñr. D. Diniz se despenderá como he costume hum moyo de trigo, que se fará em paens, dos quaes se daraõ aos pobres e se mandaraõ aos presos, os que parecer necessarios, e se repartiraõ pela communidade».

No regimento da *Mordomia* (de 1724), encontro:

«41. Em dia de Anno bom se dará á M^e^. D. Abb^a^. huma torta de duzentos, e quarenta réis de peyxe, ou carne conforme o dia em que cahir, e meio cento de fruta, e a cada huma das mais religiozas hum pastel de vintem, e huma duzia de maçans, ou outra fruta.»

«42. Para a offerta de S. Braz no seu dia se dará da tulha como he costume... hum alqueire de trigo, hum de milho, e outro de cevada, e meio selamim de cada hum dos legumes que houver, e da mordomia se dará huma vella de meio aratel de cera branca, dois

bacalhaos, huma cabeça de porco, huma maõ de papel, seis pennas de escrever, hum papeliço de areia, hum maço de obreas, e duzentos e quarenta réis em dinheiro, tudo na forma do costume antigo, a que se não sabe origem, e conforme a elle dará a M.ᵉ Mordoma para as talhadas, ou pastilhas, que se fazem na botica para a mesma offerta, outenta réis de amendo, cincoenta réis de assucar cande, quarenta réis de alfenim, e dois arates de asucar fino».

Pesado seria, decerto, desenvolver mais este assumpto culinario.

*

Na ala norte e na occidental, outras pertenças: alli a adega, além a casa da fructa. Para que percorremos agora essas casas vasias, e em ruinas, algumas meio entulhadas? Deixemos até aquella porta, no topo da ala meridional, dando ingresso a vastos casarões, que havendo sido primordialmente cavallariças pertencentes ao paço real, passaram depois a servir de celeiros e outras casas de arrecadação.

Examinemos a ala meridional. Aqui, apenas duas portas rasgam a parede, uma contigua á outra. A primeira é a da cosinha do refeitorio, a outra a d'este ultimo.

A cosinha, quadra terrea e ampla, conserva ainda uma enorme chaminé, verdadeira chaminé ou lareira

de communidade bernarda. Veem-nos á ideia as proeminencias abdominaes e as tumidas cachaceiras dos monges cisterciences; lembram-nos as dimensões e as propriedades adiposas da *tremenda* celebrada pelo Garrett na *Dona Branca*.

Para commodidade de transporte, mesmo em frente da lareira havia um postigo, por onde as iguarias passavam da cosinha para o refeitorio, no qual é tempo de entrarmos, não pelo postigo mas pela porta.

Era uma vasta quadra o refeitorio, digna da cosinha, digna de freiras bernardas e digna d'um mosteiro que chegou a conter mais de tresentas monjas. As longas mezas e bancadas que a adereçavam desappareceram; estão despidas as paredes dos ricos azulejos de relevo que as revestiam, e que foram vendidos não sei a quem pela espoliadora-mór do mosteiro, a abbadessa D. Maria Carlota Anchieta, que governou a communidade por muito tempo, no meiado d'este seculo, e á qual hei de mais d'uma vez referir-me. Se os azulejos faltam, resta-nos alli ao menos o tecto, cujo apainelado se estende pela parte superior das paredes, formando um largo friso. Esse apainelado, com a sua pintura, está-nos indicando a segunda metade do seculo dezesete. Paineis com arabescos alternam com outros, onde se veem representandas varias passagens biblicas ou religiosas, tendo cada uma sotoposta a lettra a que allude a figuração.

Eis o que conteem esses paineis, com a indica-

ção, entre parenthesis, das passagens biblicas citadas (a transcripção dos lettreiros é rigorosamente exacta):

1 *multiplicação dos pães*

EX QVĪNQVE PANĪBVS ET DVOBVS PĪSCĪBVS SATĪAVĪT DOMĪNVS QVĪNQVE MĪLLĪA HOMĪNV̄. IC.

(Titulo, na Vulgata, do 6.º cap. do Ev. de S. João)

2 *a mulher sareptana, ajoelhada, offerecendo a Elias farinha num prato, e azeite numa bilha*

HŸDRĪA FARĪNÆ NON DEFĪCĪET NE LECŸTHVS OLEĪ MĪNVETVR·3 R·

(III Reis, 17, 14)

3 *o filho prodigo, apascentando um rebanho*

In *domo?* PATRĪS MEĪ ABVNDANT PANĪBVS

(S. Lucas, 15, 17)

4 *sancto de habito negro com um calix na mão*

FRATV̄ EST ACSĪPROSĪGNO LA PĪDEM DEDĪSSET;

5 *Christo abrindo uma porta*

APERĪ MĪHĪ QVA CAPVT ME VM PLENVM EST RORE

(Cant. dos Cant., 5, 2)

6 *Abrahão ajoelhado ante os tres anjos*

PONAM BVCEILAM PANĪS ET CONFOR TATE COR VESTRVM

(Genesis, 18, 5)

7 *S. João Baptista*

ETENIM MANVS DOMINI ERAT CVM ILLO

(Act. dos Ap., 11, 21)

8 *Job, com os seus companheiros, apartando a vista d'uma mulher em cujo hombro está uma figura do diabo*

MANVS DOMINI TETIGIT ME QUARE PERSEQVIMINI ME; IOB;

(Job, 19, 21-22)

9 *o seraphim cerrando com uma tenaz os beiços de Isaias*

AVFERETVR INIQVITAS TVA ET PECCATVM TVVM MVNDABITVR; ISA; 16.

(Isaías, 6, 7)

10 *os irmãos de José, ajoelhados ante elle, em attitude supplicante*

DA NOBIS ALIMENTA VT VIVERE POSSIMVS; GENES; C. 4ª,

(Paraphase do cap. 43 do Gen.)

11 *juizo de Salomão*

NON DIVIDATVR INFANS.

PROVERBIOR

(III Reis, 3, paraphase dos vers. 25—27)

12 *S. João Evangelista escrevendo*

*discipul*VS ILLE QVI SCRIPSIT HÆC *verum es*T TESTIMONIVM EIVS, IOAN, C. 1

(Evang. de S. João, 21, 24)

13 *bodas de Caná*

GVSTAVIT ARCHITELINVS ET NON SCIEBAT VNDE ESSET: Io, c. 2

(Evang. de S. João, 2, 9)

14 *resurreição*

VITAM RESVRGENDO REPARAVIT

15 *chuva do maná; Moyses no meio d'um campo com a vara erguida*

PLVIT MANÁ ADEMANDVCAN *sic* DVM

(Ps. 77, 24)

16 *Christo, á mesa, com dois apostolos*

COGNOVERVNT EVM IN FRATIONE PANIS, LVC· 24

(Evang. de S. Lucas, 24, 35)

17 *José mandando metter a taça no sacco de Benjamin*

SCYPHUM MEVM ARGENTEVM PONE IN ORE SACCI IVNIORIS; GNES·44 *sic*

(Genesis, 44, 2)

18 *varias personagens adorando a Virgem com o menino ao collo*

IN MANIBVS TVIS SOR TES MEÆ;

(Ps. 30, 16)

19 *rei, com sequito, ajoelhado ante o summo sacerdote*

MELCHISEDECH, REX SALEM PROFE RENS PANEM ET VINVM; GENES; c. 14

(Genesis, 14, 18)

20 *o anjo apresentando um livro a Ezequiel*

COMEDE VOLV
MEN ISTVD

(Ezequiel, 3, 1)

21 *a noiva dos canticos com um calix na mão, onde espreme um cacho*

BOTRVS CYPRI DILECTVS
DILECTVS MEI MIHI.

(Cant. dos Cant. 1, 13)

22 *mulher (devera ser Isaac) curvada ante Jacob sentado*

DET TIBI ƉVS Ƌ RORE CÆLI Et PINGVEDNE
TERRÆ

(Genesis, 27, 28)

23 *frade no pulpito; em baixo, á frente do povo, cestos com pães*

COMEDITE VT ILVMINENTVR
OCVLI VESTRI:

(Paraphrase do Genesis, 3, 5)

24 *Achab adormecido; atraz um anjo (devera ser Jesabel) com dois pães*

SVRGE ET COMEDE·
REG·3·

(III Reis, 21, 7)

25 *Sansão abrindo a bocca do leão prostrado*

Ƌ FORTI EGRESSA EST DVLCEDO

(Juizes, 14, 14)

Examinando o tecto do refeitorio, nada mais ha que ver, nada mais é allumiado pela claridade que se escoa atravez d'esses poucos vidros de Bohemia, que ainda subsistem nos deteriorados caixilhos das janellas.

Desde epocha impossivel de determinar com precisão, mas que talvez não passe além dos meados do seculo dezesete algumas religiosas, começando a viver particularmente em casa propria, deixaram de ir comer ao refeitorio. O que de interessante encontro concernente á refeição em commum, é o que passo a apontar. Primeiro, um paragrapho da visitação 15 de fevereiro de 1744, que diz: «Por nos constar, que todas as rendas do Refeitorio lhe foraõ consinadas só com o fim de que as religiosas fossem comer a elle, por se não perder este louvauel acto tanto da nossa criassaõ, e estado; e sabermos, que muitas religiosas, que comem do dicto Refeitorio, naõ vaõ a elle, o que na verdade se faz estranho; por isso mandamos, que d'aqui em diante se naõ dê cousa alguma do dicto Refeitorio ás religiosas, que naõ forem comer a elle, excepto se estiverem actualmente doentes, ou deixarem de hir por constante ou legitima causa.» Noutra visita antecedentemente feita, em 17 de fevereiro de 1727, o abbade fr. Bento de Mello expressava-se d'este modo: «Ordenamos que na meza do refeitorio, como acto de comunidade, se sentem e tenhaõ lugar as relijiosas pelos graos de sua ancianidade; e a M. R. M. D. Abbadessa detremine que pella mesma serie se dê a cada huma das religiosas que fo-

rem ao refeitorio a chave da gaveta que lhe competir, as quaes gavetas se naõ venderaõ daqui em diante; mas vagando alguma se dará a quem pertencer pella sua ancianidade. E da mesma sorte ordenamos que as Noviças, que naõ tiverem impedimento por alguma queixa ou molestia, vaõ todas ao refeitorio contribuindo com os doze tostoens cada mez; como daõ as mais religiosas que aly comem; e se lhe dará a mesma porçaõ que se dá ás mais religiosas».

Mais citações podia fazer; mas parece-me ser tempo de sair do refeitorio.

## CAPITULO IV

A varanda do claustro da *Moira*—A enfermaria e a sua capella—A botica—A *casa do rei*— O *Cascalho*—Grades falsas e falseadas—O dormitorio de *Corte Real* e a sua inscripção — Duas cellas interessantes — O dormitorio pequeno e o grande—As cavallariças reaes—A *casa do trabalho* — As casas de habitação.

SUBAMOS á varanda ou pavimento superior do claustro da *Moira*, cujo tecto se apoia d'um lado sobre as delgadas columnas que já vimos, do outro na parede, sobre cachorros de variada forma.

Na ala norte e oriental, varias portas de habitações particulares de monjas. Na ala sul duas portas apenas: uma, aqui no angulo sudeste que dá passagem para outras casas; outra, ao meio da varanda, estreita entrada do pulpito do refeitorio, onde uma freira ia fazer a leitura regulamentar emquanto as outras tomavam a refeição. Quasi em frente d'esta pequena porta, vê-se, num capitel, a banda de Cister, e na face opposta as insignias abbadessaes: o baculo e a mitra.

Na ala do poente ha tres portas: duas aos cantos, uma ao centro com sua sineta ao lado. A do canto sudoeste é d'um pequeno recinto com oratorio, que dá

passagem para os antigos dormitorios (chamados o *velho* e o *pequeno*) e *casa do trabalho*; pela do centro e pela outra penetra-se numa vasta casa rectangular. Entremos pela porta central, cuja volta interior é testemunha de sua antiguidade, e que tem na verga, pela parte de fóra, em caracteres gothicos, esta palavra

Estamos na enfermaria, cujas cellas eram destinadas, como diz a visita de reforma «para milhor cõmodo, e habitaçam das entrevadas, que padecem achaques habituaes, e continuos». Não a vemos como era antigamente, que um incendio a destruiu por occasião do terremoto de 1755; sendo tradicção do convento que só escapára o retabulo da capella... milagrosamente, bem entendido. O que existe data do ultimo terço do seculo passado. Encostadas á parede fronteira ás portas mencionadas, subsistem em complecta ruina algumas cellas.

No topo meridional está a capella particular da enfermaria, que foi restaurada em 1766, á custa de D. Thereza Ludovici, conforme a seguinte inscripção pintada, em lettras doiradas sobre fundo verde, na longa verga do portico:

ESTA ✕ OBRA ✕ MANDOV ✕ FAZER ✕ A M$^{E}$ ✕ D ✕ THEREZA ✕ DELVVISE ✕ SENDO ✕ IMFERM
EIRA ✕ NO TRIANO ✕ DALX$^{A}$, ✕ S$^{A}$, D ✕ LVIZA CARDIM ✕ DE MIRANDA ✕ ABB$^{A}$, ✕ NA ERA 1766

Paredes meias com a enfermaria ficava a botica; a qual, segundo o regimento respectivo, devia estar sempre provida dos medicamentos precisos.

Na cosinha da botica ainda se vê, gravado na verga da porta, da banda de dentro, o seguinte lettreiro:

ESTA OBRA MANDOV FAZER DO
NA FR^CA DE SOVZA SEND^O EMFERMEIRA
ERA I676

D. Francisca de Sousa, filha de Domingos Alvares de Serpa, tinha apenas dois annos de habito quando mandou fazer aquella obra.

*

Subindo-se uma estreita escada, que principia na enfermaria, proximo da sua extremidade septentrional, vái-se ter a varias casas de habitação, compondo um edificio quadrado de varios andares, sem belleza e sem caracter tanto interior como exteriormente. As unicas coisas que se notam na fachada, que olha para o claustro, são a arcada ogival d'uma janella meia tapada pela cobertura do claustro, e um escudo das armas reaes num cunhal e a grande altura. Já atraz alludi a este escudo e a esta janella, bem como a outra egual que pode ser vista da cerca do mosteiro. Estas casas modernas, forradas interiormente de azulejo, em cujas quatro faces se abrem irregularmente algumas janellas de

diverso tamanho, são ainda pomposamente chamadas *a casa do rei*.

A casa do rei! O paço que D. Dinis deu ás freiras, e que constituiu a primeira habitação d'ellas, emquanto o mosteiro propriamente dicto se edificava! Se o rei trovador podesse reviver, só reconheceria o seu antigo paço por aquelle escudo d'armas e por aquellas janellas, e murmuraria:

*Quantum mutatus ab illo!*

como Eneas exclamára ao recordar-se da sombra de Heitor.

*

Junto da porta que leva á *casa do rei* (continuemos a designal-a d'este modo), passa-se da enfermaria para uma vasta construcção que se estende na direcção do norte e que é conhecida por esta curiosa denominação —*O Cascalho*. Visitemol-o.

Tem dois pavimentos, não contando o terreo que só em parte existe pela disposição do terreno, e que era occupado por adegas e outras pertenças. O andar inferior consta d'um largo corredor, onde, d'um lado varias janellas dão para a cerca, d'outro se abrem as portas de varias habitações, todas amplas, cada uma d'ellas com a competente alcova, cosinha, dispensa, etc. Todas as janellas d'estas casas tinham as grades respectivas, mas algumas eram com tal arte feitas que, tirado

um dos varões, se abriam ou proporcionavam passagem. Não sei se a estas grades, se a outras, se referem os visitadores geraes que alli foram em 10 de outubro de 1744, quando dizem: «as grades... seraõ de ferro bastantemente grossas... e do mesmo modo seraõ todas as que se puzerem nas janellas, que ainda as naõ tem, ou forem taes, que naõ bastem para segurar a clausura: as outras poderaõ ser de pau, com tanto que sejaõ fortes, miudas, e fixas, e que naõ tenhaõ janella, ou porta, como tem huma das que nós vimos». Ainda noutra visitação, feita pelo Abbade de Alcobaça fr. Pedro de Mendoça em 8 de abril de 1753, ha questão de grades. Essa visitação está incompleta, existindo só o final; talvez ella contivesse artigos que as freiras julgaram conveniente fazer desapparecer. No que resta lê-se «...D. Francisca de Mello, he preciso recolherce mais para dentro uma grade»; o que parece indicar que era tão saliente a grade da janella, que esta parecia balcão. E prosegue logo o abbade: «Huma janella por cima de hum tilhado, que he da Madre D. Mariana Cabral tem só huma crus, de sorte que se pode entrar, e sair por ella: necessita de mais ferros.» Exarado isto aqui, continuemos a vossa visita; e, porque nada mais temos a ver neste pavimento, subamos pela ampla escadaria ao andar superior do *Cascalho*.

No topo do segundo lanço um lettreiro: interessante por commemorar a obra, curioso pelo modo como foi gravado. Formaram no alto da parede uma especie de

caixilho de estuque e pintaram com almagre todo o interior d'elle; sobre essa pintura deram algumas mãos de cal, e finalmente recortaram as lettras nessa ultima crosta branca, de modo a apparecer o fundo vermelho. Apezar das difficuldades que se me contrapunham, consegui tirar um calco da inscripção, commemorativa da feitura da obra, por ordem de D. Guiomar de Sousa e Mello, filha de Jeronymo de Mello de Castro e de sua mulher D. Maria Corte Real.

ESTA OBRA DE CAZAS E DOR
MITORIO MANDOV LEVAN
TAR DESDE OS ALICERCES
SENDO ABBADECA NA ERA
DE 1677 A SNRÃ DONNA GVI
MAR DE SOVZA E MELLO CV
IO ANIMO SE CONHESE NA
GRANDEZA DELLA E SEV
NOME MERECE ESTAR ES
CRITO NOS ASTROS

A maneira como executaram o lettreiro não corresponde na verdade á vastidão do dormitorio, composto de numerosas cellas, dispostas a um e outro lado d'um amplo e extenso corredor. Cada uma d'essas claras e commodas cellas contém um armario, e algum ha com seu segredo. Todas ellas são semelhantes e nada mais ha a acrescentar para descrevel-as.

Duas, porém, nos prendem a attenção. Aqui nesta residiu uma religiosa artista: No apainellado do tecto pintou ella talvez essas figuras de santos, mas com certeza foi obra sua essa tira de papel, que como friso acompanha toda a cimalha da parede, e onde desenhou cuidadosa mas pouco habilmente as palavras que compõem o *Magnificat.* Nesta cella reinou a virtude ou, antes, a hypocrisia. A mim apraz-me crer que foi a virtude. Mais alguns passos adeante, quasi ao fim do dormitorio, a outra cella. Nesta agora, certamente, nem a virtude nem a hypocrisia habitaram. Olhae as paredes. Reveste-as até meia altura um optimo azulejo a cinco cores, branco, verde, azul, amarello e roxo. Representa elle algumas paisagens, algumas scenas biblicas, alguns passos da vida d'um asceta, algumas alegorias destinadas a chamar á meditação, a incutir a fé? Não. Representa Neptuno e Amphitrite passeando sobre as aguas, no seu carro de concha puxado pelos cavallos marinhos; representa danças lubricas de bacchantes; representa a Galathéa ou talvez melhor a nympha Égle, que num coche sumptuoso, cujas borlas da trazeira segura um fauno, se dirige para o velho Sileno coroado de parras e ebrio, assentado entre caniços á beira d'agua; representa... Que pinturas mais proprias se poderiam escolher para uma cella de freira? Que doces pensamentos suggeririam aquelles paineis á sua contempladora! Quando por acaso recolhida á cella, como devia comprazer-se-lhe a vista nessas scenas my-

thologicas, que por uma serie de ideias associadas a fariam lembrar do cantico dos canticos!

Nada mais temos a ver na *casa de cima do dormitorio de Corte Real*, nome porque tambem era conhecida esta parte do mosteiro, e allusivo ao appellido da mãe da edificadora.

*

Voltemos á enfermaria e percorramol-a em toda a sua extensão. No topo sul, um estreito corredor nos conduz ao pequeno recinto, com oratorio, que, como se disse no começo d'este capitulo, dá passagem para os dormitorios antigos. Uma pequena escada leva á *casa do trabalho* que fica sobre o refeitorio. Logo subiremos por ella. Agora, entremos por esta porta fronteira ao oratorio. Eis-nos numa das duas partes em que o dormitorio velho se divide, e que só d'um lado tem cellas; é o chamado *pequeno*.

Todos os dormitorios de conventos eram na traça geral semelhantes, e os trez de Odivellas não se afastam d'essa regra. Parece pois, que, tendo sido examinado um, poderiam deixar de ver-se os outros. Não é assim, todavia, para quem deseja estudar os costumes e as epochas, que as particularidades quasi sempre revelam com toda a exactidão.

O tecto d'esta parte do dormitorio velho, em que nos achamos, é apainellado, com varias pinturas a colla, pela maior parte arabescos e outros caprichos. Ao centro campêa um painel representando a Annuncia-

ção, entre dois lettreiros; um reproduz o versiculo biblico allusivo ao assumpto; outro, relativo á obra do dormitorio mandada executar por D. Isabel de Menezes, de quem não encontrei mais noticias:

INVENISTI GRATIÃ
APVD DEVM
*annun-*
*ciação*
D·ELISABETH
A MENEZES ⊀
1611

Ainda no tecto, mais proximo da porta, um painel onde se vê João Evangelista escrevendo; em volta, num cartucho arqueado e em forma de fita, a lettra:

SVFICIT MIHIC ANGELVS MEVS IOANES ⊱

Esta metade do dormitorio velho liga por um passadiço com outra egual, correndo entre ambas um estreito e longo saguão. D'est'outra metade, que tem aposentos d'um e outro lado, o que decerto lhe valeu a designação de *dormitorio grande*, já o tecto desappareceu. As cellas, estão em complecta ruina. Que differença entre estas e aquellas que vimos no dormitorio de *Corte Real*. Lá, são ellas altas, claras, commodas, *confortables;* aqui são baixas, humildes, mal allumiadas de estreitas janellinhas. Lá, revestem quasi meia parede vistosos azulejos, lá, armarios de boa madeira; portas

inteiras interceptavam os olhares indiscretos e os curiosos ouvidos; aqui, apenas estreitas fachas de modestos azulejos, pequenos vãos nas paredes para miudos objectos, portas de ralo de madeira forradas de lona, como o resto da fachada de cada cella.

Estabelecida esta comparação, vejamos o que dizem estes lettreiros pintados nas cimalhas das frontarias das cellas. Na maior parte, lê-se melhor ou peior orthographado:

LOVVADO SEIA O *eucharistia* SANTISIMO SACRAMENTO

Numa cella, a unica que tem o duplo do tamanho das restantes, lê-se numa só linha:

LOVVADO SEYA N.SN.OR JEZU chrispto ▾ P.A SEMPR CEM FIM·AMEN.

Noutra, apparecem as palavras *Maria*, *Jesus*, *Joseph*, em monogramma ou abreviatura:

▾ M ▾ IHS ▾ ISPH ▾

Finalmente, veem-se noutra cimalha, trez pinturas muito damnificadas, cada uma acompanhada de sua lettra, na disposição seguinte:

*paisagem com ruinas* — *frontaria de paço ou convento; adeante, uma praça com cruzeiro?* — *ave voando entre nuvens?*

INFLOREARVIT SINE DEO ▾ OMNIA ▾ NIHIL ▾ SIC TRANZEAT ▾

Eis o que é o dormitorio velho. Sob as duas partes d'elle ha vastos casarões com suas abobadas sustentadas ao centro por columnas, cuja fórma não deixa duvidar de sua antiguidade. Diz-se que foram alli as cavallariças reaes (ao que já atraz alludi), adequadas pelas freiras a celleiros e outras casas de arrecadação. O saguão, que divide os dois corpos, tem na extremidade sul uma porta que dá saida para a cêrca; e na extremidade norte vê-se uma escada de pedra em completa ruina, que dava ingresso a varias casarias do mosteiro, de que só existem insignificantes restos. Foi provavelmente aquella a parte incendiada no primeiro terço d'este seculo pelas filhas d'um certo capitão-mór, cujo nome ignoro. Estas meninas, recolhidas em Odivellas pelo pae, que as queria apartar inteiramente de seus namorados, tomaram a resolução de produzir um incendio, para no momento da confusão, que naturalmente sobreviesse, abandonarem o mosteiro. E com effeito aquellas aves bateram as azas, e consta que fugiram para Inglaterra.

*

Subindo agora a pequena escada, que principia na passagem do oratorio, depara-se-nos á mão esquerda, a *casa do trabalho* construida sobre o refeitorio. Aqui nada ha que vêr, exceptuados os caixilhos de chumbo das pequenas janellas, que parece subsistem para nos indicar com grande probabilidade que aquella construcção ascende aos inicios do XVII seculo. As cellas, que

vemos aqui, são ainda mais humildes que as do dormitorio velho. Os ralos que as dividiam estão em derrocada; e d'alguns d'elles ainda pendem meio arrancadas as lonas que os cobriam. Se attentardes bem nellas, ahi encontrareis, tapando alguns buraquinhos feitos pela traça ou devidos a indiscretas intenções, algumas cartas de jogar—um *az*, um *terno*, um *rei*, um *cavallo* (conde ou valete), etc.; e certamente ponderareis que as freiras não as mandaram comprar para lhes dar aquella unica applicação.

Da *casa do trabalho* passa-se para a varanda do claustro novo, atravessando alguns corredores e casas, e descendo uma estreita escada de poucos degraus.

*

Está ultimada a nossa visita aos dormitorios, onde as freiras deviam, segundo a regra, recolher-se todas as noites. Ellas tinham a liberdade de habitar nas casas que no mosteiro possuiam, quer por ellas mandadas construir, quer adquiridas por herança, por compra ou arrendamento; mas essas casas eram destinadas unicamente a ser habitadas durante o dia. O abbade de Alcobaça, D. Manuel de Mendonça, na visitação que fez em 22 de março de 1771, exprime-se a tal respeito da maneira seguinte: «E como para este Santo Exercicio concorre m.to o silencio, por ser hum dos pontos mais ecenciaes, e mais Louvaveis da nossa Profissaõ, tantas vezes recomendado na nossa S.ma

Regra, principalmente dipois das completas, e este naõ pode ser exactamente praticado, sem que todas as Religiosas durmaõ nas suas cellas: E sabemos que de tempos a esta parte tem a relaxaçaõ adoptado o reprehencivel, e estranho costume de durmirem nas casas, sem considerarem que lhe saõ unicamente permitidas para a sna assistencia de dia, e para mais commodamente se empregarem no trabalho, ou no que lhes for preciso para o seu temporal governo Ordenamos e mandamos que todas as Religiosas dipois de principiadas as Oras do Silencio se recolhaõ aos Durmitorios, e q. em todo o tempo durmaõ nas suas respectivas cellas».

O abuso de ficarem de noite nas casas vinha de longa data, como naturalmente se comprehende e se deduz de muitas passagens das visitações e de tradições conhecidas.

As freiras pouco ou nada se importavam com as determinações dos visitadores; aquellas que recolhiam ás cellas, faziam-no muito tarde. Na visitação de 23 de janeiro de 1747, já mencionada, dizia fr. Francisco Xavier; «com esta mesma brandura lhes rogamos, que ao menos ás dés horas da noute se recolhaõ».

A quantidade de casas particulares, que no mosteiro se nota, não deve todavia causar extranheza vista a sua grande população, composta de freiras, noviças e conversas, como de recolhidas, educandas e serviçaes. Quasi todas essas moradas são irregulares, e pela maior parte formando grupos, em que umas estão como que

encravadas nas outras, com um dedalo de quadras, corredores e escadas. Quando o espaço faltou, começaram a construir umas casas sobre outras, contra o que, já em 1749, legislára o abbade de Alcobaça.

Uma das particularidades mais notaveis de muitas d'essas moradas é o terem duas entradas, e uma ha para onde se pode entrar por um bem desfarçado alçapão, que decerto não foi feito para uso exclusivo da dona da casa.

E não eram só as freiras quem dentro da clausura de Odivellas tinha predios seus; outras pessoas alli os possuiam. D. Francisco, irmão de D. João v, alli teve uma casa, segundo se vê do seguinte periodo transcripto d'um decreto mandado lavrar pelo infante em 16 de março de 1726: «O thesoureiro de minha casa Francisco Xavier Curvo Semedo, ou quem pelo tempo adeante seu logar servir, contribuirá mais ao dr. Domingos Raphael Diniz, procurador da fazenda d'ella, com a importancia de um conto e sessenta mil réis que mostra haver despendido de ordens vocaes minhas, a saber, — oitocentos e sessenta mil réis por umas casas que lhe mandei se comprassem dentro da clausura do convento de Odivellas o anno proximo passado de 1725 etc.» [1]

[1] Artigo do sr. Alberto Telles, no *Occidente* n.º 214, de 1 de dezembro de 1884; e extracto pelo mesmo escriptor no jornal *A Capital*, n.º 41, de 2 de janeiro de 1887.

## CAPITULO V

Ainda as casas de habitação—Os trajos das freiras—As cogullas decotadas—Os espartilhos e os polvilhos—A vida claustral—No coro e no confessionario—As procissões e as mascaradas—Murmuração e virtude.

NÃO se supponha serem as casas de habitação do mosteiro umas singelas e modestas moradas, como a regra determinava e como seria consentaneo com a vida claustral na sua inteira pureza. As moradas de Odivellas estavam em perfeita harmonia com a existencia que alli se passava. As casas eram em geral adornadas com luxo; a vida das freiras era facil, deleitosa, mundana. É nas visitações feitas pelos abbades de Alcobaça, ou pelos seus delegados, que melhor se vê o que alli se passava; e a leitura d'ellas faz-nos assistir a scenas palpitantes; faz desfilar ante nós a communidade, já com regularidade processional e hypocrita, já em confusão animada e brilhante; ora revestidas as sorores de seus habitos brancos e negros, ora trajando garridamente no requinte da moda.

Além do que se encontra na *Lei da visita de re-*

*forma*, já mencionada, darei uma amostra do que se lê nas visitações.

Na visita de 15 de fevereiro de 1744, feita pelo abbade D. Guilherme de Vasconcellos, depara-se-nos o seguinte:

«E por nos ser zelado com gr.$^{de}$ magoa nossa que m.$^{tas}$ religiozas, e seculares conseruauaõ em suas casas, e leytos espelhos de vestir nas paredes, que só seruem de afear as consiencias, contra a modestia que se deve praticar nos Mostr.$^{os}$ por isso mandamos que d'aqui em diante se naõ vze dos ditos espelhos», etc.

No espelho viam ellas se o habito lhes assentava bem, se a cogulla estava bem posta, se o véo descia com a graça conveniente; no espelho ensaiavam ellas os gestos, os sorrisos, os olhares, as expressões mimicas do amor e do despeito, o entreabrir dos labios ao proferir palavras destinadas a incendiar os corações e os sentidos dos que tinham a fortuna de ir contemplar aquellas felizes enclausuradas. No espelho, se miravam ellas, vendo como lhes ficava o espartilho, como caía a sáia curta, que deixava vêr o pésinho calçando o elegante sapatinho de seda com sua fivela d'ouro ou pedrarias; no espelho se certificavam de que as rendas e enfeites do vestido estavam elegantemente dispostos; ao espelho, compunham as madeixas opulentas de seus cabellos, ante elle os frizavam, ante elle os polvilhavam.

A mulher e o espelho são duas coisas inseparaveis; sabe-se isto desde o tempo dos egypcios; e muitos litteratos, romancistas e poetas, teem dicto mui bellas coisas a tal respeito, para eu ainda me entreter agora com isso. Limito-me a dizer que o abbade D. Guilherme. não comprehendia, ou fingia não comprehender (é o mais provavel), a necessidade feminil da contemplação num espelho.

É provavel que alguem se atreva a dizer que eu aventuro muito, affirmando que as freiras de Odivellas se serviam do espelho para verificar se lhe ficavam bem os vestidos á moda, os penteados e os polvilhos. Eis a resposta a essa objecção.

Na visitação acabada de citar lê-se:

«E por ser tambem estranho que as relig.as que vzaõ de toalhinha abuzem da modestia a que esta foi derigida com trazerem de tal sorte as Cogulas, e coletes, que mais seruem de offensa aos olhos, do que de edificaçaõ, e exemplo; por isso mandamos que daqui em diante tragaõ as ditas religiozas, que vaõ de toalhinha as cogulas, e coletes sobre os ombros, e que os ditos coletes sejaõ taõ somente de panno branco, e de nenhuma sorte de bico, ou de espartilho, chamado Frances,» . . .

Noutra, de 10 de outubro do mesmo anno, feita pelos visitadores geraes, fr. Mathias Coelho e dr. fr. Bento da Conceição, encontra-se ainda ácerca dos espartilhos e com respeito aos cabellos:

«mandamos, q. nenhua religioza uze de cogulla decotada, nem de colletes decotodas, e as q. as tiuerem seraõ obrigadas dentro de 15 dias a desfazerem-se dellas, ou a concertarem-nas. E outrosy ordenamos naõ uzẽ de espartilhos, nem de cabellos compridos ou encaracolados, nem de toucas açafroadas, nem de sapatos ou sayas de côr, nem de crepes tanto, ou mais finos, q. os tafiletes prohibidos pela Reforma, nem de fitas, ou seda algua.»

Nesta mesma visitação dizem os padres mestres:

«Por nos ser zellado, q alguas Religiozas andavaõ sem habito fora da cellas, declaramos, q. peccaraõ gravem.te se andarem sem elle por mais de duas horas.»

Não param aqui as informações.

Na visitação de 3 de dezembro de 1749, o dom abbade dr. fr. Manuel Soares proscreve as saias altas e os sapatos de fivella:

«A M. Relig.a M.e D. Abb.a, e mais Preladas teraõ grd.e cuidado de q. todas as suas subditas trajem com a decencia religioza, mandando q. no termo de quinze dias abaixem as sayas, pondo-as de sorte q. se naõ vejaõ os sapatos, nos quaes naõ poderaõ trazer fivellas de prata, nem com pedras, ainda q. sejaõ falsas,» etc.

O abbade já havia sido precedido na ordenança por alguns antecessores seus, e foi seguido por seus successores, como se pode ver da visitação feita em 11 de agosto de 1751, por fr. Francisco da Conceição, visitador geral:

«He cousa digna de maior compaxaõ ver q. huãs creaturas que se amortalharaõ em vida por amor de D.$^{s}$ cheguem a fazer da mesma mortalha instromt.$^{o}$ da vaydade com offensa do m.$^{mo}$ D.$^{s}$ faltando á observancia de huãs leys tam conformes com a sua profissaõ trazendo cogullas decotadas, toalhas amarellas e pela raiz do cabello, sayas curtas, e çapatos endecentes, por ser da moda, cabellos compridos, e o que mais he com pós; sem serem dos que manda pôr a Igr.$^{a}$ p.$^{a}$ lembrança da morte, e do que sômos; e por que tudo he indecente, e alheio de huã esposa de Jesus Christo a q.$^{m}$ sóm.$^{te}$ deve cuidar agradar, mandamos se observe a Ley de Reforma naõ usando de cogullas decotadas, nem toalhas amarellas, e m.$^{to}$ finas nem estas mais que doys dedos asima da sobre-ancelha. nem cabellos compridos nem sayas curtas em forma que se vejaõ os çapatos e neiles naõ tragaõ fivellas de ouro, ou prata, nem menos de pedras, ainda que sejaõ falsas, nem espartilhos, e na Igr.$^{a}$ naõ uzem de leques, nem luvas,»

Não tinham emmenda as freiras; o que não admira, porque ninguem pode ordenar á mulher que não procure agradar. Encheria muitas paginas se quizesse transcrever aqui todas as passagens de diversas visitações, em que se encontram admoestações dos visitadores. Por sua curiosidade, porém, ainda dou os seguintes extractos:

Da visitação de 8 de fevereiro de 1759, feita pelo dom abbade fr. Manuel de Barbosa:

«Nenhũa se atreva a trazer fivellas de metal preciozo, ainda que seja tambac, ou pechibec;» etc.

«e da de 7 de outubro de 1757, dos visitadores fr. Carlos de Miranda e fr. Luis Coelho:

«ordenamos, e mandamos, e lhe prohibimos o uzo das bengalas, ou bastões, e só poderaõ servirse de alguns bordoes qd.° forem a passeyo.»

Ora, sinceramente, não estamos vendo as freiras que nos pintam fr. Jeronymo Vahia, os poetas da *Phenix Renascida* e outros? Não estamos vendo em Odivellas esses requintes de moda de que nos fala o Nicolau Tolentino? A imponente bengalla, as desmesuradas fivellas, o penteado alto e polvilhado?

Era o seculo. D. João V macaqueava, em tudo o que podia, o rei-sol; os cortezãos portuguezes macaqueavam os cortezãos de Luis XIV. E não haviam as mulheres portuguezas de imitar as mulheres francezas? Ora, não havendo dúvida em que as freiras eram mulheres, não devemos admirar-nos de que ellas seguissem a regra geral.

Era o seculo, disse eu. Disse mal. É sempre assim.

*

Deslisava suavemente a existencia das filhas de S. Bernardo, em Odivellas. Os deveres do coro não eram pesados; muitas a elle faltavam, conforme o dizer das visitações; e, quando a elle iam, mais o faziam por distracção do que por observania da regra; tal é o que

se intende da seguinte passagem da visitação de 23 de janeiro de 1747: «e por nos ser zelado, que no coro naõ ha aquelle silencio, gravidade, e perfeição de cerimonias, que se obseruaõ nos mais Mostr.os, falando humas com outras» . . .

Gostavam, porém, de ir ao confessionario; porquê, não o direi eu; mas os visitadores dão-no a saber muito claramente. Se não, vejamos o que se encontra na já citada visitação de 7 de outubro de 1757, a esse respeito:

«Por serem os confissionarios lugares deputados unicament.e p.a o acto sacramental da confiçaõ, e nos ser zelado q. nos d.os confecionarios se uza de converçaçoiz e palavras desnecessarias, o q. he couza inaudita e escandaloza,» etc.

Noutras mais visitações se allude ás palestras ou «praticas que podem ther logar em outra pt.e» [1]; phraze em que o visitador disse mais do que talvez desejava.

Não gostavam de estar «as religiosas no coro fazendo officio d'anjos», como dizia um padre mestre; mas gostavam extremamente de ir para as grades ou lucotorios, onde tanto se entretinham com as visitas. Lá, dentro, porém, tinham ellas contínuas distracções, embora essas não lhes causassem tão grande prazer como o que lhe dava a presença da gente de fora.

As frequentes festividades que pela lei da egreja celebravam, as festas particulares da ordem, e as solemni-

[1] *Visitação,* já citada, de 11 de agosto de 1751.

dades especiaes do convento proporcionavam-lhes muitos e muitos dias de distracção.

Nalgumas d'essas festas faziam-se procissões, umas fóra, outras dentro do convento, no claustro novo, onde as noviças faziam de *anjos* e onde se produziam, além das imagens dos santos, figuras extravagantes. Na procissão do *Corpus Christi* saía uma figura que os visitadores de 20 de janeiro de 1765 chamam «huma indecente figura de gigante... hum monstro de tanta irreligiozidade e taõ opposto ao Divino, q. só serve de rizo aos jocozos».

Nas procissões effectuadas no interior do mosteiro era costume levar um padre a imagem do santo; mas a assistencia do padre foi prohibida pelo visitador geral, fr. Gaspar de Cordes, em 26 de outubro de 1748, que decerto intendeu haver razões para tal resolução.

Em muitas epocas do anno faziam as freiras grandes mascaradas, principalmente em occasiões de grandes festas. A uma d'essas se refere o abbade dr. fr. Antonio Caldeira, que visitou o mosteiro em 18 de fevereiro de 1780; diz elle: «Da mesma sorte prohibimos tambem o abuzo das mascaradas na procissaõ das offertas em dia de S. Braz, no qual será sómente permetido offerecer os frutos da terra, e estes serão conduzidos pelas criadas vestidas com a devida decencia».

*

Pois que falo de festividades, não fica fóra de geito

mencionar aqui uma ceremonia que se realizava a 28 de outubro, em dia de S. Simão e S. Judas Thadeu. Copio textualmente o seguinte, d'um pedaço de papel encontrado em Odivellas, porque talvez a receita possa ainda aproveitar a alguem:

«Bençam dos Cuentros p.ª se fazer em dia de S. Simão e de S. Judas Tadeo, os quaes se goardam nas cazas, e ahonde estam seruem de defencivo contra febres, Malignas, e mal contagiozo por virtude destes gloriozos Sanctos, e assim se tem esperimentado nesta sid.ª, especialmente na fregz.ª de S.ta Justa em cuja Igr.ª se veneram estes Sanctos, e se repartem no seu dia os cuentros bentos.

«Adjutorium nostrum &

«Dominus vobiscum &

«Oremus

«Bene ✠ dic Domine Creaturam istam, ut sit remedium salutare generi humano: & præsta per invocationem Sãcti nominis tui, & per Beatissimæ intercetionem Virginis Mariæ, & Beatorum Apostulorum Simonis, & Judæ, ut quicumque ex ea sumpserint, Corporis sanitatem, & animæ tutelam percipiant. per Christum Dominum nostrum. [1]

«lance agoa benta»

Este medicamento assim preparado devia ter um effeito maravilhoso.

*

As freiras de Odivellas, que, segundo se vê de muitas visitações, gostavam extremamente de crear cãesi-

[1] «Senhor, abençôa esta creatura, para que seja remedio salutar ao genero humano: e, pela invocação do teu santo nome, e pela intercessão da bemaventurada Virgem Maria, e dos bemaventurados Apostolos Simão e Judas, faze com que todos aquelles que tomarem isto, recebam saude do corpo e tutella da alma. Por Christo Senhor nosso.»

nhos, além das distrações que lhes porporcionavam as repetidas solemnidades, tinham ainda diariamente o prazer das mutuas visitas, do *cha* e da *partida*. Deve, porém, imaginar-se que muitas vezes nasceram alli gravissimas questões e renhidas luctas, provenientes de despeitos, de intrigas e de rivalidades.

Numa visitação diz-se: «devemos nós, pela obrigaçaõ do nosso off.°, estabelescer, e interter a páz nesta communidade; e por sermos cientes, q. nella domina, por costume, e vzo huã continua, e abominavel murmuração... lembrâmos a todas o máximo preceito do Sñr., q. consiste em amarmos a D.ˢ sobre todas as cousas, e ao Proximo, como a nós mesmos: que devem estabelecer em seus Espiritos, aquella paz, que D.ˢ quer radicada na sua caza... ficando logo docemt.ᵉ prezas da concordia, q. hé a Mãy da direcção, e testemunho evid.ᵉ das boas conciencias, e não com estar sempre inquietas, sempre sordidas, e justamt.ᵉ temerozas de que o Sñr. as repute como geração de Víboras, como em outro tempo reputára aos Farizêos, q. mordiaõ pela pratica das murmuraçõens» [1].

D'essas scenas guardam segredo as paredes que as presenceáram; mas as memorias do tempo fazem crer nellas, sem as referir; e não se pode razoavelmente duvidar de que succedessem com frequencia. Se as soro-

[1] *Visitação de 20 de outubro de 1766*, feita por fr. Manuel de Mendonça e fr. Francisco de S. Miguel.

res disputavam, se se descompunham, se se desfeiteavam, se chegavam mesmo a esgadanhar-se, é isso coisa naturalissima. Não creio que por suas questões fossem jámais castigadas, nem o deviam ser. Mas nem mesmo por outros factos o eram. Nos conventos era costume haver uma quadra que servia de prisão, onde recolhiam as religiosas que commettiam algum delicto. Em Odivellas não consta que a houvesse. As unicas penas impostas eram a falta de ração e o *comer em terra;* mas, do que se deduz das visitações, era uma raridade o applicar-se qualquer d'ellas. E, como mereceriam ser castigadas as freiras de Odivellas, se, no dizer de dois respeitaveis visitadores, [1] (aquelles mesmos que as censuravam de murmuradoras), ellas enchiam aquelle «Sanctuario da fragrancia de suas virtudes»?

Em presença do testemunho d'estes padres mestres, não devemos duvidar das perfeições moraes das freiras de Odivellas, mas ficamos tambem convencidos das suas perfeições physicas.

Muito se haviam de rir á custa dos visitadores as mimosas freiras, que fr. Antonio de Magalhães e fr. José de Quadros chamavam em 1782 «preciosos chóros de virgens»!

Como ellas ririam quando o abbade fr. Francisco Xavier lhes dizia (na visita de 23 de janeiro de 1747): «Primeiram.te vendo nós, com bem magoa do nosso

[1] *Ibid.*

coraçaõ as repetidas Leys, que se tem posto nas vezitas deste Mostr.°, e que a repetiçaõ dellas he sinal certo de naõ serem bem obseruadas, rogamos a todas as religiozas, e lhe pedimos pelos purissimos peitos de M.ª S.ma que considerem bem a estreitissima conta que haõ de dar a Deus»!

## CAPITULO VI

O claustro *novo*—É o mais antigo—Duas reedificações—A capella de *Santa Isabel* e os seus frescos—A capella da *Santissima Trindade*—Os florões da abobada—Retrato d'um desconhecido—As sepulturas do claustro—Noviças de 15 e de 13 annos—A torre dos sinos—Paisagem—Versos do Camões—Sepulturas de Prioresas—O que se vê do centro do claustro novo.

NUTIL é embrenharmo-nos no dédalo de passagens que existem no pavimento superior, entre o claustro da *Moira* e o claustro *novo*. Esse caminho levar-nos-hia através de aposentos sem importancia alguma, ou far-nos-hia percorrer corredores estreitos ladeados de portas de habitações particulares, onde nada desperta a nossa curiosidade. Mais commodo se tórna pois, para proseguirmos a nossa visita, voltar ao recinto semi-circular por onde passámos já, e transpôr o limiar da larga porta da esquerda, que dá ingresso ao claustro *novo*.

É assim que este claustro se encontra mencionado em documentos; é assim que as freiras o designavam; e todavia é elle verdadeiramente o claustro mais antigo. O que leva a crer isto, é o estar nelle a casa capitular, que não pode deixar de subsistir desde a construc-

ção primitiva, e o encontrarem-se ainda nessa casa duas lapides sepulchraes do seculo XIV; sendo absurda a supposição (sem o testemunho de documentos) de que o capitulo haja sido para alli transferido d'outra parte.

Tinham, porém, razão as freiras em chamar *novo* a este claustro, pois que haviam perdido a memoria da construcção antiga.

É este claustro quadrado, como todos os claustros. As naves ou lanços oriental e norte são um dos muitissimos exemplares d'essa maneira architectonica (degeneração de estylo) pesada e sem graça, que com pequenas modificações dominou entre nós durante duzentos annos a começar no final do seculo XVI. Essas duas naves foram sem dúvida reedificadas em seguida ao terremoto de 1755.

As naves meridional e occidental, essas são muito mais antigas; ascendem, com todas as probabilidades, aos meiados do seculo XV, conforme indica a sua architectura.

Examinemos as quatro naves. Nesta aqui, a do norte, quasi ao meio, duas escadas dão accesso a uma porta do refeitorio, mesmo fronteira á que abre para o claustro da *Moira*, e já nossa conhecida; e no topo occidental da mesma nave, uma capella de madeira da invocação de *Santa Isabel*, rainha de Portugal. Dos lados do altar, onde a antiga parede está a descoberto veem-se dois frescos insignificantes e muito damnifica-

dos, representando, em pequenas figuras, cada um d'elles um bispo[1].

Em a nave occidental abrem tres portas. Uma, chapeada de ferro, era a da casa do thesouro, que tinha outra saida pelo saguão divisor do dormitorio velho; as outras duas dão entrada para uma vasta casa, onde se guardavam algumas das alfaias do culto, e que communica com o coro. D'essa casa sobe uma escada para as habitações superiores.

No topo occidental da nave sul, outra capella, esta dedicada á *Santissima Trindade*, que já nada encerra que possa prender a attenção. Ao meio desta nave a porta principal do coro, e mais adeante, quasi ao extremo oriental, a pequena porta da angusta escada de caracol da torre dos sinos. Entre a porta do coro e esta ultima um pequeno tabique, onde existe ainda um confessionario encravado numa reintrancia da parede, da qual falarei mais adeante.

Nos florões que adornam os fechos da abobada das das ultimas naves, na juncção das nervuras, veem-se os emblemas da paixão do Christo, insignias prelaticias, um livro aberto e um busto d'homem. Numa das paginas do livro, e como que indicando que elle é o fun-

[1] Ao demolir-se ultimamente a capella de madeira, descobriu-se no tympano da antiga um fresco que os pedreiros destruiram, podendo recolher-se apenas um fragmento, onde se vê o pé e parte inferior da perna d'uma figura em tamanho natural. Nem mesmo se conservou noticia do que representava o fresco.

damento da instituição a que obedecia o mosteiro, lê-se uma paraphrase do começo do primeiro versiculo [1] da regra de S. Bento; na outra, vê-se uma breve paraphrase dos artigos da mesma regra relativos ao silencio:

Ofculta o filij pc epta ma gift' incl ina aure tuã adõ monjtiõ e pij pris

Si bis eſſe rb^o9 ferb a filentiu ait bty bu ty

Quanto ao busto, é um enigma que não sei decifrar. Deveremos considerar que se quiz alli pôr a imagem de algum santo? Mas, nesse caso, o que se vê da veste não se parece muito com o habito fradesco, e a cabeça não está cercada de nimbo ou aureola. Quereria alli retratar-se o architecto? É possivel, mas pouco provavel, que fosse tomar logar entre os symbolos religiosos com que adornou os outros florões. Eu inclino-me a crer que no medalhão se quiz representar S. Bernardo; reflectindo em que talvez houve a intenção de reunir alli os dois fundamentos da instituição: S. Bento, symbolisado pela sua *regra*; S. Bernardo, reformador d'esta, representado em figura como o chefe da ordem de Cister.

[1] «*Ausculta, o fili, praccepta magistri et inclina aurem cordis tui et admonitionem pii patris libenter excipe et efficaciter comple,*» etc.

*

O pavimento da nave meridional é formado de lapides sepulchraes; poucas d'ellas estão inteiras e a maior parte em pequenos fragmentos. Cada uma d'essas lapides pésa sobre as cinzas de varias pessoas. Aqui foram sepultadas seis freiras, alli nove, acolá doze, álèm treze... Lêde os epitaphios e as datas, se duvidaes. Mas volvei antes os olhos para esta sepultura; que lêdes?

*Sepultura de Maria da Encarnação, noviça de dezenove annos...*

Lêde agora este epitaphio:

*Sepultura de Francisca de Leão. Faleceu de edade de 18 annos, sendo professa de 5 semanas, a 13 de setembro de 1597.*

Lêde est'outro:

*Aqui jaz Dona Ines Henriques. Faleceu sendo noviça de 17 annos, a 3 de janeiro. Anno de 1584.*

Lêde ainda este epitaphio, talvez d'uma irmã da precedente, e que no mosteiro teve outra irmã religiosa chamada Marianna:

*Aqui jaz Dona Ines Henriquez. Faleceu de 15 annos, sendo noviça, a 13 de março de 1580*

e este:

*Sepultura de Dona Francisca de Castro. Faleceu de 13 annos, sendo noviça, a 5 de novembro de 1589.*

Pobres creanças! Entraram na clausura por vocação,

ou foram martyres de extranhas vontades? Vocação aos quinze annos, aos treze annos... A pedra tumular é muda; e os echos d'essas abobadas, se acaso repetiram os seus abafados soluços, já não sabem hoje reproduzil-os. São mysterios do claustro, que condemnam esta instituição contraria ás leis naturaes.

*

Não deixemos de subir ao campanario cuja pequena porta aqui temos no topo sul da nave oriental. É incommoda a subida da estreitissima escada de caracol; mas a vista que se gosa do alto da torre compensa bem o trabalho da ascenção.

Não é muito dilatado o panorama, nem muito variada a paisagem. Mas consola-nos o espraiar os olhos por essas devezas que cercam o mosteiro. Tres montes d'aqui vemos; ao sul, o de Nossa Senhora da Luz — lá está o Lumiar; entre o sul e o oriente, o monte dos Tojaes. Alèm, ao occidente, o monte de S. Dinis; do moinho, que o coroa, desçamos a vista até ao sopé. Alli corre um pequeno ribeiro, banhando o valle de Flores que ficava outr'ora dentro da cerca do mosteiro.

Para lá, dilatadas campinas, verdejantes e bellas. Para norte, a estrada de Caneças serpeando nas devezas e collinas; para sul, perdendo-se no meio da verdura, a estrada de Lisboa donde estamos afastados apenas umas duas leguas.

Aqui respiram-se as auras beneficas que perpassam,

perfumadas pelas flores do valle, que o Camões não desdenharia chamar

Logar alegre, fresco, accommodado
Para se deleitar qualquer amante,
A quem com sua ponta penetrante
O cego Amor tivesse derribado;
E para memorar ao som das águas
Suas maguas
Amorosas,
As cheirosas
Flôres vendo,
Escolhendo,
Para fazer preciosas mil capellas,
E dar por grão penhor a Nymphas bellas.

*

Desçamos.

Em a nave oriental do claustro *novo* depara-se-nos um portal largo, alto, ladeado de duas grandes janellas, sem caracter, mas que nos interessa por ser a porta da casa capitular. Mesmo ao centro d'esta nave, uma arcada muito antiga fórma a entrada d'um pequeno recinto quadrangular, a que as freiras chamavam o *parlatorio;* neste, á esquerda, duas portas pequenas: do cartorio uma, a outra d'um locutorio; ao fundo, á direita, uma estreita escada para o pavimento superior.

Todo o chão da nave oriental, como o da que ultimamente percorremos, é composto de sepulturas; e as que estão mais proximas da casa capitular, são das priorezas do convento.

Aqui, a sepultura que mais chama a attenção data do seculo XVI; tem escriptos os seguintes epitaphios:

Aqui jaz Joana elēa priorefa deste
m^ro fallecco ē fetenbro de jb^cxxxb

IAS TAMBEM AQVI DONA L
IANOR D M^CA PRIORESA Q̄
FOI DESTA CASA FALFCEO A
IS DE OVTVBRO ERA DE 9Z

E DE DONA M DALMEIDA Q̄ FOI
PRIORESA DESTA CAZA FL^CO
A 28 DE MAIO DE 1683

FL^CO A 5 ꝺ IVLHO ꝺ 1768

A ultima sepultada, que falleceu a 4 e não a 5 de julho, chamou-se D. Maria Michaela da Luz.

Proxima d'esta, está outra lapide sob que jazem os restos de D. Joanna Bernarda da Conceição. Diz o epitaphio[1], gravado num escudo atravessado por uma espada:

ANGEL IPA
CISA MAR
E·FL EBVNT
FA L^CO A 10
ꝺ MAIO DE
1750

[1] Os anjos da paz amargamente chorarão. Falleceo a 10 de maio de 1750.

«*Religioza de m.tas vertudes, oucupou todos os lugares da Religiaõ e nassistencia do coro foi continua*», segundo o testemunho da madre cantora mór.

*

Ergamos os olhos das sepulturas, e demos dois passos até o centro do claustro, onde ainda existem as duas bacias inferior e superior da fonte que o refrescava.

Alonguemos d'aqui a vista para as constucções superiores ao claustro.

Sobre a nave norte corre uma estreita galeria, defendida por sua grade de ferro, para onde abrem varias portas e janellas. Nas vergas de duas portas contiguas, os seguintes lettreiros:

CELLA Ð NOVICAS E R A D E 1612

que bem claramente indicam o destino d'aquella construcção, paredes meias com o tecto do refeitorio e com a casa do trabalho. Sobre a nave occidental, tambem galeria e casas, paredes meias com um dos corpos do dormitorio velho, por cima do qual corria o *noviciado* propriamente dicto. Sobre a nave sul, galeria com portas dando para corredores onde ficavam as tribunas superiores do coro. Finalmente, sobre a nave oriental uma galeria ou varanda mais vasta que as outras, proveniente sem dúvida de se não haverem reconstruido os aposentos que alli havia, e que o terremoto de 1755 destruiu

juntamente com o tecto da casa do capitulo e com o mirante que lhe ficava superior. Nem por isso, todavia, esse pequeno terreiro deixa de ser fechado de casarias irregulares, tornando-se notavel, por suas muitas e amplas janellas, a casa que no canto sul péga com a egreja e com a torre.

Era essa a casa da *Madre Paula*.

## CAPITULO VII

O *Capitulo*—A sepultura do altar—As primeiras abbadessas—A sepultura de D. Orraca Paes— Outras sepulturas — Milagres, eleições e funeraes —A saida das freiras em 25 agosto de 1753 —Epitaphios em verso—D. Feliciana de Milão—Uma condessa de Vimioso, noviça.

CAPITULO é uma casa rectangular, d'uma só porta lateral, ladeada de duas amplas janellas. As paredes estão revestidas, até ao terço da altura, de azulejos verdes e brancos, dispostos em fachas obliquas; o tecto desappareceu. O pavimento é composto de lapides sepulchraes; e uma bancada de alvenaria, revestida de azulejos eguaes aos das paredes, acompanha estas, excepto ao centro do topo norte, onde estava a cadeira abbadessal. Em frente d'esta no topo sul, paredes meias com a egreja, o altar de madeira, sem retabulo e já sem imagens. Segundo Brandão, estava junto á cadeira das abbadessas, «hũa Cruz de marmore preto com hũ escudo aquartellado», tendo «no alto da parte esquerda, & no baixo da parte direita as armas de Portugal com orlas, & nas outras duas escudo com tres leoẽs na parte direita, & na parte esquerda

tres flores de liz, que era o escudo da Rainha Dona Felippa Ingresa, a qual morreo neste Conuento, e esteve quinze meses enterrada nelle atè ser tresladada para a Batalha».

O que o Capitulo era antigamente não nos dizem Brandão nem os outros escriptores que trataram de Odivellas; e agora alli só prendem a attenção do visitante as lapides sepulchraes do pavimento.

São dezesete as sepulturas do Capitulo, ladeando-se successivamente umas ás outras em duas fillas, que occupam todo o comprimento da casa, á excepção d'uma que existe sob o altar.

Esta ultima é de D. Joanna de Mendoça. Uma lapide núa cobre os restos mortaes d'esta abbadessa; mas indicam o seu jazigo duas inscripções gravadas no almofadado, em forma de losango, dos pedestaes das pilastras que ladeiam o altar.

| | |
|---|---|
| HOC | TER |
| TVMVLꝰ | IN HOC MO |
| REQVIES | NASTERIO |
| CIT DOMINA | ABBATISSA OBIIT |
| IOANNA A | ANNO 1609 |
| MENDO | DIE IANV |
| ÇA | ARII 9 |

A esta senhora, cuja nobreza bem indicada é pelo seu appellido, deveu o mosteiro grandes melhoramentos.

*

São relativamente muito poucas as lapides sepulchraes das abbadessas, e só restam duas do seculo XIV. Successivos enterramentos nas mesmas covas produziram mutilações nas lapides, que foi necessario substituir por outras, desapparecendo inteiramente os vestigios d'essas antigas preladas, de quem até os nomes se ignoram.

A primeira abbadessa foi, como já vimos, D. Elvira Fernandes, que era, ao que parece, freira do convento de S. Bento d'Evora, e cuja assignatura se encontra nas constituições e carta de dotação do mosteiro. A D. Elvira seguiu-se a abbadessa D. Constança Lourenço, religiosa de Arouca (onde teve tres irmãs freiras, D. Joanna, D. Constança e D. Brites), a qual era filha de D. Lourenço Soares de Valladares e de sua mulher D. Sancha Nunes de Chacim, da melhor nobreza de Portugal e Castella. Parece que nestes principios do mosteiro houve ainda outra abbadessa, tambem do nome de Constança, pertencente á familia de Portocarreiro e dos Gedeãos, conforme diz o *Livro das Linhagens*. D'estas tres abbadessas nada mais se sabe. O seu governo occupou o lapso de tempo que decorreu desde 27 de fevereiro de 1295 até agosto de 1316, como adiante se verá.

A terceira abbadessa de Odivellas (quarta, se é verdadeira a asserção do *Livro das Linhagens*, quanto á segunda D. Constança) foi D. Orraca Paes, filha de Payo de Molles Corrêa e de sua mulher, a qual era filha de

Martim Copeiro, que foi copeiro de D. Affonso III. Por seu pae descendia de D. Estevam Pires de Molles e de D. Orraca Pires Corrêa. Teve D. Orraca Paes tres irmãs. De duas, cujos nomes se ignoram, sabe-se apenas que foram abbadessas: uma do mosteiro de Vairão; a segunda do de Villa-Cova. A outra, por nome D. Dordia Paes, foi commendadeira de Santos da ordem de Sant'Iago. «No anno de 1309.(diz fr. Francisco Brandão) sendo Comẽdadeira do mosteiro de Santos D. Teresa Annes Corrêa, & Abbadessa de Loruão D. Cõstança Soares, se fizeraõ as partilhas entre D. Dordia freira de Sãtos, & sua irmãa D. Orraca, mõja de Loruão, a escriptura das quaes se cõserua no cartorio desta casa. Tinhaõ parentesco pelos Corrêas cõ D. Teresa, & a este respeito tomou o habito em Santos D. Dordia, & foi Comendadeira dos annos de mil tresẽtos & vinte & hum adiante»[1]. D. Orraca Paes era, pois, religiosa do antigo mosteiro de Lorvão; d'alli passou com outras companheiras para o de Odivellas.

Dos actos da vida de D. Orraca, pouco se sabe; parece ter sido mulher virtuosa, e que procurou reformar os costumes do convento que regía. É isso que se collige do instrumento do anno de 1319, de que já ficam transcriptas algumas passagens.

As demais noticias, que temos de D. Orraca Paes, são-nos ministradas pelo seu epitaphio. Como estamos

[1] *Mon. Lusit.* P. v, L. xvii, c. 23.

LAPIDE SEPULCHRAL DE D. ORRACA PAES

no *Capitulo* e temos ante nós a lapide sepulchral, examinemol-a.

Eil-a aqui, em frente da porta, na fileira de sepulturas do lado opposto á entrada. É enorme esta lapide, com 2,$^{m}$45 de comprimento por 1,$^{m}$26 de largura, e com a espessura media de 0,$^{m}$18.

Occupa o centro a figura de D. Orraca, revestida de suas vestes prelaticias. A mão direita empunha o bácculo abbadessal, insignia do seu elevado cargo; a mão esquerda, que se lhe apoia no peito, segura um pequeno livro com fechos.

Esta figura da abbadessa, que se pode considerar retrato, está perfeitamente traçada. O rosto indica uma certa belleza; a posição dos braços e das mãos é natural; as roupagens estão bem dispostas e delineadas, caindo com toda a naturalidade. Apenas a representação das mãos deixa muito a desejar: a que segura o bacculo está mal contornada, e a que sustenta o livro apresenta um dedo indicador de extraordinario comprimento. [1]

[1] Noutro país, onde quer que os monumentos artisticos e historicos são devidamente apreciados, e conservados cuidadosamente, não ficaría alli aquella pedra no Capitulo já hoje transformado, e cujo pavimento vae ser soalhado, occultando-se assim o monumento. Noutro país substituir-se-hia aquella lapide por outra, onde se transcreveriam os epitaphios, e onde se declararia qual o novo local que a antiga passava a occupar. E o monumento reparado, mas não restaurado, disposto convenientemente na posição vertical sobre um pequeno sócco, iria adornar, não direi já um museu, mas uma das paredes da capella-mór da egreja do mosteiro.

Leamos-lhe agora o epitaphio que, começando no angulo esquerdo superior da lapide, vae acompanhando os quatro lados d'ella numa facha de 0,$^{m}$065 de largo, e diz assim:

1— : E$^{a}$ : M$^{a}$ : CCC$^{a}$ : LXXVIII$^{a}$ [: IN : ]VI$^{a}$ : X$^{a}$ : DIE : MENSIS : M(AR)TII :

2—OBIIT : VENERAB[IL(IS) : ]D(OMI)N[A] : ORRACA :
*(sic)* PELA[GI(I) : BEN]EME[R]E(N)S : ABBATISA :
MON(ASTERII) : DE : ODIVELL(IS) : Q(VAE)
Q(V)ID

*(sic)*3—E(M) : ABATISA : ABATISAVIT : XXIII : A[NNIS] :
ET : SE

*(sic)*4—PTEN : ME(N)SIB(VS) : IN DITO : MON(ASTERIO) :
ET : I[ACET : HI]C : SEPVLTA : A[N]I[M]A :
[EI(VS)] : R(EQVIESCAT) : IN : P(ACE) :
AME(N).

> Na era de 1378, no dia dezesseis de março, falleceu a veneravel Dona Orraca Paes, benemerita abbadessa do mosteiro de Odivellas; a qual abbadessa verdadeiramente como tal governou durante vinte e tres annos e sete meses no dicto mosteiro, e jaz aqui sepultada. Descance em paz a sua alma. Assim seja.

Na primeira linha, desappareceram completamente as lettras que havia entre a data do anno e a do mes. Não continuava alli a data do anno (que, nesse caso, seria LXXVIII) porque no que existe da pedra se não vê

vestigio algum da parte inferior do I unica lettra numeral que alli podia existir; notando-se pelo contrario o espaço divisorio de palavras. Tambem não estava alli parte da data do dia, visto achar-se a dezena depois da unidade.

Na segunda linha, tem quatro lacunas a inscripção; os pequenos fragmentos, que restituí a seus logares, andavam dispersos. Um, o que tem as lettras DN, encontrei-o debaixo da metade superior da lapide no logar correspondente ao bacculo; é simplicissima a restituição da phrase. O outro, que tem EMꝛ, foi encontrado embutido no pavimento do claustro, a tres passos da porta do Capitulo. As lacunas das outras linhas nenhuma difficuldade apresentam.

Falleceu, pois, D. Orraca Paes, segundo o testemunho do seu epitaphio, a 16 de março do anno de Christo de 1340, havendo governado o mosteiro durante vinte e tres annos e sete meses; o que determina bem a epocha da sua eleição para abbadessa, que assim deve ter-se effeituado em meiados de agosto de 1316, no dia 16, se a indicação *sete meses* é rigorosamente exacta.

O epitaphio de D. Orraca é a mais antiga inscripção sepulchral do mosteiro, e sob todos os pontos de vista a mais importante de todas.

E, pois estamos em presença da lapide funeral de D. Orraca, vejamos o mais que ella nos diz.

Durante quatrocentos e vinte annos foi respeitada a sepultura da benemerita abbadessa, quer dizer, até ao

anno de 1760. Mas nos vinte e nove que decorreram desde esta data até 1789, por quatro vezes foi erguida a campa, para sob ella se enterrarem outras tantas freiras.

Em 1760, fallecendo a abbadessa D. Theresa de Macedo, as sorores cistercienses intenderam dever sepultal-a sob a lapide que cobria as cinzas de D. Orraca, e mandaram embutir na parte inferior d'ella uma pequena lamina de marmore avermelhado, onde se gravou o seguinte epitaphio: [1]

*Aqui ias a muito religiosa madre D. Teresa de Macedo, a quem a natvreza naõ auara repartio prodiga e ficov vfana. Falleceo a 15 de ianeiro de 1760.*

No livro dos obitos do mosteiro diverge a data do dia, dizendo-se ahi que «*A 16 de jan.ro era de 1760 Faleceo M.e D. Theresa de Macedo.*» Esta senhora, cujo nome complecto era D. Theresa Geraldes Milles de Macedo, professou com sua irmã D. Antonia no primeiro dia de janeiro de 1724. Eram filhas de Francisco Milles de Macedo e de D. Josepha Maria de Magalhães. Outras freiras houve em Odivellas pertencentes á mesma familia.

Dezoito annos depois, outra abbadessa foi enterrada na mesma sepultura. Foi D. Luiza Antonia de Sousa, filha de Antonio Corrêa de Sousa e de D. Maria Rosa

[1] Não se dá em *fac-simile* typographico este epitaphio, nem os dois seguintes, por se encontrarem todos exactamente reproduzidos na est. III.

Ayres, a qual havia professado em 20 de março de 1710. O epitaphio foi gravado no alto da lapide, á esquerda da figura de D. Orraca; diz assim:

*Aqui iaz a illustrissima excellentissima senhora D. Luiza Antonia de Souza, abbadessa que foi deste real mosteiro 4 annos 2 mezes 12 dias. Falleceo a 21 de ianeiro de 1778.*

Finalmente, passados onze annos, em 1789, foi inhumada naquella cova D. Luzia da Conceição, filha do tenente coronel Lourenço Corrêa Lisboa e de D. Maria dos Santos, natural da villa da Caxoeira, comarca da Bahia, a qual professou a 7 de outubro de 1736. Diz o epitaphio, que está gravado, á esquerda da figura, no sentido do comprimento da lapide:

*Aqvi iaz a muito religioza madre D. Luzia da Conceicam exzabbadessa deste mosteiro Amov a todas com maternal caridade; viveo com singular ezemplo de zelo e de santidade, e nela moreo aos 3 de abril de 1789.*

Não concorda tambem a data do dia indicado no epitaphio com a que se encontra no assento do livro dos obitos; neste se lê: «*Aos Dois de Abril de mil sete centos outenta e noue, faleçeo a Religiozisima M. e Snr.ª D. Luzia da Conceiçaõ...*»

*

A lapide sepulchral, immediata em antiguidade á de D. Orraca, é a d'uma das muitas abbadessas de que não encontrei noticia alguma. O epitaphio em caracteres romanos e lettras onciaes apenas consiste nas seguintes palavras que occupam as orlas superior e direita da lapide:

órla superior—HIC : IACET : SEPVLTVS *(sic)*
órla direita—ABBATISA : DO(MI)NA : BIRIGARIA : PIM[EN]TEL

confessando eu não ter a certeza de haver interpretado bem a ultima palavra, em consequencia de naquelle ponto estar mutilada a pedra.

Depois da lapide funerea de D. Berengaria depara-se-nos em antiguidade outra, que á direita da porta chama logo a attenção de quem entra. É uma lapide enorme ($2,^{m}535 \times 1,^{m}432$), em cujo centro se vê esculpido o baculo abbadessal, e sobre elle um escudo onde com difficuldade, mas com certeza, se vêem gravados os tres pregos da cruz ao centro da coroa d'espinhos. Era tradicção no mosteiro, que certo visitador fizera picar os pregos e a coroa, porque era no seu intender uma profanação pôr-lhe os pés em cima. O epitaphio em primorosas lettras gothicas allemãs, começando no alto da

pedra forma-lhe em duas linhas uma dupla órla e diz assim:

linha externa da cabeceira — *Aquj Jaz a mujto virtuosa dona Vio*
» » da direita... — *llamte cabral abadesa deste most.ro a quall ẽ* xix *años & iii meses & meo*
linha externa do pé..... — *Regeo no culto deuino & seruiço de*
» » da esquerda — *ds ennosa sacta Rellegiã mujto acreçẽtou & na fabrjca delle qua*
linha interna da cabeceira — *si todo ho Redeficou & nas Rẽ*
» » da direita.... — *das & posisões mujto melhorado e acrecemtado ho dej*
linha interna do pé..... — *xou falleceo a bj dias*
» » da esquerda — *dabril de j̄ bc* xxx *bj cuja alma Requjescat in pace.*

Numa d'estas sepulturas da casa capitular (qual, não se sabe) foi encerrado o corpo de D. Filippa da Silva, cuja caveira passados annos se encontrou «em diversas partes esmaltada com estas sacrosantas palavras: *Ave Maria.*» Conta isto G. Cardoso, no *Agiologio*, como tambem nos conta que o diabo costumava apparecer á madre D. Branca de Vilhena, «em diversas figuras, ora de bugio, vsando de seus momos, & meneos; ora de cão, viuando & ladrindo; ora de galinha chocha rodeada de pintãos... Muitas vezes tirando-lhe de diante o que tinha para comer, & das mãos as disciplinas.»

D'outra religiosa, D. Maria da Silva, fallecida em 27 de janeiro de 1646, nos refere o mesmo escriptor que no momento de espirar se viu «hũa notavel cla-

ridade, que durou grande espaço em testemunho da que na gloria ia gosar» sua alma; e refere mais que ella «Seruio todos os officios da religião, excepto o de Prelada, que nunqua quis aceitar por humilde, & por não ter, que dar conta como (como ella dezia) de mais almas, que a sua. Para o que alcançou breue de Roma, não só para não ser Prelada, mas para que nem a obrigassem votar nas eleições, por evitar bandos, & competencias, ruina total das religiões.»

D. Maria da Silva, que era irmã do jesuita P.e Francisco de Mendonça, tinha razão em querer esquivar-se, assim ao pesado encargo de dirigir a communidade, como aos incommodos das luctas eleitoraes.

*

As eleições tinham logar na casa do Capitulo, e eram com frequencia acompanhadas de luctas renhidas, o que, facilmente comprehendido, não necessita de comprovação.

Convém todavia dizer que, por occasião das eleições, costumavam as abbadessas fazer grandes despezas que eram «causa de as Religiosas votantes deixarem m.tas *vezes* de eleger, e votar naquella religioza, q̃ talves seria a mais digna de todas p.a o cargo de Abb.a, por lhe faltar o Peculio necesr.o para fazer os taes gastos, ou por não ter parentes, ou Pessoas q̃ lho emprestem.» Por isso, na junta, ou capitulo geral, celebrado em Alcobaça aos 5 de abril de 1728, se ordenou que nenhu-

ma pessoa eleita por abbadessa podesse fazer despeza alguma nem do seu peculio, nem de dinheiro emprestado, não dando propinas nem jantares, quer na occasião do abbadessado, quer no decurso do seu triennio.

Até os fins do seculo XVI o cargo de abbadessa era vitalicio; mas d'então em deante começou elle a ser triennal. A primeira abbadessa eleita por tres annos foi uma Dona Maria da Silva, segundo consta do seguinte epitaphio, que se lê no Capitulo:

S Ð ÐÑ M DA SILVA PRIM
AB TRIANA FAL A Z4 Ð I
VNHO 1597

As abbadessas podiam ser reeleitas, mas só passados seis annos depois de acabado o seu triennio, segundo um breve de Gregorio XIX, de 24 de outubro de 1622; todavia nem sempre se cumpriu á risca esta determinação.

*

Tambem no Capitulo se effectuavam algumas scenas dos funeraes. A já por varias vezes citada *visita de reforma* legislou a tal respeito do modo seguinte: «tanto que falecer alguma Religioza, e for na sua estancia recomendada a Deus sua alma, como se costuma, logo a Cõmunidade venha para o Capitulo para ahi rezar o Psalterio repartido por turmas, como milhor parecer ás M.es Preladas, e Cantoras; e que em

estando o corpo da defunta amortalhado, e composto, se conduza privadamente sem solemne acompanhamento para o mesmo Capitulo, aonde estará assistido das Religiozas, que estiverem rezando o Psalterio, até ser tempo de se conduzir acompanhado solemnemente de toda a Cõmunidade para o Coro, e ahi se lhe fazer o Officio de corpo prezente; depois do qual será levado o corpo á Sepultura com o mesmo solemne acompanhamento de toda a Cõmunidade, dando volta pelo Claustro todo; e na Sepultura se faram com a mesma solemnidade as costumadas ceremonias de a benzer, e thurificar, e se cantaraõ todos os Psalmos, Responsos, e Orações, como pia, e louvavelm.te se pratica, conforme ao nosso Rito Cisterciense, até se concluir o enterro; o qual feito, os Religiozos que a elle assistirem sahiram logo todos juntos acompanhados com as Guardas até a porta, para fóra do Mosteyro; e toda a Cõmunidade delle proseguirá a rezar os sete Psalmos, e a Ladainha pela alma da defunta.»

Noutro paragrapho dizia o legislador que em qualquer funeral se não poriam mais de seis tochas «junto ao pano estendido no pavimento da Igreja, ou Antecoro, nem mais que duas velas junto á Cruz, duas em cada hum dos altares, que estam no corpo da Igreja, quatro no altar mor, e sinco junto á pianha, e Sacrario; e lá dentro na casa, ou Leyto, em que estiver o corpo em quanto o nam tragam para a Igreja, tambem se nam ponham mais que quatro tochas, e duas velas

junto á Cruz» tudo sem apparato algum. Apenas nos funeraes das abbadessas era permittida uma pequena eça com dois degraus apenas.

Os funeraes só se modificavam nalgumas cerimonias, quando o fallecimento succedia em domingo ou dia santo, ou em quinta-feira, sexta-feira ou sabbado da semana santa.

*

Da citação feita viu-se que o feretro era conduzido processionalmente pelo claustro, e que a elle assistiam alguns religiosos.

Ora aconteceu que em 11 de agosto de 1751 entrando no mosteiro o visitador geral fr. Francisco da Conceição, e tendo informação de que «no fallecim.to de alguma Relig.a era confusão gr.e, sobre quem a havia de trazer de donde falecia, athé o Capitulo, porque as Relig.as tinhaõ desculpa, huãs por parentas, outras por amigas, outras por doentes, e outras por fracas», ordenou que os cadaveres fossem conduzidos pelas conversas. Esta determinação, que parece fora sollicitada pelas freiras, não agradou ao abbade geral fr. Pedro de Mendoça que visitou o mosteiro em 8 de abril de 1753. Como d'esta visitação (a que já alludi) resta apenas o final, e não se encontra a visitação de 1752, é licito suppôr ou que neste anno não houve visitação ou que por occasião d'ella as religiosas por qualquer motivo renovaram aquella petição. É o que se collige d'um paragrapho da visita de fr. Pedro, que vem transcripta num

papel [1] relativo á questão que se seguiu, como vamos ver. Esse paragrapho diz: «Mandamos, que quando morrer alguma Religioza seja levada do Capitulo em direitura para a Igreja, sem andarem em roda do claustro como se fora procissão, e a levaraõ as mesmas Religiozas, e tambem lá a tiraraõ do Esquife pera o Cayxaõ; pois he digno de reparo o escandalo, que houvesse Religiozas, que requeressem na visita passada, que as conversas levassem as Religiozas para a sepultura em huã Communidade tão numeroza, que ao mesmo tempo que recuzaõ levar suas irmaãs, naõ tem repugnancia em levarem as criadas, e Pretas: pello que Ordenamos, que as Religiozas levem ás Religiozas, ás Conversas ás Conversas, e as criadas, e Pretas humas ás outras; pois isto he o que se pratica em todos os nossos Mosteyros.»

As freiras replicaram ao prelado e pediram a revogação da lei, mas não foram attendidas. Recorreram

[1] *Recurso Theologico, Canonico, e Juridico Interposto | no recto Juizo dos Prudentes | Dos falssos, frivolos, e Caluniozos fundamentos | De hum chamado Manifesto | Juridico, Politico, Historico, e Moral | Escripto | Por Felisberto Antonio Cardim da Matta natural de Lisboa | Com o affectado pretexto | De fazer patente o direyto das Religiozas do Real Mosteyro | de S. Diniz de Odivellas, sobre a revogação, de | huma Ley concernente á mayor observancia de Clau | zura, emposta em acto de vizita pello | Reverendissimo D. Abbade Geral da Ordem de S. Bernardo, Prelado ordinario do ditto Mosteyro, Reformador de todos os | da sua Congregação utriusque sexues nestes reynos de Por | tugal, e Algarves, Esmoller Mór de S. Magestade fide | lissima | E com o verdadeyro fim | De improperar a mesma Ley, é ao Legislador | offerecido | Por parte da Justiça no Tribunal da Imparcialidade | Por Fradique Manoel de Oliveyra Guimaraens, na | tural da mesma villa e assistente ha annos nesta Corte.*

então ao rei, que remetteu a supplica ao abbade geral, que já era outro, e que não deferiu tambem a pretenção. Por fim, no dia 25 de agosto, foi o abbade ao convento a tomar conhecimento do negocio, e «juntas as Religiozas, prostradas na sua presença com a mais resignada obediencia de joelhos implorárão a piedade de pay, e como subditas pedírão, como a Prelado, a conservação do seu direito» [1]. Mas nem assim o padre se moveu; antes parece que as censurou asperamente, o que produziu exacerbação dos animos, saindo algumas freiras do mosteiro com a intenção de pessoalmente irem advogar a sua causa perante o rei.

O auctor do *Recurso Theologico* conta d'esta fórma o que se seguiu:

«Hum dos *(casos)* que aqui fizerão mayor ruido foy a insperada romaria das Religiozas do Real Mosteyro de S. Diniz de Odivellas, que no dia vinte e sinco de Agosto de mil sette centos e sincoenta e tres visitárão em mal ordenada Procissão a Igreja de S. Sebastião da Pedreyra d'esta Corte. Nasceo este excesso da vehemente payxão, que predomina naquelle sexo, quando se empenha com demaziado capricho em conseguir, o que se lhe não deve conceder. Mas ainda assim forão poucas as que escolhêrão a violencia deste meyo, e a

[1] *Manifesto Juridico, Politico, Moral, e Historico em que se faz patente o Direito que assiste ás Religiosas do Mosteire de S. Dionysio de Odivellas...* escripto por Filisberto Antonio Cardim da Mata natural de Lisboa.—Lisboa, 1754.

mayor parte daquella illustre Communidade se conteve nos Limites, que lhe prescrevem as obrigações do seu estado, e profissaõ. . .

«Chegou á noticia de S. Magestade fidelissima a novidade deste successo, e deu logo as suas Reaes ordens p.ª que as Religiozas fossem restituidas á clausura, donde só lhe poderiaõ expor a materia de seu requerimento, que sendo maduramente ponderado no Concelho do ditto Senhor foy servido resolver se reccorresse á Sé Apostolica, ficando as Religiozas conservadas na posse, que allegavaõ, e pendente toda a disputa do Supremo oraculo do Vaticano.»

E o caso é que as coisas continuaram no mesmo estado em que estavam. E não temos que admirar-nos d'este excesso das freiras, que noutro semelhante haviam rompido quarenta annos antes, sustentando uma lucta muito maior.

*

Uma das curiosidades da epigraphia sepulchral de Odivellas é haver alli varios epitaphios em verso, o que bem demonstra as tendencias poeticas d'aquellas amaveis e amadas filhas de S. Bernardo. Já atraz ficou transcripto um. Agora, que estamos no Capitulo, vejamos o que dizem os outros. [1]

---

[1] Não se dão estes inscripções em *fac-simile*, porque são consideradas aqui unicamente sob o ponto de vista litterario. Corrigiu-se a orthographia detestavel da maior parte d'ellas.

O epitaphio d'uma abbadessa desconhecida, fallecida em 1708, diz:

*Guarda as cinzas venerandas*
*Esta pedra endurecida*
*De quem foi tudo na vida*
*E neste logar é nada.*

O epitaphio de D. Maria Anna Barbosa de Souza Loba, fallecida em 18 de abril de 1793 consiste na seguinte quintilha de redondilha maior, onde se nota um trocadilho logo no primeiro verso.

*Aqui jaz a feliz LOBA*
*Que em cordeiro se tornou;*
*De virtudes se ornou,*
*E no fim do seu triano*
*Á gloria se sublimou.*

A inscripção sepulchral da fidalga D. Maria Antonia Portugal é a seguinte decima em verso hendecasyllabo:

*Aqui jaz sepultada a sem egual*
*Em tudo singular, até na morte,*
*A quem este logar coube por sorte*
*D. Maria Antonia Portugal.*
*Acabou emfim como mortal,*
*Sem ter do mundo a gloria transitoria;*
*Passou a lograr a eterna gloria*
*Aos 30 de março de 1732.*
*Irá para lá reinar depois,*
*E cá vivirá eternamente na memoria.*

D. Maria Antonia foi cantora-mór desde os trinta annos de edade, e passou depois a prioreza; «nunca quiz ser Abb.ª e tirou hũ breue p.ª o naõ ser».

Menos mau é o epitaphio de D. Antonia Luiza Maria Dique, que falleceu em 21 de fevereiro de 1754, e que consiste numa estancia de oitava rima.

*Da melhor heroina o corpo régio*
*O esconde esta pedra fria e dura;*
*Mas a fama immortal o faz egregio,*
*Inda quando o occulta a sepultura.*
*Da virtude foi sempre privilegio*
*Exaltar quem mais nella se apura.*
*De todas o exemplar bem é publique:*
*Foi a que aqui jaz, D. Antonia Dique.*

Esta D. Antonia Dique teve tantos predicados, que a sua morte foi assignalada com um milagre, segundo refere uma memoria coeva. Nella se lê que «sendo já seu corpo cadaver, (observaçaõ maravilhoza) assim como o pozéraõ na Igreja diante do Santissimo, aquellas cinzas frias, comessáraõ a exhalar celestiaes fragrancias, parecendo queriaõ ainda obsequiar a seu S.or, sendo mais certo querer o mesmo S.ro *(sic)*, mostrar, o m.to q̃. honrrava a sua serva; toda a sumptuoza Igreja se encheo de olorozo cheyro, e o numeroso concurso q̃. a esta savdoza fũnçaõ assistia, entoava a mesma palavra, (dizendo) que cheyro he este; mas era m.to suave p.ª ser da terra; e só mimo particular, com q̃ Dš. quis

se conhecesse, o m.to q. amava esta felississima creatura; occupou todos os officios da Relligiaõ, como prefeyta e grandioza e seu corpo está em o capitulo, esperando vestirse com as douradas ropas da immortalidade.»

Da mesma versejadora, que compoz o epitaphio anterior, é naturalmente outra estancia que foi gravada na campa da abbadessa D. Francisca Bernarda de Mascarenhas, fallecida a 29 de novembro de 1757; diz:

*Se tão cedo te leva á sepultura,*
*Ó Francisca excelsa, a cruel sorte,*
*Ao teu feliz espirito apressura*
*O ir gosar de Deus com essa morte;*
*E nas regias virtudes te segura*
*Um perduravel solio o fatal córte.*
*Da cruel parca levas a victoria,*
*Pois te faz immortal lá nossa gloria.*

D. Brites Caetana de Albuquerque, fallecida em 2 de junho de 1746, tem na sua campa as duas quadras seguintes, onde se revela sem duvida outra poetisa:

*Aqui jaz a nobreza arruinada,*
*Aqui jaz a fidalguia destruida,*
*Aqui jaz a descrição confundida,*
*Só a virtude jaz aqui lembrada.*

*Aqui jaz da mais inclita prelada,*
*Por estatuto da mais justa vida,*
*Em sombras a nobreza convertida,*
*A discrição em cinzas veneradas.*

A poetisa, que evidentemente intentára um soneto, claudicou sobre tudo nos segundo e terceiro versos da primeira quadra. Não lhe succedeu, porém, o mesmo no soneto que compoz para a sepultura de D. Anna Maria de Sousa, fallecida no anno seguinte de 1747, aos 28 de janeiro:

*Aqui jaz esclipsada a perlatura,*
*Em sombras a nobreza esvaecida,*
*A discrição a pasmos reduzida,*
*Só a virtude ainda aqui se apura.*

*No habito, a mortalha; e na clausura*
*A penitencia existe repetida;*
*Porque fazendo sepultura a vida,*
*Vida está sendo agora a sepultura.*

*Segunda immortal vida na lembrança*
*A milagres do pranto e da memoria,*
*D. Anna, que aqui jaz, de Sousa alcança.*

*A virtude aqui tem uma victoria,*
*Porque logrando o premio já descança*
*Na urna o corpo, o espirito na gloria*

Ha um não sei quê de doloroso neste soneto, mesmo abstraindo da sua qualidade de epitaphio. Quem fez aquelle segundo quarteto, soffria de certo. O íntimo de sua alma revoltava-se contra esse habito que era mortalha, rebellava-se contra essa clausura que era um sepulchro de vivos, deixava transparecer o desejo de ir

descançar na sepultura, existencia (se o era em seu pensar) preferivel ás amarguras da vida real.

Resta mencionar entre os epitaphios poeticos o d'uma freira célebre, que, conforme se diz, foi umas das amantes de D. Affonso VI. Chamou-se ella D. Feliciana Maria de Milão.

*Pedra, que um thesouro guardas,*
*Na singular Feliciana,*
*Dize ao mundo que se engana,*
*Que quem tudo foi é nada.*

D. Feliciana, segundo o auctor do *Anno Historico*, foi natural de Lisboa, e filha de paes não declarados. Nasceu em 1632, aos 8 de outubro, e em egual dia falleceu em 1705, completando os setenta e tres de edade. Tomou o habito de noviça aos 27 annos, em 29 de março de 1659. O mesmo auctor diz que ella «teve boas noticias da lingoa Latina, da Filosofia, da Historia, da Poezia. Era dotada de grande juizo, agudeza e discrição. Escreveo hum largo, e erudito discurso sobre a pedra filosofal, o qual com muitas obras poeticas, e cartas suas muito elegantes, correm com estimação manuscritas, merecendo ser estampadas. Foi muito prompta em bellos, alegres, e discretos ditos; taõ celebrados, como sabidos, e impressos repetidas vezes». D. Feliciana ordenára que na sua sepultura se gravasse apenas este laconico epitaphio: *Aqui jaz a peccadora.* Mas

as suas companheiras e admiradoras não lhe cumpriram a vontade.

Quem quizer ler alguns dos seus ditos agudos e varias anedoctas que lhe são attribuidas, veja as *Apophtegmas* de Suppico.

*

Como se viu, nem só abbadessas foram sepultadas no Capitulo de Odivellas. Alli jaz tambem D. Maria Joaquina de S. José, que apenas foi cantora-mór; e uma condessa de Vimioso, cujo epitaphio diz o seguinte:

AQVÌ · ÏAS · AMTO · ILVSTRE · SRA · D · ÍGNACÌA · MA · Ð TAVORA · CONÐÇA DO VÌMÌOZO · AQVAL · ÐSPOÌS · Ð VÌ VVA · FOÌ 2 ANNOS NOVÌÇA NES ¯E · MOSTRO · E POR FALTA Ð SA/DE · NAÕ PROFEÇOV · E PELO · GRDE A MOR · Q̄ LHE TEVE · PREMANCE SEO NELLE · SECVLAR · EM GRDES VÌRTVDES ATE · A SVA · MORTE · Q̄ FOÌ E 27 DE FEVRO Ð 1693 ANNOS

D. Ignacia Maria de Tavora casára em 1654 com D. Luis de Portugal, sexto conde de Vimioso, almirante do reino, que morreu numa pendencia em 2 de abril de 1655; era filha do segundo conde de S. João, Antonio Luiz de Tavora.

## CAPITULO VIII

A *Madre Paula*—Quem era—Notas biographicas—Adrião d'Almeida, cavalleiro de Christo — 1:708$000 réis de tenças— Noticias varias — Descripção da casa de Paula—Anecdotas—Ultimos annos de Paula — Onde jaz — O seu epitaphio.

DEIXEMOS o Capitulo e as suas sepulturas; e subamos a estreita escada que já notámos no *parlatorio*. Atravessemos a quadra que no pavimento superior lhe corresponde, e subamos ainda uma larga escada de poucos degraus que se nos depára em frente. Ao cimo d'ella, e á esquerda, começam parallellamente uma extensa escada e um pequeno corrodor, tanto aquella como este muito estreitos. A escada, ingreme, conduz ao andar superior; não podemos subir por ella, que está em completa ruina. Tomemos pelo corredor, que recebe a claridade d'alguns postigos donde se vê o terraço que avistámos do claustro. Ao fundo d'este corredor está uma pequena cosinha — a cosinha da *Madre Paula*.

Toda a gente, por pouco lida que seja em coisas portuguezas, conhece este nome, e sabe que é insepa-

ravel do nome do rei freiratico e do de Odivellas. A Madre Paula foi de certo a mais séria paixão de D. João V, se este homem acaso foi capaz de se apaixonar sériamente; digamos antes que foi a sua paixão mais forte, a mais duradora.

Quem era, porém, essa mulher tão celebrada?

*

D. Paula descendia, pela linha paterna, de um allemão, *João Paulo Brit*[1] (filho de João Brit), que, tendo militado na guarda estrangeira de Carlos-Quinto, obteve baixa e estabeleceu residencia em Lisboa, exercendo o officio de ourives do oiro. Casou João Paulo com Leonor d'Almeida, filha de Domingos Urselo, napolitano, embarcadiço, e de sua mulher Domingas Andrade Almeida. D'este matrimonio nasceu *Adrião d'Almeida Paulo*, ourives, como seu páe, o qual casou com D. Josepha da Silva e Sousa, filha de Manuel Mendes; tiveram tres filhas:

[1] O sr. Visconde de Sanches de Baêna formou um quadro genealogico de D. Paula, que publicou em folhetim no *Commercio de Portugal*, n.º 137, de 5 de dezembro de 1879. Não incluiu nelle o nome de D. Maria Michaela da Luz. Por outra parte, calculando ter D. Paula nascido em 1717, diz que D. João V estava já na edade madura quando por ella se apaixonou. Ver-se-ha não ser exacta esta asserção.

É notavel tambem que o sr. Camillo Castello Branco, no seu romance *A Çaveira da Martyr*, haja dado a D. Paula o appellido de Perestrello, e a tenha dito nascida na ilha da Madeira. O illustre escriptor decerto responderá, a este reparo, que não escreveu um livro de historia, mas sim uma novella. Redarguirei, porém, que, ao pôr-se em scena um personagem historico, não é licito alterar-lhe o nome nem a patria.

1. *D. Maria Michaela da Luz*, freira em Odivellas (tomou a mantilha de noviça em 15 de agosto de 1704, professou em 4 de outubro de 1705, e falleceu aos 4 de julho de 1768);

2. *D. Paula Thereza da Silva*, freira em Odivellas;

3. *D. Leocadia Felicia de Assis e Almeida*, que casou com José Falcão de Gamboa Fragoso, de quem teve uma filha por nome D. Maria de Lima Falcão e Mello de Gamboa.

D. Paula Thereza da Silva nasceu em Lisboa, aos 17 de junho de 1701, conforme consta no assento do baptismo, que não é o primitivo, visto haverem ardido por occasião do terremoto alguns livros do cartorio da freguezia de Santa Justa.

Este assènto encontra-se a fol. 214 (224) verso (*in principio*) do *Livro dos Baptismos de 1752 athé 1756*, livro que após o titulo tem a seguinte nota: «Tambem se acharãm neste Livro algües assentos de Baptismos antecedentes por se haver queymado o livro anteced.^te a este; e principiaõ de fl. 141». Eis o assento:

«Nesta Parochial Igreja de Santa Justa foi baptizada a Madre Dona Paula Thereza da Sylva, filha de Adriaõ de Almeida Paulo, e de Dona Jozefa da Sylva e Souza, a qual nasceu aos dezesete de Junho de mil setecentos e hũ, o que constou pela certidaõ da R.^da Madre Dona Luiza Antonia de Souza Presidente in capite do mesmo Mosteiro, feita pela escrivan do dito Mosteiro, de que

fiz este asento em os tres de Feverejro de mil setecentos sesenta e dois por ordem do Em.$^{mo}$ S.$^{r}$ Cardeal Patriarcha, por se ter queimado o primeiro asento, e asinei.

(*assignado*) O Prior Pedro Simões Duarte.»

Como o prior se esqueceu de mencionar o nome do mosteiro, pôz á esquerda esta nota marginal:

«Declaro, que esta Dona Paula Thereza da Sylva he Religiosa do Mosteiro de Odivellas.

«(*rubrica*) O Prior Duarte».

Quando D. Paula entrou em Odivellas já alli tinha professado sua irmã D. Maria da Luz. Paula entrou muito nova ainda, ou foi para lá aos dezeseis annos. Obrigou-a a familia a enclausurar-se? foi induzida por estranhas influencias? foi levada alli pela paixão que soube inspirar a D. João V? Não se sabe. Mas pode-se, creio eu, repudiar a ultima hypothese, por não se ver que conveniencia haveria para o rei em ir metter a sua amante no convento. O mais provavel é ter D. Paula entrado em Odivellas para fazer companhia a sua irmã. É licito suppôr até que Adrião d'Almeida não tinha grande fortuna, e que resolvera fazer freiras as suas tres filhas; pois que tambem esteve no convento a mais nova d'ellas, D. Leocadia. É provavel que elle ficasse viuvo pouco depois de haver nascido esta ultima, e

FAC-SIMILE DA ASSIGNATURA DA MADRE PAULA

talvez fosse essa uma das razões de a confiar ás irmãs.

D. Paula completou em Odivellas os dezeseis annos. Temos a prova d'isso no assento do seu noviciado. que diz assim:

«No ultimo dia de Janeiro 1717 tomou o abito de mantilha p.ª fr.ª monja Paula Thereza da Silua filha de Adriaõ de Almeida e sua mai Donna Josepha da Silua sendo Abb.ª a S.ra D. M.na de Castilho e Silua e mestra de nouissas Isabel frn.ca do nacim.to

«(*assignada*) D. Paula Thereza da Sylva»

Um anno depois professou a segunda filha de Adrião de Almeida, conforme se lê no respectivo assento, que passo a transcrever:

«A vinte dois de feu.ro da mesma era de mil sete sentos e dozoito fez proficaõ paula thereza da silua f.ª de adriam de almeida e de D. Josepha da Silua sendo abb.ª a mesma s.ra e a mesma mestra (*D. Marianna de Castilho e Silva, e D. Josepha Caetana Maria de Saa*)

«(*assignada*) D. Paula Thereza da Sylva»

*

Foi com a maior probabilidade entre 1718 e 1722 que começaram os amores de D. João V com a famosa D. Paula. O que induz a crêl-o são as graças conce-

didas em setembro e outubro d'este ultimo anno a Adrião de Almeida, constantes da *Chancellaria da ordem de Christo*: [1]

«Carta para lhe ser lançado o Habito no Mosteiro de N. S.ª da Luz. De 15 de Setembro de 1722. — L. 164, f. 194.

«Alv. para ser armado Cavalleiro. De 15 de Setembro de 1722. — L. 164, f. 194 v.°.

«Alv. para Professar no Mosteiro de N. S.ra da Luz. De 15 de Setembro de 1722. — L. 164, f. 195.

«Pad. de 12$ rs de tença com o Habito no Almoxarifado da Fruta de Lisboa. De 8 de Outubro de 1722. — L. 164, f. 229 v.°»

Parece-me eloquente o facto de serem da mesma data os tres primeiros documentos, e o quarto seguir-se-lhes apenas com o intervallo de 23 dias.

Adrião d'Almeida era já então viuvo e tinha mais de cincoenta annos, segundo se declára na Carta para lançamento do habito; olhou a falta praticada por sua filha talvez como uma honra, que lhe proporcionou outra, a de ser cavalleiro da Ordem de Christo.

Poucos annos depois, em 1728, concedeu o rei a D. Paula varias tenças.

A primeira de 210$000 rs. consta da seguinte verba: [2]

[1] Arch. Nac.

[2] Chanc. de D João V, L. 15, f. 96 v.° e 97.

«Por Snn.ça de Iustificaçaõ do D.r Antonio de Basto Pereira pertenceraõ os duzentos e dez mil rs. de Juro Conthiudos no reg.to desta Postilla á Madre Soror Paulla Thereza da Silua relligioza no Real Mostr.º de Saõ denis de Odivellas por lhes nomear o l.do Joseph Correa Barreto por escriptura feita nas nottas de M.el de Paços de Carvalho tabaliaõ p.º nestas Cid.s aos vinte dias do mes de Mayo do anno passado de 1727 o qual os hauia comprado a Dom Joaõ Theotonio de Almeyda p.a a pessoa q̃. por elle d.º Joseph Correa Barreto fosse nomeada por escritura feita nas nottas de Joseph Roiz dos Santos Taballiaõ publico nestas cid.es aos 23 dias do mes de Junho do anno de 1722 e para hauer de se passar Post.a do referido juro em nome da d.a Madre Soror Paulla Thereza da Silua pus esta verba e risquei este assento por despacho do cons.º da fazenda de 14 do corrente Lix.a occ.al 28 de abril de 1728

(*rubrica*) Alz. de Moura»

Doze dias depois, a 10 de maio, deu mais D. João V á Madre Paula outros 210$000 réis, como o declára a seguinte appostila: [1]

«Porquanto D. João Theotonio de Almeyda... por outra Escriptura de 20 de Mayo de 1727... nomeou o D.º Juro e seo principal em a M.e Soror Paulla

[1] Chanc. de D. João V, L. 16, f. 187 v.º a 188 v.º.

Thereza da Sylva Relligiosa no Mostr.º de S. Denis de Odivellas... Hey por bem e me pras q̃. a d.ª M.ª Soror Paulla Thereza da Sylva Relligiosa no Mostr.º de Saõ Denis de Odiuellas extra muros desta cid.ª occ.al tenha e haja da minha Faz.ª do p.ro do Abril do anno passado de 1727 em diante os referidos 210$ rs de tença cada anno de juro e herd.ª p.ª sempre a condição de retro e preço de vinte o milhar. p.ª ella e todos os seos herdeiros e sucessores... os quais 210$ rs de juro lhe seraõ assentados nos direites da Casa de India, e pagos como athegora em duas pagas de Natal e Saõ Joaõ com antiguid.ª de 29 de Ag.to de 1571 assim e da man.ra q̃ se pagauaõ ao d.º D. Joaõ... Pello q̃ mando ao Thez.ro q̃ hora hè e ao diante for da Casa da India q̃ do d.º p.ro de Abril do anno passado de 1727 em diante em cada hũ anno dê e pague a D.ª M.ª Soror Paulla Thereza da Sylva estes 210$ rs de juro da D.ª forma por intr.º e sem quebra alguã posto q̃ ahy a haja por esta só Carta Geral sem mais ser necess.º outro mandado meu nem dos vedores de minha Faz.da, e posto que o d.º Juro naõ vá lançado na folha do meu assentam.to da d.ª Casa da India sem emb.º do Regim.to em Contr.º, E pello traslado desta q̃ será reg.da nos L.os dos Registos de minha Chr.ª e Faz.da da Repartiçaõ e casa da India, com conhecim.to da d.ª M.ª Soror Paulla Thereza da Sylva ou de seu bastante Proc.or...» etc.

Não contente com isto, deu ainda o rei galanteador á sua amante 1:288$000 réis de tenças effectivas em cada anno, o que consta do extensissimo respectivo Padrão [1] lavrado em 3 de novembro do mesmo anno de 1728. Ahi se declára que a tença se verificará em tres vidas: a primeira, em Soror Paula; a segunda, «em Soror Maria Michaela da Luz, outrosim Relligioza no d.º Real Mostr.º de Saõ Denis de Odivellas»; a terceira vida, «em D. Leocadia Felicia de Assis Irmaã das sobred.as»; e, no caso de esta ultima ter filhos, se verificaria ainda em duas vidas. A mercê foi isenta do pagamento dos novos direitos.

A renuncia das tenças na mencionada importancia de 1:288$000 réis, foi feita pelo «Rev.do M.el Thomas da Sylva Presbytero Deaõ da Cappella Real de Villa Viçosa» e morador em Lisboa, que teve a honra de servir, no caso subjeito, de testa de ferro a S. M. Fidelissima.

Recebia pois D. Paula annualmente 1:708$000 réis de tenças.

*

Se não se sabe como começaram as relações entre o rei e a freira, ignora-se tambem como e quando terminaram. Se déssemos crédito á tradição teriamos a escolher entre duas versões. Uma, que conta haver o monarcha deixado de ir a Olivellas desde que se achou

[1] Chanc. de D. João V, L. 77, f. 107 v. a 125 v.º.

em grande perigo ao surprehendel-o no caminho uma tempestade medonha. A outra versão é que, fazendo innumeraveis víctimas em Lisboa uma peste ou epidemia, alguns frades se atreveram a representar a sua magestade que esse flagello era certamente castigo de Deus por seus peccados; e que o rei atemorisado cedera emfim, embora já houvesse resistido ás instancias particulares do papa. Se esta fosse a verdade, teria succedido o caso pelos annos de 1723, epocha em que uma epidemia dizimou a população de Lisboa. Mas como conciliar isto com a concessão das tenças?

Seja como for, é indiscutivel que numa certa epocha deixou o rei de penetrar no mosteiro. Effectivamente devia ser muito pouco edificante o entrar elle em Odivellas, sendo recebido á portaria pela communidade, dirigir-se para os deslumbrantes aposentos da favorita, ficar lá quanto tempo lhe aprazia, e terem á saida de o vir acompanhar, até á porta, as freiras presididas da abbadessa. Diz-se tambem que veiu uma bulla ou breve prohibindo-lhe a entrada na clausura, e que D. João V fôra despedir-se da Paula; que esta, ao dizer-lhe o rei que não podia tornar alli, lhe respondera que «se o breve prohibia que elle entrasse no mosteiro, não lhe prohibia a ella o sair d'elle»; e que foi então que D. João V mandou construir uma casa ou palacio proximo do convento, aonde se continuaram as entrevistas. D'esta casa, porém, não ha vestigios, se não é a que se vê no couto, fronteira ao alpendre que pega com a egre-

ja. Della temos noticia numa das cartas de Beckford[1], onde se lê:

«Um individuo da sociedade, malicioso velho, italiano e clerigo, que tinha saido da sua terra natal antes que o celeberrimo terremoto derrubasse pelos alicerces mais de metade de Lisboa, disse-me que se recordava de um aposento, boa amostra neste mesmo gosto, isto é adornado de espelhos e cortinas, uma especie de palacio de fadas, que communicava com o convento de Odivellas, tão famigerado pelo piedoso retiro d'aquelle exemplar de magnificencia a santidade, o rei D. João V! Deleitosos dias ahi passaram o monarcha e os favorecidos companheiros das suas devoções.

«De que serve (accrescentou mui judiciosamente o padre mestre), a gaiola mais formosa sem passaros que a aviventem? Se tivesseis ouvido a celestial harmonia das reclusas do rei João, não vos terieis contentado no vosso primoroso pavilhão com o esganiçamento dos sopranos e roncos dos rabecões. A suavidade, refiro-me áquellas vozes puras, sahindo do sagrado asylo recondito, onde não é dado penetrar ente humano masculino, á excepção do monarcha, produzia um effeito de que ainda me lembro extasiado, postoque já lá vão bastantes annos».

Mas não era esta a verdadeira casa da Madre Paula;

[1] *Viagens de Beckford a Portugal*, carta XVIII.

essa era no mosteiro, como já indiquei, e cujos restos vamos ver.

*

É pequena a cosinha da *Madre Paula;* mas alegre, adornada de formosos azulejos, onde se veem figurados os diversos utensilios em tal officina requeridos. O que mais aqui chama a attenção é o painel de azulejo que forma o panno de chaminé, e que representa, ao que parece, o rapto de Proserpina.

Voltando ao corredor, uma porta dá passagem para outro mais curto com o pavimento de embutidos, o qual tem no seu extremo sul, á direita uma passagem para a galeria superior da egreja, á esquerda uma pequena escada que subia para os aposentos principaes situados sobre o Capitulo. D'estes, que foram arruinados pelo terremoto, nada resta hoje.

A dois terços do corredor, e á direita, começa uma optima escada; tomemos por ella. Leva-nos a um patim, onde abrem varias portas: uma, dá para um pequeno aposento em cujo tecto se vê uma insignificante pintura representando S. Bernardo; outra, para um pequeno corredor, com seus armarios; outra ainda, para um cacifo onde se suppõe existiu a tribuna particular de Paula sobre a egreja; a outra porta, emfim, dá ingrésso numa vasta sala quadrada.

Esta sala tem ainda muitos vestigios da antiga magnificencia. As portas d'ella eram de petiá ou outra madeira rica do Brazil, e tinham os gonzos e outras

ferragens doirados; o pavimento, vê-se ainda ser de embutido de madeira amarella e escura; nas janellas notam-se vidros de Bohemia. O tecto ainda conserva preciosa talha, outróra doirada, hoje coberta de colla branca, talha que formava as guarnições ou caixilhos de pinturas que desappareceram, e que eram, se é verdade o que se diz, d'um excessivo realismo.

Toda a parte inferior das paredes, assim na sala e aposentos como nos corredores, é coberta de azulejos. Os da sala representam paisagens que fazem lembrar as de Nicolau Poussin, o inventor da paisagem historica ou heroica. Os azulejos do pequeno aposento que notámos (a casa de jantar?), representam verdadeiramente scenas de interior; damas e cavalheiros jantando, jogando cartas, tangendo instrumentos, etc. Os azulejos dos corredores representam tambem paisagens. [1]

Superiormente aos aposentos que acabamos de ver, outros ha mais pequenos, que em nada podem verdadeiramente interessar-nos.

Se o que existe aqui nos dá apenas uns longes do que foi a casa de Madre Paula, um documento coevo nol-a descreve minuciosamente. Vejamos:

[1] Todos estes azulejos, como a talha dos tectos, foram mandados arrancar antes de começarem as obras, a que já alludi; consta que estão destinados a adornar alguns gabinetes do palacio das Cortes. Os azulejos das salas que corriam sobre a casa capitular, um dos quaes reprezenta Lisboa antiga, foram adquiridos (por compra ou offerta) por el-rei D. Fernando, e estão no palacio da Pena, em Cintra. Actualmente (julho de 1888), já está completamente transformada a casa da Madre Paula.

«O quarto de sima, aonde assistem, tem oito cazas, todas de chadrez, e os tectos de entalhados dourados, e de boas pinturas, e todos os materiaes, com a mayor riqueza e perfeição.

«A primeira caza consta de melania com armação de fogo, com passamanes de fogo côr de ouro, toda a caza em redondo com sanefas de entalhado douradas, duas papeleiras todas de espelhos dourados, com relêvos, e figuras douradas, e quatro espelhos cada papeleira, dous bofetes dourados, com dous espelhos de toda a parede do mesmo modo; em cada bofete duas serpentinas de prata com vellas de tres lumes cada huã; huma duzia de cad.as de veludo côr de fogo, com galoens de ouro, com os braços e péz das cadr.as de talha miuda dourada; e nas outras duas paredes oito placas de espelhos doiradas, quatro em cada huma, tudo posto por sima da armação.

«A segunda caza, tem armação de melania verde com galoens de seeda crua côr de ouro, com dez portas com sanefas de talha dourada, em huã parede dous espelhos de toda a parede, e com mais singularid.e dourados, e dous bofetes tambem dourados e melhores, com duas cerpentinas cada hum de prata de tres lumes; oito placas de espelhos douradas e hum relogio de parede, que dá horas e tange minuetes; huã duzia de cadr.as de veludo verde com galoens de ouro, todas douradas; e nesta mesma caza tem huã varanda toda de vidros cristalinos, o chão de chadrez de pedra, as paredes de

talha dourada e as colunas, toda rodeada de pinturas, e o tecto de talha dourada e pinturas com cortinas de nobreza branca, com galoens de ouro e borlas de fio de ouro, como todas as cortinas das cazas, tem requife côr de ouro, e a varanda tem seis tripessas com os pés azuis e ouro e o sento de veludo côr de fogo e ouro; dous bofetinhos de charão negro, e ouro; e huma banca de veludo verde, com pés de charão côr de fogo, e ouro.

«O oratorio tem em baixo huã tribuna p.ª a Igreja, donde póde ouvir Missa, com cortina carmezim bordadas de ouro: e em sima o oratorio todo de talha dourada, no meyo N. Snra da Graça, e nos lados São Bernardo e São Bento; e correndoce o painel se vê o Evangelista com um panno bordado, e cortinas bordadas de ouro e borlas de ouro, com duas cerpentinas de prata de trez luzes cada huma, com huns poucos de ramos de prata, e castissaes, huã almofada de Tesú, coberta com hum panno bordado de ouro.

«A caza onde comem, he toda armada em redondo de melania amarela, com passamanes e franjas de côr de Perolas; e todas as mais armaçoens que tenho dito as tem da mesma côr dos passamanes, huã duzia de Tamboretes todos dourados, e os sentos de veludo amarelo com passamanes de prata, e oito placas de espelhos doiradas, com um bofete de charão negro e ouro.

«O camarim da Irmaã mais piquena, tem a armaçaõ carmezim com franjas e passamanes de seeda crua côr

de ouro; hum leito da moda, com armação de mesma melania carmerzim, e as mesmas franjas do mesmo, com huma lamina de prata á cabiceira, com hu folhão de fita de prata; com lençóens de olanda com boas rendas, traviceiro da mesma sorte, cobertor da mesma melania, e o panno de cobrir do mesmo; quatro cadr.as de Damasco carmezim com franjas de ouro e péz dourados; duas tripessas do mesmo veludo, com os péz negros e ouro; e em sima de hũ bofete de charão dous pratos de Alemanha de prata dourada com hum penteador e huã toalha de cambray com preciozas rendas bordadas, e hum avental da mesma sorte; e huma caiça de lixa encarnada com pregaria e feicho de prata, que serve de guardar os brincos do toucador; e huma arca de charão dourada e em sima hu espelho com molduras de prata, e muita qualidade de brincos e de aviamentos tudo de prata dourada, que não tem numero, prato e jarro, escovas, tizoura, salva, pulcaros, campainha e todos os aviam.tos do toucador de prata, e hum espelho de vidros e dourado, e duas placas, e bispote de prata, metido em huã arca de cristal, dentro em huã bolça de veludo.

«A casa onde dorme Paula, e Maria da Luz tem armação de Melania carmezim, com franjas e galoens côr de ouro, dous escriptorios de charão negro e ouro, grandes, todos com péz e topetes de talha maravilhoza, sanefa de talha dourada, dois bofetes dourados maravilhozos, dois espelhos de toda a parede, oito placas

de espelhos e douradas, hum relogio de parede que dá horas, e tange minuetes; huã duzia de cadr.as carmezins, com péz e braços de talha dourada e passamanes de ouro. A cama de Paula de melania carmezim com o sobreceo todo em tomados, com franjas e galoens côr de ouro, o leito da moda, com huã lamina de prata dourada, abrindoce por tres partes, e os santos de ouro Mocisso em relevos, com hum folhão de fita de ouro. Os lançoes de olanda muy boa com preciozas rendas, e travesseiros do mesmo modo, todas crespas: os cobertores da mesma melania e o panno de cobrir. A cama da Irmaã he deste mesmo modo mas a lamina de prata, hum bofete á cabeseira de charão dourado com hum panno coberto, em sima hu prato de prata gr.de de Alemanha, e dois bispotes do mesmo, e nas mesmas caixas de vidros, e com as mesmas bolças.

«O gabinete, em que se touca Paulla, he armado de melania carmezim, com franjas e passamanes côr de ouro, duas sanefas de talha dourada, quatro tripessas com péz dourados e azuis de charão, com asento de veludo; huma arca de charão azul e ouro com dous pratos de prata, hum com penteador, outro com avental e toalha de boas rendas, coberto com hum panno bom; huã arca de lixa negra toda com pregaria e feicho de prata; hum espelho e seis placas de espelho douradas; hum bofete de charão com huã cobertura de cambray, com rendas de tres palmos de largura, com hum espelho com molduras de prata, com todos os aviame.tos

de prata, cx.as, prato, jarro, salva, castiçal, copos, fructeiros, tizouras, campainha, escovas, e tudo, que se não pode repetir de prata; e o outro gabinete de Maria da Luz concertado com a mesma armação, com os mesmos adornos, e com os mesmos brincos, e riqueza, sem diferença, e entre as camas, duas pias de prata p.a agoa benta.

«A caza de todo sima que he a ultima e a mayor de todas, he toda armada de melania azul com galoens e franjas de seeda crua côr de ouro; as sanefas de talha azul côr de ouro, e são doze; dois escriptorios de charão azul, e ouro extraordinariame.te bons, e grandes, com péz, topetes, e ilharga doirados de muy muida talha; oito placas de huã parte, e oito da outra, todas de vidro; huma duzia de cadr.as de veludo azul, com mãos douradas, com topetes e galoens de ouro e prata, e hum relogio de parede que dá horas e tange minuetes; dous espelhos extraordinariam.te gr.des com mais perfeição na talha dourada; dous bofetes dourados, com huas tarjes azuis e ouro; duas serpentinas em cada bofete, de seis lumes cada huã, de prata, e todos os bofetes tem serpentina de prata, com pratos, e tizoura de prata; pellas escadas e corredores lampioens de christal, metidos na parede, com talha dourada; em todas as portas por fóra repost.ros de panno berne bordado de côres.

«O quarto de baixo tem sette cazas; huã grande está com 18 caixoens de lixa negra com pregaria, de prata, e todo cheyo de prata, com q̃ fez huma copa

e sobejou m.ta, porque dizem são trez baixelas; e m.tas arcas de roupa de cheiro, e dizem q̃ são das fitas, brincos e vistidos; mas isto ainda se não vio.

«Vierão-lhe tres mullatas, e duas criadas, e quatro que tinha, são nove.» [1]

Era verdadeiramente um palacio de fada, este onde vivia Paula, cercada de todo o conforto, de todo o luxo, de todos os mimos que uma mulher pode desejar. [2]

*

É natural que em memorias manuscriptas da epocha se encontrem algumas noticias que lancem luz sobre o modo como principiaram e findaram os amores de D. João V com D. Paula. Mas não tenho conhecimento d'ellas; e, se apparecer algum dia qualquer papel que a isso se refira, bom será haver cautella contra os embustes. Como o rei era frequentador de Odivellas, as suas relações com aquella freira, começaram como haviam principiado com outras. Á falta d'outras noticias, reproduzirei algumas anecdotas que nos conserváram dois escriptores do seculo passado.

[1] Mss. da Bibl. Pub. de Lisboa (A, 3, 1 (175)).

[2] No precioso livro do conde de Raczynski sobre as *Arts en Portugal*, encontro a seguinte nota a pag. 350: «Estava á venda em 1838 um armario de ebano, de trabalho preciosissimo, com que D. João V tinha presenteado uma freira d'este convento *(de Odivellas)*».

O sr. Marquez de Vallada possue a *espineta* (piano) que foi da Madre Paula; tem a seguinte marca do fabricante: *Jeronymus von Brock fecit anno Domini 1697*. O sr. Visconde de Sanches de Baena e varias outras pessoas possuem moveis que pertenceram a D. Paula.

O bispo do Grão Pará, fr. João de S. Joseph Queiroz, refere nas suas memorias que «D. João V, no tempo da sua cegueira e libertinagem, quando ia para Odivellas, rebuçava-se até ao Arco dos prégos[1]; ahi descobria-se, e dizia o Coculim: «Alli perde a vergonha.»

O espirituoso bispo, que podia ter deixado interessantes noticias ácerca de Paula, nada mais diz, que possa ter relação com ella.

Mas o barão de Besenval traz nas suas Memorias duas engraçadas anecdotas, evidentemente relativas aos amores de D. João V com a famosa D. Paula. Eis o que o barão escreve, no capitulo intitulado «*Anecdotes du Roi de Portugal, père du Roi règnant aujourd'hui* (Écrit en 1771)».

«O rei vivia publicamente com uma religiosa; e quando ia a casa d'ella, fazia-se acompanhar pelo seu confessor e pelo seu medico. O medico tomava o pulso a sua magestade; e, quando o encontrava em estado conveniente, passava o rei a noite com a religiosa. Se, pelo contrario, o pulso não estava proprio para o caso, o rei fazia com que o confessor lhe lançasse a absolvição, e voltava para palacio.

«Certa noite que este monarcha estava com a sua religiosa, aproveitou esta, para lhe pedir uma graça, um d'esses momentos em que os amantes d'ordinario nada

[1] Quereria dizer *Arco dos cégos* ou *do cégo?*

recusam. Vendo que o rei nada lhe respondia, disse-lhe a religiosa: «*Como podeis demorar-vos em conceder-me uma coisa que eu desejo ardentemente? E serieis capaz de m'a recusar?*» — «*Não,* respondeu elle, *prometto-vos que ámanhã falarei nisso ao rei.*» —

Contam-se varias outras anecdotas relativas á Madre Paula, mas são apocryphas senão todas, a maior parte d'ellas.

Um dos propaladores d'ellas foi o ultimo sacristão do convento,[1] verdadeiro typo da mentira. Dizia elle que D. Anna Leocadia lhe contára que conhecera uma creada do convento chamada Anna Alvarisa, a qual fora ainda contemporanea da Madre Paula; e que essa creadà dizia ser a famosa freira «mulher alta, trigueira e feia, de fala grossa e de auctoridade, occupando o logar de porteira mór»; e que, por sua intervenção, dera D. João V ao convento uma custodia riquissima. Accrescentava o sacristão «que D. Paula governara a capella de S. Bernardo e pedira que lá a sepultassem». O sacristão não falava com inteira verdade, porque a freira a que se referia falleceu em 10 de agosto de 1827, quando elle teria uns treze annos se tanto, e não é provavel que D. Anna Leocadia de Andrade se entretivesse naquellas conversas com o rapazote. E,

[1] Joaquim Cypriano Cardoso *(vulgo,* Joaquim dos Mochos, ou Joaquim das Mentiras) que, de moço dos frades capellães do convento, passou a carpinteiro remendão da casa, e armador das festas do Mosteiro; e por fim chegou a exercer as funcções de sacristão.

em todo o caso, D. Anna não precisava de informação da creada, porque professara em 2 de maio de 1746, isto é, vinte e dois annos antes do fallecimento de D. Paula. Tambem não consta que esta exercesse cargo algum da communidade. E quanto ao que se refere á capella de S. Bernardo, veremos que ella não foi ahi sepultada.

Quanto ás anecdotas baixas e obscenas que o sacristão contava, e que já foram postas em lettra redonda, são evidentemente apocryphas, apezar da incontinencia de lingua que então havia.

*

Devia passar-se triste e monotona a existencia de D. Paula, desde que cessaram os seus amores, e mais triste e mais monotona ainda depois da morte do rei, a quem sobreviveu dezoito annos.

Mal olhada pelas suas despeitadas companheiras de clausura durante a vida do rei, apezar dos favores que por sua intervenção receberiam, mas muito temida por sua influencia, para que ousassem mostrar-lhe desagrado, deviam ter explosido contra ella os odios suffocados, quando D. João V morreu em 1750. Nessa epocha, porém, estariam porventura já um tanto esses sentimentos modificados, visto haverem-se passado não menos de vinte annos desde que o rei cessára com as suas visitas amorosas. Esse lapso de tempo devia acalmar os odios, senão extinguil-os.

Aparte os seus amores com o rei, parece que o comportamento de D. Paula foi irreprehensivel; e conservou-se no convento a tradição de que, depois de D. João V deixar de ir a Odivellas, a freira se entregou de todo a exercicios religiosos, e se tornou um exemplar de virtudes. Na solidão que decerto se estabeleceu em torno de D. Paula, ao affastamento do rei, e no soffrimento que a morte d'elle lhe produziu, restava-lhe ao menos uma companheira, que a fortuna parece lhe conservou para que partilhasse suas maguas. Foi sua irmã D. Maria da Luz, que, como já vimos, falleceu a 4 de julho de 1768, sobrevivendo-lhe quasi dois meses e meio.

O passamento de D. Paula é mencionado no seguinte assento d'obito:

(*sub anno 1768*) «A 22 de Abril da mesma era Faleceo a M.ᶜ D. Paulla Thereza da Silua, está emterrada no Cap.º

«(*assignada*) a cantora mor».

Entre o fallecimento das duas irmãs nenhum outro obito houve no mosteiro. [1]

[1] Por morte das duas freiras passou a tença de 1:288$000 réis para a irmã mais nova, D. Leocadia Felicia, por despacho de 27 de janeiro de 1769; e, por sentença de 21 de agosto de 1782, passou para a filha d'esta, D. Maria de Lima Falcão e Mello de Gamboa, de quem ainda ha descendentes bem conhecidos em Lisboa.

*

Entremos de novo na casa do Capitulo, para vos mostrar onde jaz D. Paula.

Foi sepultada na mesma cova em que se depositaram os restos da abbadessa D. Orraca Paes.

Attentae bem aqui, nas duas primeiras linhas do epitaphio de D. Luzia da Conceição. Não vedes, examinando cuidadosamente, alguns vestigios de lettras, entre essas duas primeiras linhas? Reuní esses vestigios, juntae as lettras, separáe as palavras, e lereis perfeitamente:

ÐARRLZADPAVLATEREZADASA

*E da rreligioza D. Pavla Tereza da Silva*

Esta formula que se encontra dezenas de vezes nas campas do mosteiro, subentende a palavra *sepultura*, ordinariamente expressa no epitaphio da primeira pessoa sepultada sob a lapide.

O laconismo e a disposição do epitaphio de D. Paula despertam varias observações. Tendo fallecido a célebre freira em 1768, não é natural que muitos annos depois gravassem o lettreiro. Embora seja certo que, naquella epocha, a fórma da lettra em monumentos lapidares foi extremamente descurada, os caracteres da epigraphe são muito peór delineados do que os outros da mesma epocha. Accresce a isto que as lettras são tão pouco

profundas, que menos se podem dizer gravadas do que *apontadas*: a maior parte dos traços não chegam a ter um millimetro de profundidade. Deve ser repudiada toda a ideia de haver sido raspada a pedra, para obliterar as lettras, visto não haver vestigios d'essa operação, e o nivel da pedra estar perfeitamente egual.

De tudo isto pode, pois, deduzir-se o seguinte: Havendo D. Paula fallecido na edade de quasi 67 annos, por considerações de facil comprehensão, e talvez pela influencia de seus parentes, foi ella enterrada no Capitulo: local especialmente destinado ao eterno repouso das abbadessas, mas onde já tinham sido sepultadas outras pessoas que nunca exerceram o primeiro cargo da communidade, como já tivemos occasião de notar. Qualquer que foi o motivo por que alli sepultaram D. Paula, não deixaram de gravar o seu nome na campa, que a cobria, embora contra a ordenação exarada na *visita de reforma*, já conhecida do leitor. Quando vinte e um annos mais tarde depozeram, sobre as cinzas da célebre freira, o cadaver de D. Luzia da Conceição, não achando na lapide, para o epitaphio d'esta, outro logar mais conveniente do que aquelle onde já estava o nome de D. Paula, ahi abriram profundamente o lettreiro. É tambem provavel que, a esse tempo modificadas as razões que houvera para indicar o nome da filha de Adrião de Almeida, intencionalmente sobrepozéssem um epitaphio ao outro, para tornar illegivel ou menos apparente o primeiro; querendo as suas antigas companheiras apa-

gar até na campa a memoria da favorita de D. João V, a qual apenas commettera uma falta que ellas proprias desejariam ter praticado.

*

Em todo o frescor da juventude, em todo o esplendor da sua belleza, quando o coração da mulher está em toda a força da sua expansão sensitiva, quando a natureza feminil se manifesta e se desinvolve com toda a violencia, condemnada D. Paula a passar a vida inteira entre as paredes d'um claustro, apparece-lhe um homem moço, gentil, gracioso, que lhe offerece o seu amor. E não é pessoa que passe despercebida na enorme multidão de cavalheiros que ali concorrem ás solennidades e oiteiros do convento; não é um simples fidalgo mais ou menos nobre, mais ou menos opulento, mais ou menos famigerado. É um homem perante quem todos se curvam com respeito extremo, a um gesto do qual todos obedecem porfiadamente pressurosos; é a incarnação da grandeza e do fausto, que despende milhões para satisfazer o mais insignificante desejo; é o symbolo do direito divino, é *El-Rei Nosso Senhor*, é D. João V, que lhe diz:

—«Amo-te, ó formosa entre as mais formosas! amo-te, como ninguem pode, como ninguem sabe amar. Eu te consagro todo o amor, toda a adoração sem limites de que é capaz um coração humano. Amo-te, ó bella

entre as mais bellas! Eu quero rodear-te de todas as riquezas, de todo o luxo, de todos os bens, de que és digna, como quero cercar-te dos mimos e das caricias que só a ti posso tributar. Eu deponho a teus pés o meu infinito amor, e com elle o meu poder immenso e a minha honra. Eu buscarei adivinhar os teus pensamentos para prevenir os teus desejos; satisfarei todos os teus caprichos por mais extraordinarios que sejam; tornarei realidades todas as tuas phantasias. Tudo se dobrará deante de ti; tu dominarás como ninguem. Se eu, o rei, govérno milhões d'homens; tu, ó bella, imperas no meu coração. Amo-te!»

É necessario desconhecer absolutamente a realidade das coisas, ou pretender disfarçal-a com um véo facil de rasgar, para negar que é perfeitamente natural o facto que se deu com D. Paula. Outra qualquer mulher, no meio e condições de existencia em que ella se viu, deixaria de corresponder á paixão do rei? Não.

Cá fóra, no seculo, os laços santos da familia, as distracções naturaes da vida, a esperança d'um futuro e a crença na realisação d'elle, a propria liberdade de sentimento, foram, são e serão para a mulher os verdadeiros escudos contra os actos reprehensiveis. Mas no claustro, mutilada a existencia por uns votos contrarios á razão, paralysada a vontade por um principio de estulta obediencia, reprimida tyrannicamente a actividade da natureza, — a reacção produz-se com toda a vio-

lencia, e os desejos, os appetites despertam com a maior energia, dominando na solidão da clausura, no silencio da cella, os espiritos mais puros e mais austeros.

As faltas commettidas pelas freiras foram, são e hão de ser sempre consequencias necessarias da absurda instituição claustral.

# CAPITULO IX

A primitiva egreja—O que resta d'ella—Exterior das absides.—Dimensões da egreja.—O que dizem d'ella Cardoso e Carvalho.—Effeitos do terremoto do 1.º de novembro de 1755.—O primeiro architecto de Odivellas.

A ANTIGA egreja do mosteiro de Odivellas era verdadeiramente uma das melhores de Portugal. O P.e Carvalho lhe chama «obra magnifica, e das melhores da Europa»; descontada a hyperbole da segunda phrase, concordo de todo o ponto com o reverendo.

Devia ser magnifica a egreja, sem dúvida, a julgarmos pelas absides que subsistem e pelo capitel que d'aqui a pouco examinaremos.

Não se afastava, nem podia apartar-se, a construcção do estylo usado na epocha em que foi fundado o mosteiro—o estylo gothico primario.

Exteriormente são as absides reforçadas de gigantes ou botaréos, com as cimalhas das paredes ornadas de missulas, conservando ainda algumas gárgulas, que nada teem todavia de extraordinario. Notavel é, porém, o

apparecer a uns tres metros do solo actual, mesmo ao meio da abside central, o célebre signal chamado pelos archeologos *swástika*, considerado outrora como symbolo sagrado do fogo e do sol:

É notavel, repito, o encontrar-se elle naquelle sitio, correspondendo exteriormente á *cruz de consagração* gravada no interior ao centro da parede da Capella-mór. Poder-se-hia considerar este signal como cifra de canteiro, se o não vissemos em logar tão distincto, e se não fosse cuidadosamente gravado quasi ao centro da pedra. Mas isso e o facto de estar num ponto evidentemente escolhido, não dá margem a duvidar de haver sido gravado sob uma ideia symbolica. E confirma este modo de ver, o existir outro swastika, exactamente egual em dimensões, noutra pedra tambem em logar elevado e central entre os dois gigantes do lado norte.

Parece ter havido intenção de pôr o symbolo nos tres lanços de parede separados pelos gigantes; falta num, ou porque houve esquecimento, ou (como eu prefiro) porque no acto de impôr a pedra o signal ficou em uma das faces occultas.

*

A egreja, que era muito vasta, tinha tres naves. A extensão d'ella desde a cruz de consagração até ao topo do fundo era e é de setenta e dois metros, dos quaes pertencem á capella-mór quatorze e meio.

Segundo as medidas tomadas á entrada das absides, as naves lateraes tinham de largura tres metros e meio cada uma, competindo á do centro seis metros e trinta centimetros. As columnas orçariam na sua base por uns dois metros quadrados.

G. Cardoso, no *Agiologio*, dá-nos algumas noticias da egreja; a qual, no seu dizer, «se compõe de tres naues, & he tam comprida, que da metade della se fez o choro com tres ordens de cadeiras, capaz de duzentas religiosas. Nelle hà 6. capellas adornadas de riquissimas peças, & notaveis reliquias... & até grades do altar maior, choro, frontaes, pannos de pulpito tudo reuestido de laminas de prata.»

O auctor da *Corografia Portugueza* acrescenta apenas que no coro ha vinte capellas «rica, & custosamente ornadas».

Adeante saberemos mais alguma coisa da egreja.

Por agora, vejamos quem foi o primeiro architecto do mosteiro *de S. Dinis* ou *de Santa Maria de Odivellas* (que de ambas as maneiras se encontra nomeado em escriptores e documentos).

*

Falando da edificação do mosteiro, diz o monge Francisco Brandão que a folhas 11 do Livro segundo de testamentos e capellas, no cartorio da Sé de Lisboa, achára «nomeado por testemunha da escritura (que o Cabido fez de huma capella a Bartholomeu Annes, Cidadaõ de Lisboa) Afonso Martins, mestre da obra de Odivellas». O documento tinha a data de 1324. D. Fr. Francisco de S. Luiz, cardeal Patriarcha seguiu o chronista; nem podia deixar de fazel-o, visto não se encontrar em outro escriptor contraria noticia. É natural que buscasse ver o documento a que Brandão se refere; mas, não o encontrando, acceitou a informação d'elle. Raczynski, que tantos esclarecimentos colheu, e que tantos auxilios obteve de investigadores abalisados, como Alexandre Herculano e o Visconde de Juromenha, nada mais adeantou. Effectivamente, a mais antiga allusão ao architecto de Odivellas, em escriptor portuguez, é a de fr. Francisco Brandão, que fica citada. D'ella derivam todas as menções que se fazem de Affonso Martins.

Não se chamou, porém, Affonso o architecto, como se vae ver.

Quando eu residi em Odivellas, (em agosto e setembro de 1887), encontrei alli um curioso capitel de columna hexagonal, apeado e certamente muito afastado do seu primitivo assento. É pena que o capitel houvesse sido

deslocado. Foi-o decerto por occasião do terremoto do primeiro de novembro de 1755, que tantos prejuizos causou no mosteiro, como consta do documento que passo a transcrever do — Livro do obito da | s religiozas. | 1709 —, a fl. 32 v. Ahi se lê o assento seguinte:

«A *6* de Novenbro em a Era de Christo bem e S.or Nosso de 1755 descancou dos trabalhos desta vida a M.e Ioanna de S. Fran.co, era Relligioza de vida m.to ajustada, e nesta mesma era e sempre memoravel dia p.ro deste mes, em o qual celebra a Igreja catholica a festa de todos os S.tos, se exprimentou aq.le fromidavel e quasi vniversal terremotto, em q̃. acabaraõ m.tos milhares de vidas, nas ruinas dos edificios, sendo o mayor extrago o q̃. padeceu, a cid.e de Lisboa, essa celebrada corte, e centro de deleytaveis devertim.tos, foy tornada em hũ objecto de dezenganos, e domicilio de horrores; e este Mostr.o, cuja fabrica era toda grandezas, ficou toda abatimtos; e do q̃ naõ deyxou cahido ficou taõ arruinado, q̃ as Relligiozas, fugiraõ humas pa o largo campo do mesmo Mostr.o, e outras p.a fora delle, naõ havendo clauzura pois o temor a tinha feyto nos coraçoens; em o campo do mesmo Mostr.o, fes a sua Iornada commua esta Relligioza, e nos claustros e Igreja do mesmo por cauza dos tremores, estavaõ cahindo as abobedas, e assim parecia temerid.e darlhe sepultura claustral, por isso foy conduzido seu defunto

cadaver, p.ª huã Igreja pequena [1] q̃ fica defronte da portaria do mesmo Mostr°, e ahi esperaõ seus ossos a resurreycaõ geral.

(*assignada*) «a cantora mor»

Apezar da emphase, apezar da ortographia, e apezar do *defunto cadaver*, é precioso este assento, por nos conservar noticia do desastre terrivel soffrido pelo famoso mosteiro.

Voltemos ao capitel, que, embora deslocado, se comprehende, pelas suas dimensões e caracter, que só podia pertencer á egreja. Talhado num enorme canto, é elle polygonal, tendo a parte superior do ábacò uma superficie de $0^m,64$ por $0^m,74$; sob elle ha um pedaço do fuste hexagonal, talhado na mesma pedra, que tem de altura $0^m,57$. [2] Basta ver o capitel, para se reconhecer que é uma das pouquissimas reliquias que subsistem da fabrica primitiva. A sua fórma caracteristica não deixa dúvida alguma ácerça da epocha em que foi talhado: a porção do fuste, as ligações, as esculpturas dos angulos, o trabalho da pedra, tudo. O ábaco é cortado nos angulos, estabelecendo transição entre a sua fórma rectangular e a fórma polygonal do capitel; dos angulos, um é ornado com um cacho d'uvas, outro por uma

[1] Chama «pequena egreja» a uma capella de S. Miguel que havia logo á entrada do *couto*, e de que não restam vestigios.

[2] Este capitel está hoje em Lisboa, no *Museu de Bellas Artes*.

singela folha de parra, os dois restantes cada um por uma cabeça. Quando, porém, tudo isso não bastasse para lhe determinar a edade, outra circumstancia a estabeleceria incontestavelmente.

Em duas das faces do ábaco, em caracteres onciaes de grande ornamentação, lêem-se as seguintes palavras, constituindo um nome proprio:

ANTAM M̃TINZ

Depois do primeiro nome nota-se um signal gravado, similhante á cifra mais geralmente empregada na escriptura chamada gothica para significar *et* e *etc.* Na hypothese de se dever dar a esse signal uma significação epigraphica, nenhuma outra se lhe poderia attribuir senão a de *et*, do que resultaria a leitura *Antam & Martinz*, isto é, duas pessoas. Se podesse admittir dúvida a leitura do segundo nome, e por conseguinte se se podesse interpretar *Martim*, em vez do patronimico correspondente, o signal intermediario teria rigorosamente significação copulativa, e achar-nos-hiamos naturalmente em presença de dois nomes proprios. Mas, sendo incontestavel que o segundo nome é *Martinz*, o signal alludido não póde ser epigraphico; não só pelo absurdo de ficar ligado pela copulativa & o nome proprio ao patronimico, a serem ambos da mesma pessoa, mas tambem pelo não menor absurdo de, sendo

estes nomes de duas pessoas, estar uma indicada pelo nome proprio e outra pelo patronimico. Demais, como é sabido, naquella epocha e ainda muito posteriormente, só se designavam as pessoas pelo nome baptismal, seguido immediatamente em geral pelo patronimico e algumas vezes pelo appellido; mas nunca se designavam pelo patronimico, o qual, isoladamente, nada significava.

Por consequencia, o signal mencionado não tem, em meu intender, significação epigraphica; mas foi alli gravado unicamente com o fim de preencher um espaço que a primeira palavra deixára devoluto, e como que a estabelecer continuidade entre essa e a seguinte, depois da qual nada se gravou embora para isso houvesse espaço.

Achamo-nos, pois, em presença d'um nome d'homem, *Antam Martinz*, homem que decerto representou algum papel na construcção do mosteiro. Bem sei que apparecem por vezes no interior de algumas egrejas, capellas, e outros edificios, inscripções mais ou menos extensas gravadas seguidamente nas varias pedras do friso: inscripções já compostas de versiculos da Biblia, já expressamente redigidas com allusão ao edificio, ao seu destino, ou a quem ordenou a sua fabrica. No caso subjeito, porém, só se pode considerar aquelle nome isolado como uma assignatura, e de maneira alguma como fragmento de inscripção. É favorecida esta asserção por uma consideração justa e por um

argumento, que, embora negativo, não deixa de ter algum peso.

A consideração é a seguinte: se a inscripção fosse de friso, aquelle capitel não seria de columna, mas sim de pilastra encostada á parede, e a inscripção continuaria, não no *friso* propriamente dicto, mas em um *pseudo-friso* collocado á altura do ábaco do capitel. Mas este é de columna, como evidentemente o provam o seu faceado regular, e as esculpturas dos seus quatro augulos. Passemos agora ao argumento negativo. Porque conservaram as freiras de Odivellas aquelle capitel da egreja, que o terremoto do dia de Todos os Santos despenhou do alto da columna que encimava? Naturalmente porque, vendo nelle gravados alguns caracteres (que talvez até não soubessem ler), intenderam dever guardal-o como memoria da antiga egreja. Ora, não é crivel que os demais capiteis e todo o friso da egreja se despedaçassem na derrocada; e, portanto, quem guardou aquelle capitel, porque tinha gravadas umas lettras, conservaria mais algum capitel ou porção de friso, se mais algum tivesse epigraphe. Além d'isso, embora os nossos escriptores nos não deixassem nenhuma descripção minuciosa da egreja, decerto que não deixariam de fazer menção de tão importante inscripção como seria, por commemorativa, a que occupasse o friso do templo.

Parece-me pois dever abandonar-se a hypothese d'uma inscripção de friso; e considerar aquelle nome como a

assignatura deixada alli pelo architecto, pelo mestre da obra. Considero desnecessario demontrar aqui, com exemplos, quão vulgar era o facto de os architectos firmarem as suas obras com o seu nome ou com o seu retrato.

Se fr. Francisco Brandão não dissesse chamar-se Affonso Martinz o architecto de Odivellas, ninguem hesitaria, á vista da inscripção do capitel, em affirmar que elle fora *Antam Martinz*. Estamos, pois, em presença de duas affirmativas, ambas de grande peso, mas que mutuamente se contradizem. Estudemos a questão, e vejamos se havemos de necessariamente reputar falsa uma d'ellas, ou se as podemos considerar ambas verdadeiras.

No primeiro caso, isto é, dada a circumstancia de uma das affirmativas ser falsa, não é licito preferir a menção da *Monarchia Lusitana*, ao testemunho inconcusso da inscripção. Esta foi gravada pelo proprio Antam Martinz, ou pelo menos (mas com pouca probabilidade) por algum dos seus officiaes, á sua ordem e sob a sua direcção; e neste caso seria absurda a supposição de que o gravador errase o nome. Por consequencia, nesta hypothese, errou Brandão. Este erro, que em nada pode desautorisal-o, comquanto seja certo (como já Alex. Herculano o notou algures) que Brandão não era um paleographo consummado, seria um simples equivoco. Todos aquelles que se dão a trabalhos de investigação sabem com quanta facilidade pode

deslizar-se na escriptura um equivoco de nome proprio, mórmente quando ha a mencionar muitos.

Mas poder-se-ha dar o segundo caso? Será tão exacta a asserção do chronista, como é verdadeiro o testemunho do capitel?

A obra de Odivellas começou no anno de 1295, depois de 27 de fevereiro, poisque nesta data se lavraram as constituições e carta de dotação do convento, declarando-se ahí que o rei estava para lançar a primeira pedra do edificio. Ora, existindo já alli naquella data, nas casas doadas pelo rei, algumas freiras, tendo por abbadessa D. Elvira Fernandes, e dizendo uma memoria antiga do livro das calendas do mosteiro que, no primeiro de março de 1296, começou o serviço divino das monjas, é natural que a obra tivesse já um certo adeantamento a esse tempo.

Ruy de Pina, falando das obras que D. Dinis mandou executar, diz: «e fez ha rua nova de Lisboa, e assi ho Moesteyro de Sam Diniz Dodivellas em que jaas, ho quaal logo ha pouquos annos, que Reynou mandou começar, e em sua vida se acabou em dès annos». Temos pois que pelos annos de 1305 estava concluida a obra; o que, se não quer dizer precisamente que a fabrica estava feita em todas as suas partes, pelo menos deve referir-se ao principal, quero dizer, aos dormitorios, e mais aposentos, ás indispensaveis officinas, e sobretudo ao templo que não podia ser preterido por outras construcções.

Por outro lado o documento, a que allude Brandão, era do anno de 1324. Hoje não restam vestigios d'elle.

Ora entre 1296 e 1324 decorre um periodo de vinte e oito annos. Quem sabe se nesse lapso de tempo, falleceu Antam Martinz e, por não estar terminada a edificação d'alguma pertença do mosteiro de Odivellas, lhe succedeu no cargo de mestre da obra um individuo de nome Affonso Martinz? O facto de ser mencionado, na escriptura citada por Brandão, Affonso Martinz como *mestre da obra de Odivellas*, merece muita consideração. Pode ponderar-se que, sendo a obra mais importante d'aquelle sitio o mosteiro, a essa alludia aquella qualificação; mas o certo é que aquellas palavras não definem precisamente qual a obra que Affonso Martinz superintendia; tanto pode haver referencia ao mosteiro como a outra qualquer obra. Creio, porém, que áquelle se referia. Vimos que a egreja, os dormitorios e as principaes officinas do mosteiro, ficaram concluidas pelos annos de 1305 ou 1306. Daqui se conclue: ou que Affonso Martinz, tendo sido mestre da obra desde o começo, se declarava, ou o diziam tal; ou que, dirigindo alguma construcção, a que no mosteiro se procedia, naturalmente indicava a sua actual occupação. Esta é, julgo eu, a mais sensata interpretação; por isso que não é plausivel que se consignasse como emprego da testemunha um cargo em cujo exercicio já não estava. Quando se quizesse, por qualquer

motivo extravagante, indicar o contrario, o escrevente ou tabellião teria posto (como era costume) *mestre que foi* etc. Mas no caso subjeito não ha dúvida em que Affonso Martinz exercia em 1324 o cargo, que na escriptura era apontado; por isso que Brandão a produz para demonstrar que naquelle anno ainda havia obras no mosteiro. O erudito monge de Alcobaça não apresentaria, sem reservas, aquella indicação como prova, se ella podesse soffrer interpretação diversa da que lhe dá; pelo menos, não deve suppôr-se outra coisa.

Eu acceito a noticia que dá Brandão integralmente, e por consequencià não contesto de modo algum que Affonso Martinz haja sido mestre da obra de Odivellas. Apenas deixo de considerar esse individuo como *o mestre da obra* ou (por outras palavras) *o verdadeiro architecto* do mosteiro, aquelle que concebeu, delineou e começou a executar a fabrica. Pois, porque o inglez Ouguet foi mestre da obra da Batalha, pode porventura negar-se que Affonso Domingues foi *o mestre* d'essa maravilhosa edificação? Neste caso seria exacta a citação de fr. Francisco Brandão, apezar do testemunho da inscripção do capitel.

Impressiona verdadeiramente a notavel coincidencia de terem o mesmo patronimico Antam e Affonso, mestres ambos da obra de Odivellas, e cuja contemporaneidade é probabilissima. Note-se que a data de 1296 é a mais antiga a que se pode attribuir a execução do capitel de Antam; e que em 1324 nos apparece Affon-

so. Entre estas duas datas decorreu um periodo de vinte e oito annos. Era necessario que Antam houvesse fallecido logo em 1296 e que Affonso tivesse apenas 28 annos em 1324, para que elles deixassem de ser coetaneos.

Affonso Martinz pode ter sido irmão (mais novo com toda a probabilidade) de Antam Martinz. Comquanto o patronimico não possa servir de confirmação, não se pode desprezar esta hypothese, visto não ser invalidada por facto algum.

Entre as setenta e quatro cifras ou marcas de canteiro por mim calcadas e copiadas nos restos da primitiva fabrica de Odivellas, ha uma, que descobri na abside central ou capella-mór, pela parte interior, a qual se compõe d'um *A* oncial encimado d'um *o* minusculo, abreviatura de *Affonso*. Não repugna, antes é facil de admittir que o mestre Antam Martinz tivesse por official ou por contramestre um seu irmão mais novo, Affonso Martinz, que lhe succedeu no logar de mestre da obra do mosteiro. Quanto a este ultimo apparecer como canteiro, isso não invalída a hypothese, visto que, como sabem ainda os menos lidos em coisas archeologicas, os antigos *mestres de obras*, ou architectos, não se desprezavam de talhar um canto ou facear um sócco, talvez porque não tinham titulos e veneras, como alguns architectos d'hoje...

*

Na absoluta falta em que me vejo de notas biographicas dos dois Martinz, apezar de todos os esforços por mim empregados para descobrir mais noticias a elles respeitantes, parece-me não ser fóra de razão apontar aqui uma hypothese que não é absolutamente extravagante.

Como se sabe, Odivellas dista apenas uns tres kilometros do Lumiar. Relativamente á egreja desta ultima localidade, diz o citado Brandão: «O sitio em q̃ a Igreja do Lumiar está edificada, era delRei D. Affonso Terceiro, q neste lugar tinha hua quinta, a qual por esta causa chamão ò Paço, & despois pola possuir Afõso Sanches chamaraõ o Paço de Afõso Sanches, & este nome de Paço retem ainda oje, & em escritura do anno de mil trezentos & doze, no qual Sancha Nunes Alfeirãa, Religiosa do Mosteiro de Santos deu ao seu Mosteiro humas casas em Lisboa na Pedreira, onde chamão o canal, & tinhaõ sido de Ioão Fogaça. Foraõ testemunhas Ioão Longo de Odivellas & Martim Longo de Paço de Afonso Sanches».

Seriam Antam Martinz e seu supposto irmão Affonso filhos de Martim Longo? A proximidade do paço d'Affonso Sanches e o valimento d'este para com seu pae, não podem auctorisar a hypothese de serem os filhos de Martim Longo, um *o mestre* outro *official* da obra de Odivellas? Esta suspeita só poderia transformar-se

em certeza, no caso da descoberta inapreciavel d'algum documento, ou em informação fidedigna d'algum escriptor antigo que eu desconheço.

O que, porém, creio não poder admittir duvida é que o primeiro architecto de Odivellas se chamou — Antam Martinz.

# CAPITULO X

O *coro* — Inventario dos seus altares e capellas — A capella de N. S.ª da Conceição—A capella de S. João Evangelista—Uma abbadessa de Santa Clara d'Elvas—Memorias d'algumas freiras e seculares. — Os lettreiros do tecto—O serviço do coro—A musica em Odivellas—O cemiterio: as supulturas e a capella.—A capella das Menezes.

omo de metade da antiga egreja se havia feito o *coro*, obedeceu-se a esse plano ao proceder-se á reedificação d'ella depois do grande terremoto.

Ficou pois o recinto destinado á oração regulamentar separado do resto da egreja por uma parede, a cujo centro abre a ampla *grade da ametade*, correndo no alto d'essa parede um passadiço, especie de *coro de cima*. É isto o que se nota desde que alli se penetra, pela porta grande do claustro novo.

Neste vasto coro, que mede 33,$^{m}$45 de comprido, veem-se ainda as capellas e altares, mas tudo despido já de suas alfaias e adornos. A tormenta do vandalismo passou por alli.

Ao centro, em dois corpos fronteiros, as duplas fitas de cadeiras, mais elevadas umas que as outras,

conforme o costume, occupam uma extensão de mais de quatorze metros. São de boa madeira, mas nada teem de notavel.

*

Inventariemos os altares e capellas.

Ao topo do coro, fronteiro á grade, o altar do padroeiro da ordem, S. Bernardo; á esquerda d'este, um da invocação de *N. S.ª da Paz;* e á direita, outro dedicado a *N. S.ª da Purificação.* Fronteiros a estes dois ultimos, e ladeando a grade, os de *N. S.ª da Assumpção* e de *N. S.ª do Ó.*

Os altares e capellas lateraes são doze. Da banda do claustro (a começar do fundo do coro) distinguem-se quatro altares pelas invocações de *N. S.ª do Pilar, N. S.ª da Encarnação, N. S.ª do Populo,* e *N. S.ª da Apresentação;* e duas capellas: uma de *N. S.ª dos Remedios,* a outra de *S. João Baptista,* que é interessante pelas suas columnas marmoreas, e pelos embutidos de madeira do estrado, no que a acompanha a antecedente.

Em frente de cada um d'estes altares e capellas, da banda opposta do coro, estão os altares de *S.to Antonio,* e do *Calvario,* a capella do *Senhor dos Passos,* o altar de *N. S.ª do Rosario,* e as capellas de *S. João Evangelista* e de *N. S.ª da Conceição.*

*

Esta ultima capella de *N. S.ª da Conceição*, tem na juncção das duas cornijas obliquas do frontão as armas reaes, e na cornija do entablamento a inscripção seguinte:

◆ A VIRGEM·MARIA·N·S·FOI·CONCEBIDA·SE·PECADO·ORGINAL ◆

Entrando na capella, nota-se no pavimento, occupando a maior parte d'elle e passando por debaixo do altar uma grande lapide sepulchral, cuja inscripção reza da maneira seguinte, gravada num grande quadro emmoldurado que atravessa d'alto a baixo o bacculo prelaticio:

AQUI·IAZ·A MVITO·INSIGNE·SNRA
DÕNA·GVIOMAR·DE NORONHA
ABBA·QE FOI·DESTA·CASA·DEZ
ANOS·E OMZE·MESES·E MEO·A
QAL·FVDOV·ESTA·CAPELA·AN
TES·DE SER·ABBA·FALECEO·A
OS·SEIS·DE IVNHO·DA ERA·DE·
1573

Juntamente com a fundadora jazem alli mais seis religiosas, algumas das quaes parentes suas.

No vão do altar vê-se ainda uma imagem da *S.ª da Boa Morte*, de excellente trabalho.

*

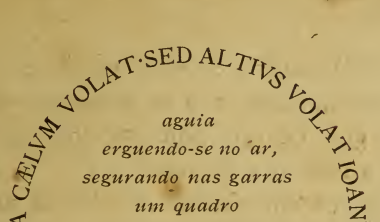
Paredes meias com a capella fundada por D. Guiomar de Noronha, está uma da invocação de S. João Evangelista, que, logo ao primeiro olhar, se nos apresenta como a mais rica de todas.

Effectivamente não deixam duvidar da sua passada sumptuosidade não só os marmores que ainda contém, mas as riquezas que se sabe tirou d'ella, para vender, a abbadessa D. Maria Carlota Joaquina Anchietta, que professou em 2 de fevereiro de 1815 e falleceu a 16 de agosto de 1874, verdadeira ave de rapina do que havia de mais valioso no opulentissimo mosteiro.

É notavel a profusão de marmores que, assim no exterior como no interior, aqui se encontram. O terremoto do dia de Todos os Santos, que arruinou a antiga egreja, como fica dicto, poupou esta formosissima capella como a de S. João Baptista e a de N. S.ra da Conceição. Quando intacta, devia ser uma joia preciosa.

Não encontro noticias relativas a ella; mas era tradicção no convento que D. João V a tinha enriquecido de magnificas alfaias, mandando pôr-lhe uma grade de prata á entrada. *Si non è vero...*

O frontão d'esta capella do Evangelista, com todos os caracteristicos do Renascimento, é limitado superiormente por uma cornija circular, que se transforma d'um e d'outro lado em *consoles* até tocar na cornija do entablamento. No tympano, e dentro d'um circulo, vê-se e lê-se o seguinte:




No entablamento da frontaria, lê-se a seguinte dedicação em optimos caracteres romanos: [1]

DIVO IOANNI ARCHIEVANGELISTÆ
VIRGINI DILECTO TER MAXIMO
D LVDOVICA DALCACOVA PIETATIS
ET EXIMII AMORIS ERGO DICAVIT
ANNO D ▾ I600 ▾

No interior da capella só temos a apreciar a sua disposição e os marmores que a compõem. Os seis baixo-relevos que a adornavam, tres de cada lado, foram vendidos pela abbadessa Anchietta, bem como os oito

[1] *A S. João Archievangelista, amado da Virgem e tres vezes maximo, dedicou, por sua piedade e immenso amor, D. Luisa da Alcaçova no anno de 1600.*

emblemas dos medalhões do tecto abobadado e as imagens que occupavam os quatro nichos.

Os quatro baixo-relevos [1] que medem cada um $0^m,684 \times 0^m,498$ representam varias scenas da vida de Jesus, acompanhadas na orla inferior da pedra de lettreiros allusivos:

*Annunciação*

FIT DEVS HOMO VT HOMO FIAT DEVS

*Visitação a Santa Isabel*

GVAVDET VTRAQVE QVIA LATET VTERQUE

*Adoração dos pastores*

INVIDEANT PALEIS GĒMÆ, PRÆSEPIBVS AVLÆ

*Adoração dos Magos*

ADHVC NOCTĒ NVNC DIEM STELLA NVNCIAT

*Apresentação no templo*

PATRI QVID AMPLIVS NATO

*Fuga para o Egypto*

SI VENISTI, CVR FVGIS, SI FVGIS, CVR VENISTI

Os quatro nichos tinham imagens a que alludiam as seguintes inscripções gravadas e doiradas na parte superior: ECLESIÆ LVMEN — HVMILIS SVBLIMITAS — FIRMA PROTECTIO — TVTA COMITATIO.

[1] Estes seis preciosissimos baixo-relevos foram vendidos pela abbadessa Anchietta a um negociante de antiguidades, de nome José Maria da Silva *(vulgo* dos Paineis), que teve em tempo loja na Calçada do Marquez d'Abrantes em Lisboa. Pertencem actualmente essas obras primas a uma filha do mencionado negociante, D. Maria da Conceição de Gusmão Serra e Silva. Podem ver-se modelos em gesso dos baixo-relevos no *Museu da Arte Ornamental.*

Os oito medalhões, todos circulares, eram orlados pelos seguintes lettreiros gravados e doirados no marmore, e que a abbadessa Anchietta não reduziu a dinheiro porque isso produziria a destruição completa da capella:

1—✠ RECLINATORIVM X MEDIA CARITATE CONSTRATVM
2—✠ SVFFICIT MIHI MEVS IN CARNE ANGELVS IOANES
3—✠ PLVS PLACVIT ETIA CORPORE TRANSLATVS ET
4—✠ EXCEPTIO GENERIS HVMANI
5—✠ SIGMANS VETVS ·
6—*Falta*
7—✠ MIHI E PECTORE X FONS FLVXIT ÆTERNVS
8—✠ DIMIDIVM, ANIMÆ CHRISTI

No pavimento d'esta capella, cobre a entrada d'um pequeno carneiro uma lapide cujo lettreiro nos diz quem alli repoisa:

> *Aqui Iaz a muito religiosa Maria Evangelista a qual sendo abbadessa em Santa Clara de Elvas veio para este mosteiro ahonde profesou e vevia com grande einzemplo e vertudes faleceo a 16 de novembro de 17131* (1731).

Por que motivo passou a madre Maria Evangelista, sendo abbadessa no convento de Santa Clara de Elvas, para o de Odivellas, aonde foi simples freira? Andaria alli o rei-freiratico? ou questão conventual? Sei apenas

que era filha de Bartholomeu de Faria e de Olaia Rodrigues Cordeira, e que, sem ter acabado o seu governo triennal em Elvas, veiu professar em Odivellas a 3 de janeiro de 1693.

Na mesma capella jaz a madre D. Maria Caldas de Alarcão, fallecida em 27 de dezembro de 1723, a qual, no dizer do epitaphio, foi «*grande bemfeitora esmoler deste mosteiro, juiz perpetuo da melhor festa que nelle se celebra, professou na hora da morte.*»

*

O chão do coro está inteiramente coberto de lapides sepulchraes, excepto entre as cadeiras. Vejamos alguns epitaphios.

Aqui junto á Capella de *N. S.ª dos Remedios* está sepultada a Madre D. Maria Caetana de Mello, «a cuja deligencia se deue a reforma q̃ hoje ha neste conuento», segundo diz a cantora mór que acrescenta que ella falleceu sendo de idade de 27 annos, a 8 de julho de 1719. Era filha de Caetano de Mello e Castro; foi noviça em 20 de abril de 1702 com sua irmã D. Francisca, e juntamente professaram em 24 de fevereiro de 1709.

Mais adeante jaz D. Maria de Mendonça «que professou e foi benta no dia em que falleceu, 17 de setembro de 1682.»

Alguns passos mais adeante, depára-se-nos um epitaphio em verso, em frente do altar da Apresentação:

*Louvemos a magestade divina*
*Que nos deu a virtuosa*
*Madre D. Thereza Bernardina.*

Quasi em frente do altar de S. Bernardo, outro tão inspirado como o antecedente:

*Nesta sepultura jaz*
*A madre Antonia do Sacramento;*
*O seu transito foi portento,*
*De suas virtudes lembrança fas.*

Tambem aqui se encontram sepultadas pessoas seculares; pois vemos os nomes de *D. Ignez Manuel, mulher que foi de D. Francisco Lobo;* de *D. Catharina Pilada, viuva do governador Gonsalo Gonsalves de Chaves;* de *D. Catharina, mulher que foi de D. Garcia de Castro,* a qual falleceu sendo abbadessa sua filha D. Joanna de Castro, no anno de 1544; etc.

*

No topo do coro, por cima do enorme olho-de-boi por onde os raios do sol poente entram em feiches allumiando o vasto recinto, lê-se em caracteres pintados

HEC · EST
D O M U S
D O M I N I
FIRMITER
EDIFICATA

Na parte do tecto correspondente ao coro e a partir do fundo está primeiro um livro em que se lê, dividido por duas paginas, o titulo LIBER | GENE- | RATIO- | NIS—IESU | CHRIS-—TI; em seguida o triangulo mysterioso com o tetragrammaton; após este as taboas da lei; e finalmente um anjo com um livro nas mãos em que se lê (nas duas paginas): AUS | CVLTA | OFILI— UERBA | MAGIS | TRI.

*

Era neste vasto recinto que as filhas de S. Bernardo vinham (quando vinham) fazer as rezas canonicas. Ellas aqui deviam vir rezar, ás dez horas da manhã, a *prima* e *tercia*, ouvir em seguida a missa conventual, e rezar logo após a *sexta* e *nona*. Mas tudo isto apenas as demorava até ás onze horas. Ás duas horas e meia depois do meio-dia voltavam a rezar as *vesperas* e *complectas;* e, passada meia hora de descanço, rezavam *matinas* e *laudes*, acabando o serviço ás quatro horas. Não era, afinal, muito trabalhoso; não deviam fatigar-se muito as delicadas bernardas com duas horas de oração, uma de manhã, outra de tarde.

Uma das coisas que tornou mais celebrado o convento foi a musica de seus córos. Eis o que sobre isto nos diz Mendes de Vasconcellos no seu livro *Do Sitio de Lisboa:*

«...não creio que tenha o Mundo outro *(convento)*

de mais Religiosas, sendo, entre servidoras, e freiras, mais de quatrocentas mulheres, nove frades, e muitos servidores de fóra; do qual se contão algumas grandezas, muito notaveis, que deixo, por serem sabidas de todos: mas a excellencia da sua musica, não póde deixar de se celebrar em todo o tempo, e occasião; porque, em bondade de vozes, e multidão de musicas, em destreza da arte, e em suavidade de instrumentos, não creio que se lhe iguale nenhuma Capella de nenhum grande Principe; porque tem setenta mulheres, que todas cantão mui destramente, e as mais tem bellissimas vozes, tangem na estante tres baixões, tocão muitas dellas tecla, arpa, viola de arco, e a violinha particularmente; e assim quem quizer ver hum retrato da gloria, e queira recrear-se com deleite desta contemplação, indo hum dia de festa a Odivellas, na musica do seu Coro tem a maior commodidade para isso, que ha em nenhuma outra parte do Mundo».

*

Ao sul do coro e da egreja, parallellamente a um e outra, ha um corredor que em tempos foi chamado do orgão, por alli estarem os folles competentes. Para esse corredor passa-se do coro por duas portas: uma que está entre as capellas do Evangelista e de N. S.ª do Rosario; outra, quasi no extremo da casa, á esquerda do altar de S.to Antonio.

Saindo por esta, atravessando, junto á sua extremi-

dade occidental, o corredor, e transpondo os hombraes do portal fronteiro, estamos no cemiterio commum.

As arvores e plantas formam aqui uma floresta difficil de romper. As lapides sepulchraes estão escondidas pela terra e pelas folhagens. Mas lá ao meio da verdura destaca-se o cruzeiro. Approximemo-nos. Aos pés da cruz repoisa uma creança:

AQVI IAZ Mª ROZA
DE VITERBO FLco SEN
DO NOVISA DE IS AN
OS EM I2 DE Mco
DE I698

Outrora via-se sobre esta sepultura, talhada em pedra, a cabeça da noviça, que foi filha de Mathias Henriques e de Natalia da Silva, e que tomou a mantilha aos 26 de agosto de 1693.

Não existe já aqui, ou está coberta de terra e arbustos, a sepultura de Maria Freire, de quem nos diz o *Agiologio Lusitano*, que, alguns annos depois do seu passamento, «se achou seu cadauer, & habito desfeito em terra, & sòmente o veo, abrasado com a descarnada caueira, tam inteiro, & illeso da corrupção, q̃. querendo hũa religiosa rasgalo, para maior experiencia, não pode; para no dia final o apresentar sem nodoa, ou mancha algũa no supremo tribunal de seu deuino Sposo.»

Acercando-nos da capella, vemos atravessada ante a porta uma lapide sob que repoisam as cinzas da Madre D. Izabel de Magalhães, fallecida de peste na era de 1598.

Esta capella, que tinha a invocação de S. Francisco, e de que restam hoje apenas alguns azulejos no interior, representando a tentação de S. Bento e outros assumptos, foi edificada (ou talvez reedificada) por uma irmã Conversa, que ao professar em 19 de março de 1681 mudou o nome de Francisca no de Catharina das Chagas.

*

Saindo do cemiterio e seguindo o corredor que já notámos, depára-se-nos a meio d'elle uma passagem para o coro, cuja porta abre entre as capellas do Evangelista e do Rosario. Nessa passagem, ha duas capellas, fronteira uma á outra, e inteiramente nuas. A que nos fica á esquerda, passando para o coro, foi mandada fazer pelas Madres D. Isabel e D. Brites de Menezes, irmãs, e que chegaram a ser abbadessas. Alli jazem as religiosas D. Brites, D. Guiomar e D. Catharina de Menezes.

*

Eis-nos outra vez no coro lancemos-lhe ainda um olhar de despedida, e vamos-nos encaminhando para a *grade da ametade*, por sobre estas lapides sepulchraes, sob que tantos corpos jazem, sem que, na maior parte,

nos restem d'elles outras memorias além d'esses nomes e datas meio apagados.

Conservae, porém, a lembrança deste nome que aqui se nos mostra, *D. Juliana Isabel Dique* fallecida em *1703*, que tereis occasião de ouvir ainda falar d'ella, a proposito d'uma grandissima desventura.

## CAPITULO XI

A egreja — As capellas lateraes — Menções funebres — Os symbolos do tecto — A capella-mór — Quadros attribuidos ao Grão Vasco — Solennidades particulares do mosteiro — A abside do lado do evangelho — O tumulo do fundador — D. Dinis — A capella da rainha D. Filippa — Nicolau Ribeiro Soares.

RANSPONHAMOS agora a *grade da ametade*, assim chamada já nos mais antigos documentos relativos ao mosteiro, e que tinha tal designação, creio eu, por dividir ao meio o vasto recinto sagrado; uma parte formava o templo, outra o coro.

Eis-nos na egreja lageada de marmore branco e vermelho. Adeante da grade, um vasto patim, alto de dois degraus sobre o pavimento da egreja; aos lados, a competente teia separando as capellas lateraes do espaço central.

Já não existem as velhas naves que encheram de suas vozes eloquentes o sabedor D. Raphael Bluteau e outras summidades do pulpito e das lettras; mas é este o recinto em que, no dia 8 de novembro de 1775, resoou a palavra de fr. Francisco Roballo, prégando em acção

de graças pelo descobrimento da conjuração contra a vida do Marquez de Pombal.

Pouco temos que ver aqui; por isso inventariemos, como fizemos no coro, as capellas da egreja.

As do lado do evangelho são: uma, da invocação das princezas de Portugal *Sancha*, *Thereza* e *Mafalda;* a outra, da invocação de *N. S.ª do Ó.* Do lado da epistola, fazendo face áquellas, vêem-se as capellas de *Santa Umbelina* e de *S. Bernardo.* Todas estas capellas conservam seus retabulos, devidos a mediocres pinceis.

Nada mais temos a ver nas capellas.

No espaço que separa a teia das capellas, estão sepultadas varias pessoas; mas a maior parte dos epitaphios estão apagados. Eis alguns nomes dos que alli jazem:

*Isabel Martins? religiosa*;

*Catharina Dias, fallecida a 8 de julho de 1651;*

*Fr. Aleixo da Luz, fallecido a 26 de outubro de 1587;*

*O Irmitão Estevão João,* que falleceu *a 2 de abril de 1710;*

*Fr. Athanazio de Masquarenhas,* fallecido *a 2 de outubro de 1607;*

*Doutor fr. Agostinho do Sepulchro, Reitor que foi do Collegio de Coimbra,* fallecido *em 22 de janeiro de 1667.*

No tecto da egreja, ao centro, vê-se representada em

estuque a chuva do maná, sob a qual se lê numa fita este longo lettreiro:

PANEM ANGELORU MANDUCAUIT HOMO : CIBARIA MIZIT IN ABUNDANTIA

Do lado do evangelho, está figurada a arca de Noé sobre as aguas, com o seguinte lettreiro sotoposto:

ARCA FEREBATUR SUPER AQUAS

Da banda da epistola, figuraram o pelicano alimentando os filhos, com a lettra:

PRE AMORE MEMET UULNERO

Emfim, quasi á entrada da capella-mór, está representado um coração encimado da cruz e com o lettreiro:

MEVM PIGNUS OFFERO:

Como nós prefeririamos contemplar as gothicas nervuras das antigas abobadas, a vermos estas figurações e lettreiros no arrebicado estuque moderno!

*

Descendo a vista das alturas aonde a elevámos, temos ante nós a capella-mór e as duas que a acompanham. Estas são formadas de tabique logo á entrada das antigas absides: a do lado do evangelho é dedicada a *N. S.ª do Soccorro*, a que lhe corresponde do outro lado é da invocação do porteiro celeste.

A ogiva da capella-mór foi desfarçada com um arco de madeira, e os antigos pilares occultos por revestimento tambem de madeira, pretendendo tornar harmonica a architectura.

A abobada da capella-mór é elevada e elegante com as suas nervuras magnificas.

O altar primitivo, de pedra, está occulto por outro de madeira; e pode ver-se ainda, entrando pelas portas lateraes, o supporte antigo do throno.

Hoje, as imagens que alli se veem são de mediocre merecimento, e as pinturas sem valor algum. Mas havia alli quatro optimos paineis representando santas no altar-mór, e tão bons eram elles que os attribuiam ao Grão Vasco, conforme diz Raczynski. A abbadessa Anchietta não deve ter sido alheia ao seu desapparecimento.

*

Antes de deixar a capella-mór, notemos que as solennidades que alli se celebravam eram muitas. Diziam-se no anno quarenta e cinco missas cantadas[1]; havendo além d'isso: na *Paschoa*, procissão dentro e fóra do mosteiro; no *SS. Sacramento*, procissão dentro; na *Dominga da oitava do Corpo de Deus*, procissão dentro e fóra

[1] Devo estas informações, como muitas outras, ao meu estimavel e prezado amigo o sr. p.e Antonio Joaquim de Moura Calvão, ultimo capellão do convento, desde 27 de setembro de 1874 até 15 de junho de 1886. Aqui lhe reitero os meus cordialissimos agradecimentos pelos innumeros obsequios de que lhe sou devedor.

e sermão; em dia de *S. João Baptista*, procissão dentro; em dia de *S. Bernardo*, a 20 de agosto, sermão; em dia do orago *S. Dinis*, a 9 de outubro, sermão e bodo; em 16 de novembro, festividade em desaggravo do crime de Odivellas, com sermão.

Os anniversarios particulares do convento eram os seguintes, conforme se lê num antigo manuscripto:

«A outo de Janeiro hũ Nocturno com sua Misa Por ElRei Dom Denis a que se tamgem todos os sinos, e tãobem se tangem no fim da M. p.ª o Responso, e se dá hauizo á Sanchristã p.ª mandar por sera e pano na sua sepultura, e os ministros tem obrigaçaõ de hirem ao altar.

«A onze de feuereiro hũ Nocturno e Misa p.la S.ra Infante Dona Phelipa, e se lhe fas tudo da mesma sorte q̃. a ElRei e os P.es são obrigados taõbem a hir ao altar, a estes responsos dése o Conuento do Coro thé a porta da Ametade, e nos mesmos dias em q̃ se haõ de fazer se haõ de pronunsiar na Precioza, Como está apontado no liuro das Coleitas do Coro, no Calendario delle.

«Por N.º P.e Saõ Bento huã Misa do mesmo santo p.la Avó das Crastos.

«P.la Santisima Trindade, outra M. da mesma festa p.la mesma difunta. Treseira Misa no dia da Comemorasaõ dos defunctos.

«Por N.º P.e Saõ Bernardo outra Misa do mesmo

Santo p.la mesma difunta, todas estas Missas saõ Rezadas e do Cartorio se pagam a quem a M.e Cantora as emcomendar.

«Hũ Nocturno cada Anno com sua Misa por Dona Grásia Angela.

«Este oficio daseran (*sic*)[1] ha de se fazer uespera da vespera de todos os S.tos ao res*ponso* da misa do dia q̃ asim está *de*terminado p.los perlados.

«Dia de todos os Santos hũ oficio de Difuntos inteiro com sua Misa, depois da prima, o qual oficio se hade fazer ainda q̃ seia D.º porq̃ he legado, a q̃ se naõ pode faltar, pela Serram.

«No mesmo dia de tarde o oficio DelRel D. Denis com a sua coleita q̃ está no Liuro grande das lições.

«No dia seguinte ha duas Misas conventuáes, a p.ra he a da Comonidade, com prociçaõ solene, a segunda DelRej.

«No Mes de novenbro ha hũ oficio inteiro por Mecía de Abreu.

«No mesmo mes hũ Nocturno com sua M. p.la Avo das Crastos e se poem hũ pano ao pé do Altar de N. S.ra da Asumpçaõ.

«p.lo Advento hũ oficio inteiro com sua M. por Martim Matheus.

«Em desenbro hũ oficio inteiro com sua Misa por Dona Grásia Angel.

---

[1] *da Serrão.*

«hũ Nocturno cada Anno com sua M. p.las Crastos».

*

Na abside do lado do evangelho está hoje o tumulo do fundador do mosteiro.

Este tumulo não se via primitivamente naquelle logar, mas no meio da egreja; d'isso nos falam os chronistas e o proprio rei o deixou dicto no seu testamento de 20 de junho de 1322. São estas as suas palavras: «mando soterrar meu corpo no meu Moesteyro de San Denis dOdiuelas que eu fundei e fiz e dotey, antre o coro e a oussia mayor, hu eu mandei fazer sepultura pera mim».

Estava pois alli o tumulo na egreja; e era cercado, segundo refere fr. Francisco Brandão, «de grades altas de ferro com escudetes nas pontas dos balaustes das armas de Portugal, & cruzes da Ordem de Christo; & à cabeceira della huma Imagem de Sam Luis Bispo de Tolosa, por cujo fauor se liurou do vsso, o successo do qual deixou em hum dos pedestraes esculpido» [1].

Como, porém, o grande tumulo naquelle logar tolhia inteiramente ás religiosas a vista do altar-mór e as inhibia de assistir devidamente aos officios, passaram-no «á banda da epistola na mesma confrõtação», do que nos guardou memoria o auctor do *Agiologio Lusitano*.

[1] *Mon. Lusit.* P. VI, L. XIX, c. 44.

Alli se conservou por muitos annos, sendo transferido depois do terremoto para onde actualmente está.

Eis-nos em presença do tumulo do rei lavrador, obra primorosa, para o tempo, e cujas dimensões são avantajadas (1,$^{m}$44 de largo × 2,$^{m}$93 de comprido).

Desde longos annos que o moimento está terrivelmente mutilado, pois que foi o desastre de 1755 que precipitou sobre elle a abobada da egreja. A rainha D. Estephania ordenou um dia a sua reparação; mas reparação foi essa que melhor se pode chamar attentado. Fizeram ao rei D. Dinis uma cabeça de gesso, com uma barba muito penteada e frizada, mãos e pés de gesso tambem, etc., sem que ao menos houvessem procurado reproduzir as feições dadas á estatua do monarcha pelo artista primitivo, que evidentemente buscou retratar aquelle que alli devia dormir o somno eterno. O restaurador, longe de fazer isso, lançou até á margem um pedaço do rosto da estatua tumular (parte da face direita, comprehendendo a maçã do rosto, metade dos beiços, e uma porção de barba), que encontrou e que escondeu como *material* entre o gesso de que accumulou porções sobre porções!

Da figura de S. Luis restam insignificantissimos fragmentos, sendo impossivel restaural-a.

Em todas as quatro faces do tumulo ha figuras de pessoas religiosas em formosos nichos. Na face direita, vêem-se duas freiras em cada um dos nichos; na

face esquerda, dois frades em cada um; os dois frades do nicho proximo do pé do tumulo sustentam um cofre. Nos dos dois nichos do pé do tumulo dois religiosos em cada um; num dos da cabeceira outros dois; no outro nicho o rei de joelhos em oração a um santo, Luis ou Dinis.

Nos seis supportes ou pedestaes do tumulo vêmos: um leão; um urso; um dragão; um camello com o seu conductor; um leão prostrando um homem; e finalmente um urso apertando entre as garras um homem prostrado, isto é, a scena do perigo corrido por D. Dinis em Belmonte, scena que já conhecemos.

Eu não creio em milagres; mas creio que D. Dinis era de opinião contraria á minha neste ponto, como noutros muitos. Longe de repudiar o facto do urso, acceito-o como um dos motivos (embora remoto) da fundação do mosteiro. E o que me move a pensar assim é que, se o caso do urso fosse falso, como consentiria o rei que figurassem a scena no supporte do seu tumulo, quando (como é sabido) era costume medieval o re-representar em taes logares scenas da vida d'aquelles a quem os monumentos eram destinados? E não se faz ainda hoje o mesmo?

*

D. Dinis foi incontestavelmente um dos mais notaveis soberanos que teem occupado o throno portuguez. Tendo nascido em 1261 e succedendo a seu pae em

1279, correram-lhe bem agitados os primeiros tempos do seu governo, por causa das conhecidas pretensões de seu irmão D. Affonso, fundadas na supposta illegitimidade de D. Dinis. Livre, porèm, d'essas difficuldades, á custa de varias concessões feitas ao irmão, poude o rei consagrar-se tranquillamente á governação do estado. Assím deve-se-lhe um grandissimo impulso dado á agricultura, o que lhe valeu o cognome de *lavrador;* e um impulso não menos importante á instrucção, com o estabelecimento do *estudo* ou universidade que teve seu inicio em Lisboa, onde existia já em 1290, mas que poucos annos depois, em 1308 transferiu para Coimbra.

Tendo em mira o engradecimento de Portugal, de que povoou e fortificou muitissimas povoações, não só conservou sempre uma attitude nobilissima contra o estrangeiro, mas ainda conseguiu isentar da sujeição ao grão-mestrado de Castella a ordem de Sant'Iago, do que só podiam provir beneficos resultados para o reino. Um dos factos principaes do seu reinado, e que mostra perfeitamente a nobreza do seu caracter e a sua inquebrantavel firmeza, foi sem dúvida o modo como protegeu os templarios de Portugal, tendo de arcar com a preponderancia de Clemente V, que vilmente se combinára com o infame Filippe o Bello para destruir a valorosa milicia do Templo, e conseguindo fazel-a subsistir entre nós sob o nome de *Ordem de Christo*, que tantos serviços prestou a Portugal.

Os ultimos tempos do reinado de D. Dinis foram, como os primeiros, perturbados violentamente pelos disturbios do herdeiro da corôa, que, cioso da predilecção do pae pelo seu irmão bastardo Affonso Sanches, accendeu a guerra civil, a mais repugnante de todas as guerras. Não foi extranha a essa lucta a rainha D. Isabel, a qual induzida pelo seu antigo confessor, o bispo de Lisboa fr. Estevão, decaido da graça real, patriado em Castella, seguia o partido do infante e ex-rebelde. Muitos documentos existem que provam esta pouco digna attitude da futura *Santa Izabel.*[1] Sem aqui me deter a pôr em relevo o assumpto, direi apenas de passagem que a tão preconizada intervenção pacificadora de D. Isabel, na lucta entre o marido e o filho, unicamente se effectuava quando as hostes do infante corriam perigo de succumbir ás do rei. O facto é eloquente.

D. Dinis, o rei trovador, teve uma numerosa prole. Além dos filhos legitimos: D. Constança e D. Affonso (que lhe succedeu), houve em diversas mulheres muitos outros. Conhecem-se os seguintes: D. Affonso Sanches (nascido antes de 1289) chamado o de Albuquerque; D. Pedro Affonso (feito conde de Barcellos em 1 de março de 1304); outro D. Pedro Affonso; D. João

[1] Indicou-me este facto o distincto escriptor, sr. Dr. A. Rodrigues de Azevedo, que tem juntado todos os documentos e colligido preciosos apontamentos para um estudo historico d'esta guerra civil. Aqui deixo firmado o meu agradecimento.

Affonso (legitimado em 1317); D. Fernão Sanches; D. Maria Affonso (que casou com D. João de Lacerda); D. Maria Affonso (que foi freira em Odivellas).

Cheio de annos, de gloria, de desgostos e... de prazeres, falleceu o notavel monarcha em Santarem aos 7 de janeiro de 1325, assistindo-lhe aos ultimos momentos de D. Isabel, o futuro Affonso *o bravo*, e outros filhos seus.

Como tinha ordenada sepultura em Odivellas, para aqui o transportaram depois de devidamente embalsamado, a fim de o deporem no soberbo moimento.

O bispo de Lisboa, D. Gonsalo, deu as ordens convenientes para que o «Cabido de Lisboa se achasse presente com o Clero, & Ordens, & a Camara da Cidade com a Nobreza, & pouo della» ao funeral. Foi numerosissimo o concurso. «Todos esperavaõ fóra do Conuento, & alguns querem dizer, que aonde agora está hum arco de pedraria parou a liteira, & se fizeraõ as costumadas cerimonias; mas aquelle arco que responde a outro que está á saida de Lisboa para aquella parte no Campo da forca se puseraõ por descançar naquelles lugares o feretro d'elRey Dom Ioão o I. quando de Lisboa por aquellas partes veo tresladado ao seu jazigo do Real Conuento da Batalha, como se dirá a seu tempo»[1].

[1] *Mon. Lusit.* l. c.

D. Orraca Paes, a famosa abbadessa já conhecida nossa, veiu á porta do mosteiro receber o precioso deposito que lhe era confiado, acompanhada das oitenta religiosas de veo preto de que já então constava a communidade. Logo que o cadaver do rei foi collocado na eça, começou o officio que celebrou o bispo de Lisboa, entoando as freiras commovidas o primeiro responso, pelo eterno repoiso d'aquelle rei cavalheiro e generoso que lhe tinha dado tão sumptuosa morada.

D. Isabel, que acompanhara o despojo do marido, ficou residindo por algum tempo no paço ou casas reaes que alli havia no mosteiro (e cujos vestigios já vimos). D'alli deu comprimento ao testamento do rei, e naquella localidade instituiu uma albergaria a que legou largo cabedal. Ella havia tido a intenção de ser sepultada naquelle convento; mas ordenou mais tarde a sua sepultura em Santa Clara de Coimbra.

*

Correm muitas anecdotas relativas ao rei lavrador, e ha algumas noticias que nos certificam de que elle foi o primeiro galanteador portuguez do seu tempo. Mas, comquanto os poetas nem sempre falem verdade nos seus versos, basta a leitura das suas canções para nos dar a conhecer que D. Dinis sabia manejar as armas da seducção.

Eis uma amostra dos versos do rei trovador:

Senhor, dizẽ vos por meu mal,
que non trobo con voss'amor,
mays c'amey de trobar sabor;
e non mi valha deus, nem al,
se eu trobo por m'en pagar,
mays faz me voss'amor trobar.

E essa que vos vay dizer,
que trobo, porque me pagu'en,
e non por vós que quero ben,
mente, ca non veja prazer
se eu trobo por m'en pagar,
mays faz me voss'amor trobar.

E pero quem vos diz que nom
trobo por vós que sempre amey
mays o gram sabor que m'end'ey,
mente, ca dens nom mi perdõ?
se eu trobo por m'en pagar,
mays faz-me voss'amor trobar.

Qual a dama, a quem estes versos foram dirigidos, não se sabe, que o real poeta teve sempre o cuidado de não nomear as pessoas a quem cantava.

*

Segundo Acenheiro, «o Ynfãte Dom Joam, jás em Odivellas aos pees de seu avoo Dom Denis Rei»; este infante foi filho de D. Affonso IV e morreu menino.

Outros nossos escriptores, que mencionam o seu fallecimento, dizem que foi sepultado na capella de S. Pedro. Escolha o leitor entre uma e outra opinião, se acaso achar que vale a pena averiguar isso.

*

Ao norte e paredes meias com a abside onde está o tumulo do fundador, outra abside ou capella existe que prende a nossa attenção. Penetremos nella por esta pequena porta que a liga á antecedente.

O altar está quasi nú; o retabulo é insignificante; mas duas imagens que sobre a banqueta ainda se vêem teem algum merecimento.

O que, todavia, logo requer attenção é a pintura da parede.

Essa pintura, que cobre tambem a abobada, é primorosa. Sobre fundo de verde garrafa cortado em rectangulos por linhas horizontaes e verticaes, realçam elegantes flores de lis doiradas. O genero e a qualidade da pintura indicam-nos com toda a exactidão a epocha e o motivo porque de tal modo revestiram o interior da capella, a que se refere fr. Francisco Brandão quando diz:

«Foi alem das rasões apontadas, grande fundamento para escolher Odivellas (*D. Filippa*), a devoçaõ que tinha a esta casa, aonde morreo sua avò a Raynha Dono Felippa, por cuja causa lhe puseraõ a ella o nome. Esteve alli enterrada quinze meses aquella Raynha, donde foi tresladada para o Real Mosteiro da Batalha,

& bastou estar enterrada nesta casa, para que o Infante Dom Pedro pay da senhora Dona Felippa lhe instituisse aqui em Odivellas hũa Capella com missa quotidiana, a que estão obrigados os Priores dos Religiosos que nella assistem. Foi a instituição no anno 1445. & com ser o Intante entaõ Regente do Reyno, a fazenda applicada a Capella, foi propria sua.»[1]

O monge alcobacense corrigiu mais tarde a indicação da data em que foi instituida a capella, dizendo: «vendo o instrumento original, achei ser no anno de mil quatrocentos & vinte e quatro» [2].

Eu bem sei que instituir uma capella não implica necessariamente o edifical-a; e esta capella data da fundação do mosteiro provavelmente. Mas intendo que melhor que nenhuma outra foi esta a capella escolhida pelo primeiro duque de Coimbra para a sua instituição; e fundo-me para isso nas duas seguintes razões: a primeira é que a pintura da capella nos determina a epocha do infante D. Pedro, e não se podem attribuir aquellas armas senão a D. Filippa de Lencastre; a segunda é que aquella era a unica em Odivellas que se podia considerar digna do fim que se propunha o infante pelas suas proporções e posição que a podia tornar independente.

A mulher de D. João I, tendo falecido em 18 de ju-

[1] Conselho e Voto da senhora Dona Felippa... pag. 41-42.
[2] *Mon. Lus.* P. VI, L. XVII, c. 24.

lho de 1415, foi sepultada no dia seguinte no antecoro do mosteiro; e a 9 de outubro do anno immediato foi o seu cadaver transladado para a Batalha.

Data pois de 1425 esta pintura das paredes. Como se sabe a rainha D. Filippa tinha nas suas armas as flores de lis em campo azul. A tinta debotou sob a acção atmospherica, passando do azul ao verde.[1]

*

A lapide, que no centro da capella toma largo espaço do pavimento, pois tem de comprimento 2,$^{m}$85 e de largura 1,$^{m}$54, contêm, cercado por um primoroso paquife, um escudo d'armas que bem claramente nos mostra as familias a que se honrava de pertencer o seu proprietario. O brazão é o seguinte:

*Escudo esquartellado: O primeiro quartel, de prata com cinco crescentes de vermelho em sautor, e no alto o ramo de bastardia; o segundo e terceiro, de prata com cruz vermelha aóerta e floreteada, orla do mesmo com oito escudetes azues das armas reaes; o quarto esquartellado, sendo o 1.º e 4.º de oiro com quatro bas-*

[1] Ao proceder-se no mosteiro e egreja, aos reparos, a que já alludi, o encarregado das obras, o conductor de obras publicas **José Maria Nepomuceno** *mandou picolar as paredes da capella instituida pelo primeiro duque de Coimbra em honra de sua mãe,* fazendo desapparecer inteiramente não só a pintura que tinha 462 annos, mas até as cifras de canteiro e o trabalho da pedra. Perdeu pois a capella de D. Filippa de Lencastre interiormente toda a sua authenticidade. Que vandalismo!

*tões sanguinhos, o 2.° e 3.° de negro com tres fachas veyradas de prata e sanguinho. Timbre: Leão de prata armado de vermelho com um crescente na espadua.*

Temos pois: no 1.° quartel, as armas dos Pintos; no 2.° e 3.°, as dos Soares d'Albergaria; no 4.°, as dos Ribeiros.

Abaixo das armas está um amplo cartuxo com a seguinte inscripção em optimos caracteres romanos:

CAPELA ▾ E S$^{A}$ ▾ DE NICVLAO
RIBEIRO ▾ SOAIREZ ▾ E Ⅾ
VIOLANTE ▾ RABELA ▾ SVA
MOLHER ▾ E DE SEVS ▾ DE
CENDENTES ▾ E HERDEI
ROS ▾ HO QVAL ▾ FALECEO
AOS 27 DAGOSTO ▾ DE ▾
1557

Nicolau Ribeiro Soares foi segundo filho de Diogo Pinto Ribeiro, e de Elena Soares, e serviu muitos annos na India. Casou com D. Violante, que era filha do doutor Pedro Fernandes, vereador perpetuo de Lisboa, e de Brites Rodrigues Rebello natural de Lamego. Tiveram os seguintes filhos:

1 Diogo Ribeiro Soares,

2 Pedro Soares Ribeiro, que morreu indo para a India na náo *Santa-Clara* no anno de 1573.

3 D. Isabel Soares, que casou primeiro com o doutor Fernão Carneiro, e depois com Adriano Pereira Moniz de Pina,

4 D. Luiza Soares, que casou com Jeronymo de Barros,
5 D. Paula Soares.

Diogo Ribeiro Soares, filho primeiro de Nicolau Soares, e herdeiro da casa paterna, casou com D. Margarida de Noronha, filha de João Gomes Bocarro *(de Brito)* e de D. Maria de Noronha: «cuja D. M.ª foy f.ª de P.º Alz de Camões, e de D. Guiomar de Castro fr.ª de Odivellas». O genealogista poz á margem esta nota ao nome de D. Maria de Noronha: «havida na d.ª D. Guiomar sendo fr.ª»[1].

Estes sujeitos do nome de Camões parece haverem tido o particular gosto de se namorarem de freiras pois que ha outros factos conhecidos similares a este. Este parente do *Trinca-fortes* não apparece na genealogia dos Camões, a não ser que houvesse erro ao escrever-lhe o nome; pois encontro um Pedro Gonsalves de Camões filho primeiro (bastardo) de Duarte de Camões, morgado da Camoeira (Evora). É facilimo ter succedido que o primeiro genealogista escrevesse *Alz* por *Glz* ou vice-versa, ou que fosse lido um nome por outro.

Os ossos de Nicolau Soares ainda jazem no carneiro da capella, assim como os de sua mulher e os de alguns descendentes seus.

[1] Estas noticias relativas a Nicolau Soares e sua familia são extraidas do *Nobiliario e genealogia de algumas familias de Portugal, escriptas e ordenadas por Diogo Rangel de Macedo no anno de 1726.* Mss. em 50 vol. in fol. N.os 358-407 da Coll. *Pombal* na Bibl. N. de Lisboa.

Não encontro documento que me indique como passou a capella de D. Filippa á posse de Nicolau Soares. Mas não deve haver tido grandes difficuldades em obtel-a, pois que no seu tempo não existia já a filha do heróe de Alfarrobeira para velar pela instituição do páe, e a memoria e acções do grande infante pouco respeitadas eram, infelizmente.

Os unicos documentos de que tenho noticias, em que figura Nicolau Ribeiro Soares, são uma «Carta de aforamento de casas no Porto», lavrada em Lisboa em 25 de abril de 1550[1], e um «Alvará de aforamento d'um olival», feito em Lisboa tambem, aos 14 de janeiro de 1557[2].

Dos feitos do soldado, nada sei; mas talvez que, lendo-se attentamente as nossas antigas chronicas, se depare o seu nome mencionado honrosamente.

---

[1] Chanc. de D. João III, L. 64 f. 82.
[2] *Ibid.*, L. 54 fol. 194 v.

## CAPITULO XII

A abside do lado da epistola.—Um enigma.—D. Maria Affonso, filha do Fundador.—Um monumento de D. Maria.—Um tumulo que fala.—Um esqueleto de creança; enigma indecifravel.—

DESMO ao fundo da abside lateral da banda da epistola, ou capella de S. Pedro, que sempre conservou esta inovação, vê-se um tumulo de pedra, occupando o local do antigo altar.

Este tumulo, sem epitaphio, é um enigma.

Muitas vezes, eu alli sósinho, encostado á lagea tumular, onde avulta uma figura de mulher, passei longas horas contemplando o formoso semblante da estatua sepulchral, pedindo-lhe que me revelasse o segredo d'uma existencia.

A expressão d'aquelles labios graciosos, a serenidade constante d'aquelle rosto gentil fizeram-me pensar numa creança martyr; as figuras que sustentam o sarcophago confirmaram a minha suspeita.

A todos os espiritos atráe o desconhecido; a curiosidade é despertada vivamente pelo mysterio.

Foi alli, na solidão d'aquella antiga capella, junto d'esse tumulo enigmatico, que eu meditei e discuti algumas poucas noticias e monumentos, buscando erguer ao menos uma ponta do véo que o esquecimento e a dissimulação lançaram sobre a existencia de D. Maria Affonso, cujas cinzas alli foram encerradas.

*

Teve elrei D. Dinis duas filhas bastardas, ambas do nome de *Maria*; uma que se conservou no seculo, outra que foi recolhida no mosteiro de Odivellas. A primeira, D. Maria Affonso, teve por mãe D. Marinha Gomes, mulher de qualidade, natural de Lisboa, a qual depois casou no logar da Charneca, proximo da capital. Descobriu ou tornou conhecida esta maternidade o monge d'Alcobaça, fr. Francisco Brandão, que transcreve para prova as passagens de dois documentos do cartorio do mosteiro de Santos. D. Maria Affonso casou, no mez d'agosto (segundo parece) do anno de 1317, com D. João de Lacerda, filho de D. Affonso de Lacerda pretensor dos reinos de Leão e Castella. D'esta nada mais direi.

*

Sobre a outra D. Maria Affonso, freira de Odivellas, parece que um mau fado pesou sempre, pois que, havendo motivo para acreditar que não foi muito feliz, a sua existencia se acha involta no véo do mysterio. As

unicas noticias, que a respeito d'ella tenho encontrado em nossos antigos escriptores, são as mesmas que condensou o mencionado Brandão. Não se sabe ao certo quem foi sua mãe; o chronista hesita entre o dal-a como nascida d'uma celebrada Mór Affonso, que tivera relações com D. Affonso III, e declaral-a filha de Branca Lourenço. Diz elle:

«Das filhas delRey Dom Dinis Dona Maria, que foi Religiosa em Odiuelas, naõ achei quem fosse sua mãy; poderá ser que a Mór Afonso, de que falamos, se he que teve conversaçaõ com elRey Dõ Dinis, fosse mãy della. Com outra mulher chamada Branca Lourẽço, teve elRey tambem cõuersaçaõ,... della poderia nascer a dita Dona Maria, supposto que atè o anno de mil & trezẽtos & hum não tinha elRey ainda della filhos.»[1]

Mais adeante, relatando os successos do anno 1301, diz Brandão:

«A vinte & oito do proprio mes de Iulho, & na mesma cidade de Lisboa deu elRey a villa de Mirandella a Branca Lourenço, hũa fidalga com quem tinha conuersaçaõ, & a meu ver deuia ser filha de Lourenço Soares de Valadares, que despois foi casada cõ Martim Annes de Britteiros, q̃ a naõ ser de tal qualidade, naõ

[1] *Mon. Lusit.* P. v, L. xvii, c. 6.

lhe dera elRey esta Villa, pois sabemos q̃ naõ fez merces semelhantes ás mãys dos filhos bastardos que jà lhe nomeamos... *E esta vos faço* (diz elRey) *por compara de vosso corpo.* Não tinha elRey ainda filhos della, nem cuido qne teue despois d'isto filho algum, porq̃ não ha delles memoria. Antes dezia: *E se Deos tiuer por bem, que eu aja de vos filho, ou filhos,* que ficasse a elles a dita Villa, quãdo não que tornasse á Coroa. Confirmou a escritura o Conde Dom Ioão Afonso Mordomo mór. Martim Gil Alferes. Dom Martinho Arcebispo de Braga. Dom Ioão Bispo de Lisboa. Dom Pedro de Coimbra. Dom Egas de Viseu. Dõ Vasco de Lamego. Dõ Ioão de Silues. Dom Giraldo do Porto, & o Chançarel Esteve Annes. No principio da escritura diz, que a fazia com o Infante Dõ Afonso seu filho primeiro herdeiro, sem nomear a Rainha Santa Isabel...» [1]

Noutra parte, quando fala dos motivos da fundação, accrescenta mais o chronista:

«E ainda me persuado, que D. Maria filha delRey, que aqui em Odivellas tomou o habito, devia ser por sua mãy natural de alguns lugares do termo de Lisboa, & a esse respeito escolheo elRey das quintas que por aqui tinha, esta de Odiuellas para mosteiro em que a filha D. Maria se recolhesse.» [2]

[1] *Ibid.*, c. 22.
[2] *Ibid*, c. 59.

Quem lê attentamente a narrativa da fundação de Odivellas feita por Brandão, e o que elle refere ácerca de D. Maria, convence-se de que o monge alcobacense não disse tudo quanto sabia a esse respeito, e certifica-se de que elle não foi dos chronistas mais escrupulosos, o que de resto já está averiguado ha muito tempo.

Apparece, avoluma-se, resalta, a olhos visto, que, se o monge não queria ou não lhe convinha dizer a verdade, tambem não resistia á tentação de incutir suspeitas.

Vamos, porém, examinando o que diz o chronista: se D. Maria só nasceu em 1301, decerto que o convento não foi fundado para ella se recolher, pois data de 1295; a não ser que D. Dinis o fundasse de proposito para alli recolher as filhas que successivamente lhe fossem nascendo das suas amantes, o que nos faria considerar o rei *lavrador* como homem dotado d'uma previdencia estupenda. Quanto á maternidade de D. Maria tambem o monge de Cister divaga extranhamente: depois de manifestar a possibilidade de D. Maria ser filha de Branca Lourenço, diz-nos que não julga que esta tivesse filhos do rei, por não haver memoria d'elles.

Como se vê o chronista, longe de procurar esclarecer o facto, embrulha-o, torce-o. Se Brandão conhecia alguns pormenores da vida de D. Maria, occultou-os de modo, que é impossivel hoje conhecel-os com exactidão.

Reunamos ainda o que mais refere o monge de Alcobaça ácerca da filha mais nova de D. Dinis.

Depois de alludir á sepultura do rei, accrescenta o chronista: «Alem deste deposito se vem sepultadas em Odivellas algũas pessoas de sãgue Real, a saber. O Infante Dõ Ioão neto delRey Dom Dinis, & filho delRey Dom Afonso Quarto, o qual está na Capella de S. Pedro. A senhora Dona Maria, filha bastarda delRey Dom Dinis, Religiosa professa deste Conuento a sepultura da qual está na parede do claustro, que responde á Capella de S. Ioão Baptista». Noutro logar diz: «E pois tão cõnexos andaõ nascimentos, & finamentos, digo que o gosto, que ElRey teve com o nascimento daquelle neto, foy pensionado com a morte de sua filha Dona Maria Religiosa no seu Convento de Odivellas, da qual já fallámos no tomo antecedente, a qual despois de gastar a vida cõ louvavel procedimento os annos, que ali viveo, neste presente de 1320, aos 13 de julho foy recolher o premio da sua merecida coroa; deixando naquelle Convento com o deposito de seu corpo, huma viva lembrança da santidade de sua vida, que com esta opinião fazem della elogios nossos escriptores». [1]

A estas noticias de D. Maria ha a juntar que ella pelos annos de 1312 a 1320 mandou elevar em Odivellas certo altar, do que conserva memoria a seguinte

[1] *Mon. Lusit.* P. VI. L. XIX. c. 21

inscripção em onciaes maiusculas descoberta no mosteiro:

DN̄A : M : FILIA : DŌNI : DI
ONISII : REX : PORTUG
ALIE : ET : ALGARBII : JU
SIT : FIERI : HOC : ALTARE
: AD : HONORE̅ : DEI : ET :
: G L O R I O S I S I M I :
S C̄I : A N
D R E E : A *svuınb*
P P L̄I : Ê : *svp*
M : C C C : L *o pnɔsə*

cuja traducção é:

Dona Maria, filha de Dom Dinis rei de Portugal e do Algarve, mandou fazer este altar em honra de Deus e do gloriosissimo santo André apostolo. Era de mil trezentos cincoenta...

Mutilada como a lapide está na parte inferior, não póde saber-se se a data está completa ou não. O monumento, porém, não póde ser anterior ao anno de 1312 (que corresponde á era de 1350) nem posterior a 1320, em que D. Maria falleceu.

É impossivel averiguar hoje onde era o altar ou capella de Santo André, por causa da modificação que soffreu a egreja do mosteiro por occasião do terremoto

do dia 1.º de novembro de 1755. As capellas e altares actualmente existentes não correspondem todos exactamente, pelo menos no que respeita a oragos, ás capellas antigas. Não ha nenhuma capella dedicada a Santo André; nem mesmo o logar onde foi descoberta a lapide (um dos claustros) póde esclarecer em coisa alguma.

Este monumento epigraphico é o segundo em antiguidade pertencente a Odivellas. O mais antigo já ficou descripto; é o capitel de *Antam Martinz*.

*

Mas poder-se-ha pôr em dúvida que o tumulo seja de D. Maria Affonso?

Não.

Diz Brandão, e com elle concorda George Cardoso (que afinal o seguiu quasi passo a passo), que a sepultura de D. Maria Affonso estava de seu tempo na parede do claustro, correspondente á capella de S. João Baptista; e parece á primeira vista que isto invalída o ser o tumulo, de que se trata, o da filha do rei; mas toda a dúvida cáe perante a consideração de elle ter sido mudado para o logar em que se acha. Tambem o mausoleu de D. Dinis estava no centro da egreja primitivamente, depois foi mudado para o lado da epistola, e finalmente transferido para a abside do lado do evangelho, onde o vemos; já se disse quando.

Destruida esta difficuldade, nenhuma outra resta;

porque as outras pessoas de sangue real sepultadas em Odivellas foram: um filho de D. Affonso IV que morreu menino, e D. Filippa filha do heroe d'Alfarrobeira. Ora o tumulo pertenceu a uma mulher, como o indica a estatua da tampa, mas não a D. Filippa que foi sepultada na sacristia, onde veremos o seu epitaphio. Além d'isso o tumulo é evidentemente do seculo XIV. A maneira da esculptura da arca, e da estatua da tampa, é testemunho irrefragavel d'isso.

A auzencia de epitaphio demonstra tambem que era da primeira nobreza a pessoa nelle encerrada; sabe-se que os moimentos grandes e antigos de pessoas de sangue real não tinham geralmente lettreiro, por se considerar desnecessario isso. Examinemos o tumulo:

A estatua representa uma mulher muito moça, póde dizer-se uma creança. O rosto, oval, é formoso; os labios teem uma expressão graciosa e de resignação, que parece ter querido dar-lhe o artista. Enquadram o rosto os cabellos, divididos ao meio e caindo em anneis na almofada, que sustenta a cabeça, e sobre hombros. O collo, descoberto no alto, é logo occulto pela tunica longa descendo em prégas até aos pés que se apoiam em dois pequenos cães olhando em sentido opposto. Por sobre a tunica, ou habito, mas deixando vel-a ao centro, desce naturalmente o manto dos hombros até aos pés. As mãos estão erguidas sobre o peito.

Em cada um dos lados da arca, e ladeados por nichos com figuras bem esculpturadas, ha dois escudos,

perfeitamente eguaes entre si; e em cada um dos topos reproduz-se o mesmo escudo, todos elles rodeados d'um paquife composto de folhas de hera.

*Escudo esquartellado: no primeiro quartel, leão rompente para a esquerda; no segundo e terceiro, as quinas; no quarto, castello de tres torres.*

O que não foi mencionado em epitaphio, foi indicado no escudo d'armas seis vezes repetido no tumulo.

As quinas no segundo e terceiro quartel provam evidentemente que nas veias de quem alli jaz correu sangue real portugez. O castello do ultimo quartel, nada tem de extraordinario; os castellos são parte integrante das armas reaes portuguezas; e os filhos bastardos dos reis os uzaram, com as quinas, em seus brazões, como se vê dos sellos conhecidos de D. Affonso Sanches e d'outros.

O que é difficil de explicar, é certamente o leão rompente que se vê figurado no primeiro quartel. Todavia não me parece de todo desarrazoado que o leão alli faça allusão á mãe da fallecida, vindo assim a confirmar a opinião de Brandão, que eu sigo, de ter sido mãe de D. Maria Affonso D. Branca Lourenço, filha de D. Lourenço Soares de Valladares. O representar-se o leão dos Valladares no primeiro quartel seria expressamente para indicar a bastardia.

Não pode duvidar-se de que D. Dinis mandou fazer este tumulo para sua filha, á qual sobreviveu cinco annos. Podemos suppôr que D. Maria lhe era mui queri-

da, como todos os outros seus bastardos. É, porém, notavel que elle não fizesse d'ella menção no testamento. Parece curial que alli houvesse alguma allusão a ella; mas não se encontra a minima referencia nem mesmo quando se tracta dos anniversarios e missas pela almas das pessoas de sua familia. Seria dolorosa para D. Dinis a lembrança d'aquella sua filha?

*

O moimento de D. Maria assenta sobre duas figuras. Como se sabe, todos os antigos tumulos destinados a estarem afastados das paredes, isolados, eram sustentados por cachorros ou leões (quatro pelo menos), dispostos regularmente aos quatro angulos da arca. Pelo contrario, os moimentos destinados a estar encostados á parede, no fundo de capellas ou vãos, embora fossem geralmente lavrados em todas as faces, tinham apenas dois cachorros, que se dispunham symetricamente proximo das extremidades da arca, e que tinham o tamanho sufficiente para abranger a largura d'ella, supportando-a. É este ultimo caso que se dá no sarcophago de D. Maria, vindo isso ainda confirmar que elle estava junto á parede do claustro; o que tudo tambem reforça a opinião de ser o claustro chamado *novo*, o mais antigo dos dois do mosteiro.

Não são leões ou cachorros os supportes do tumulo; mas figuras humanas. Uma, a que se vê do lado da ca-

beceira, representa um frade, com seu habito cingido pelo competente cordão, sandalias nos pés, apoiado nos joelhos e nos cotovellos, debruços. A cabeça desappareceu.

O outro supporte é composto de duas figuras: um homem e uma mulher. Elle, corpulento como o frade; ella, franzina, uma verdadeira creança. O homem, cuja cabeça desappareceu tambem, tem trajo de cavalleiro; do cinturão lhe pende a bainha da espada, cobre-lhe o trajo de cavalleiro um habito, podendo suppôr-se que quizeram representar um freire d'alguma ordem militar.

A creança, apenas veste uma curta camisa, e tem os cabellos cingidos por uma faixa roliça e torcida, o que tambem é um caracteristico da epocha em que foi feita a esculptura.

As attitudes das duas figuras mostram uma scena terrivel. O homem quiz *roussar* a creança. Colheu-a desprevenida, num banho ou no leito, descuidada, intemente. Opprimida pelo infame, a pobre creança grita, tenta com suas mãos repellil-o, mas os seus esforços são baldados, e só póde gritar por soccorro. E então o algoz, raivoso de não poder satisfazer os seus bestiaes appetites, e enfurecido contra a victima que brada, com a mão crispada e sanhuda a segura violentamente pelos cabellos, e lhe enterra a sua espada no lado esquerdo do peito.

O esculptor representou optimamente a scena.

É horrivel a expressão do rosto da victima: expressão a um tempo de desespero e de dôr physica indescriptiveis.

Era costume medieval (herdado dos antigos, e ainda hoje seguido frequentemente) o representar nos tumulos algumas scenas mais ou menos notaveis da vida das pessoas que deviam conter. Exemplo d'isso já vimos no mausoleu de D. Dinis. Não é pois de extranhar que alli se representasse aquelle passo, terrivel mas capital, da vida de D. Maria Affonso, facto de que dependeu naturalmente o resto da sua existencia.

Debalde procurei nas nossas chronicas e nobiliarios, em livros impressos e em manuscriptos, alguma allusão ao facto; nada absolutamente descobri. Da maneira como vimos que Brandão fala de D. Maria, parece deprehender-se que elle tinha alguma noticia do caso, que intendeu não dever acclarar. É provavel que muito poucos individuos tivessem conhecimento da scena representada no supporte do tumulo, por isso que elle estava no claustro; os frades que entravam alli não se entretinham por certo a examinal-o miudamente; e as freiras não dariam tal indicação aos chronistas.

Podem imaginar-se muitas peripecias no drama terrivel que nos revela o grupo do tumulo; e por tanto está alli um thema optimo para um romancista exercitar a sua phantasia.

Eu, por mim, prefiro não romantisar o facto, mas sómente ponderar que talvez aquella scena revele

uma d'essas brutaes e atrozes vinganças, tão vulgares na edade media, mórmente advertindo-se que contra o rei D. Dinis (cujo reinado é aliás muito obscuro) se levantaram grandes odios, uns a que elle não deu motivo, outros causados pelas suas aventuras.

*

A infelicidade de D. Maria, succedeu-lhe anteriormente á sua reclusão no mosteiro ou depois d'ella alli ter entrado? Certamente antes, apezar de que muitos factos succedidos por aquelles tempos noutros conventos poderiam deixar crer o contrario. A figura, porém, do supporte representa sem dúvida alguma uma creança. Foi talvez em consequencia d'esse infausto acontecimento que D. Dinis recolheu em Odivellas a filha, sobrevivente á catastrophe, já que não podia dar-lhe uma posição brilhante no mundo, como fez á sua outra filha D. Maria.

A infeliz D. Maria Affonso não viveu muito. Sabemos que falleceu em 1320; e o monumento erigido por ella em nada nos esclarece, por não ministrar particularidade alguma de importancia para este objecto, e além d'isso por não haver certeza de estar inteira a data. Mas devemos attender a que é ella sempre a ultima mencionada das filhas de D. Dinis, nas listas que os antigos nos deixaram, e em que elles costumavam conservavar a ordem da geração.

Por outro lado a estatua tumular (que tem de com-

prido um metro e setenta centimetros e na qual ninguem recusará ver o retrato de D. Maria), mostra-nos uma mulher muito nova ainda; e as dimensões do tumulo (que no exterior tem um metro e noventa e um centimetros, e que no interior mede apenas um metro e setenta centimetros, de comprido) não permittem dar á fallecida uma estatura maior de um metro e cincoenta centimetros o maximo. D. Maria, deve ter nascido de Branca Lourenço pelos annos de 1302, tendo pois, quando falleceu, a edade de dezoito annos, e reconhece-se que era pessoa de mui pequena estatura.

*

O tumulo de D. Maria já não encerra as suas cinzas. Havendo sido aberto em certa occasião acharam nelle um caixão de madeira já desconjuntado, e duas cobertas, uma d'ellas de seda que mostrava haver sido côr de rosa, e outra d'estofo de lã e seda de listas e desenhos doirados sobre fundo castanho. Achou-se alli tambem parte d'um esqueleto de creança que não poderia ter mais d'anno, e um casaquinho de creança de damasco verde. Uma moeda de cobre, que parecia ser um ceitil de D. Manuel, appareceu tambem no sarcophago.

Os restos de D. Maria desappareceram naturalmente por occasião da transferencia do seu tumulo para a capella de S. Pedro, se já mais antigamente se não haviam perdido.

O esqueleto de creança é outro enigma, este agora mais difficil de advinhar, por não ser possivel que sejam os restos do filho de D. Affonso IV. Aquelles ossos não teriam durado tantos seculos.

Ha margem para muitas hypotheses; mas ninguem logrará adquirir uma certeza.

Pobre D. Maria! Pobre creança!

Perdoa-me, espirito gentil, se te attribuo falsamente uma desdita que haveria feito de ti uma martyr. Se o foste, perdoa-me revelar o teu martyrio.

A verdade inexoravel da historia faz revolver o pó dos sepulchros, faz perturbar o somno dos mortos, evocar-lhes as sombras, abrir suas chagas, patentear suas miserias ou crimes, e avivar as dores que os lancearam.

Aqui junto do teu tumulo, contemplando a tua doce imagem, eu repillo todos os pensamentos de ironia e de motejo, e deponho a teus pés todo o sentimento de commiseração pela tua desdita, todo o sentimento de tristeza pela tribulação da tua adolescencia, todo o sentimento de piedade pelo sacrificio da tua existencia ephemera!

## CAPITULO XIII

A *Sacristia* — Alfaias — Inventarios curiosos — D. Filippa de Lencastre, filha do heróe de Alfarrobeira — Notas biographicas e bibliographicas — Versos de D. Filippa — O seu *Conselho e voto sobre as terçarias e guerras de Castella* — O seu testamento e morte.

AVENDO o terremoto de 1755 prejudicado muitissimo a abside ou capella que servia antigamente de sacristia (a qual corresponde, do lado da epistola, á de D. Filippa de Lencastre) foi ella restaurada por occasião da reedificação da egreja, perdendo interiormente todo o caracter de antiguidade. Nada tem pois de interessante a sacristia de Odivellas, que se compõe de duas casas: uma, onde estão os gavetões dos paramentos e uma elegante mesa de bellos marmores, servindo de aparador; outra, onde está o indispensavel lavatorio e outros objectos. Além destas duas quadras, pertencia ainda á sacristia uma pequena casa de arrecadação. que lhe fica paredes meias, assim como lhe pertencia a casa do thesouro, que nós já vimos ao passar pela nave occidental do claustro novo.

*

Era muito rica em alfaias de todo o genero a egreja de Odivellas, alfaias que estavam, como é da praxe, sob a responsabilidade da Madre Sacristã-mór. Existe ainda o *Livro | da Sanchristia | do Real Mosteyro de Odi|vellas que principia em o an|no de 1751. | Receita e despeza. | Sendo Abbadeça | A Illus.ma Ex.ma Sr.a | Donna Joanna do Soveral Cout.o | e Sãnchristãas | as m.es D. Luiza Cardim de Mir.da | D. Luiza da Conceiçã.* Neste livro se encontram inventarios de varias epochas, sendo os principaes os dos annos de 1749, 1765, 1828, 1731.

O primeiro d'estes inventarios começa do seguinte modo:

«Inventario do q̃ se achou na Sanchristia e ficou de novo nella no anno de 1749.

«A prata da Igreja q̃ está em poder das Sanchristans, e da Irmandade do S.or, consta das declaraçoens, do N. P.e Fr. Bento de Mello, e tambem o q̃ está só em poder dos Sanchristans.

hum crucifixo do altar mór
huã naueta de Madreperola
hum Painel da veronica do S.or
Seis Paineis q̃ seruem na Somana S.ta
Dois Sudarios com Sua caycha
trinta e sinco toalhas dos altares
Douze aluas coartiadas

Corenta e sete aluas do vzo
trinta e seis amitos de Renda
Vinte e quatro amitos chanos
Corenta e dois cordois
Corenta e tres guardas de corporais
Setenta corporais
Cento e corenta e oito sanguinhos
nouenta e quatro toalhas»

. . . . . .

Como se vê, não são aqui especificadas as peças de oiro e prata; mas em compensação vemos que enorme quantidade de paramentos havia no convento.

No inventario de 1765 encontra-se a lista d'essas alfaias «entre outras coisas» a saber:

«hum veo de cobrir o tumulo

. . . . . .

hum crucifício de prata q̃ he do altar mor

coatro uaras e coatro anjos de prata da meza da comunham

huma caxa de prata dos Sanguinhos — e outra das ostias

Duas pazes de prata.

tres nauetas duas são de prata e huma de madre perola e huma não tem colher

duas cruzes de prata

dois tribulos de prata

dois bagos de prata
hum brazeiro de prata
Coatro castisais de prata, e dois piquenos do mesmo
duas tuxeiras de prata da meza da communham
huma basia de prata q̃ Serue No Sepulcro
des Galhetas de prata — e tres pratinhos das galhetas tambem de prata
duas copas de prata
huma quarta de prata
hum Iarinho de prata
huma campainha de prata
tres saluas de prata
dois fruteiros de prata
hum tabuleiro de prata
huma bandeija de prata
tres Caldeiras de prata com seus eiropez
Dez Ramos de prata
Dois Iaros e dois pratos de prata
huma Vronica do Snr.° q̃ serue em q.ta f.ra S.ta
Dois santos Sudarios
hum cofrezinho de prata sobre dourado do entero
Vinte e coatro galhetas de uidro
hum Iarinho de uidro»

. . . . . .

No inventario de 1828, feito pelas sacristãs D. Anna Valente e sua irmã D. Guilhermina Valente, apparece logo na cabeça do rol «Huma Jmagem de Jesus Ch.

resussitado» seguida de «Huma custodia de Prata dourada» e «Cinco calices com seus pertences». A lista continúa com muitos outros objectos (que evidentemente já existiam no tempo em que foi feito o antecedente inventario) taes como: «Duas chaves do Tumulo», «Hum Cofre das Reliquias das Onze mil Virgens», «Huma Figura de Prata intitulada a Fé», «Duas Estantes p.ª os Missaes», «Dois missaes com fechos de prata», . . . «Dois Vazos dourados que servem no Dia da Eleiçaõ», etc.

No inventario de 1831 mencionam-se quarenta peças de prata; sendo interessante notar que posteriormente a essa data se pôz na relação, em seguida á menção de varios objectos, já a nota *vendeoce*, já est'outra *sumiuse*. Vejamos:

«Pessas de Prata

Huma Jmagem de Jesus Ch. resuscitado . . . . . *vendeoce*

. . . . . .

Cinco calices com seus pertences . . . *dois sumiraõ-se*

uma crus de Prata dourada, e outra d.ª Liza e não dourada . . . . . *vendeose*

. . . . . .

uma caixa para Ostias . . . . . *vendeose*

Outra d.ª q̃ serve p.ª a Meza da Comunhaõ . . . . . *sumiuse*

. . . . . .

Hum Turibulo de huma Naveta . . . . *sumiuçe*

| | |
|---|---|
| Humas galhetas piqueninas . . . . . | *á só huma* |
| Cinco pratinhos de Galhetas . . . . . | *sumiraõ quatro* |
| Huma campaynha forrada de prata. . | *vendeose* |
| Hum Cofre das Reliquias das Onze mil Virgens . . . . . | *vendeose* |
| Huma Figura de Prata intitulada a Fé | *vendeoçe* |
| Duas Estantes p.ª os Missaes . . . . . | *sumiraõ-se* |
| Dois Missaes com fexos de prata . . . | *venderaõse* |
| Huma Palmatoria diter Vella . . . . . | *vendeoçe* |
| Hum Bago de Prata . . . . . | *vendeose* |

De modo que das quarenta peças de prata existentes em 7 de agosto de 1831, foram vendidas *dez*, e *onze* . . . summiram-se. No resumo das summidas entram dois calices, um thurybulo, e duas estantes para missaes !

A maior preciosidade do mosteiro era a custodia de oiro considerada,no dizer de G. Cardoso, «a melhor & mais custosa peça de Portugal»; não foi pois mandada fazer ou offerecida por D. João V (como se affirma geralmente), pois que já lá existia em 1647.

Logo em seguida a esta, era tido como obra preciosa um grande cofre de prata em que se guardava o corpo de S. Guilherme, cistereiense francez que foi Arcebispo de Bituria e Confessor, e juntamente com esta outras reliquias. Este cofre, que era exposto no altar-mór, nos dias de maior solennidade, era trabalhado ao gosto antigo, adornado nos quatro cantos

por nichos com as imagens de vulto de S. Dinis, S. Bernardo, S. Guilherme e Santa Ursula, e cercado de tres lettreiros na ordem que se segue:

*1. Este relicario mandou fazer a Abbadessa D. Violante Cabral na E. de 1533.*

*2. Aqui està a cabeça de S. Vrsula, & outra meia da Rainha Ierafina sua tia, & outras muitas reliquias das* II. *mil Virgens.*

*3. Aqui jaz mais: o corpo de S. Guilherme Bispo, & outras muitas reliquias.*

G. Cardoso, que examinou o cofre, não poude averiguar a epocha em que estas reliquias entraram em Odivellas; e a este respeito menciona que o cartorio do mosteiro soffreu um incendio que destruiu muitos documentos.

Noutros generos de alfaias, como *frontaes*, era tambem muito rica a egreja. Entre muitos e célebres, distinguia-se pelo precioso da materia e do tecido o frontal de prata do altar de N. S.ª do Soccorro que foi vendido pela abbadessa Anchieta.

*

Na parede da Sacristia, fronteira á porta que communica com a abside onde está o tumulo de D. Maria Affonso, vê-se uma bella lapide de marmore vermelho,

com a seguinte inscripção em magnificas lettras romanas:

AQVI IAZ A SERENISIMA ▼ S ▼ D ▼
FELIPA Fª DO INFANTE ▼ D ▼
Pº E DE SVA MOLHER ▼ D ▼ ISA
BEL HE NETA DEL ▼ REI ▼ D ▼ Iº
Iº ▼ VIVEO HE MOREO RECO
LHIDA NES ˜E MOSTRº

Esta notavel senhora D. Felippa de Lencastre, cuja nobreza e virtudes eram egualadas pela erudição, foi grande conhecedora da lingua latina e doutras muitas, e versadissima na licção da Biblia e dos Santos Padres.

D. Filippa, ultima filha do heróe de Alfarrobeira, e de D. Isabel de Aragão, nasceu (conforme a mais segura opinião) em Coimbra pelos annos de 1437. Foi educada em companhia de seus primos, cuidando muito sollicitamente d'ella a infanta sua mãe e a rainha sua irmã mais velha, que morreu em Penella em 1455 havendo suspeitas de ter sido envenenada, ponto ainda muito obscuro da historia particular da segunda dynastia.

Destinada, por seu alto nascimento e por sua singular illustração, a occupar uma posição brilhante no mundo, os medonhos desastres de sua familia (entre outros, a morte tragica de seu pae e o mysterioso passamento da irmã) produziram-lhe tão profundo desgosto, que começou a affastar-se do bulicio da corte, e

acabou por ir abrigar-se das tempestades sociaes na solidão d'um convento. Vê-se, porém, que não tinha a vocação do claustro, porque não approvou a resolução tomada por sua sobrinha D. Joanna, filha de D. Affonso V, de proferir votos perpetuos.

Desde 1459 até 1472, na sua casa junto ao mosteiro de Odivellas, applicou-se á educação de sua sobrinha D. Joanna, a qual chegou a estar dois meses no mosteiro, passando em seguida para o convento de Jesus de Aveiro, no sobredito anno de 1472.

Em 1473 impetrou D. Filippa e obteve auctorisação do papa Xisto IV, para entrar como recolhida no mosteiro de Odivellas; mas só em 1475 estabeleceu a sua morada alli, entregando-se devotadamente ao estudo, do que resultou uma traducção das obras de S. Lourenço Justiniano e outros trabalhos religiosos.

Em 1490, adoencendo gravemente sua sobrinha, partiu para Aveiro D. Filippa acompanhada da Abbadessa de Odivellas D. Maria de Alvarenga, e de mais tres religiosas, indo assistir ao passamento da Infanta D. Joanna que aconteceu aos 14 de maio do mesmo anno.

De Aveiro, foi D. Filippa de Lencastre, com as mesmas companheiras, em romaria a Sant'Iago de Compostella, fazendo a jornada a pé, por ser anno de jubileu, despendendo grossas quantias em esmolas, e edificando a todos com o exemplo de suas virtudes, no dizer dos nossos chronistas. Á volta de Sant'Iago, e sempre viajando a pé, visitou o Santo Lenho de Mó-

reira, e teve novena «ao santo cavalleiro D. Garcia Martinz», na egreja de Lessa.

Regressando a Odivellas, entregou-se novamente aos trabalhos litterarios, por que tinha singular predilecção, trasladando do francez para a nossa lingua um livro dos Evangelhos, nove meditações sobre a paixão, e homilias para todo o anno.

Das suas obras, que correm impressas, se pode ajuizar de sua linguagem e dotes de espirito. Mas para relembrar a sua aptidão para a poesia reproduzirei aqui uns versos desta senhora que transcreveu o auctor do *Agiologio Lusitano*, dizendo ao mencionar os seus escriptos:

«A Dedicatoria no liuro dos Euangelhos (que se conserua em Odiuellas escritto, & adornado com estampas das historias delles debuxadas por sua mão) o que tudo está mostrando sua muita deuoção; no fim do qual se lem os seguintes, que por serem pios, não quiz desfraudar delles aos curiosos deuotos.

Non vos siruo, nem vos amo,
Mas desejo vos amar
De sempre, vossa me chamo,
Sem quem non he repousar.
O vida, lume, & luz,
Infindo bem, & inteiro,
Meu Jesu, Deos verdadeiro,
Por mim morto, em a Cruz.
Se mim mesma non desamo,
Non vos posso bem amar;
A me ajudar vos chamo,
Para saber repousar.

Póde ajuizar-se do valor e disposição do Livro dos Evangelhos de D. Filippa pelo que a illustre escriptora diz na alludida dedicatoria que d'elle fez á Abbadessa e mais religiosas de Odivellas, e na qual faz allusão á sua romaria a Sant'Iago:

« ... Os dias passados veo a minhas mãos, Madre, Senhora, & devotas irmãs em Iesu Christo o original de hũ livro em Frãces, & porque a elle em vos provectar algũa cousa servisse, quiserao trasladar tornado em Portugues por mão de quem melhor que eu escrevera, a qual cousa começada, vierom torvaçoẽs que disso me desviaram. Querendo mais da hi a tempo proseguir, seguiose nossa romaria em a era do Senhor de 90. ao jubileu do Apostolo Santiago em Galisa, onde eu, & vos Madre, & muito amiga com algũas irmãs de companhia fomos, E da volta assi se tornou o mundo que me pareceo o nom poderia bem escrever, se nom que soo de minha letra fosse. Deime a essa occupaçom, & como eu por meus peccados nom som a plaser de Deos, tam pouco o som as obras minhas: corporal infermidade me toruou tanto que obra de hum mez, nom podia acabar em quatro. E sobre tudo porque nom som boa official em muitas partes vae a letra mui descontinuada, ás vezes faminta, outras mais grossa, de rabiscas a lugares, doutros assáz falimentos abastada. Sẽto porem que as palavras, & sentenças do livro, verdadeiramente som escrittas . . . Mas sem Christo que em elle mui principalmente se tratta, ficão

todas as cousas sem sabeduria. Aqui estão de sua Concepção, Nascença, Vida, Doctrina, Milagres, Paixom, Morte, Resorreiçom, Ascensom, enviamento do Santo Spirito, vinda ao juizo, para seres de sua gloria. Nascença bendita, Vida, & Morte da Virgem Maria nossa Senhora sua Madre, Epistolas, & Evangelhos do domingal, & ferial que rezaes todo o anno, & outros, que segundo o costume da quella terra, que não diz qual he, alem dos que vsaes em quartas, & sestas feiras, com muitos sermoens pequenos, & alguãs grandes lendas das festas do Senhor & da Senhora, & inda em afim de cõmuns dos Santos, & festas votivas, alguns poucos. E porque a vista delectosamente occupe as imagens destas cousas figuradas, & aquellas que em o tempo antiguo forão dellas figura, ainda que nom som bem feitas, porque nom tive melhor pintor. Em a fim tem hũa taboada por *a*, *b*, *c*, que resume acerca tudo o conteudo con o livro, demonstrando onde se busque . . . . . escritta a 2. de Dezembro Era do Senhor de 491.»[1]

[1] A *dedicatoria* do livro de D. Filippa foi transcripta por fr. Francisco Brandão, no opusculo que publicou e dedicou a D. João IV, intitulado *Conselho, e voto da senhora D. Filippa filha do Infante D. Pedro sobre as terçarias & guerras de Castella*... Lisboa, 1643, in-4.ºO célebre Livro dos Evangelhos, por extincção do mosteiro de Odivellas, foi levado (como muitos outros livros valiosos e objectos de preço) para o paço de S. Vicente de Fóra, a titulo de ser objecto do culto (!!!). Indigna e revolta este facto, assim como a continuada espoliação dos objectos d'arte, dos monumentos do estado, dos *proprios nacionaes* em summa, exercida pelo Patriarcha de Lisboa e seus sequazes em todos os conventos extinctos da sua diocese.

*

O mais interessante dos escriptos de D. Filippa de Lencastre é o seu *conselho e voto sobre as terçarias e guerras de Castella.*

Havendo-se estipulado no tratado de pazes com Castella em 1480 que os reis das duas nações pozessem como segurança do contracto, ou *terçaria*, os principes D. Affonso e D. Isabel, o filho e a futura nora do principe D. João, foram as duas creanças entregues em Moura á Infanta D. Brites. Durante as terçarias, que duraram desde janeiro de 1481 até o principio de 1483, porque a saude do principe se prejudicava habitando em logar doentio, e por outras causas mais, falou-se muito em levantal-as; o que sendo uma rotura das estipulações de pazes poderia accarretar uma nova guerra. Por essa occasião foram consultadas varias pessoas mais ou menos interessadas no caso, outras que gosavam de influencia, e outras ainda havidas por muito sizudas e avisadas. A D. Filippa foi tambem pedido seu conselho e voto, ao que ella satisfez promptamente. É tão notavel o seu parecer, revela-se nelle um espirito tão illustrado, um caracter tão nobre e uma vontade tão firme, que julgo agradará aos leitores o verem aqui o começo e principal parte d'esse documento, tanto mais que é rarissima a unica edição que fez d'elle fr. Francisco Brandão.

«Bem sabe nosso Senhor que eu não tenho dezejo

de governos, mas as cousas deste Senhor me tocão, porque lhe quero hum mui verdadeiro bem, quanto sei, & posso, ainda que de muito mais seja digna sua virtude, & grandeza.

«Acerca da estada de seu filho, como eu pouco me dou a feitos, nam sei quanto suas capitulaçoens o apertão, & o dezejo que sua merce tem de o tirar da li. Com rasão deviao querer, porque as cousas aprendidas na mininice ficão depois mui complantadas. Criado em sobjecção, & tratto de molheres como preso honrado, & ouvir missa, & comer em estrados, nem ter quem de nobresas lhe falle, ou lea, he grande deffeito. E o peor he nem ter que dar, nem quem lho insine. Se souber o *Credo in Deum* nom sei se como o crea: porque primeiro convem ser bom homem, para dahi subir a ser bom christão. Porém estas, & muitas mais cessem porque elle huma vez nom falleça do que tem promettido, & capitulado em seus trattos de pazes. Porém, se salva sua verdade elle o pode fazer, nom digo querello, mas dezejalo deve. E temer que com mostrança de razom sem verdade, desfeitos estes casamentos de Castella, buscaraõ occasioens de guerra, ao que julga meu pequeno entender, saõ temeres de coração fraco, que dos Reys em toda maneira devem ser alongados. Nunca por nós venha a causa, as que de laa sem direito veerem, com ajuda de nosso Senhor tam poderoso he Portugal em sua maneira de lhe resistir defendendosse, como todo o Reyno de França.»

Prosegue D. Filippa dizendo que certamente se deve desejar a paz com Castella, porque é um reino christão, e com elle tem havido varias allianças matrimoniaes. Accrescenta, porém, logo:

«Mas se acaso for, que Deos defenda, que elles contra verdade, & justiça busquem contra nós guerra, menos a temo que outra alguma, como dizem, *cæteris paribus*. As causas saõ principalmente nosso mui justo titulo de pouco menos de tresentos annos a esta parte que Portugal he Reyno. Temos a justa posse, & senhorio ganhado com ajuda de Deos aos Mouros por sangue de nossos antecessores, confirmado pello Santo Padre, que de outrem nom confessamos senhorio. A qual cousa assi foe dura de sofrer aos Castelhanos, que tomarom contra nós odio, & enveja perpetua, em tal maneira que se lhes tornou como em natural paixão: & todas as discordias que com nosco tem haõ nascimento da queste vicio misturado com ingratidão. E direi de que modo.»

E põe em relevo os auxilios prestados pelos portuguezes aos castelhanos, em diversas epochas, serviços já expontaneos já sollicitados.

*

Por seu testamento e codicillos apensos, feitos em diversas datas em fins de 1492 e começos do anno

seguinte, deixou a illustre senhora o melhor dos seus haveres ao mosteiro onde viveu, sendo seus testamenteiros Pedre Annes seu capellão-mór e Fernão Lourenço thesoureiro da Mina. Entre os bens deixados a Odivellas contavam-se: duas quintas que comprara «a D. Beatriz, e ao Judeu, em o lugar q̃ se chama Orneiro», «o cazal de Cazal ventoso», o casal «onde chamaõ a dos balores», a quinta «de Barrosa em q̃ está o moinho que soia ser da Croa do Regno... agora... desmembrada da Coroa». Faz mensão dos seus livros e deixa, entre muitos outros, um importante a Antonia de Alencastro, sua creada, a quem se revela extremamente affeiçoada.

D. Filippa falleceu, segundo reza uma memoria que as freiras escreveram no fim do mencionado livro dos Evangelhos; *Em a Era de 493. a 11. de Feuereiro dormio graciosamente em o Senhor, & jaz em Odivellas.* «E no das Kalendas (acrescenta G. Cardoso), que anda no remate de hũa abreuiatura da regra de S. Bento, se lê: *3 Idus Februarij obijt illustrissima, & virtuosissima D. Philippa reformatrix istius domus.*»

## CAPITULO XIV

A *Cerca.*—Casas e quintaes.—Portas e escadas.—Ainda o terremoto de 1755.—Barracas de habitação.—A *casa do lagar do azeite.*—O *Senhor Roubado.*—O tanque grande.—Poetisas desconhecidas.—A *Fonte do Anjo.*—Ainda D. Feliciana de Milão.

RESTA-NOS ver a cerca do mosteiro. Passaremos para ella por uma porta que, ao fundo do coro, está ao lado esquerdo do altar de N.ª S.ª da Paz. Era este mesmo caminho que ordinariamente seguiam as freiras, depois de terminadas as *vesperas*, para ir espairecer dando o seu passeio, como em varias visitações circunspectamente dizem os padres mestres de Alcobaça.

A cerca estendia-se ao norte e occidente do mosteiro, chegando d'este ultimo lado até o Valle de Flores, que por longos annos comprehendeu. É ameno, é delicioso este sitio, que foi um dos mais suaves retiros das reclusas cirtercienses. Dividia-se em varias porções, cada uma com sua especial designação, conforme o seu destino particular; havendo assim o *pomar*, a *horta*, a *cerca das gallinhas*, etc.

*

A cerca foi sempre uma das pertenças do mosteiro que trouxé em grande sobresalto, ao menos apparente, os abbades geraes e os seus visitadores. Póde dizer-se que não ha uma só visitação em que não estejam exarados conselhos ou advertencias que lhe respeitem.

Umas vezes encontram-se determinações relativas a portas, como esta que vem na visitação feita em 3 de dezembro de 1749, do abbade geral: «Por nos constar, q̃ no Muro da cerca das galinhas está huma porta, q̃ pode devaçar a clauzura, ordenamos ao P.e Feitor a mande logo fechar de pedra, e cal com toda a segurança.»

Outras vezes ha outras curiosas e eloquentes ordenações, como a que segue, posta pelos visitadores de 29 de setembro de 1754: «Item mandamos q̃ a M.e Pumareyra tenha grd.e cuid.° em q̃ não fique escada algua na horta, nem em Val de Flores de noute.»

Tinham as freiras na cerca pequenas casas e quintaes proprios seus, cujo destino (particularmente das casas) não parecia conveniente aos seus superiores; por isso numa visitação, que fizeram em 10 de outubro de 1744, fr. Mathias de Coelho e fr. Bento da Conceição determinam o seguinte:

«Por evitarmos o grande perjuizo, q̃ se pode seguir ao comũm deste Mostr.° por cauza das m.tas cazinhas, e quintalinhos, q̃ há no pomar das galinhas, q̃ vay p.a a horta: mandamos, e ordenamos, q̃ todas as cazinhas,

e quintalinhos sejaõ arrazados á custa de suas Donas, tendo com q̃, e senaõ á custa da ordem, e tudo de sorte, q̃ fique em campo razo, e dentro em hum mez.»

*

O terremoto do dia 1.º de novembro de 1755 arruinou, como já se viu, o mosteiro de tal modo, que houve necessidade de erguer na cerca algumas barracas para abrigo de muitas religiosas.

O local preciso onde essas provisorias construcções assentaram não se póde hoje indicar com precisão; mas tudo leva a crer que ellas estiveram no terreno que fica immediatamente atraz (ao occidente) do coro.

Na visitação de 7 de outubro de 1757, fr. Carlos de Miranda e fr. Luis Coelho expressam-se desta maneira: «E porq̃ vimos, e examinamos com bem magoa dos nossos coraçoiz o deploravel estado em q̃ se acha este Mostr.º na falta de observancia e exenção q̃ devem ter as Espozas de Jezuz Xp.º de todo o trato com pessoas seculares, concorrendo m.to p.a a devacidão da clauzura o haver neste Mostr.º quatro portas de serventia; pondose por este modo francas as entradas de seculares: ordenamos e mandamos q̃ as Relig.as se sirvaõ sómente das duas portas antigas do Mostr.º, convem a saber, a porta nova, e porta velha, como sempre foi costume; e recomendamos ás M.es Portr.as não deixem entrár pessoa alguã de q.al q.r qualid.e q̃ seja dentro ás Barracas aonde assistem as Relig.as»

Assistiram nessas barracas as religiosas durante alguns annos (pelo menos até 1760), até que fossem reedificadas algumas casas, em que podessem estabelecer-se.

Pelo mesmo tempo serviu de egreja a *casa do lagar do azeite* que fica ao occidente do coro: o que é expresso na visitação de 8 de fevereiro de 1759 pelo abbade geral fr. Manuel de Barbosa, que diz: «E pelo que toca á Casa do Lagar, que interinam.te serve de Igreja, como nella por força da sua irregularidade se não possaõ observar por ora as Leys da rigoroza Clauzura... »

Nesta visitação ultima citada vem um paragrapho que passo a transcrever integralmente, porque mostra o estado do convento naquelle tempo. Diz assim: «De alguãs Religiozas deste Mosteiro, que por justos motivos vivem actualm.te fora delle, nos chegou a noticia, que vinhaõ repetidas vezes ao mesmo Mosteiro, e tornavaõ livrem.te a sahir, e retirarse p.a suas Casas: achandonos porém capacitados das escandalozas consequencias que resultaõ de semelhantes vizitas: Ordẽnamos a todas, que conservandose nas Casas das suas habitaçoens com a devida decencia, se abstenham de semelhantes jornadas, ou digressoens alheas do recato, e recolhimento, q̃ devem observar: e no Caso, que algumas dellas venhaõ ao dito Mostr.º e entrem nelle, a M. Religioza M. D. Abb.a as não deixe sahir outra vez para fóra; e se obrarem o contrario contra o que dellas esperamos, nos avisará logo como tambem se lhe

constar, que alguma das sobred.as Religiozas abusa da liberdade em que se acha para sahir de noute, ou ainda de dia com algum genero de escandalo, nos fará promptam.te o mesmo avizo para acodirmos a tanto mal com as providencias necessarias.»

*

A proposito da cerca das gallinhas, atraz mencionada, occorre-me dizer que foi alli preso em 16 de outubro de 1671, na occasião em que exercitava *certa arte*, Antonio Ferreira, trabalhador e moço de soldada. Devidamente revistado, encontrou-se-lhe na bolsa uma cruz de prata dourada, que mostrava ser remate de objecto sagrado; do que, por suas declarações ao começo contradictorias, mas que os tractos transformaram em confissão plena, se chegou ao conhecimento de que fora elle mesmo quem na noite de domingo para segunda-feira, 10 para 11 de maio do mesmo anno, praticára um roubo sacrilego na egreja parochial de Odivellas.

O ladrão penetrou na egreja, aproveitando a occasião em que um rapaz ia tocar as *Ave-Marias*, e escondeu-se sob uma mesa de altar. Durante a noite commetteu elle os seguintes attentados, segundo refere o P.e Montez Mattoso na historia que fez do *Senhor Roubado*, designação porque ficou sendo conhecido o caso: tirou «as contas da S.ra do Rosario, no altar-mór», «cortou o espaldar», «despiu o menino Jesus», «abriu o sacrario quebrando a cruz do remate» roubando os

vasos, luneta, e corporal sanguinho que lá estavam, «despiu a Sr.ª do Egypto» e «descompôs as outras» etc. etc. Involveu tudo na frontaleira da mesa, e tomou a estrada de Lisboa, vendo-se obrigado por varias circumstancias a deixar no caminho o furto escondido numa moita, onde o acaso o fez descobrir pouco depois.

Antonio Ferreira foi garrotado e queimado no Rocio da capital aos 23 de novembro de 1671.

*

A cerca, já anteriormente muito regada, foi em 1737 abastecida com grande copia de aguas pela abbadessa D. Luisa Maria de Moira.

Num grandissimo tanque, situado quasi sob as janellas do dormitorio grande, se vê uma estatua de moira que mais parece de nympha, ao gosto da epocha, sob a qual se lê a seguinte inscripção poetica gravada numa lapide circular immediatamente por cima da bica:

*Esta fonte edificou*
*Quem esta agua fez correr;*
*E bem podeis conhecer*
*Quem tanta grandeza obrou.*
*A fama que já voou*
*Deixa na pedra esculpido*
*O seu nome esclarecido;*
*Pois a imagem que admiraes*
*Estatua do nome é mais*
*Que figura do appellido.*
1737

Estes versos diriam egualmente bem sob a symbolica figura de *moira*, que vimos na fonte do Claustro que tem este nome.

O serviço prestado pela opulenta abbadessa não foi só celebrado nestes versos. A sua subdita Dona M... C... R... (cujo nome, infelizmente, será difficil hoje averiguar) publicou, no mesmo anno em que a obra se effectuou, um opusculo[1] em que após uma gongorica dedicatoria se leem quatro sonetos, quatro decimas, e um romance em quadras: todas essas poesias assignadas com iniciaes (F. J. C. assigna o romance e o primeiro soneto; P. N. A. assigna o segundo soneto; F. S. A. subscreve o terceiro; J. J. M. o quarto; A. A. L. escreveu as decimas).

A dedicatoria, assignada pela editora, depois de phrases extremamente emphaticas em louvor da obra do tanque e da constructora, termina com estas palavras:

«E jà que as antecessoras de V. Senhoria, como mariposas se abrasaraõ no ardor do dezejo destes olhos de agua, atenda V. Senhoria o canto dos cisnes q̃ na risonha corrente delles para elogios de tal Heroina banhaõ agora as plumas».

---

[1] *Castalia Metrica | offerecida | a M. Excellentissima Senhora | D Luiza de Moura, | D. Abbadeça | do Real Mosteiro | de S. Dinis | de Odivellas, | pellas copiosas agvas, qve mandov | condusir, e soberba Fonte de de que correm no mesmo | Mosteiro. Dedicada | por sua amante, e reverente subdita | D. M. C. R.*—Lisboa occidental | Na Officina Rita-Cassiana | Anno M.DCCXXXVII.—Com todas as licenças necessarias.—In-4.º

A primeira poesia do curioso e raro opusculo é a seguinte:

*Em metaphora de Religiosa.*

*Soneto*

Essa limpha habitar com tanta espoza
Elegeu, quando augusta sois Prelada,
Menos aurea Cabeça á pia entrada
Corpo de prata naõ aspira ondoza.

Oh quanta acçaõ affecta Religioza!
Os olhos rio, a Fonte desatada,
Por cilicio a corrente, espedaçada
Huma onda, e outra, que em madexas goza!

Fluido aljofar quebra, e o desperdicio
Tras ante vós do Claustro em rito leve;
Vós c'os Cristais dais chama ao sacrificio.

Aplaudese; mas o aplauso ao vosso deve
Numen, em quem tocou por culto, e auspicio
Esse, que beijaõ, habito de neve.

O terceiro soneto, melhor que o antecedente e que os restantes, é como se segue:

Ao jardim dos mais altos resplendores
Conduzio Moura a liquida corrente,
E no espelho da Fonte claramente
Se estaõ vendo os seus inclitos primores.

Abundantes cristais, ferteis licores
Saõ de excelsos prodigios hum torrente;
Que era a immensa abundancia conducente
Para satisfaçaõ de immensas flores.

Que admiraçaõ! Que pasmo! A Fonte aspira
A caudaloso rio nas franquezas
Dos cristais, que dos mares acquirira:

E quando ostenta a copia de riquezas,
E a grandeza da Fonte mais se admira,
Mais se admira esta Fonte de grandezas.

As duas primeiras decimas, que tem um certo sabor, e que parecem escriptas por quem compoz a inscripção, merecem ser aqui transcriptas:

I

Com liberal desperdicio
Quis unir vossa grandeza
Produçoens da natureza
A milagres do arteficio:
Hum perenne beneficio
No que corre se dilata,
Quando vemos que desata
Esse liquido tezouro,
Com tanto dispendio de ouro
Tanta abundancia de prata.

II

Dessa heroica bizarria
Canta a gloria a Fonte rara,
E faz para ser mais clara

De cristal a melodia.
Quem ouve a doce armonia,
E entre admirações discorre,
Que he vóz de prata lhe occorre,
A que pura se derrama:
Porém a da vossa fama
He sómente a voz, que corre.
.....

*

Ao norte do grande tanque mandado construir por D. Luiza de Moura, ha outro mais pequeno, situado em frente das janellas do Cascalho, da parte do poente, o qual tinha algumas esculpturas mais ou menos curiosas, mas que hoje estão despedaçadas e dispersas.

Passando em frente do topo do Cascalho e, transpondo o limiar d'uma pequena porta rasgada num muro interior, depara-se-nos outra horta vicejante.

Na extremidade norte d'este aprazivel logar está um tanque para onde passa, sob a terra, a agua que cáe numa fonte proxima, chamada do Anjo. O tanque rectangular conserva ainda do lado da fonte a bica, d'onde para elle corre a agua, e que representa uma antiga náu, esculpida com verdade e uma certa elegancia.

A *Fonte do Anjo*, encostada ao muro, é coberta por um baldaquino apoiado na parte dianteira sobre columnas delgadas e elegantes.

Tem-se espalhado que a bica d'aquella fonte era formada por uma figura de Cupido na mesma attitude em

que, numa rua de Bruxellas, se admira ainda hoje o famoso Mannekenpis. É possivel que seja verdadeira esta asserção. Propendo todavia para crer que a origem da lenda é derivar a corrente, desde muitos annos já, do baixo ventre da figura d'anjo representada alli, em consequencia do estrago da pedra mutilada por qualquer eventualidade e gasta pela passagem da agua. O anjo segurava naturalmente nas duas mãos um vaso ou concha d'onde saía a corrente.

Na face anterior da bacia quadrada, onde cáe a agua *vertida pelo anjo* (si vera est fama), lê-se em optimos caracteres a seguinte inscripção commemorativa da visita ao convento da rainha de Inglaterra, D. Catharina, filha de D. João IV. Diz assim[1]:

EM 25 D AGOSTO D 1694 HON
ROVES TE LVGAR A MGD SERE
NSMA DA SEM IGVAL SRA D : CNA
RAINHA DA GRANBRTEANHA
E PA REVERENTE VENERAÇAM
DLE E GLORIOZA MEMORIA D
VIDVEIAS O MANDOV ESCRE
VER NESTA PEDRA·D : FEL CA M
D MIAM A QVAL POS AQVI O SEV
NOME POR EXPRÇA E SINGVLAR
MTE HONROZA ORDM D S MG DE

[1] «Em 25 de agosto de 1694 honrou este lugar a m*agesta*de seren*issi*ma da sem igual s*enho*ra D. C*athari*na rainha da Gran Bretanha; e, p*ara*

*

D'esta D. Feliciana de Milão, de quem já sabemos os principaes traços biographicos, conta o *Theatro Heroino* que, chamando-lhe D. Affonso VI em certa occasião *Eva*, ella respondera espirituosamente: «Só Vossa Majestade me pode fazer a primeira mulher do mundo.»

Numa collecção manuscripta de *obras varias*[1] em prosa encontra-se uma curiosa carta que, apezar de já ter sido publicada, intendo dever aqui reproduzir porque revela o estylo e caracter da auctora e contem algumas allusões historicas e curiosas:

«Carta | Que D. Felleciana Maria de Millão re | ligioza em o Convento de Odivellas escre | veo a Maria das Saudades Religioza | em o Convento de Via Longa na | occazião em que deixada a pri | m.ra com a seg.da se entre | tinha ElRey Dom | Affonço 6.º

«Assim! Vm.ce dezeja ver as minhas cartas, pois porq̃ mo não disse athe agora, q̃ aindaque essa curiozidade pareça trapaça, quem joga limpo não esconde o jogo, e mais sendo o ponto taõ seguro que me naõ

reverente veneraçam delle e glorioza memoria de Vdivelas, o mandou escrever nesta pedra D. Felíciana María de Milam, a qual pos aqui o seu nome por expreça e singularmente honroza ordem de sua magestade.»

[1] Bibl. da Acad. Real das Sciencias de Lisboa, Gab. n.º 3; E, 6, 2.

haõ de picar, mas que se descartem d'elle: á falta de praceira *(sic)* me estava eu mettendo na baralha, porém já que Vm. apetece os encontros, naõ estranhará os azares tendo taõ certo o perigo de perder-se com âs, e dous, o que se ganhou com quinas: mas deixando huá tafullaria q̃ he aborrecida nos ossos, por outra mais generoza, digo Snrã minha, q̃ heide ganhar a maõ aindaq̃ Vm. me empate as vazas porq̃ consiste o meu mãyor enteresse na resposta, e se apezar da cortezia quizer negarme o capricho, neguema muito embora, que eu passo, e passo a dizer a Vm., que se quizer saber de mim o que preguntou *(sic)* por chulo, debuxe m.to devagar esta taõ triste figura contanto que me tenha segredo, se aos pes desta sota achar as armas de hum conde, q̃ guardado valle mais q̃ hum Rey seco, e ouça as partes ao todo, que de força ha de sair mais parecida, de mi propria mano, mi persona misma: assim seguindo a methaphora, ou perseguindoa, declaro que a idade he pique, o parecer barranco, o discurso geral, e se nem com isto me explico, torno a dizer sem forrar-me do jogo, nem forrar-me com elle, q̃ no xadres sou a Dama, nos dados a Sorte nas cartas a eyradilha; e se com todas estas qualidades me convida para a menza *(sic)* eisme aqui já no bofete ou me escolha ao taboleiro, ou me dezafie al tento e se quando estiver senhora do bollo naõ bastar para q̃ Vm. conheça que despois que me entendo naõ fui desconfiada mais que dos medicos os dias passados, bastará a Mi-

sericordia de Deus que me deixou con vida e livre delles para servir a Vm. Odivellas.

«Cap.ta de Vm. porq̃ q.m nos conhece nos compre

«D. Felleciana M.a de Millaõ.»

Ignoro se é inteiramente authentica esta engraçada carta; como tambem ignoro quem fosse o tal *conde* quo valia mais que o *rei secco D. Affonso VI.* Quem sabia todas essas coisas perfeitamente era D. Feliciana.

*

Em varios manuscriptos da Bibliotheca Publica, e d'outras bibliothecas, se encontram cartas interessantissimas de D. Feliciana; duas principalmente quereria eu incluir neste logar, por muito engraçadas, mas não o faço porque são grandemente extensas: uma é relativa a D. Pedro II e sua primeira mulher; a outra, ácerca d'um sermão do padre Antonio Vieira.

Não deixarei, todavia, de dar aqui uma amostra dos versos da famosa freira, transcrevendo uma poesia que tem relação com os seus amores com o *rei secco*, o qual gostava de visitar os conventos. Nos manuscriptos apparece sempre uma poesia em decimas feita em nome do rei, como resposta aos versos da religiosa. Não a transcrevo por não ter importancia alguma. A freira, por quem d'esta vez D. Affonso VI se deixava enfeitiçar, era irmã de Gil Vaz Lobo e creio que professára em 1658.

Eis os versos de D. Feliciana exactamente transcriptos d'um manuscripto coevo [1]:

*Decimas*

*que fez a ElRey D. Aff.º 6.º a celebre Feliciana tendo ciumes delle com outra freira chamada Anna de Moura.*

Meu Monarca, vosso amor,
e vosso enleyo amorozo
tanto tem de primoroso
quanto de Rey, e Senhor;
mas inda assi cauza dor,
e naõ com pouca razaõ,
uer que esta uossa affeiçaõ
motivo tem que a desdoura,
poes adoraes huã Moura
sendo uós hum Rey christaõ.

Freira podereis achar
discreta que possa ter
fee para uos merecer
discriçaõ para agradar:
isto naõ he enuejar
essa mais que ditosa Anna;
que ainda que Soberana
tam endiozada está,
Anna felice será,
mas nunca Feliciana.

[1] Bibl. Nac., L, 4, 11; pag. 33 verso.

*

Em 1691 era D. Feliciana ainda simplesmente Prioresa do Mosteiro. Existe um livro mandado por ella imprimir nesse anno.[1] Não encontro indicação da epocha em que passou a ser abbadessa.

---

[1] Officia Ordinis Cisterciensis, Antes ordenado pelo Reverendo Padre Frey Antonio da Castanheira Prior dos Capellaes do Serenissimo Rey D. Diniz do Real Mosteiro de Odivellas. *a devotas petiçoens da muito Religiosa Senhora* Catherina Teixeira. E agora de novo impresso por mandado Da Senhora D. Feliciana Maria *de Millaõ Prioresa do dito Mosteyro para mayor gloria*, & *louvor de Nosso S. Iesus Christo em seus Santos*. Lisboa. *Com as licenças necessarias*. Na Officina de Domingos Carneyro. Anno de 1691—in-8.º

## CAPITULO XV

A saida das freiras em 1713 — D. Ventura Isabel Dique — Sua genealogia—É presa pela Inquisição—Sáe no auto-da-fé de 1713—A communidade de Odivellas recusa-se a recebel-a — Narrativa do dr. fr. Bernardo de Castro — Volta D. Ventura para o carcere — É enviada para outro convento — Os irmãos de D. Ventura — Tragica morte de seu páe.

UM dos acontecimentos mais célebres do mosteiro é sem dúvida a insubordinação das freiras em 1713, motivada por quererem obrigal-as a receber uma religiosa que havia comparecido num auto-da-fé. O primeiro que neste seculo falou sucintamente do caso foi (creio eu) o Visconde de Santarem, dando a noticia segundo a relação feita em 10 de outubro d'aquelle anno pelo agente de negocios francez ao seu governo.[1] Esse facto está intimamente ligado com a tristissima historia d'uma pobre freira.

Sentae-vos aqui á sombra d'estas arvores do Claustro da Moira, que vou contar-vol-a.

---

[1] *Quadro elementar das Relações Politicas...* vol. V, pag. CCXXXVII, nota (2).

*

No dia 20 de julho de 1706 tomou a mantilha de noviça D. Ventura Isabel Dique, filha bastarda de João Dique de Sousa, Senhor de Engenho, no Brazil, e de Antonia de Gouvea (ou de Abreu, que tambem com este nome apparece mencionada); e quasi tres annos depois, em 13 de maio de 1709, tomou o habito de freira monja, aos 21 annos de edade. Assistiram-lhe á profissão numerosas parentas, talvez todas as que se seguem:

duas irmãs (filhas legitimas do páe):

D. Francisca Thereza, professa em 19 de março de 1698, e que falleceu em 2 de agosto de 1771; e

D. Maria do Pilar, professa em 30 de agosto de 1706, e que falleceu em 25 de janeiro de 1767;

duas primas:

D. Francisca Maria, professa em 5 de agosto de 1697, que falleceu em 7 de março de 1722; e uma irmã d'esta,

D. Catharina Michaela, que foi noviça em 7 de julho de 1713, professou em 11 de egual mes no anno seguinte, e que é natural já estivesse no convento em 1709; falleceu em 8 de fevereiro de 1772;

uma prima em segundo grau:

D. Antonia Luiza Maria, de quem já lemos o poetico epitaphio no Capitulo;

duas tias:

D. Marianna de S. Joseph, que foi noviça em 19 de

julho de 1664, e professou em 22 de novembro de 1665; e

D. Francisca Josepha, noviça em 14 de novembro de 1668, professa em 18 de dezembro de 1670; e que falleceu em 25 de abril de 1716;

uma tia avó:

D. Serafina Isabel, noviça em 19 de julho de 1664, professa em 22 de novembro de 1665; que falleceu em 1714.

D. Ventura, tendo nascido no Rio de Janeiro, veiu em 1705 para Portugal e entrou pouco depois em Odivellas. Embora rico, o páe tinha muitos filhos, e livrou-se das filhas mettendo-as na clausura, segundo o costume do tempo.

Eis a lista da numerosa progenie de João Dique:

teve de sua mulher D. Josepha: Antonio, Francisco, D. Catharina, D. Marianna, (todos estes fallecidos já em 1712), D. Juliana Isabel (que professou em Odivellas aos 19 de março de 1698, e falleceu em 1703[1]), Diogo, Fernando, João, D. Francisca Thereza, D. Maria do Pilar;

teve em Isabel da Rocha:

Luiz;

teve em Antonia de Gouvea (ou de Abreu):

D. Ventura Isabel.

[1] Lê-se o seu epitaphio numa das campas do coro, proximo da grade da ametade.

*

Tendo D. Ventura Isabel Dique já cerca de quatro annos de habito, e vivendo talvez feliz no claustro, foi bater-lhe á porta a desgraça, encarnada nalguns beleguins da Inquisição.

Presos já por judaismo o páe, e os irmãos Diogo e Fernando, a quem a tortura fez revelar o que os algozes clericaes quizeram, e achando se que a inoffensiva D.Ventura tinha seguido a lei de Moysés, foi ella tambem recolhida aos carceres dos Estáos, no dia 22 de junho de 1713.

Seguiu rapido o seu processo. Interrogada mais de uma vez em cada dia, a começar em 3 de julho, dizem os autos que ella confessou ter seguido a lei de Moysés durante oito annos induzida por conselhos d'outras mulheres. A verdade é que os carrascos tonsurados não lhe acharam culpa; pelo que, sem a porem a tormento (o que aliás queria um dos do tribunal), foi D. Ventura condemnada a abjurar em auto-publico-da-fé, e a carcere e habito perpetuo.

Saiu, pois, a pobre freira no auto celebrado no Rocio de Lisboa em 9 de julho de 1713, e no mesmo auto abjuraram os irmãos Diogo e Fernando. A nota da lista [1]

[1] Lista | das | Pessoas, | que sahiram, condemnaçoens que tiveram; | & sentenças que se leraõ no Auto publico da Fé, que se celebrou no Rocio desta | Cidade de Lisboa em Domingo nove de Julho de 1713. | Sendo inquisidor geral | o Eminentissimo Senhor | Nuno da Cunha | presbitero cardeal da santa igreja de Roma, | Bispo, Capellaõ Mór, & do Conselho de Estado de Sua Magestade. |

impressa dos condemnados, que respeita á monja de S. Bernardo, diz assim:

«D. Ventura Isabel Dique parte de X. N. Religiosa professa de certa Religiaõ, filha de Joaõ Dique de Souza senhor de Engenho natural da Cidade do Rio de Janeyro. *Carc. & habito perpetuo.*» [1]

Terminado o auto-da-fé e recolhida D. Ventura Isabel de novo á inquisição, tractaram de a reenviar para Odivellas; para isso se officiou ao geral da ordem, que mandou ao confessor das freiras que se apresentasse em Lisboa para recebel-a. O confessor apresentou-se effectivamente nos Estáos, mas declarou que não podia tomar entrega da freira, porque a communidade de Odivellas não queria recebel-a.

Em vista d'esta declaração, officiou-se outra vez ao geral de Alcobaça, que encarregou o dr. fr. Bernardo de Castro de conduzir para o mosteiro a victima. Este monje cisterciense não foi mais feliz do que o confessor; eis como elle o declarou em mesa do Santo-Officio aos 2 de setembro de 1713 (conforme o processo respectivo):

«Disse q̃ no mesmo dia q̃ nesta Meza se lhe entregou a ditta Religioza foi com ella em direitura p.ª o

[1] A *Lista* dá a D. Ventura 26 annos de edade; mas no processo diz-se ter 25.

Convento de Odivellas, e entrando no pateo achou as portas, e janellas do d.º Convento fichadas sem apareçer pessoa algua, do mesmo Convento, e batendo nas portarias lhe não respondeu pessoa algua, por cuja causa mandou abrir hua capella de S. Miguel q̃ está no mesmo pateo, onde pos a d.ª Religioza em companhia de hua mulher honrrada daquella vezinhança e neste mesmo tempo se chegou a elle hum Clerigo, q̃ não conheçeo, e lhe disse ser Notario Apostolico, e q̃ em nome daquellas Religiozas apellava ante omnia de todo o procedim.to, gravames, e censuras q̃ fizesse contra ellas, ao q̃ lhe respondeo elle declarante q̃ lhe não aceitava a apellaçaõ, porque elle obrava em execuçaõ das ordens desta Meza, ao que o d.º Clerigo lhe disse, q̃ de lhe não aceitar a sua apellação apellava; e recolhendosse elle declarante ás casas da rezidencia dos Religiozos, lhe vieraõ depois dizer que a grade da Abbadessa estava aberta, q̃ seria conveniente q̃ lhe fosse fallar e indo com effeito á ditta grade achou a d.ª Abbadeça, e outra Religioza chamada D. Joanna de Mendonça ambas com as caras descubertas, e na mesma grade outras m.tas Religiozas com os rostos cubertos, e querendo elle declarante persuadir as dittas Religiozas, q̃ aceitassem a d.ª D. Ventura, lhe respondeo a Abbadeça digo dando alguas rezões p.ª esse fim, ellas comesaraõ em altas vozes a dizer q̃ a naõ haviaõ de recolher, e q̃ tinhaõ apellado de sua paternidade, e por mais q̃ elle declarante fez por continuar aquella prática

não foi possivel pellos alaridos q̃ faziaõ as dittas Religiozas q̃ estavaõ com os rostos cubertos, por cuja causa disse a dita Abbadeça, q̃ se recolhesse, e elle declarante sahio da d.ª grade, e tornando a ella pellas duas horas achou a ditta Abbadeça na mesma forma cercada de Religiozas com os rostos cubertos, e querendo outra vez persuadillas e recolherẽ a dita Freira lhe respondeo a Abbadeça q̃ pelo q̃ lhe tocava estava prompta p.ª ó fazer, e q̃ era mui obediente ás ordens do Santo Offi.º e do P.e Geral, dizendo elle declarante que era preciso q̃ ouvissem huã ordẽ q̃ queria dar p.ª abrirem as portarias dizendo logo a hũ Religiozo q̃ levava comsigo q̃ a lesse, ellas a naõ quizerão ouvir levantando as vozes com tal estrondo, e perturbaçaõ, q̃ foi precizo retirarsse elle declarante e vindo p.ª as mesmas casas da rezidençia, vendo que a d.ª Freira naõ podia ficar de noute naquella capella a recolheo em casa do Medico por ser hum homem cazado, e Familiar do Santo Offi.º E no dia seguinte veio elle declarante p.ª o seu convento do desterro, e considerando no que devia de fazer se lembrou de q̃ se continuasse nos procedim.tos contra as Religiozas estando taõ perto dellas a dita D. Ventura poderiaõ exasperasse, e sahir do Convento, e irem a caza do d.º Medico a fazer algum desatino por cuja causa se resolveo a metter a ditta Freira em algũ recolhim.to p.ª o q̃ fallou a S. Mg.de que Ds. G.de dandolhe conta do referido, e pedindo-lhe mandasse pôr a ditta religioza em algũ recolhim.to e o dito Sr. o

mandou fallar com o secretr.º de Estado, e fazendoo elle declarante assim se lhe deu depois por resposta que S. Mg.de se naõ metia neste negocio, e considerando elle declarante q̃ era preciso tirar a d.ª Freira do lugar em que estava, fallou no recolhim.to dos Cardaes p.ª que a quizessem receber, o que fizerão com effeito e hontem pella menhã foi a d.ª Religioza p.ª o d.to recolhim.to, onde se acha de presente.»

As feras inquisitoriaes não gostaram do expediente do dr. fr. Bernardo de Castro, e censuraram-no asperamente. E o inquisidor Joseph Coelho ordenou dois dias depois, em 4 de setembro, que elle fosse *recolhido* no seu convento do Desterro, por desobediencia ao Santo Officio, e a freira *reposta* nos carceres da inquisição.

Em 20 do mesmo mes, é novamente intimado fr. Bernardo para recolher a pobre freira em Odivellas. D'essa vez, foi sósinho fazer nova tentativa, que não surtiu resultado satisfatorio. Elle alli esteve em 26 d'esse mes; e a abbadessa, que então era D. Violante Maria Caetana de Castro, reuniu capitulo na egreja, e pediu instantemente ás religiosas que consentissem na entrada de D. Ventura. A communidade recusou-se a isso; e, como a abbadessa insistisse demasiado, arremetteram contra ella, tirando-a violentamente do seu logar e maltratando-a; de tudo isso a prelada deu conta em carta datada do mesmo dia.

A freiras allegavam que, sendo aquella freira judia, era nulla a sua profissão, que não fazia já parte da communidade (pelo que lhe riscaram o nome no livro das profissões), e que estavam promptas a restituir-lhe o dote.

Apertadas pelas admoestações do padre e instancias da abbadessa, sairam em numero de 134 do mosteiro com cruz alçada e tomaram o caminho de Lisboa, pretendendo ir ter com o rei a pedir-lhe justiça contra o cardeal inquisidor. «Tinham já ellas feito perto d'uma legoa pequena, quando, cedendo ás instancias da Condessa do Rio, se determinárão a descançar por algumas horas no seu palacio. Entretanto despachou El-Rei um magistrado com alguma cavallaria a estorvar-lhes a vinda, o que não obstante persistindo em seu proposito, em vez de se recolherem ao convento deixárão-se estar dous dias inteiros no palacio da Condessa, do que informado ElRei mandou que as fizessem recolher á força. Entrincheirárão-se as religiosas nos quartos em que estavão, e fizerão a resistencia que podérão atirando pelas janellas com pedras, e quanto achavão á mão, até que por fim os sargentos arrombando as portas e travando-lhes dos braços as mettêrão de força nos coches da casa real, e as escoltárão até ao convento.» [1]

[1] Visconde de Santarem, *loc cit.*

Parece notavel que a triste sorte de D. Ventura não despertasse a compaixão no animo das suas antigas companheiras de clausura e especialmente nas suas sete parentas que no mosteiro eram religiosas. Poder-se-hia nesse procedimento ver a animosidade das filhas legitimas contra a bastarda; creio, porém, que a obstinada recusa das freiras era incitada pelas irmãs, tias e primas da desgraçada rapariga, porque ellas, temendo ser tambem chamadas á inquisição, por serem da familia, queriam com aquelle repúdio fazer acreditar na orthodoxia das suas crenças.

*

Não fica deslocada aqui outra anecdota de D. Feliciana de Milão. Copio-a com toda a exactidão do *Theatro Heroino:*

«Teve Dona Feliciana rasoens com huma Freira de infecta naçaõ, que ella naõ queira occupasse hum officio da Communidade; e dizendo-lhe a Freira: «que era muito capaz de o fazer melhor que todas, porque era muito rica»; lhe respondeo: «E para assar muy bella.»

Seria essa religiosa da nação infecta alguma das parentas de D. Ventura Dique?

É mais que provavel.

*

De todo o acontecido que fica narrado fez relatorio succinto e deu parecer a mesa do Santo-Officio, para ser presente ao Conselho Geral, parecer que foi assignado em 14 de novembro do 1713 por Francisco Carneiro de Figueiroa, Manuel da Cunha Pinheiro e João de Sousa de Castello Branco; ahi se diz:

«estas Freiras tem publicado, como he notorio, que se as apertarem haõ de recolher a d.ª D.Ventura, porèm que a haõ de matar, e isto bem se pode temer, e recear de quatrocentas mulheres teimozas, e pertinazes que cuidaõ que todo o seu pundonor se perde se ella ficar naquelle Convento, e para o evitar, fizéraõ ja o dezatino de estarem dois dias a huã noite postas em hum campo fóra do seu Convento dezobedientes aos seus Perlados, e ás repetidas ordens de Sua Mag.de; e assim como a sua teima as obrigou áquelle excesso, taõbem as poderá obrigar a outro, que se faz com muito menos ruído».

Em vista do parecer, resolveu-se no mesmo dia entregar a freira ao abbade geral D. fr. Felix de Azevedo para a mandar recolher onde quizesse; e no dia seguinte recebeu-se officio d'elle declarando ter já convento da ordem onde recolhel-a.

Finalmente, em 27 de novembro, foi D. Ventura entregue ao padre mestre fr. Antonio da Gama, abbade

do Convento do Desterro, commissionado pelo abbade geral, e levada para um convento da ordem, sem se dizer qual fosse.

*

Vejamos ainda qual a sorte do pae e irmãos d'esta infeliz.

Na lista do citado auto-da-fé de 9 de julho de 1713 veem incluidos os dois irmãos Fernando (de 30 annos) e Diogo (de 34 annos):

«Fernando Dique de Sousa, parte de X. N. sem officio, solteiro, filho de João Dique de Sousa, senhor de Engenho, natural, & morador no Rio de Janeiro. — *Carcere & habito perpetuo.*»

«Diogo Duarte de Souza parte de X. N. sẽ officio solteyro filho de João Dique de Souza Senhor de Engenho natural, & morador no Rio de Janeiro. — *Carcere & habito perpetuo sem remissaõ.*»

O irmão bastardo Luis (de 26 annos) saiu no auto de 16 de fevereiro de 1716, em cuja lista vem incluido nestes termos:

«Luis Dique parte de X. N. sem officio, natural & morador no Rio de Janeiro. — *Carcere & habito a arbitrio.*»

Quanto a João Dique de Sousa, já viuvo, e de edade de 67 annos (que foi preso em 20 de outubro de 1712), apezar de todos os seus esforços e contradictas, depois de torturado moral e physicamente, foi queimado vivo no auto celebrado a 14 de outubro de 1714. Eis a menção que lhe diz respeito na respectiva lista:

«*PESSOA RELAXADA EM CARNE*

«João Dique de Souza, parte de X. N. Senhor de engeuho, natural desta Cidade de Lisboa, & morador na do Rio de Janeiro. Convicto, negativo, & pertinás.»

As riquezas de João Dique haviam deslumbrado a hedionda cubiça dos inquisidores. Era necessario que o homem morresse, para elles se locupletarem; queimaram-no vivo.

*

Perdem-se os vestigios de D. Ventura Isabel Dique, desde o momento da sua entrega ao abbade do Desterro.

A joven monja que, rodeada de numerosas parentas, professára no real e magnifico mosteiro de Odivellas, foi passar uma existencia tristissima entre as frias paredes d'algum dos modestos mosteiros, que a ordem tinha na provincia.

Desgraçada mulher! Na solidão terrivel d'uma pequena e desguarnecida cella, onde procuravas esquivar-

te aos olhares insultantes ou indifferentes das tuas companheiras; sem teres talvez um coração que acolhesse compassivo a tua dor, nem uma voz amiga que te dirigisse palavras de conforto; quantas vezes ahi, solitaria, nas longas horas do teu grandissimo infortunio, gastando em lagrymas amarissimas a tua existencia, e volvendo os olhos ao passado florente, experimentando, misera! a terrivel verdade:

Nessun maggior dolore
Che ricordarse dell' tempo felice
Nella miseria;

quantas vezes, ahi, recordando em prantos a doce tranquillidade da tua adolescencia, as suaves e deleitosas aspirações do teu coração; sentindo seccar-se esse mar de lagrymas á lembrança tremenda dos soffrimentos passados, e á ideia esmagadora da tua perpetua desgraça, oh! martyrio horrendo! como tu maldirias a sorte que te fez tão desditosa! como tu amaldiçoarias os infames que te mataram a flor da tua mocidade e a paz da tua existencia! como tu blasphemarias do Deus em cujo nome te torturavam a alma!

D.Ventura... (que irrisão da sorte!) como foste desventurada!

## CAPITULO XVI

Os *oiteiros* — A poesia em Odivellas — O *Padre Nosso* — Carta de fr. Pedro de Sá a certa freira de Odivellas — A *Ladainha dos Freiraticos* — Dissolução dos monges — Uma anecdota de fr. Antonio das Chagas.

GRAVOSO foi certamente para o leitor, como para mim, o capitulo antecedente. Vamos, pois, buscar esquecer esses tristes acontecimentos ahi referidos com a recordação de alegres casos.

A vida é assim: uma serie de alternativas.

*

Odivellas foi muito célebre pelos *oiteiros*, esses certamens poeticos onde discreteavam e indiscreteavam á porfia poetas e poetastros, glosando ordinariamente em decimas *motes* mais ou menos conceituosos, mais ou menos disparatados. Do alto da varanda ou terraço que encimava a Casa do Capitulo choviam os motes sobre os versejadores que estacionavam no couto, d'este para o terraço se dirigiam as quadras, os sonetos, as

decimas, os vilancicos, as esparsas. O elogio e a satyra, o amor e o despeito, o requebro e o sarcasmo, allusões pessoaes despedidas simultaneamente, cruzavam-se no ar, indo deliciar e ferir, sempre no meio de applausos.

Muito antes de acabar Odivellas, tinham acabado os oiteiros, dos quaes nós hoje apenas *fazemos idéa*. Em muitas collecções de poesias, quer impressas quer manuscriptas, se deparam versos que um dia foram emphaticamente declamados nos desafios de Odivellas, com grande gaudio do seu auctor, mas que decerto nem sempre foram acolhidos com enthusiasmo por toda a assembléa. Esses improvisos, naturalmente muito apreciados nos oiteiros, perderam em geral quasi todo o seu valor, porque, alludindo a circumstancias locaes, coevas, e outras que hoje mal se conhecem ou de todo se ignoram, não despertam em nós grande interesse.

Para se apreciar o estro das poetisas de Odivellas, não é necessario reproduzir esses versos de oiteiro; bastam aquelles que no processo d'este livro ficam já transcriptos, e os de que darei ainda amostra.

Uma das peças de verso mais notaveis, feita em Odivellas, ou a freiras d'este convento attribuida, é o «Padre Nosso que resaraõ as Freiras de Odivellas a El-Rey N. S. D. Joseph 1.º, as que a elle se recolheraõ por ordem do seu Prelado, vindas de outros Conventos, no mez de agosto de 1776». Tem sido já publicado, mas nem por isso deixo de o incluir aqui.

Eil-o tal qual o encontro num antigo manuscripto:

A vós, Augusto Monarcha,
Pedimos com humildade,
Não nos deixeis o abbade,
*Padre Nosso.*
Valha-nos o poder vosso,
Que tão afflictas nos vemos;
Pelo que todas diremos:
*Que estaes nos Céos.*
Rogaremos sempre a Deos,
Se ao Padre castigo daes,
Que desde logo sejaes
*Sanctificado.*
Seja logo exterminado
Por insolente e atrevido,
Sem que nunca mais ouvido
*Seja.*
Se vemos da nossa Igreja
Os Frades Bernardos fóra,
Louvaremos toda a hora
*O Vosso Nome.*
Para que o bruto se dome,
Castigae-o com rigor,
Antes que outro mal maior
*Venha a nós.*
Pelas penas que nos poz
Aquelle animal sagrado
Fez que fosse amotinado
*O Vosso Reino.*
Senhor, em vosso terreno
Um bernardo, com doudice,
Quer que uma tal parvoice
*Seja feita.*

Deste Frade tal desfeita,
Não queremos consentir;
E só queremos seguir
*A vossa vontade.*

Se Deus a summa piedade
Nos Céos com seus servos tem;
Fazei Vós, Senhor, tambem
*Assim na terra.*

Applacai-nos esta guerra,
Apagai-nos este fogo;
Assim ficaremos logo
*Como no Céo.*

Lograremos o Trophéo,
Se elle não for attendido;
Porque bem nos tem comido
*O pão nosso.*

Tão grande é o destroço
Que elle faz neste Convento,
Que para nós é tormento
*De cada dia.*

Nenhuma de nós podia
Soffrer já tanto tormento;
Por isso deferimento
*Nos dai hoje.*

Nossa paciencia foge
Com tanta calma em agosto;
Mas se não for vosso gosto,
*Perdoai-nos.*

Como bom Rei despachai-nos,
Como todas pretendemos:
Que assim melhor pagaremos
*As nossas dividas.*

Se não formos attendidas
Nesta nossa pretenção,
Algum dia outras farão
*Assim como nós.*

A injuria tão atroz,
De nos ir quebrar as portas,
Nem até depois de mortas
*Perdoamos.*

Nesta afflição imploramos
O mandeis Vós retirar,
Para podermos fallar
*Aos nossos.*

De cubiça são uns poços,
Pelo muito que despejam;
E querem que os mais lhes sejam
*Devedores.*

São mui fortes comedores
Do que nos podem colher;
Por isso no seu poder
*Não nos deixeis.*

Vós livrar-nos bem podeis,
E assim nós o esperamos,
Porque nas mãos lhes não vamos
*Cahir.*

Se chegaõ a conseguir
Contra nós o seu intento,
Ficaremos no Convento
*Em tentação.*

Hé contra toda a razão;
Senhor, vede o que fazeis;
Somos vassallas fieis;
*Mas livrai-nos.*

Vós neste aperto amparai-nos,
Antes que a mais nos reduzaõ,
Porquanto estes Frades usaõ
*De todo o mal.*

Deus defenda a Portugal
E a vós por eternidades
D'esta tal casta de Frades;
*Amen Jesus.*

Que as freiras de Odivellas eram muito capazes de dirigir este *Padre Nosso* ao rei, creio-o; mas, quanto á sua composição por ellas, considero-o apocripho, e escripto por algum frade não cisterciense, inimigo dos bernardos, não só pelas rudes invectivas contra estes, senão ainda por outras expressões muito sinceras que contém.

*

Na collecção de escriptos varios, intitulada *Anatomico Jocoso*, assignada com o pseudonymo de fr. Francisco Rei d'Abreu Matta Zeferino, e que se tem attribuido com razão ou sem ella a fr. Lucas de Santa Catharina, dominicano (nascido em Lisboa em 1660 e fallecido aos 6 de outubro de 1740), encontra-se uma carta dirigida ás freiras de Odivellas. Essa carta, que ahi traz certos nomes de religiosas substituidos por pontos, acha-se integralmente copiada em varias collecções manuscriptas. É uma epistola jocosa, em resposta a uma imaginada «Murmuração q̃ fizeraõ as Religiozas do Mosteiro de Odivellas; porq̃ hindo o Padre

Fr. Pedro de Sá áquelle convento com o Irmão de hua Religioza, ficou com hua Freira de lhe escrever, e o naõ fez logo como prometera». A supposta *murmuração* começa com a seguinte quadra:

Dizem que as fontes murmuraõ:
Mas as flores porque não?
Tenhaõ raivas os jasmins,
Já que tem lingua o crystal.

Segue-se um dialogo entre varias flores, começando pela queixa d'aquella a quem fr. Pedro promettera escrever. Perguntada por outra «quem vos mandou a vós hir á grade, nem fazer caso d'aquelle monstro?»; responde: «Eu, menina, fui ahi por contemplaçaõ de Annica de Sousa, e seu irmão: e tambem porque não tinha que fazer».

Esta Annica de Sousa era D. Anna de Sousa Sottomaior, a qual, havendo tomado o habito de noviça em 15 de março de 1676, só professára em 9 de março de 1681.

Em seguida á imaginada murmuração, vem a carta de fr. Pedro, que é dirigida a «Minha Senhora Dona Joanna Bautista». Esta era D. Joanna Baptista Godinho, filha de Fernão Gomes de Freitas e de D. Maria Godinho, a qual tomára a mantilha de noviça em 29 de dezembro de 1681, e professára em 29 de setembro de 1683.

Eis finalmente alguns periodos da carta de fr. Pe-

dro de Sá, que acompanharei de notas comprovativas da authenticidade da epistola.

«Aparteime da grade; porque me arrancou della a noute, e só esta para mim foy negra; poes me fes tal perraria...

«Meteusevos na cabeça, q̃ no campo grande enterraria eu memorias de Odivellas! Filha, eu naõ sou gato pingado dos beneficios: o vosso agazalho, o vosso affago; o vosso mimo, e o vosso cortejo estaõ em mim como os Sebastianistas querem q̃ esteja El-Rey D. Sebastiaõ goardado e naõ morto: os açoutes nunca esquecerão aos rapazes, nem a mim os afagos: O vir de Odivellas, naõ he o mesmo q̃ vir de hua horta: o mesmo he apartar de Deozas, que de chicorias! taõ poucas fortunas, e taõ poucos regallos dispensou commigo o tempo! Com essa facilidade esquece ter hum dia com tres sóes? ver hua tarde por entre ferros a bemaventurança dos sentidos?... Quando sonhey eu ver com estes olhos pecadores Venus, Diana, e Ellena? não em sombras nos Paizes, nem de jaspe nos Jardins, naõ tecidas em panos, nem pintadas em cejes, mas vivas com mil azougues, catholicas, e naõ gentias, verdadeiras, e naõ fabullozas; e com esta deferensa que esta Venus q̃ eu vi naõ era escandalloza, mas modestissima; q̃ esta Diana naõ era camponeza, senaõ palaciana; que esta Ellena naõ era roubada senaõ roubadora. Isto he p.ª esquecer, Joanna? Eu que tantas ve-

zes ouvia fallar em céo aberto, e nunca o vi, senaõ em hum Presepio, e só o acabey de crer depoes á grade do coro !

«He p.ª esqueser ver a Sr.ª D.Barbora Joaquina com longes, e pertos de formoza, hum quazi naõ quazi, hum vi naõ vi de trigueira, e andou nisto a natureza próvida; porque com dois sóes na cara morrera a fermozura, se senaõ acolhera a algua migalha de sombra; naõ quiz ser neve em neve; porque achou q̃ era menos credito o cegar de alva tendo tanta belleza p.ª ser vista. Ver aquelle arrufo do semblante com fastio a votos, e nojo a sacrificios: os agrados joeirados sobre os respeitos, as izensoẽs cortezans, e os cortejos livres. Isto he para esqueser, Joanna!»

Na epocha a que se refere a carta não havia em Odivellas freira nenhuma do nome de Barbara Joaquina, a não ser que fosse alguma religiosa d'outro convento alli assistente. É, porém, quasi certo que o copista transcreveu mal o nome, pondo Joaquina em vez de Joanna. Sendo assim, a pessoa, a quem aqui se refere fr. Pedro, era D. Barbara Joanna Pereira de Lemos, filha de Antonio da Veiga de Lemos e de D. Maria de Sousa Pereira, a qual, tendo tomado a mantilha no dia 1.º de janeiro de 1675, só professou aos 30 de novembro de 1679, o que naturalmente foi devido a só então chegar á idade competente para proferir os votos.

A veracidade (indiscutivel, como se verá) das demais allusões da carta parece-me confirmar esta identidade.

Fr. Pedro prosegue empregando sempre um estylo hyperbolico:

«He p.ª esqueser ver a Sr.ª D. Luiza de Moura com hum collar de Jasmins q̃ entendo vieraõ de Italia em romaria, ou para lhe verem a garganta, ou por lhe levarem por contato a brancura! Ella os recebeo com tanto mimo, q̃ os pôs ao collo, naõ passaraõ mal, comiaõ nata, bebiam neve, e compraraõ ambar: nos olhos naõ fallo; porque he dor do coraçaõ ver hua molher amotinar a gente com dous negros, dous maganos, e na sua cara a olhos vistos roubarem duas liberdades, fazerem duas mortes, e em sima desta aleivosia, o que mais me escandalizou foy q̃ se poseraõ a cantar ambos.»

Aqui temos a nossa já muito conhecida D. Luiza Maria de Moira; e compare-se a allusão de fr. Pedro ao «collar de Jasmins» com que se adornava a famosa freira, com esse fio de perolas já por nós notado ao pescoço da figura que encima a fonte do *Claustro da Moira*.

Detem-se o frade encomiando a belleza das duas freiras mencionadas, que são «dois anjos vestidos de mulher... encorporados em duas Filis, cantando como

anjos, tentando como diabos»; e prosegue do modo seguinte:

«... como será crivel, q̃ me fuja dos braços da memoria ver entrar neste tempo pella grade minha Senhora D. Violante Henriques aquelle milagre da fermozura q̃ Deos pendurou no Templo da natureza; aquelle Idollo da belleza que a admiraçaõ pos no templo da fama; Céo em mappa, Sol em estampa. Ver aquella Mag.de debaixo do dosel da soberania, mandando pôr fogo áquelles mesmos q̃ a juráraõ Divindade, vendo tremer de medo áquelles mesmos que lhe davaõ a vida por gosto; os pensamentos dentro dos altares do peito faziaõ em segredo o seu culto; porque se queriaõ sahir fóra, ou os afogava o pasmo, ou os suspendia o respeito; ditoso emfim o que vio, e ditoso o que naõ vio.»

Ainda esta ultima freira nomeada é minha conhecida. Chamava-se ella D. Violante Antonia de Miranda Henriques. Foi filha de Henrique Henriques e de D. Anna de Alenton; noviça em 12 de agosto de 1693, professou aos 13 de julho de 1695.

Não transcrevo, por não ter importancia, o resto da carta de fr. Pedro; mas, fica demonstrada a sua authenticidade.

*

D'este fr. Pedro de Sá encontrei na mesma collecção manuscripta, d'onde extraí a antecedente epistola,

outra missiva, em resposta a uma «Carta de pezames q̃ mandáraõ as Religiozas do Calvario a Fr. Pedro de Sá na deichasaõ q̃ delle fez a sua Freira do convento da Rosa chamada Thereza da Gloria tratando ao dispoes com o morgado de Oliveira».

Fr. Pedro, certamente um dos mais famosos galans do seu tempo, encarou a infidelidade de Thereza da Gloria com toda a philosophia de que era capaz um frade em casos taes, o que se vê claramente da sua resposta, de que apenas aqui reproduzo os seguintes periodos que deixo á ponderaçaõ de quem os ler:

«As Freiras saõ mais sugeitas ás inconstancias q̃ todas as mais molheres; porque o corpo prezo, faz o coração inquieto. Passaro em gayolla nunca o vi com socego. Sem aprenderem do ferro da grade a firmeza, estudaõ na roda a mudansa».

*

Poderia encher muitas paginas com versos e anecdotas authenticas relativas ás freiras de Odivellas; não o farei comtudo, já porque são geralmente conhecidas muitas d'essas anecdotas e versos, já porque o melhor que d'isso ha inédito é d'um excessivo realismo.

Em compensação dou aqui a seguinte curiosa peça, que julgo não ter sido publicada, e cujo auctor ignoro quem fosse.

## «*Ladainha dos Freyraticos*» [1]

Rey e Sr..... *Ouvinos.*
Rey e Sr..... *Tornae a ouvir.*
Rey e Sr..... *Não vos enfadeis de ouvir.*
Pay que sois de nós,..... *Miserere nobis.*
Filho que sois de hum Pay que nos
perseguio..... *Miserere nobis.*
Spirito que tendes o mesmo zello. *Miserere nobis.*
S. Bento de Sister,
cujas Freyras haõ mister
que as renoveis, e reformeis..... *Ora pro nobis.*
S. Augustinho,
cujas freyras sem caminho,
tu, que encaminhallas podes..... *Ora pro nobis.*
S. Bernardo,
de cujas freyras magoado,
tu, que ves e naõ acodes..... *Ora pro nobis.*
S. Clara,
de cujas freyras he rara
a que chega adonde tu sobes..... *Ora pro nobis.*
S. Catherina,
que fostes freyra divina,
sem ter grades, e pagodes..... *Ora pro nobis.*
S. Thereza,
Freyra da mayor pureza
sem ter Freyraticos amores..... *Ora pro nobis.*
De freyras desta cidade,
que andaõ de grade em grade,
com quem temos pouca fée..... *Libera nos Dominé.*
Da que ama sem amor,

[1] Não se conservaram nesta copia as abreviaturas do original.

da que mente sem pensaõ,
ou que pede sem porque..... *Libera nos Dominé.*
Da que se finge novissa,
da que tem Tia postiça,
ou que vive de alquillée..... *Libera nos Dominé.*
da que tem mana e maneira,
da que depois que bebe a goteira,
canta sem solfa o lélé..... *Libera nos Dominé.*
Da que escreve por sestinhas,
daquella que faz versinhos,
da que falla por sé sé ..... *Libera nos Dominé.*
Da que fás, por que á portaria
se venda mercadoria,
quando o amante a vê..... *Libera nos Dominé.*
Da que lhe manda dizer,
só por galinhas comer,
está mal estando em pé..... *Libera nos Dominé.*
Da que de saber se préza
e que do coro, e da reza,
naõ saiba que couza hé..... *Libera nos Dominé.*
Deste sexo sem lealdades,
que professaõ sem ter fée..... *Libera nos Dominé.*
Que a seus conventos naõ vamos,
nem a cara lhe vejamos
nem ouçamos sua voz..... *Te rogamos, audi nos.*
Que dos devotos das Freyras
ouvireis, Senhor, as segueiras,
que o Demonio nellas pôz..... *Te rogamos, audi nos.*
Que da mais firme e leal,
nos livreis que esta tal
he huma serpente feroz..... *Te rogamos, audi nos.*
Que fujamos sempre dellas,
que zombaõ, sem para ellas
haver forca, nem algoz..... *Te rogamos, audi nos.*

Que para nos naõ emfadar,
naõ nos deixeis enganar
com pratos de doçe arroz..... *Te rogamos, audi nos.*
Que desfaçamos seu feitiço,
té que em vosso servisso
vivamos sem ellas sós..... *Te rogamos, audi nos.*
Que naõ fique Senhor,
taõ grande peste em pée..... *Parce nobis, Dominé*
Que do seu amor nos levamos
naõ sabendo o que he..... *Parce nobis Dominé.*
E porque assim ignoramos
suas fingidas vozes..... *Miserere nobis.*

«Rey e Senhor, fazeinos dignos de vos louvar de pollo a pollo.

«E concedeinos vallor contra o freyratico dollo.»

Segue-se a *oração* (que nada tem de interessante) e logo o encerramento com estas palavras:

«Ouvi vozes tão sentidas,
E livrainos de freyras taõ garridas.»

O rei invocado é D. João V.

*

Quem compoz esta ladainha era frade, decerto; ninguem como elles conhecia o assumpto, pois que tinham mais que outrem a liberdade de esquadrinhar todos os cantos dos conventos, ao que accrescia o poderem á vontade pesquizar as consciencias na confissão.

Já vimos o que determinaram alguns visitadores ácerca d'este ultimo ponto, em vista da longa permanencia nos confessionarios. Saibamos agora o que mais nos revela a respeito do procedimento dos frades a visitação feita em 7 de outubro do anno de 1757.

Temos em primeiro logar que os monges praticavam enormes escandalos nas casas das povoações visinhas; assim o dizem os visitadores geraes fr. Carlos de Miranda e fr. Luis Coelho:

«E porq̃ he costume, e g.al pratica em todos os Mostr.os de Relig.as da Nossa Cong.ção q̃ nenhũ relig.o entre nas casas dos lugares vizinhos dos mesmos Mostr.os e nos constar q̃ os relig.os q̃ assistem neste se tem havido nesta p.te com algũa devacidaõ, o q̃ he m.to p.a nottar: Ordenamos» etc.

Se os visitadores, a quem era sempre indispensavel uma grande discrição na linguagem, diziam *alguma devassidão*, é que realmente ella era muita.

Dir-se-ha que essas proezas dos frades não eram feitas no convento, mas fóra d'elle. Na mesma visitação acabada de citar vem logo abaixo o seguinte *item*, que responde a essa objecção:

«E por q̃ nos foy zelado q̃ qd.o os relig.os vaõ assistir a algum enterro, em alguaas occazioiz se dezunem huns dos outros, o q̃ causa escandalo ás relig.as, orde-

namos q̃ nenhum relig.º se aparte a falar com pessoa p.ar naq.le acto . . . »

Ahi ficam, pois, confirmadas em documento official as accusações de devassidão feitas a frades por outros frades.

A isto se pode aproximar o que conta o bispo do Grão Pará nas suas memorias. Diz elle que, prégando missão em Odivellas o célebre fr. Antonio das Chagas, em companhia de fr. Leandro, estavam alli nesse mesmo tempo fr. Ignacio de Athaide, e fr. Antonio de Tovar, que foi ao depois prégador geral. «Eram moços (diz o bispo), e muita a liberdade das grades d'aquelle miseravel tempo. Emquanto durava a missão não se fechavam palratorios, como hoje se usa. Por alli, pois se passava o tempo.

«Como os quatro missionarios e monges se accommodavam nos dois quartos da hospedaria atraz da capella-mór, que para seu descanço mandou fazer um conde no tempo da sua devoção de Odivellas—passavam os dois monges a noute muito fóra dos termos a jogar as tabolas, até que o Chagas foi para dentro do seu quarto e tal disciplina tomou por elles, que de madrugada se recolheram a Lisboa para evitar ao menos o escandalo.»

Este modo de corrigir os outros, disciplinando-se a si proprio, não é processo vulgarmente seguido; e, que o fosse, supponho que rarissimas vezes daria re-

sultado satisfatorio. Segundo penso, fr. Antonio das Chagas queria penitenciar-se por Antonio da Fonseca Soares que tantas proezas freiraticas praticou.

Ainda terei occasião de falar d'este famoso frade.

## CAPITULO XVII

Ainda a Madre Paula — O juís de fóra de Aldea-Gallega — O caso das feiticeiras em 1724 — O padre *Voador* — Intrigas de freiras — Um bando de velhacas — Duas receitas excellentes.

BONANÇOSOS deslisavam os dias de D. João V e de D. Paula Thereza da Silva; mas sem dúvida mais doces para a freira do que para o seu real amante, que naturalmente o monarcha tinha mais coisas em que pensar no seu magnifico paço, que a formosa filha de S. Bernardo no seu Al-Zohrah de Odivellas.

Certo dia, porém, um grave acontecimento ia pondo em grave risco, não direi a existencia, mas certamente a tranquillidade d'aquelles corações enamorados; se acaso posso assim expressar-me, porque me parece que nenhum namorado tem jámais paz de espirito.

O Camões, que era intendido na materia, lá o diz algures, nas canções ou nos sonetos. E assim todos os poetas de todos os tempos o teem dicto e commentado.

*

Jeronymo de Cettem, filho do desembargadar aposentado da Relação do Porto, João de Cettem, exercia o cargo de juís de fóra em Aldea-Gallega. Não se considerava elle inteiramente feliz com a sua posição (como succede a toda a gente, sem excepção alguma) e ambicionava um logar qualquer mais rendoso e mais brilhante. Certo que elle tinha lá comsigo parafuzado muito já para obter a realização dos seus sonhos d'oiro, quando em certa occasião chegou a convencer-se de que afinal conseguiria pelo menos o logar de desembargador da Casa da Supplicação.

Ia o nosso juís de fóra, certo dia de setembro do anno da graça de 1724, a sentar-se á mesa para jantar, conversando talvez com os seus botões ácerca do seu presente e modesto estado e das suas doces esperanças de futuras grandezas, quando lhe foram dizer que o procurava a senhora D. Maria Thereza de Mello, mulher moça e folgazã, de vinte e quatro annos apenas, e já viuva. O juís conhecia-a porque ella tinha alli proximo uma quinta, onde passava algumas temporadas.

O juís, com vontade ou sem ella, mandou entrar a viuva que não vinha só, mas acompanhada de mais quatro mulheres; e D. Maria disse-lhe que apenas desejava descançar um pouco com as suas companheiras, que tinham de fazer jornada para Setubal, onde uma d'ellas ia metter-se freira.

Jeronymo de Cettem, quer por cortezia ou natural generosidade, quer por curiosidade ou suspeita d'algum mysterio (o que é mais provavel, porque juís sem manha é como lacráo sem peçonha) convidou as damas e suas creadas para o jantar, que ellas acceitaram, sem que todavia durante a comida declarassem coisa alguma que tivesse importancia.

Terminado o jantar, partiram as mulheres promettendo voltar no dia seguinte, volta que o juís debalde esperou; isto o incitou a fazer milhares de considerações sobre a inconstancia das mulheres e outras coisas mais, e o decidiu dias depois a ir fazer uma visita á sua visinha D. Maria Thereza. Talvez esta visita fosse então o seu mais ardente desejo e o caso das mulheres apenas o pretexto d'ella. Tudo quanto nessa visita se passou nunca o juís o revelou a ninguem; mas das suas conversações com a viuva ficou sabendo qne aquella jornada se fazia para consultar duas feiticeiras mulatas que habitavam em Setubal, chamadas as Salemas, para certo fim que brevemente conheceremos.

Jeronymo de Cettem imaginou que aquelle facto lhe podia proporcionar meio de melhorar a sua posição; e, dizendo-lhe a viuva que as outras mulheres já estavam em Lisboa á busca de certos objectos necessarios para os feitiços a fazer, elle declarou-lhe que, apezar da habilidade das mulatas, conhecia quem saberia realizar o feitiço muito melhor do que ellas, e instou por que D. Maria Thereza partisse logo para Lisboa afim

de deter a jornada das outras, e explicar-lhes o interesse que elle tomava no caso, promettendo arranjar-lhes para os seus intentos uma via mais segura.

A viuva caiu no laço armado pelo juís, e partiu para a capital, aonde a seguiu noutro barco Jeronymo de Cettem, imaginando que o vil papel de denunciante, que ia desempenhar, lhe valeria um logar de desembargador e um habito de Christo.

O primeiro passo, que o juís de fóra deu apenas desembarcou, foi dirigir-se a casa do célebre desembargàdar Bacalháo, a dar-lhe parte do negocio. O desembargador correu logo ao Paço a informar Sua Majestade do que se passava; e d'alli voltou «pellas honze horas da noite». O Cettem esperava-o, mas já com mais noticias; porque, sabendo do seu officio, não tinhà perdido o tempo; «no meyo tempo q̃ o Bacalháo se demorou no Paço foy o Juiz de Fóra á casa da mulher, que descubríra a deabrura, fingindo o não deixára descançar o cuidado de saber se poderia ter lugar o seu adiantam.^to^, e soube d'ella, que no dia antes de ella partir de sua quinta, tinhaõ passado as mulheres, p.^a^ Alcacere.» [1]

O desembargador, em vista da nova noticia, volta outra vez ao paço a dar parte a Sua Majestade, que ordena que o Bacalháo e o juís Cettem compareçam

[1] *Deabrura emforme, cujo descobrimento teve principio no mez de Setembro de 1721* — Bibl. Nac., Mss.

no dia seguinte ás 6 horas da manhã em casa do Cardeal da Cunha.

A ordem foi comprida escrupulosamente; mas a pontualidade dos dois poude ser excedida; pois o caso é que já em casa do cardeal estava na salla do conselho Nuno da Silva Telles. Tendo os ministros resolvido o que havia de fazer-se, partiu o desembargador Bacalháo em busca da viuva D. Maria Thereza, que foi conteste e mandada para sua casa, «que era na Varanda do Terreyro do Paço.» Em seguida, deu-se ordem ao Santo Officio para que prendesse as mulheres «embora se fossem buscar até a raia de Castella»; tudo isto ordenado por decretos feitos pelo proprio punho do rei, que mandou dar oitenta moedas aos ministros com ordem de partirem immediatamente num «escaler da Ribeyra, que estava prompto.»

Partidos os encarregados da diligencia, souberam elles em Coina, d'um commissario do Santo Officio, que alli tinham passado umas mulheres e «que vinha hum Clerigo na sua companhia». Tomaram pois sem demora a estrada de Setubal; e de caminho foram o Bacalháo e o Cettem conversando ácerca do caso, dizendo então o desembargador para o juís que, se, como se dizia, o clerigo era o padre Bartholomeu Lourenço, haveria novidade grande. O Bacalháo, que pensava assim bem boas razões tinha; que o célebre aeronauta era um dos maiores galanteadores d'aquelle tempo.

Chegados a Setubal, e dada parte da diligencia, ao juís de fóra da localidade, que se chamava Diogo Cotrim, apurou-se que as mulheres, ao passarem alli, não iam já acompanhadas do clerigo. Uma busca dada aos barcos vindos de Alcacer não produziu resultado; de modo que foi preciso ir até Alcacer do Sal, onde afinal o juís de fóra respectivo, Valerio Galvão de Quadros, descobriu o paradeiro das viajantes.

Presas as mulheres, a principal das quaes declarou que o clerigo que as acompanhára era o padre Bartholomeu Lourenço, foram ellas conduzidas a Lisboa e deram entrada a 27 de setembro na inquisição, onde estava já a viuva havia dois dias. As principaes pessoas presas foram:

D. Maria Thereza de Mello, de 24 annos, viuva de Simão dos Santos Varella;

D. Antonia Maria da Fonseca, de 38 annos, casada com Francisco de Sousa da Fonseca, capitão de Infantaria, natural de Extremoz;

Isabel da Natividade, casada com Manuel Gonsalves, natural de Souzel, moradora no sitio da Moita grande, termo de Alcacer;

Catharina Salema, de 80 annos, viuva de Domingos Dias;

Brites Maria, de 25 annos, viuva de Antonio Dias.

As presas chegaram ao Santo Officio numa quarta feira pelo meio dia, diz o autor da relação que vou seguindo, feita em 1736, o qual prosegue: «e passando-se

logo ordem para ser prezo o P.e, pellas duas horas da tarde fugio, mas depois foi prezo, e não ha m.tos tempos, que morreu, e mandandose, quando elle desapareceu fazer suquestro á sua caza pello Bacalháo achou entre os poucos trastes, q̃ tinha aberto sobre huma Meza, e cotado em varias p.tes o Alcoraõ de Mafoma.»

O notavel padre, muitissimo conhecido em Lisboa pelas suas tentativas de aeronautica, mereceu nesta occasião uns versos a um poeta cujo nome se não declara. Eil-os:

*A fuga ou auz.a do D.or B.meu Lourenço vulgarm.te chamado o Voador.*

*DECIMAS*

I

Por caso grande em Lisboa
contaõ todos, menos eu,
que o Padre Bartolomeu
voou, e a fama he que voa:
Nada, do que ouço, me toa,
pois razaõ naõ sabem dar
deste homem se auzentar,
porque despois que faltou,
dizem todos, que voou,
e todos fallaõ no ar!

II

Todos sabem, e ninguem vê,
como voa, ou quando foge,
nem eu sey bem ainda hoje,
que casta de passaro he:

Que era huma, se crê,
apurada em bom crizol,
mas deixar este arrebol,
(perdoe-me) foy asneira,
e foy esta Aguia a primeira
que vimos fugir do Sol.

Mas afinal que caso grave foi esse, em que Sua Majestade tanto interesse tomou?

Eis o que diz o auctor da relação citada, e que concorda exactamente com a denuncia do juís de fóra, constante do processo da viuva:

«o negocio todo era enfeitiçarem El-Rey, p.ª q̃ deixasse D. Paula de Odivellas; permetisse que a Amiga do Infante D. Francisco fosse ao masmo Convento onde a naõ deixavam hir, e tomaçe amores com huma Freyra», que parece «que era Irmaa de outra com quem tractava o grande P.e Bartholomeu Lourenço.»

*

Sigamos agora os processos das presas, e veremos a trama de toda esta comedia, em que foi protagonista D. Antonia Maria da Fonseca. Procedamos por partes.

D. Maria foi a primeira interrogada, e da sua confissão, confrontada com o que diz a relação e com o depoimento das outras presas, vê-se que ella tinha um filho que queria metter no convento da Graça; e que pedíra á feiticeira Isabel da Natividade (ou das Moi-

tas) que fizesse com que ella obtivesse «um familiar, q̃ lhe tangesse, cantasse, bailasse, procurasse dinhei.ro e homens q̃ lhe fossem a sua casa». Tirante isto, nada mais se colhe senão que ella apenas foi auxiliadora de D. Antonia. Passemos pois ao processo d'esta que nos revela todo o caso.

D. Antonia, a mulher do capitão de infantaria, confessou que duas religiosas do Convento de Sant'Anna, chamadas D. Antonia e D. Paula, irmãs de D. Mariana de Sousa, amiga sua de recente data, lhe pediram que, pois ella ia falar com uma feiticeira para certo fim, aproveitasse a occasião para ver se a mesma lhe dava algum remedio com que conseguissem fazer certas pazes. D. Antonia disse-lhes conhecer certa feiticeira chamada a Rastolha, mas resolveu-se que ella fosse consultar as Salemas e a mulher das Moitas de Alcacer do Sal, que ao que parece era famosa pelas artimanhas.

Como pessoa de bom coração, amiga de fazer vontades, lá foi D. Antonia até Alcacer, onde a Isabel das Moitas lhe disse que de bom grado faria o feitiço; mas que para esse fim eram necessarios alguns objectos que pertencessem ou tivessem estado em contacto com as pessoas que se pretendiam enfeitiçar.

Voltando a prestadía D. Antonia a Lisboa, a communicar isto ás duas freiras de Sant'Anna, estas lhe pediram que fosse falar ás suas outras irmãs D. Barbara Isabel e D. Luiza Antonia, freiras em Odivellas. Todas

estas irmãs eram filhas de Antonio Correa de Sousa e de D. Maria Rosa Ayres.

Lá vae pois a Odivellas a mulher do capitão a falar com as duas freiras, que lhe dão a saber terem-se levantado grandes desuniões entre ellas e D. Paula Thereza da Silva, «filha de hum homem q̃ assiste em humas cazas do mesmo sitio». Em consequencia d'essa discordia tinha deixado de ir a Odivellas uma sua irmã, o que muito lhes pezava. Esta tal irmã era a alludida D. Marianna de Sousa, amante do infante D. Francisco, á qual o rei prohibíra o sair fóra a ver suas irmãs. Era por isso que precisavam de quem por meio d'um feitiço conseguisse que «a dicta D. Paula as procurasse, e se fizesse amiga com ellas como sempre foram»; porque, embora já tivessem feito um *fervedouro*, nada haviam conseguido. Esse fervedouro «constava de vinho, alecrim, sal das tres Marias, incenso do Cirio da Pascoa, palma da Dominga de Ramos, vela das Candeias; e posto tudo a ferver em uma panela, dizendoce huãs palavras a cada cousa q̃ se lançava na mesma panela, batendose com huma faca em sima, conservandolhe dentro huma vela acceza; exprimentáraõ o eff.º p.ª q̃ o faziaõ, o qual era humas vezes p.ª que S. Magestade se fosse logo da grade em que estava com a d.ª Religiosa Dona Paula, e outras vezes, p.ª q̃ viesse logo para ella».

Admira realmente que tão bem preparada mixordia não produzisse bom resultado.

Vejamos, agora, quaes os objectos que as Sousas entregaram a D. Antonia, para a execução do feitiço, além de quarenta moedas d'oiro e muito boas joias (talvez para as feiticeiras): em primeiro logar, peitos de perdizes e de gallinhas abocanhados, e bocados de marmellada meio comídos por D. João V e D. Paula; em segundo logar, uma atadura e uma almofadinha com sangue de D. Paula; em terceiro logar *(enojesco referens)* «hum caco com hum pouco de excremento da d.ª D. Paula» . . .

Pode dizer-se que D. João V, dando importancia á denuncia de Cettem, e mandando proceder contra aquellas embusteiras, acreditava nos feitiços. Não é essa a conclusão que deve tirar-se do procedimento do rei; faça-se-lhe justiça. D. João V, attenta a epocha em que viveu, não seria tão pouco supersticioso como nós hoje somos; mas d'ahi a crer que aquellas porcarias e as operações da Isabel das Moitas poderiam influir nos seus amores com D. Paula, é o que julgo não poder admittir-se. E a prova d'isso está em que não houve procedimento severo contra as embusteiras; pelo contrario, as penas que lhes deram foram simplesmente as seguintes, sendo as sentenças lidas em fevereiro de 1725 na tribuna da capella da Penitencia, perante quatro pessoas, todas da inquisição:

D. Maria Thereza de Mello, reprehensão, juramento de não reincidir, e obrigação de certas penitencias em sua casa;

D. Antonia Maria da Fonseca, degredo por tres annos para Castro-Marim e perpetuo para fóra dos arcebispados de Lisboa e Evora, com penitencias (Em 16 de novembro de 1728 foi-lhe commutada a pena, passando a residir em Evora, e depois em Extremoz. Era irrequieta esta D. Antonia, que chegou a pedir em 1729 nova commutação para residir em Lisboa; mas não lhe foi isso concedido);

Isabel da Natividade, degredo por dois annos para fora de Alcacer e do seu termo, e penitencias;

Catharina Salema e Brites Maria, reprehensão e penitencias.

Outras pessoas mais, que tambem haviam sido presas, foram postas em liberdade; entre estas (diz a relação) «duas mulatas mais, que vieraõ de Odivellas, huma das quaes está servindo hoje a quem devia ter della todo o aborrecimento», referencia evidente á Madre Paula.

Quanto ao Padre Bartholomeu Lourenço, não achei no Archivo Nacional o seu processo; salvou-o talvez a roupeta.

E os sonhos d'oiro do juís de fóra de Aldeà-Gallega? Foram satisfeitas as suas ambições? Chegou a ser ao menos juís de fóra em Lisboa?

O final da relação, de que extraí grande parte da narrativa, termina com as seguintes palavras, relativas ao denunciante:

«Tudo isto me contou na hospedaria deste Conv.^to^ o mesmo Menistro Ieronimo de Cettem, que merecendo por este servisso singular hum adeantamento de distinçaõ grande; lhe pagáraõ somente com a correiçaõ de Vianna, e hoje se acha sem servir *30* de Iulho de *1736*».

*

Cabe archivar aqui duas curiosidades constantes dos processos alludidos.

Primeira:

No segundo interrogatorio feito a D. Antonia, declarou esta que a freira D. Paula do Convento de Sant'Anna lhe pediu «que lhe buscasse alguã pessoa que lhe désse meyos para ella poder falar, e estar em qualquer occasiaõ que quizesse com certo Religioso, sem que este fosse presentido ou visto».

Segunda:

Num dos interrogatorios, Isabel da Natividade contou que sete annos antes, dando conta, a certa mulher de nome Brazia Gomes, da má vida que o marido lhe dava, a Brazia lhe ensinára as seguintes orações para tornar o marido seu amigo:

«Aquelle mar não tem portas,
Nem de abrir nem de fechar,
Manuel, lá te mando soledar
Que tu estejas em meu mando,
E me dês quanto ganhares,
E sejas meu amigo.

Encomendo-te a S. Sylvestre,
Á camisa que elle veste,
E a todos os seos sette,
Que quebrou a barba ao serpe,
E o coraçaõ ao leaõ,
Assim como isto assim he,
Manuel, tu me queiras muito
E te humildes muyto a mim.»

No fim d'esta oração se haviam de rezar cinco *Padre-Nossos*, e cinco *Ave-Marias* ao mesmo Santo. Quando o marido viesse agastado devia dizer outra lenga-lenga da mesma especie, rezar tres *credos* e terminar com estas importantes palavras, que bem claramente mostram o que se pretendia.

«Manuel, tu te foste e tu virás,
Pellos montes passarás,
Com os vivos te encontrarás ;
Se te disserem mal de mim nada d'isso crerás;
Tudo quanto souberes me dirás
E nada de mim saberás.»

Oxalá que tão importantes receitas sejam aproveitadas !

## CAPITULO XVIII

A vida claustral — A vocação e a coacção — O mysticismo e suas consequencias — A *Vida Interior* da Madre Maria Michaela de S. Bernardo, freira de Odivellas — Conclusão.

RIEM os scepticos, zombam os malevolos, motejam os satyricos das freiras de Odivellas, pretendendo fazer considerar este convento como uma excepção entre os mais, sob o ponto de vista da desmoralisação. Qualificam as suas freiras de levianas, de impudicas, da devassas; e proclamam que este mosteiro foi uma especie de harem de D. João V. Não se pondéra que a celebridade do mosteiro de Odivellas, relativamente á desmoralisação, provém simplesmente de, sendo elle já de si o mais célebre mosteiro feminil de Portugal por suas vastas proporções e grandes riquezas, alli haver tido o rei magnanimo a sua mais idolatrada amante, Soror Paula Thereza da Silva.

E a prova de ser este facto o unico motivo da proclamada desmoralisação, é que é raro o escriptor que, falando de Odivellas, mencione outros casos que ante-

riormente a D. João V alli succedessem, quando sabemos já que alli esteve D. Feliciana de Milão, amante de D. Affonso VI; e muitas outras mulheres notaveis por sua galanteria.

O fausto de que se rodeava o *rei sol* portuguez, o sello de grandeza que elle punha sempre em todos os seus actos, o exemplo de libertinagem que dava, não podiam deixar de produzir péssimos effeitos. Mas repetir-se a lenda da desmoralisação da communidade de Odivellas, como uma excepção quasi absoluta entre todos os mais conventos, é o que não tem razão de ser; porque nos outros succedia o mesmo qne no fundado por D. Dinis. D. Affonso VI tinha amantes em varios conventos: no de Odivellas, no de Sant'Anna, no de Via Longa; e D. Pedro II tinha-as no de Sant'Anna e sobre tudo no do Calvario (que tambem lhe serviu de serralho).

Os cortezãos seguiam os exemplos de seus amos.

Das obras do grande e seriíssimo escriptor D. Francisco Manuel de Mello, e d'outros muitos vultos notaveis das nossas lettras, e, noutra classe de escriptos, nas poesias de fr. Jeronymo Vahia, de Gregorio de Mattos e de Antonio da Fonseca Soares (fr. Antonio das Chagas) se vê clarissimamente que no tempo d'esses escriptores «ninguem obtinha diploma de Cavalheiro elegante, e interessante, como agora dizem, ou de taful da gemma, como diziam então, sem ser namora-

do de uma Freira, frequentar as grades, e andar com as algibeiras prenhes de prendas, e cartas da sua Freira».[1]

A dissolução lavrava grandemente nos conventos. As freiras não se occultavam umas ás outras os seus amorios, como poderá julgar-se, suppondo erradamente que as rivalidades e o receio de serem accusadas ás superioras e aos visitadores as continha. Pelo contrario ellas se communicavam mutuamente suas aventuras amorosas; celebravam seus triumphos, confidenciavam seus pezares. Não raro, certamente, despeitos e rivalidades formaram intrigas e fizeram estalar tempestades entre algumas religiosas; mas intervenções amigaveis e a propria necessidade de viver tranquillas no claustro deviam abonançar os animos. Não é só a razão que nos diz que ellas deviam proceder assim, tornando-se confidentes umas das outras; muitas anecdotas e dictos historicos nol-o affirmam, e muitos escritos de pessoas competentes o manifestam.

A seguinte anecdota de D. Feliciana de Milão servirá aqui de exemplo:

«Mostrou huma Freira de Odivellas a Dona Feliciana de Millaõ huma grande joya de miudos diamantes, e muitas lascas, que faziaõ huma vista taõ alegre como ella a mostrou presumida do amante e da prenda. Dona Feliciana lhe disse: «Esse homem quer matarvos.»

[1] Costa e Silva, *Ensaio biographico-critico.*

— «Porque?» perguntou a Freira. E respondeo-lhe: «Porque vos deu pós de diamante».[1]

E outra confirmação temos do que fica dicto nos seguintes versos d'um romance que Antonio da Fonseca Soares (bom conhecedor dos costumes das freiras) dirigiu a uma religiosa de Chellas que estava doente:

Chega Maria das Chagas,
Dá-te a minha carta, e vel-a
Tão cheia de necedades,
De disparates tão cheia,

Que te motiva pesares,
Que te motiva molestias;
Dizem as freiras amigas:
«De quem é? é do Fonseca?»

Respondes muito enfadada:
«Sim, mana, porém vem nescia;
«Ai! Brites, que isto é verdade,
«Ai! mana, que isto é certeza!»

Se as religiosas davam o exemplo, as creadas seguiam-no escrupulosamente. De Odivellas, dizem os visitadores fr. José de Lugo e fr. José Sanches em 18 de fevereiro de 1795:

«Sendo-nos constante, q̃ algũa, ou alguas creadas cegas de hum torpe lucro, se tem arrojado temeraria-

[1] Theatro Heroino, vol. I.

mente a contratar ẽ a portaria deste Mostr.º em hua materia taõ melindrosa, q̃ todos sabem, e nos naõ atrevemos proferila por naõ offender-mos os pios ouvidos, e escandelizar mais a hum Mostr.º taõ respeitavel como este; e por ser a negociaçaõ de tal qualid.ᵉ nos não persuadirmos sem m.ᵗᵃ violencia, q̃ haja Religiosa esquecida de todas as suas obrigaçoens, e ainda das que estimulaõ o natural pejo, e honra, q̃ encubra, patrocine, e va interessada nos lucros a q̃ a pode arrastar a cega, e sordida ambiçaõ com gravissimo damno do Mostr.º e descredito da Religiaõ. . . »

Mas nem a licenciosidade claustral foi exclusiva de Odivellas, nem é tambem admissivel suppôr-se (como algumas pessoas pretendem) que só em certas epochas ella grassou nos conventos.

Os *Livros de linhagens* e outros documentos antigos dão-nos a cada passo exemplos da quebra do voto de castidade feito por freiras. Eis alguns exemplos:

Mafalda Pires, descendente do famoso *Lidador*, D. Gonsalo Mendes da Maya, casou com Lourenço Pires de Alvarenga; tiveram uma «filha, e esta foi freira de Arouca, e tiroua da ordem Affonso Pires de Rendamor, e casou despois com ella». [1]

«Aldonça Gomes que foi hi *(no Convento de Al-*

[1] *Livros de linhagens*, in *Port. Mon. Hist., Escriptores;* I, p. 158.

*moster)* freira *teve relações* com Gil Vasques Pechoto.»[1]

«Martim Affonso... ouue huum filho em huma dona que era abadesa darouca que havia nome dona aldonça anes de briteiros».[2]

«E este dom Estevam Velho, filho de dona Orraca Pirez que foy freyra filha de Pedrafomso de Cameal, tirou-a do moesteiro,»[3] etc.

«e Sancha Lourenço foi freira de Vairaõ, e levoua Pero Talvaya e casou com ella.»[4]

«dona Moor Nuniz Camella que foy monja d'Arouca e muy gram *dissoluta*».[5]

«e despois D. Chamoa meteuce monja em Vairaõ, e fege em drudaria hum filho com D. Mem Rodrigues de Togues... e essa D. Chamoa fez outro filho em drudaria com elrey D. Affonso de Portugal».[6]

«... Pedrafomso Ribeyro... em sendo casado... ouue huuma monja que era abadessa de Loruãao em leuandoa pera elrrey Dom Affomso de Portugall padre delrrey dom Dinis de Portugall: e esta abadessa era muy filha de algo, ca era filha de dom Meem Garçia de Sousa... e esta monja abadessa de Loruãao suso dita avia nome dona Tereyia Meendez».[7]

---

[1] *Ibid.*, p. 170.
[2] *Ibid.*, p. 193. Cf. p. 152 e 292.
[3] *Ibid.*, p. 334.
[4] *Ibid.*, p. 169.
[5] *Ibid.*, p. 315.
[6] *Ibid.*, p. 175.
[7] *Ibid.*, p. 338.

Pode allegar-se que naquelles remotos tempos, a que os *Livros das linhagens* se referem, as ordens religiosas não estavam organisadas com os apertos e determinações que tiveram depois do concilio Tridentino, que definitivamente legislou sobre o assumpto, e que, por conseguinte, essas freiras a que os *Livros* se referem não tinham proferido votos perpetuos. Mas essa allegação não tem força, em vista de exemplos (e muitos) como o terceiro e o ultimo que citei; parece-me que ao menos as abbadessas deviam ter professado, e portanto os seus votos eram perpetuos. Ha melhor meio de destruir tal allegação; e é transcrever o seguinte periodo d'um dos mesmos *Livros:*

«Este Gomçallo Pirez Velho filho do sobredito Pero Pirez, Pero Velho, e de dona Tareyia Pirez, foy casado com dona Costamça Gomçalluez filha de Gomçallo d'Arga que foy sete annos freyra em Voyturinho e fez profissom, e tiroua este Gomçallo Pirez, Gomçallo Velho, per força da abadessa e das donas».[1]

Ainda outros melhores argumentos contra essa allegação são os pedidos feitos por freiras para legitimação de seus filhos (aqui vamos ainda encontrar a abbadessa de Lorvão):

A 11 de março de 1292 legitimou D. Dinis a Gonsa-

[1] *Ibid.* pag. 334.

lo Peres, filho de «dona Tareyja meendiz monia de Loruaão» e de «Pero Affonso Ribeyro», para que «podesse seer herdeyro enos seus beens dela e de seus parentes quando mester fezesse e que possa auer onrras e dignidades de filhos dalgo. Assy como se fosse feyto e nado lijdimamente. E eu sobrestas cousas e sobresta legitimaçom que mi a dicta dona Tareyia meendiz pedio tiuj por bem de lhy fazer esta merçee e esta graça por muito seruiço que mj fez reçeby e reçebo».[1]

A 26 de junho do mesmo anno de 1292 legitimou D. Dinis «Vaasco perez e a Affonso perez e a Eynes perez filhos dabril perez Coonigo do Porto e abade de Çedofeyta e de Guyomar paeez freyra do hespital, porque acho que eles som boons e de boo testemonyo e de bõa fama».[2]

Em 5 de fevereiro de 1310 legitimou o mesmo rei a Salestrana rodriguiz filha de Roy martinz do Casal e daldonça martinz freira e abadessa do Monasteiro de Tarouquela».[3]

Se era concedida a legitimação a estes filhos de religiosas, é que estas não podiam legitimal-os pelo matrimonio; e se não podiam effectuar este, é naturalmente por que haviam proferido votos perpetuos. Pelo menos não se pode demonstrar outra coisa, segundo penso.

---

[1] Chanc. de D. Dinis; L. II de Doações fl. 27.
[2] *Ibid.*, L. II, fl. 35.
[3] *Ibid.*, L. III, fol. 71 v.

*

As freiras quebravam seus votos, as freiras manchavam os seus véos. Mas de quem era a culpa? Não d'ellas.

Podeis dizer que, se uma mulher proferiu os votos perpetuos por vocação, se torna criminosa quebrando-os, sendo em tal caso ella a unica culpada da sua falta. Com um raciocinio tal, nunca houve, não ha, nem haverá ninguem virtuoso no mundo. Quem é que aos trinta annos pensa do mesmo modo que aos vinte?

Se a mulher não professou pela chamada vocação, se a coagiram a separar-se do mundo, a culpa então não é já da natureza, mas dos máos que lhe impozeram a sua vontade.

Sobre este ponto nada mais direi, contentando-me com reproduzir as seguintes palavras d'um bispo illustre:

«Pobre Religiosa!

«Em 3 de junho de 1749 morreu na enfermaria de Santa Clara, de cuja santa era freira professa, uma mulher de quarenta annos, de elegantissima presença. Acabou no hospital real de Lisboa, fugida de certo convento de Portugal, dezesete annos annos, ao quarto anno de professa. Pareceu bem disposta para a morte. Confessou-se a frei José Troyanno, da Congregação do Oratorio. Outro caso similhante succedeu ao mestre Coutinho, cisterciense, com outra freira, a qual, para se enterrar com o habito, fingiu ser devota de S. Bernar-

do, em Lisboa. — Effeitos de metterem as filhas á força nos conventos. Leiam o marquez d'Argens em uma de suas cartas, e *Le tableau du siècle*».[1]

Percorrendo os livros das profissões de Odivellas, a cada passo se encontram exemplos de haverem tomado o habito no mesmo dia muitas irmãs ou parentas. Já vimos que alli estiveram todas as filhas de João Dique e muitas outras pessoas de sua familia; vimos tambem que Antonio Corrêa de Sousa mettera duas filhas no Convento de Sant'Anna e fizera professar duas outras em Odivellas. Mencionemos outros exemplos.

Em 15 de abril de 1750 tomaram a mantilha de noviças tres irmãs Anna, Thereza e Joanna, filhas de Antonio de Mello de Castro (da familia Tavora) as quaes tinham no mosteiro tres tias, professas em 17 de dezembro de 1731: Ignacia, Clara e Catharina, filhas de Francisco de Mello e Castro.

Em 21 de março de 1730 professaram cinco raparigas: tres irmãs, Clara, Caetana e Rosa, filhas de Lourenço Corrêa Lisboa; e duas filhas de Fernando Cardoso de Magalhães, Antonia e Thereza.

Em 8 de abril de 1734 professaram cinco filhas legitimas do desembargador Leandro de Mello e Faria, Thereza, Josepha, Joanna, Catharina e Luiza.

Em 25 de julho de 1743 foram noviças as quatro

[1] *Memorias do bispo do Grão Pará*, já mais d'uma vez citadas.

irmãs Anna, Luiza, Thereza e Theodora, filhas de Francisco Lopes Carneiro.

Em 25 de janeiro de 1727 cinco irmãs tomaram a mantilha de noviças: Rosa, Luiza, Caetana, Anna e Ignez, filhas do dr. Henrique Moran.

Em 26 de maio de 1734 foram noviças Francisca, Eufrazia e Anna filhas legitimas do desembargador do Porto, Antonio Teixeira de Mendonça.

E 5 de janeiro de 1711 tomaram a mantilha as seis irmãs Joanna, Antonia, Paula, Marianna, Maria e Catharina, filhas legitimas de Raphael Soares da França; e professaram juntamente em 18 de fevereiro de 1712.

Basta.

E agora farvos-hei duas perguntas apenas, a vós que me falaes de vocação religiosa e desconheceis as leis naturaes. Dizei-me, em consciencia: é possivel que todas essas seis filhas de Raphael Soares tivessem vocação para a vida claustral? E, se pelo menos uma d'ellas professou por coacção, sobre quem recaíu a culpa dos seus erros se acaso os praticou?

*

Muitas vezes a causa primaria da quebra dos votos foi o mysticismo.

Nas obras da Madre Thereza de Jesus, como nas de S. João da Cruz, e ainda em muitos outros escriptos que derivaram dos d'aquelles dois notaveis vultos, se pode estudar o mysticismo; e ahi se encontram provas

claras, evidentissimas de que as voluptuosidades do amor divino degeneravam ou, melhor, se confundiam com as voluptuosidades do amor carnal. Lêde a *Noche Oscura* de S. João da Cruz; lêde a sua periphrase do *Cantico dos Canticos*; lêde a seguinte poesia de fr. João de Rojas,[1] e vereis até onde podia levar essa aberração do espirito chamada mysticismo:

*Hiere mas Esposo amado,*
*hiere mas, hiere mas,*
*qui assi la vida me dàs.*
Del harpon con que me hieres
tan dulce hazes el rigor,
que en èl manifiesta amor
(esposo) lo que me quieres:
Mayor aliento me adquieres:
quando matando me vàs,
rompe hasta donde quisieres;
*hiere mas, hiere mas,*
*que assi la vida me dàs.*
En tan amoroso herir,
solo tu has podido hallar,
un morir, que es alentar,
y vn matar, que no es morir.
Espirar para vivir,
fraguando en tu herida estàs,
sabroso hazes el sentir,
*hiere mas, hiere mas,*
*que assi la via me dàs.*

[1] *Representaciones de la Verdad vestida, misticas, morales, y alegoricas. sobre las siete moradas de Santa Tereza de Jesvs... careadas con la Noche Obscura del B. P. Fray Juan de la Cruz...* Madrid, in-4.º

No dirà mi coraçon,
de tu impulso soberano:
para què es amor tirano,
tanta flecha, y tanto harpon?
suaves tus puntas son,
aqui està el pecho, entralas,
dale este nuevo blason,
*hiere mas, hiere mas,*
*que assi la vida me dàs.*
Con esse dardo encendido,
logró tu amor sus hazañas
bien lo sienten mis entrañas;
hasta donde me has herido:
Ya està el coraçon partido,
mas siempre vno le hallaràs,
y pues triumfas del vencido,
*hiere mas, hiere mas,*
*que assi la vida me dàs.*
El alma tengo abrasada
con el fuego de la herida,
si de aquel mas escendida,
de esta, mas enamorada:
La llaga es tan regalada,
que espero si otra me haràs;
mi Amado, venga otra espada;
*hiere mas, hiere mas,*
*que assi la vida me dàs.*

O mysticismo chegava não só a engendrar as mais extravagantes manifestações realistas, as concepções materiaes mais grosseiras e abjectas, senão que produzia os mais hereticos pensamentos e as mais sacrilegas expressões. São do mesmo Rojas as seguintes quadras

d'uma longa *seguidilha* «sobre los bienes grandes efectos que causa en el alma el espiritual matrimonio»:

Quando Dios se reclina
sobre su amada,
las virtudes, qual flores,
su olor exalan.
.....
Consuma el matrimonio
la union perfecta,
y dos en un espititu
de amor se estrechan.
A solas se enamoran
los dos amantes,
porque sus requiebros
no impida nadie.
.....
En este Matrimonio
tanta es su gracia,
que à la del Bautismo
queda igualada.
..... ...
Su Esposo la regala
con tanto estremo
que parece le faltan
otros empleos.

Não me afasto do objecto do presente livro tractando este ponto; que tambem em Odivellas houve (álém d'outras) uma notavel manifestação do mysticismo, de que nos conserva memoria o livro intitulado:[1]

[1] Mss. da Bibl. Nac.

TUMULO DE D. MARIA AFFONSO

VIDA | INTERIOR DA | MADRE MARIA | MICHAELA DE S. | BERNARDO, | Religiosa do Real Mosteyro de | S. Dionisio de Odiuèllas da Ordẽ | de S. BERNAR | DO, | dando Conta ao seu Confessor principiou a VI. de | agosto M.DCC.XXXI.

A auctora d'este livro, Maria Michaela, era filha de Balthasar Pinto da Fonseca e de sua mulher Maria Pinta de Vasconcellos; havendo tomado a mantilha de noviça em 18 de fevereiro de 1723, proferiu os votos perpetuos aos 19 de egual mes no anno seguinte de 1724; e falleceu a 14 de outubro de 1742.

O livro contêm os extasis e visões que teve Maria Michaela desde a data mencionada no titulo até ao anno de 1736 pelo menos, pois que o Capitulo III principia «No mes de Ianr.º do anno de 1736» e não encontrei nelle outra data annual posterior a esta. Eis o começo da *Vida Interior*:

«O amor de meu dosse Espozo more na Alma de VR.ma e lhe dé pasiencia p.a me sofrer, que nam sou pouco impertinente, maz o amor de Deus faz todo o trabalho suave.

«cap. I

«A seis de Agosto dia da transfiguraçam do Senhor, comesey a escreuer q̃ senti a alma m.to desocupada p.a faser o que VR.ma me mandaua sem opersaõ, a alma tinha padecido m.to q̃ estes papeis paresiame q̃ heram só p.a q.m tem muitas virtudes, e eu nam tenho senam

mizerias, e tinha grande dez.º de pôr primeyro o q̃ eu hera e o nada q̃ faço pello meu doçe amor; m.tº dez.º uer q̃ sempreo este iam louvando poisq̃ eu o nam sey fazer.»

Começando d'ahi a referir seus arrobos, extasis e visões, sem interrupção se seguem noticias do que lhe succedia quotidianamente com o seu «doce esposo», quer de noite quer de dia, já no côro já no refeitorio, no leito ou fóra d'elle. Não era o diabo de todo alheio aos casos que lhe aconteciam, como do livro se vê, embora lhe houvesse dado o confessor um optimo remedio para d'elle se livrar, conforme a propria freira diz: «Depois q̃ V R.ma me mandou q̃ désse hum par de figas por obediencia ao Inimigo o fasso qd.º me faz figuraçõens e medos». O *inimigo* era de tal raça que não se amedrontava com um par de figas.

Em cada pagina, em cada linha do livro da Madre Maria Michaela, se manifesta o mysticismo, em que o amor, o hymeneu divino chegava a confundir-se com o amor, com o hymeneu real. «Neste m.mo dia (diz a freira em mais d'uma parte) estava eu toda derretida em chamas de amor». Noutras passagens as sensações que a agitam são taes, que ella se exprime d'este modo, evidentemente bem realista, apezar das allusões á divindade:

«Na noute seguinte... as vezes me faltaõ as for-

ças do corpo, q̃ a alma as destroe, e com a força q̃ fas outras he mais brando, mas sempre he fogo, de amor ard.e e acordando do primr.o sono, ou p.a milhor dizer meu doçe amor me acorda e me começa de fazer dentro na alma o q̃ eu não sey explicar e a alma se uio em tal largueza q̃ já esquecida de si se achaua toda em D.s.

E noutra passagem (começo do capitulo LIX):

«Ia disse no fim do Capitollo asima, q̃ me fuy ao thezouro Rettirada a sois, ali dentro da m.a alma, chamey a meu D.s q̃ o tinha Recebido com taõ ardentes ancias q̃ desafoguei meu interior, e sentindome toda banhada em huma abundancia de fauores do çeo, satisfeita com abundancia gozaua de meu D.s e Sr.,. . . o Sr. se deixou ficar nos braços da alma, e banhandome toda de huma fragancia de olores cheiros que me sentia fóra de mim mesma sem me conhecer.»

Noutro logar da *Vida Interior* deparou-se-me ainda o seguinte periodo:

«e estando na cama naõ me deixaua dormir meu Sr. eu q̃ estava cansada lhe pedia q̃ me dése lisensa, nisto levei o mais da noute».[1]

[1] O meu excellente amigo sr. Luciano Cordeiro, um dos nossos mais distinctos escriptores, na *Parte* III do seu interessantissimo livro *Soror Marianna, a freira portugueza*, ultimamente publicado, toca algumas especies relativas á vida claustral e ás consequencias do mysticismo.

Neste estado d'espirito, que se revela nos exemplos expostos acima e noutros muitos, perdida a reflexão, esquecida a noção do dever, suspensas as funcções intellectuaes, e dominando unicamente os sentidos, o hymeneu divino é realmente por suas manifestações um hymeneu verdadeiro, os extasis da união symbolica são meros desejos sensuaes, vivamente excitados, e apparecem os impetos tanto mais violentos quanto mais reprimidos, do amor physico. Nesses impetos irresistiveis, a mulher irresponsavelmente chegava á queda fatal.

*

O mysticismo, cujos principaes representantes são S. Bernardo, Hugo, Gerson e Santa Thereza, é inquestionavelmente a complecta abolição da lei moral. Pelo mysticismo se cáe no absurdo do fatalismo, por elle se chega á indifferença das acções externas; e por consequencia á irresponsabilidade, á negação absoluta do dever, numa palavra, á bestialidade.

Mas, nem por isso, deixa de haver verdade no dito de Prudhom «O mysticismo é uma mystificação.» Porque elle serviu e serve de meio de dominio sobre as almas fracas, sobre os espiritos ignorantes.

Se na solidão do claustro se desinvolve necessariamente o mysticismo, principalmente sendo alimentado (o que geralmente succede) por quem nisso tem interesse, a par d'elle e por elle se produzem as hallucianções.

Esta affecção cerebral, proveniente assim da contenção de espirito na meditação do que se chamam os mysterios religiosos, como do ascetismo com o seu silencio e solidão, sua imprudente continencia, abstinencia e mortificações, a hallucinação pode levar á execução de grandes coisas ou causar o embrutecimento, a loucura completa.

Hallucinados uteis á civilisação foram além d'outros homens quasi todos os fundadores de religiões; pois que mais ou menos contribuiram para o desinvolvimento do espirito humano. Hallucinados inuteis foram com rarissimas excepções os martyres, que *verdadeiramente se suicidavam*, sem que o seu sacrificio fosse prestavel á ideia que defendiam e que muitos d'elles não chegavam a comprehender.

O mysticismo e o ascetismo tem causado mais males do que bens á humanidade. Sem me demorar no exame do que noutras religiões succede, notarei em breves linhas o que d'elles resultou na vida claustral christã.

Se abrirmos a *Legenda Aurea*, o *Flos Sanctorum*, qualquer hagiologio, o que encontramos a cada passo? As mais desoladoras manifestações da ignorancia, do abatimento intellectual, do desarranjo mental. Não ha temperamento que resista á leitura monotona das práticas mysticas, das visões extravagantes, das acções estolidas, dos milagres. Os fleugmaticos aborrecem-se, os sanguineos irritam-se, os nervosos padecem. Abri

por exemplo o *Agiologio Lusitano*, e entregai-vos á leitura das noticias biographicas dos homens e mulheres que *viveram santamente*. Vereis os casos mais ridiculos, mais repugnantes, [1] mais immoraes e mais terriveis, narrados com um enthusiasmo que não podereis deixar de qualificar de insensato ou hypocrita. Ahi vereis a cada passo a nojenta menção de asquerosas doenças, que dá o hagiographo como prova da virtude e santa vida das pessoas que celébra; ahi encontrareis frequentemente exemplos de desobediencia e de ingratidão para com os paes, considerados como actos meritorios que abrem as portas do céo; ahi se vos depararão os mais grosseiros sentimentos ao lado do mais abjecto servilismo; ahi vos confessará o piedoso auctor que a solidão e o ascetismo causava a morte e (o que é mais horrivel) a loucura. [2]

A instituição claustral (principalmente a das com-

[1] Apontarei aqui rapidamente alguns factos apenas. O contacto das grosseiras roupas de lã e o uso dos cilicios produzia doenças cutaneas, cobrindo-se ás vezes o corpo de chagas, que se tornavam cancerosas. Os hagiographos dão quasi sempre, como prova de desprezo das coisas do mundo e de humildade, a falta de limpeza, a abstenção completa de qualquer ablução, e a pratica de acções sujas, repugnantes. A pag. 73 do tom. IV do *Agiol. Lusit.* falando de certa freira do convento da Madre de Deus, em Lisboa, diz o auctor: «Estava lavando huma pouca de roupa bem suja e asquerosa; perturbouse-lhe notavelmente o estomago; e por não parecer fraqueza do espirito, o que era debilidade da natureza, com hum fervoroso sentimento tomou huma pouca de agua em que lavava e a bebeo, fazendo por este modo mayor a mortificação.»

[2] *Agiol. Lusit.* I, 363, 343, 450, 527, etc.

munidades femininas) é absurda e prejudicial; porque é contraria ás leis naturaes; e porque, álèm dos outros males apontados no decurso d'este livro, o ascetismo causa muitas doenças mentaes, que chegam a ser contagiosas. É incalculavel o numero de pessoas a quem a vida ascetica tornou inteiramente inuteis para o mundo; sem ao menos, em compensação, lhes ter dado a ellas proprias a felicidade, por isso que a sua existencia era uma continua aspiração, um interminavel anhelo de uma impossivel bemaventurança.

*

Encérro aqui este livro.

Ahi ficam, de mistura com algumas observações pessoaes, o melhor que encontrei das memorias de diversas habitadoras do mosteiro de Odivellas, a par da descripção exacta e conscienciosa da pia fundação do rei D. Dinis.

# INDICE

## CAPITULO I

PREFACIO..... VI
Motivo da fundação do mosteiro — D. Dinis e o urso de Belmonte — S. Luis bispo de Tolosa e S. Dinis bispo de Paris — Carta do rei ao abbade de Cister — Fundação do mosteiro — O paço de Odivellas — Dotação, doações e legados — Constituições e reformas..... 1

## CAPITULO II

O mosteiro — O que foi primitivamente? — Começa-se a ver como elle era no dia primeiro de agosto do anno de graça de 1887 — O alpendre — O pelouro de Ormuz — As grades — «Adios por siempre!» quadro de V. Manzano..... 21

## CAPITULO III

A roda — A portaria — O claustro da *Moira* — D. Luisa Maria de Moira e o seu epitaphio — Officinas varias — A cosinha — Doçarias e pitancas — O refeitorio — O tecto do refeitorio — A refeição em communidade 37

## CAPITULO IV

A varanda do claustro da *Moira* — A enfermaria e a sua capella — A botica — A *casa do rei* — O *Cascalho* — Grades falsas e falseadas — O dormitorio de *Corte Real* e a sua inscripção — Duas cellas interessantes — O dormitorio pequeno e o grande — As cavallariças reaes — A *casa do trabalho* — As casas de habitação..... 55

## CAPITULO V

Ainda as casas de habitação — Os trajos das freiras — As cogullas decotadas — Os espartilhos e os polvilhos — A vida claustral — No coro e no confessionario — As procissões e as mascaradas — Murmuração e virtude. 69

## CAPITULO VI

O claustro *novo* — É o mais antigo — Duas reedificações — A capella de *Santa Isabel* e os seus frescos — A capella da *Santissima Trindade* — Os florões da abobada — Retrato d'um desconhecido — As sepulturas do claustro — Noviças de 15 e de 13 annos — A torre dos sinos — Paisagem — Versos do Camões — Sepulturas de Prioresas — O que se vê do centro do claustro novo..... 81

## CAPITULO VII

O *Capitulo* — A sepultura do altar — As primeiras abbadessas — A sepultura de D. Orraca Paes — Outras sepulturas — Milagres, eleições e funeraes — A saída das freiras em 25 de agosto de 1753 — Epitaphios em verso — D. Feliciana de Milão — Uma condessa de Vimioso, noviça..... 91

## CAPITULO VIII

A *Madre Paula* — Quem era — Notas biographicas — Adrião d'Almeida, cavalleiro de Christo — 1:708$000 réis de tenças — Noticias varias — Descripção da casa de Paula — Anecdotas — Ultimos annos de Paula — Onde jaz — O seu epitaphio..... 115

## CAPITULO IX

A primitiva egreja — O que resta d'ella — Exterior das absides — Dimensões da egreja — O que dizem d'ella Cardoso e Carvalho — Effeitos do terremoto do 1.º de novembro de 1755. — O primeiro architecto de Odivellas..... 143

## CAPITULO X

O *Coro* — Inventario dos seus altares e capellas — A capella de N. S.ª da Conceição — A capella de S. João Evangelista — Uma abbadessa de Santa Clara d'Elvas — Memorias d'algumas freiras e seculares — Os lettreiros do tecto — O serviço do coro — A musica em Odivellas — O cemiterio: as sepulturas e a capella — A capella das Menezes..... 159

## CAPITULO XI

A egreja — As capellas lateraes — Menções funebres — Os symbolos do tecto — A capella-mór — Quadros attribuidos ao Grão Vasco — Solennidades particulares do mosteiro — A abside do lado do evangelho — O tumulo do Fundador — D. Dinis — A capella da rainha D. Filippa — Nicolau Ribeiro Soares..... 173

## CAPITULO XII

A abside do lado da epistola — Um enigma — D. Maria Affonso, filha do Fundador — Um monumento de D. Maria — Um tumulo que fala — Um esqueleto de creança; enigma indecifravel..... ..... .. 193

## CAPITULO XIII

A *Sacristia* — Alfaias — Inventarios curiosos — D. Filippa de Lencastre, filha do heróe de Alfarrobeira — Notas biographicas e bibliographicas — Versos de D. Filippa — O seu *Conselho e voto sobre as terçarias e guerras de Castella* — O seu testamento e morte..... 209

## CAPITULO XIV

A *Cerca* — Casas e quintaes — Portas e escadas — Ainda o terremoto de 1755 — Barracas de habitação — A *casa do lagar do azeite* — O *Senhor Roubado* — O tanque grande — Poetisas desconhecidas — A *Fonte do Anjo* — Ainda D. Feliciana de Milão..... 225

## CAPITULO XV

A saída das freiras em 1713 — D. Ventura Isabel Dique — Sua genealogia — É presa pela Inquisição — Sáe no auto-da-fé de 1713 — A communidade de Odivellas recusa-se a recebel-a — Narrativa do dr. fr. Bernardo de Castro — Volta D. Ventura para o carcere — É enviada para outro convento — Os irmãos de D. Ventura — Tragica morte de seu pae..... 241

## CAPITULO XVI

Os *oiteiros* — A poesia em Odivellas — O *Padre Nosso* — Carta de fr. Pedro de Sá a certa freira de Odivellas

— A *Ladainha dos Freiraticos* — Dissolução dos monges — Uma anecdota de fr. Antonio das Chagas..... 255

## CAPITULO XVII

Ainda a Madre Paula — O juís de fóra de Aldea-Gallega — O caso das feiticeiras em 1724 — O padre *Voador* — Intrigas de freiras — Um bando de velhacas — Duas receitas excellentes..... 273

## CAPITULO XVIII

A vida claustral — A vocação e a coacção — O mysticismo e suas consequencias — A *Vida Interior* da Madre Maria Michaela de S. Bernardo, freira de Odivellas. — Conclusão..... ..... 287

---

# COLLOCAÇÃO DAS ESTAMPAS

I — Bosquejo ichnographico do mosteiro de Odivellas em agosto de 1887. (As LETTRAS CAPITAES designam as divisões do pavimento terreo; as — lettras minusculas—indicam os pavimentos superiores. Os numeros do esboço do *Tecto do refeitorio* correspondem aos dos lettreiros de pag. 49-52)..... 36
II — Claustro da Moira..... 42
III — Lapide sepulchral de D. Orraca Paes..... 94
IV— Fac-simile da assignatura da Madre Paula..... 118
V— Tumulo de D. Maria Affonso. Sob o tumulo está representado o grupo que fórma o principal supporte, visto de dois lados..... 300

---

# ADDITAMENTOS E CORRECÇÕES

Pag. 39 — linha 6 — *lêa-se:* á direita as armas de S. Bernardo bem como um cordeiro, etc.

Pag. 119 — linh. 15 — *Accrescente-se a seguinte nota:*—A palavra *vinte* foi riscada.

Pag. 183 — linha 9 — *lêa-se:* e expatriado em Castella, seguia o partido do infante rebelde.

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

BX
2630
03B6

Borges de Figueiredo, Antonio Cardoso
O Mosteiro de Odivellas

UTL AT DOWNSVIEW
D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 14 11 03 12 006 6